



**RENASCIMENTO  
E  
REFORMA**

Por F. T. Wright

**RENASCIMENTO**

**E**

**REFORMA**

*Por F. T. Wright*

A primeira edição desta publicação em Inglês foi impressa pela Destiny Press na Austrália em 1980, com o título *Revival and Reformation*.

Foi traduzida para português em 1983, contudo, não foi impressa.

A obra original em inglês *Revival and Reformation*, pode ser obtida em:

Sabbath Rest Advent Church

Waldstraße 37

57520 Dickendorf

Germany

A presente edição (2017) em PDF destina-se a tornar a obra acessível para a língua portuguesa.

## Foto da Capa

A foto da capa de um nascer do sol numa manhã de mais um dia de esperança ameno e agradável, depois do mergulho na escuridão da noite anterior, anuncia a celebração da vida e a promessa de um novo dia num ciclo interminável de graça e oportunidade para a humanidade.

O pecado começou a grande noite espiritual, mas a infinita misericórdia do nosso Pai celestial dá a esperança e a certeza de que outro dia virá para os que com fé e perseverança não desanimam na realização dos passos necessários para a restauração da justiça de Deus.

Os que se lançam nesta preparação fundamental precisam saber distinguir quais as obras necessárias para realizar esta árdua tarefa e o papel que cada uma desempenha no progresso até ao fim.

O Senhor dá a todos os meios para o sucesso desta obra e encontramos no estudo do registo das vidas dos servos de Deus, um exemplo pelo qual saberemos quais os passos para evitar o fracasso e chegar à tão desejada vitória sobre o pecado.

Temos de manter a constante manutenção de uma vida de comunhão com o Senhor atendendo à advertência do Salvador “vigiai e orai para que não entreis em tentação”. Jesus chama-nos aparte para nos ensinar e instruir. Não precisamos preocupar-nos em fazer os planos para realizar a obra porque o Senhor já os fez. Temos apenas de nos sentar a ouvir as Suas palavras e crer que Ele cumpre o que diz.

“Em todos quantos se acham sob a direção de Deus, deve-se ver uma vida que não se harmonize com o mundo, seus costumes ou práticas; e todos têm de ter experiência pessoal na obtenção do conhecimento da vontade divina. Precisamos ouvir individualmente Sua voz a nos falar ao coração. Quando todas as outras vozes silenciam e em sossego esperamos perante Ele, o silêncio da alma torna mais distinta a voz de Deus. Ele nos manda: ‘Aquietai-vos, e sabeí que Eu Sou Deus’. Salmos 46:10. Somente assim se pode encontrar o verdadeiro descanso. E é essa a preparação eficaz para todo trabalho que se faz para Deus. Por entre a turba apressada e a tensão das febris atividades da vida, a alma que assim se refrigera será circundada por uma atmosfera de luz e paz. A vida exalará fragrância, e há de revelar um divino poder que atinge o coração dos homens.” (DTN 253.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 363.

# Índice

---

1.	Um Problema Premente -----	6
2.	Distinções -----	8
3.	Problemas e Soluções -----	13
4.	O Problema da Escravidão -----	18
5.	A Solução da Libertação -----	28
6.	Distinções Fundamentais -----	47
7.	Mais Evidências -----	54
8.	O Homem de Romanos 7 e 8 -----	62
9.	Campos de Batalha -----	66
10.	Caracteres Contrastantes -----	75
11.	O Longo Processo de Preparação -----	80
12.	De Escola em Escola -----	89
13.	Davi em Filístia -----	97
14.	Rei e Povo – Falta Partilhada -----	103
15.	A Vida Cristã É um Caminho Perigoso -----	109
16.	Ideias e Teorias -----	114
17.	Conceito Errado, Preparação Errada -----	123
18.	Perversão -----	128
19.	O Rei Hoje -----	132
20.	Todos Vós Estais Limpos -----	138
21.	Ainda Assim Pecaram -----	144
22.	Purificação e Comunhão -----	153
23.	Perplexidade e Confusão -----	158
24.	Moisés e Elias -----	164
25.	Saul -----	170
	Estudo Adicional -----	176



# Capítulo 1

## Um Problema Premente

---

[Voltar ao início](#)

**P**or momentos examinei o envelope imaginando qual seria o seu conteúdo. Tinha chegado no correio da manhã e o selo dizia-me que tinha vindo do interior do meu próprio País, o carimbo indicava a cidade, mas a letra não identificou imediatamente quem o escreveu.

Rasguei, abri e comecei a ler.

“Estou tão profundamente perplexa acerca da minha experiência cristã que não sei qual o caminho a seguir e necessito desesperadamente de ajuda. Algumas vezes penso que seria mais fácil desistir, mas não posso fazer isso porque há algo que parece impedir-me. Olho para trás, para os dias antes de receber a mensagem de libertação da escravidão e recordo-me da triste experiência de tentar e falhar. Então a luz veio indicando o afastamento da velha vida e a sua substituição por uma vida nova. Regozijei-me quando experimentei a salvação dos meus pecados e pude positivamente declarar que problemas que me tinham atormentado durante anos desapareceram para nunca mais voltarem.

“Mas, enquanto alguns desapareceram, outros foram permanecendo para me molestar. Não posso compreender isto. Porque é que Deus tira algumas coisas mas deixa outras? Cheguei a duvidar da minha experiência e a pensar que afinal não sou verdadeiramente renascida. Porém, quando tento repetir de novo a experiência do renascimento, numa profundidade em que todos estes outros problemas sejam banidos e eu fique totalmente liberta do pecado, não consigo alcançá-lo. Tudo o que parecia tão claro e simples para mim há alguns meses, tem-se transformado agora num monte de confusões. O que devo fazer? Terei que acabar perdida depois de tudo?”

Embora a remetente pensasse assim, nada de singular havia acerca do que estava a passar. É um estado típico no desenvolvimento espiritual, se bem que o traumatismo provocado por isso seja desnecessário. Se uma pessoa a quem foi apresentada a mensagem da libertação do pecado for cuidadosamente informada do que esperar durante as semanas que se seguem, então não sofrerá perplexidade quando a situação predita se desenvolver. Saberá como lidar com ela. No entanto, curiosamente, embora alguns sejam cuidadosamente informados a respeito disto, quando a situação aparece ainda ficam profundamente perturbados e confusos.

A razão para a dificuldade é que muitos mantêm o ponto de vista que o renascimento é a solução total para o problema do pecado quando de facto não é. É a solução completa para um problema de pecado mas não para todos eles. Portanto, não é a única obra da graça a ser efectuada antes de ser alcançada a preparação para o Céu.

A pessoa que decide deixar para trás a condição pecaminosa da sua vida e entra numa sólida obra de preparação para o reino do Céu, em breve descobre que está a confrontar-se com uma tarefa que não é realizada num só dia. Aprende outra vez a verdade que é rápido e fácil destruir, mas lento e difícil reconstruir. Também aprende que só aqueles que, com insistência e inteligente perseverança continuam a batalha, no final recebem a coroa da vida e um lugar na bem-aventurança de um dia eterno.

Para complicar ainda mais o trabalho e dificultar o seu rápido avanço, está a falta de clara compreensão nas mentes de muitos do que é exactamente essa obra e como será realizada. Consequentemente há hesitante incerteza, erros desnecessários, gasto de tempo e esforço valioso no

lugar errado e da forma errada e outras lamentáveis complicações. Isto é desanimador, e deve ser lastimado e evitado se possível. Sem dúvida que seria o desejo de todo o indivíduo procurar sinceramente ser um verdadeiro e fiel filho de Deus.

Grande quantidade da dificuldade experimentada pelo cristão verdadeiramente renascido, não é por causa da falta do desejo de servir a Deus, ou de um novo coração, mas por não compreender exactamente o que é a obra que se segue à conversão inicial. Até que compreenda, haverá perturbações e problemas, e haverá atrito entre si e os outros na família de Deus, justamente como houve entre os homens que estavam mais próximo e eram mais queridos de Cristo. Por outro lado, Satanás usará esta situação para sua vantagem a fim de trazer desânimo e perplexidade aos filhos de Deus.

Tal situação não precisa existir para qualquer de nós. Há ampla instrução nas Escrituras para nos livrar destes problemas, se apenas for compreendida. É o propósito deste estudo tornar estas distinções claras, de modo que cada crente saiba com certeza para onde dirigir os seus esforços no trabalho da santificação, e como melhor enfrentar as tentações e acusações do inimigo.



## Capítulo 2

# Distinções

---

[Voltar ao início](#)

O Renascimento, maravilhosa e eficaz como esta experiência é, não dá a resposta total para o problema do pecado, porque há três ou mais obras da graça distintas e separadas necessárias para completar a obra em nós e por nós, que são requeridas a fim de preparar a alma crente para o reino. As primeiras três na sua ordem de operação são: *renascimento*, *reforma*, e *expição final*. Depois destas três, há ainda a obra da transformação dos salvos com carne e sangue imortais.

Este estudo será dedicado somente às duas primeiras, deixando a consideração das restantes para outros livros. Por agora, é basicamente importante que estas sejam compreendidas, porque se não forem, então não há motivo para preocupação quanto à expiação final ou esperança da imortalidade.

Renascimento e reforma são duas obras distintas e separadas. Elas são diferentes uma da outra, e não operam em concorrência. Cada uma é destinada a cumprir uma missão específica, e nenhuma faz a obra da outra. Portanto, o necessitado pecador tem que compreender qual o problema que o renascimento se destina a resolver, e qual o solucionado pela reforma, de modo que possa fazer a sua obra eficazmente. É uma questão de compreender correctamente as distinções e aplicá-las devidamente.

Para confirmar as afirmações feitas no parágrafo anterior, é citado o seguinte extracto.

“Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são *duas coisas diversas*. Reavivamento significa renovamento da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem fazer a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam fundir-se.” *The Review and Herald*, 25 de Fevereiro de 1902, (ME1 128.1.)

As palavras de Deus são de nenhum valor a menos que vejamos e compreendamos o que elas dizem. Notai cuidadosamente que a segunda frase confirma que “reavivamento e reforma são *duas coisas diferentes*”, não podem ser a mesma. Uma vez que esta verdade está confirmada, resta-nos a necessidade de determinar quais são as suas diferenças e que problemas se destinam a solucionar individualmente.

O que é, então, o renascimento? “Renovamento da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual.”

Infelizmente, uma conotação errada tem sido desenvolvida no mundo religioso sobre a palavra, “reavivamento”. Isto tem sido construído como resultado de experiências pelas quais as pessoas religiosas passam. Um grupo na igreja mergulha num estado letárgico, para curar isso é escolhido um evangelista reavivador com a missão de pregar uma série de conferências. A sua mensagem e métodos são destinados a despertar as emoções dos ouvintes, que ficam satisfatoriamente animados na atmosfera do entusiasmo religioso gerado durante a campanha. Estes são então considerados reavivados.

Contudo, quando o estímulo das conferências desaparece com a partida do pregador para outras igrejas necessitadas, o entusiasmo esmorece e o reavivamento transforma-se num estado de torpor,

requerendo outra injeção de terapêutica religiosa. Por causa do tratamento não produzir um resultado satisfatório nem duradouro, constrói-se uma imunidade que requer um crescente dispêndio de energia da parte do reavivador para atingir o mesmo resultado.

Nunca esquecerei quando sentado a assistir a uma conferência em 1964, um pregador muito famoso estava a fazer tudo ao seu alcance para despertar a audiência. Muitas vezes antes, tinham sido sujeitos a este tipo de estímulo e tinham desenvolvido uma indiferença a tal ponto que não importava o que o pregador fizesse, não conseguia despertar qualquer tipo de resposta. Sentavam-se ali como muitas esfinges apagadas, enquanto ele saltava, gritava, carpia, invocava, persuadia, admoestava e apelava para a assistência de todas as formas possíveis. Tinham sido “reavivados” tantas vezes anteriormente, e não queriam *passar* por outra experiência de estimulação.

Reavivamento, como é usado no testemunho em consideração, é uma experiência absolutamente diferente da atrás descrita. Portanto, é importante que seja tomado cuidado para assegurar que a palavra, como usada neste estudo seja compreendida de acordo com o seu uso correcto, e não como é geralmente conhecida no mundo religioso presentemente.

Ela tem duas derivações latinas, “re”, que significa para trás ou repetição, e “vivo,” significando *viver*. Por isso o significado literal e real da palavra é *viver outra vez*.

Uma pessoa só pode viver outra vez se morrer antes. Por conseguinte, os mortos são *revividos*, enquanto os adormecidos são *despertados*. Contudo, quando viajo numa zona de línguas estrangeiras, encontro sempre problemas com os tradutores que escolhem a palavra, “*despertamento*”, na sua língua para traduzir a palavra inglesa “*revival*”. Uma e outra vez verifiquei necessário explicar o que a palavra significa e pedir que pensassem na tradução exacta.

A respeito do uso da palavra neste estudo, a referência é reviver da morte espiritual e física. No Jardim do Éden, Adão e Eva não foram revividos, nem física nem espiritualmente, porque eles estavam no começo da existência. Depois da queda, todas as pessoas precisam ser revividas, em primeiro lugar espiritualmente, e depois fisicamente. As Escrituras tornam muito claro que o Evangelho nos encontra mortos em ofensas e pecados. Isto não é uma figura de retórica. É um facto. Reconhecer isto faz toda a diferença entre a correcta e a incorrecta compreensão do Evangelho. Grande número de religiosos ensina hoje, que é simplesmente uma modificação nos padrões habituais e fidelidade.

Isto não é conversão. Ser renascido é receber uma nova vida no lugar da velha, não é o modificado melhoramento da vida que existe. O último não seria mais do que um despertar e nunca podia ser descrito como um renascimento.

“A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Tem lugar a morte do eu e do pecado, e *uma vida* toda nova. Essa mudança só se pode efetuar mediante a eficaz operação do Espírito Santo.” (DTN 111.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 175.

Por outro lado, reforma “significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas.” É uma remodelação, transformação, renovação, básica e essencial que é um processo de *reeducação*. De facto, à medida que este estudo prossiga mostra que reeducação é de tremenda importância na obra de reforma.

“‘Aprende de Mim,’ diz Jesus, ‘que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.’ Temos de entrar para a escola de Cristo, para aprendermos com Ele lições de mansidão e de humildade. A redenção é o processo pelo qual a alma é preparada para o Céu. Esta preparação implica conhecer a Cristo. Significa emancipação de ideias, hábitos e práticas adquiridos na escola do príncipe das trevas. A alma deve libertar-se de tudo o que se opõe à lealdade para com Deus.” (DTN 229.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 352.

Imediatamente as diferenças entre a obra do renascimento e da reforma começam a manifestar-se. Reavivamento é uma ressurreição da morte espiritual e isso é *um acto de Deus*. Ele chama da morte para a vida, não como um processo longo, mas como a obra criadora de um momento, porque Ele fala e logo se faz. Ele ordena o logo aparece. (*Salmos 33:9*.)

“Assim que, se alguém está em Cristo nova criatura (criação) é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” *2 Coríntios 5:17*.

Por outro lado, reforma é um processo que requer um longo período de tempo. Ocupa todo o tempo da vida no que diz respeito à pessoa individualmente, embora na sua extensão colectiva e total, preencha todo o tempo da história humana entre a queda e o final da provação. Milhões de crentes têm experimentado o renascimento, mas muito poucos, se alguns, têm a obra de reforma concluída em si. Haverá um povo por fim que terá experimentado o renascimento, e a reforma também estará efectuada neles em toda a sua plenitude. Quando essa geração se desenvolver, a igreja será trasladada directamente desta Terra para o Céu.

Através do pecado Satanás infligiu uma chaga deformadora na humanidade. Quando qualquer coisa viva sofre uma pancada, Deus começa a operar de imediato para sarar o dano. Do mesmo modo, no momento em que o pecado apareceu com a sua marca deformadora nos filhos de Deus, o Senhor começou uma grande obra para restaurar a humanidade à Sua semelhança outra vez. Mas Satanás não aplica simplesmente uma chaga e deixa-a assim. Logo que o Senhor começa a operar para reparar o dano, Satanás vem repetidamente para demolir o que está a ser construído. Assim a batalha tem-se propagado pelo tempo sem que Satanás tenha sido capaz de total e completamente destruir a família do homem e o Senhor até agora capaz de restaurá-la total e completamente. Mas virá uma altura em que a obra de restauração estará completa e, então, a reforma estará terminada, os filhos de Deus encontrarão novamente o seu lugar no Paraíso.

Este facto é muito claramente demonstrado na experiência dos crentes do advento que em 1844 se aproximavam, com brilhante expectativa, do final dos 2.300 anos da profecia. Aqui estava um povo que tinha certamente experimentado o renascimento, por isso eram verdadeiramente filhos e filhas de Deus nascidos de novo. Também experimentara a obra de reforma, mas só até certo ponto, porque esta ainda não estava totalmente *realizada* neles. Foi por este motivo que ficaram desapontados nas suas esperanças da rápida transladação, tendo que, em vez disso, continuar mais algum tempo de reeducação e transformação para o reino.

É feita uma descrição da sua condição e experiência à medida que se aproximavam do grande momento em que confiantemente esperavam que Jesus regressasse, como se segue:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda a parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte de salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para Eles com prazer, pois Sua imagem neles se refletia. Haviam feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade.” (PE 239.1), *Primeiros Escritos*, 239.

Havia então um povo que caminhava muito próximo de Deus, mas que não compreendia exactamente quais as elevadas experiências a serem alcançadas por aqueles que hão-de ser trasladados. Não conheciam muitas coisas da obra reformadora que ainda estavam à sua frente, antes de estarem preparados para deixar a Terra sem ver a morte. Ainda não tinham aprendido a verdade acerca do sábado, da reforma alimentar e do vestuário, a verdadeira educação, as grandes verdades do serviço do santuário, e da expiação final, para falar apenas em algumas.

Assim, “estavam de novo destinados a serem tristemente decepcionados. O tempo para o qual tinham eles olhado, na expectativa de livramento, passou-se; ainda se achavam sobre a Terra, e os

efeitos da maldição nunca parecem ser mais visíveis do que então. Haviam posto as suas afeições no Céu, e com doce antegozo provaram o livramento imortal; suas esperanças, porém, não se realizaram.” (PE 239.1), *Primeiros Escritos*, 239.

Quão claro é que este desapontamento não aconteceu por causa de não terem sido renascidos, porque de facto tinham este abençoado dom da ressurreição da morte espiritual, mas por “não estarem livres de erros”. (PE 249.2), *Primeiros Escritos*, 250.

“O povo, porém, ainda não estava preparado para se encontrar com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparação que deviam cumprir. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente para o templo de Deus, no Céu; e, seguindo eles, pela fé, o Sumo Sacerdote no Seu ministério ali, seriam revelados novos deveres. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja. (GC 424.4).

“Quando ela se houver realizado, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento. ‘E a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos.’ Malaquias 3:4. Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será ‘igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante.’ Efésios 5:27. Então ela aparecerá ‘como a alva do dia, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras.’ Cantares 6:10. (GC 425.1).

“Diz o profeta: ‘Quem suportará o dia da Sua vinda? E quem subsistirá quando Ele aparecer? Porque Ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata: então ao Senhor trarão ofertas em justiça’ Malaquias 3:2, 3. Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. As suas vestes devem estar imaculadas, com o carácter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e o seu próprio esforço diligente, devem ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo de investigação prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento do pecado, entre o povo de Deus na Terra. Esta obra é mais claramente apresentada nas mensagens do capítulo 14 de Apocalipse.” (GC 425.1), *O Grande Conflito*, 424, 425.

Por isso uma grande obra devia ser realizada pelos crentes depois do final da profecia dos 2.300 anos, apesar de já ter sido efectuada uma grande obra antes de terminar esse tempo. Essa obra envolvia primeiro o derramamento da luz do ministério do lugar santíssimo do santuário celestial, pela qual novos deveres lhes seriam revelados. À medida que estes novos deveres eram tornados claros, o povo de Deus devia ter as suas vidas transformadas ou reformadas segundo o padrão que lhes havia sido mostrado. Tal obra levaria tempo, e requereria não somente a graça de Deus mas também o seu diligente esforço. À vista do facto que finalmente chegaram ao ponto onde tinham a finalização da obra perante si, e ao seu dispor a luz e instrução vinda do compartimento interior do templo, tinha chegado o tempo para uma obra *especial* de afastamento do pecado. Isto indica que o tempo de oportunidade chegara para verem a reforma chegar ao fim.

“Quando ela se houver realizado, os seguidores de Cristo, estarão prontos para o Seu aparecimento.” (GC 425.1), *O Grande Conflito*, 425. Quanto olhamos e desejamos o dia do regresso de Cristo, mas esse dia não virá enquanto a obra de preparação não estiver completa na igreja. O regozijo na glória da ressurreição espiritual não é suficiente, porque essa é apenas uma obra. A qual uma vez realizada, deve começar imediatamente a segunda — a longa fase educacional de reforma. Só quando essa também estiver completada haverá um povo preparado para a trasladação.

## Distinções

Neste ponto, um sumário das maiores distinções entre renascimento reforma ajudará a tornar o assunto claro, enquanto estabelece um excelente fundamento para o material que se segue. Renascimento e reforma são duas coisas diferentes e devem ser distinguidas como tal. Incapacidade para reconhecer estas diferenças impedirá uma correcta compreensão do assunto e, por sua vez, frustrará o desenvolvimento da preparação do carácter para a eternidade.

No primeiro caso, o renascimento é uma ressurreição da morte espiritual, enquanto reforma é uma modificação dos hábitos, práticas, teorias e ideias.

Isto quer dizer que renascimento é um *acto* único e completo quando é feito, ao passo que reforma é um *processo* continuado por muito tempo, em que a obra é realizada não num só acto, mas numa firme progressão de um nível para outro mais elevado.

Além disso, isto significa que o renascimento tem lugar somente uma vez, precisamente no início da experiência cristã, enquanto a reforma é uma obra repetitiva, cada secção da qual cuida de algum problema ainda não tratado anteriormente.

Renascimento é o acto de Deus no qual o crente não participa, porque só Deus pode colocar vida onde há morte. Por outro lado, reforma é uma parte bastante definida. Aqui, Deus e o homem operam juntamente, porque é “pela graça de Deus e seu diligente esforço”, que eles são vencedores nesta batalha com Satanás.

Pelo renascimento, tornamo-nos filhos e filhas de Deus, pois deste modo a vida de Deus é colocada no coração do crente, mas, tal como uma criança acabada de nascer, ainda não aprendemos nada. De facto, pior ainda do que no caso de uma criança acabada de nascer, temos grande quantidade de erros a *desaprender*. Entramos na escola de Cristo para aprender estas lições durante o período reformador.

Renascimento é a qualificação de entrada na escola de Cristo ao passo que reforma é essa escola.

Se, tendo sido abençoados com o renascimento, morreremos sem a obra da reforma ter sido finalizada, ou se devido à escassez de tempo ela mal começou, então, desde que tenhamos aprendido as lições que nos foram ensinadas, e reformado as nossas vidas de acordo com elas, seremos ressuscitados na primeira ressurreição. Por outro lado, se vivermos no tempo da última igreja e partilharmos com ela a obra finalizadora da reforma depois de uma genuína experiência de renascimento, então experimentaremos a glória da trasladação.

Daqui sobressai o importante facto que em virtude de serem duas obras inteiramente diferentes, então o renascimento, nunca fará a obra da reforma e a reforma nunca fará a obra do renascimento. Será visto que grande parte da dificuldade na experiência cristã, é a falta de um sólido progresso na reforma, e a confusão e desencorajamento que tem assaltado tantos filhos de Deus, têm resultado da sua incapacidade de compreender exactamente o que podiam esperar que o renascimento solucionasse, e aquilo que a reforma deveria tratar. Por causa da sua esperança que o renascimento fizesse mais do que é capaz ou pretende fazer, têm procurado aquilo que somente a reforma pode realizar, com o resultado que os problemas que só a reforma pode resolver têm sido deixados sem solução para consternação e desânimo do crente.

Finalmente, o renascimento dá-nos a perfeição do coração — não a perfeição total. Perfeição total e final só pode ser alcançada quando a reforma completar a obra começada pelo renascimento.



## Capítulo 3

# Problemas e Soluções

---

[Voltar ao início](#)

**É** claro que o pecador que procura a salvação tem que ter duas obras efectuadas em si antes de estar pronto para a terceira — a expiação final e a purificação do santuário. Isto leva ao próximo desenvolvimento na linha de raciocínio que está a ser seguida aqui, e que é: se são dadas por Deus duas obras diferentes, então há necessidade de haver duas soluções para problemas diferentes. A próxima conclusão lógica é que as duas soluções têm que ser distintas entre si para que sejam capazes de tratar problemas diferentes.

A fim de simplificar a explicação, o renascimento será indicado como a obra A, e a reforma como a obra B. Visto que a obra é a solução para o problema, elas por sua vez serão designadas respectivamente, soluções A e B. Onde houver duas soluções diferentes tem que haver problemas correspondentes que serão descritos como A e B.

A tarefa agora é identificar e descrever os problemas por sua vez e depois ligar as respectivas soluções para eles. Será salientado que o problema A não pode ser tratado usando a solução B, nem a solução A pode ser usada como remédio para o problema B. Este é um ponto muito importante.

Houve um tempo em que compreendíamos só a obra do renascimento e críamos que esta era a solução total para o problema do pecado. Encontrámos então perplexidade na aparente confusão de termos alguns pecados purificados para nunca mais voltarem, enquanto outros permaneciam e recusavam render-se à obra do renascimento. Chegámos a pôr em causa a experiência original, ou a concluir que ela tinha sido apenas parcial. Alguns deixaram mesmo a verdade por causa de não poderem conciliar estas diferenças.

Então chegou a altura em que a luz revelou a existência de dois problemas e duas soluções correspondentes divinamente ordenadas. Então aprendemos a tomar o problema A para a solução A, e o problema B para a solução B. O resultado maravilhoso foi o alívio que levou os que experimentaram isto a declararem:

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” *João 8:32.*

O Mestre celestial, reconhecendo a importância vital é destes princípios serem compreendidos e aplicados, tem tido grande cuidado, em garantir que eles estejam escritos nas Escrituras com grande clareza. Escolheu comunicá-los não apenas por palavras. Também os apresentou sob formas ilustradas, que é uma forma de educação mais facilmente compreendida e que mais sensibiliza.

Avançaremos agora de evidência em evidência na sequência lógica para identificar positivamente estas obras na sua ordem. Referindo o testemunho básico com o qual esta apresentação começou, é visto que o renascimento é “uma ressurreição da morte espiritual.”

Não há lugar na Bíblia onde esta ressurreição seja melhor descrita do que em Romanos.

“Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?”

“De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”

“Ou não sabeis que, todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na Sua morte?”

“De sorte que fomos sepultados com Ele, pelo baptismo, na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós, também, em novidade de vida.

“Porque, se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição;

“Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.” *Romanos 6:1-6.*

No serviço do baptismo, o crente *simbolicamente* reconstitui a experiência que passou na realidade a fim de entrar para a família de Deus. A imersão simboliza a morte e o sepultamento do velho homem, enquanto o emergir das águas aponta à ressurreição da morte espiritual para a nova vida. Se então o baptismo representa a ressurreição da morte espiritual, do mesmo modo simboliza o renascimento, porque são uma e a mesma coisa.

Paulo leva o assunto um passo mais adiante ao ensinar que a morte do velho homem é a libertação do pecado. O seu argumento é desenvolvido no versículo 6, e apresentado deste modo:

“Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, *para que não sirvamos mais ao pecado.*”

O resultado, então, da ressurreição da morte espiritual — o renascimento, é a libertação da escravidão do pecado. Portanto, se a *solução é a libertação da servidão*, então *o problema é a servidão*.

Isto conduz à conclusão que o problema A e a sua correspondente solução foram encontrados e ligados.

Esta revelação da verdade não está confinada ao Novo Testamento. Aqueles que viveram na era anterior a Cristo tiveram o mesmo problema e precisaram da mesma solução como os que viveram desde então. É agora uma questão simples determinar onde e como no Velho Testamento o Senhor ensinou esta mesma lição. É preciso apenas encontrar onde a experiência de libertação do pecado é ensinada. O claro testemunho que se segue rapidamente levará ao correcto lugar na Palavra.

<b>RENASCIMENTO</b>	<b>REFORMA</b>
<b>Obra A</b>	<b>Obra B</b>
<b>Solução A — Libertação</b>	<b>Solução B — Re-forma</b>
<b>Para o Problema A — Servidão</b>	<b>Para o Problema B — De-forma-ção</b>
<b>A Ressurreição Espiritual</b>	<b>A Subsequente Re-educação</b>
<b>Uma Mudança de Vida</b>	<b>Uma Mudança nas Ideias, Hábitos, Práticas e Teorias</b>
<b>O Renascimento</b>	<b>O Crescimento</b>
<b>O Início</b>	<b>A Continuação</b>
<b>Simbolizado por:</b>	<b>Simbolizado por:</b>
<b>A Páscoa no Antigo, e Baptismo no Novo Testamento.</b>	<b>O Diário no Antigo, e a Ceia do Senhor no Novo Testamento.</b>
<b>Obra de um Momento</b>	<b>A Obra de uma Vida</b>
<b>Duas Coisas Diferentes</b>	

“A libertação de Israel do Egípcio era uma *lição objectiva* da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória. O cordeiro imolado, o pão asmo, o molho dos primeiros frutos, representavam o Salvador.” (DTN 46.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 77.

“A páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egípcio, mas no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativo do pecado.” (PP 192.3), *Patriarcas e Profetas*, 277.

A Páscoa é uma perfeita ilustração da libertação da escravidão do pecado, porque foi a solução pela qual o Senhor livrou os israelitas de séculos de servidão física. Do mesmo modo como eles estavam em escravidão para com os egípcios, assim cada pecador está em escravidão para com o senhor do pecado.<sup>1</sup>

Foi preciso o primogénito morrer para quebrar o poder egípcio sobre os israelitas. Por isso, a morte do velho homem é necessária para trazer libertação à alma carregada pelo pecado. À medida que saíam dessa terra para nunca mais estarem em servidão ao opressor, assim o cristão pode experimentar libertação do senhor do pecado e nunca mais estar sob a influência do seu poder a partir dessa altura.

A aplicabilidade, tanto da Páscoa como do baptismo, como ilustrações da libertação da servidão é estabelecida ao fazer-se uma simples comparação entre estes serviços e a experiência do renascimento.

A Páscoa era o primeiro serviço do ano religioso judeu. Tinha lugar no primeiro mês e realizava-se somente uma vez no ano. Semelhantemente o baptismo tem lugar uma só vez na experiência cristã e isso justamente no princípio. (Há ocasiões em que a repetição do baptismo é necessária mas em geral este deve realizar-se uma vez na experiência da vida.)

Assim a experiência do renascimento deve ser um acontecimento único na vida. Deus não repete a comunicação do dom da Sua vida aos Seus filhos, porque isto não é necessário. É verdade que chegamos a sentir que perdemos a vida de Cristo e precisamos que ela nos seja dada novamente, mas à medida que prosseguimos tornar-se-á claro que não é assim. Isto não é dizer que é impossível perder o dom da nova vida, pois isto é muito possível. Porém, se uma pessoa chegasse a este ponto, seria apenas por ter cometido um pecado imperdoável e estaria perdida para sempre. Mencionar o pecado imperdoável é assustador para muitas pessoas que receiam a possibilidade de terem já chegado ao ponto sem retrocesso. É ainda mais difícil fazer isto do que muitos supõem como será mostrado enquanto o estudo se desenvolva. De facto, aqueles que verdadeiramente compreendem a natureza da obra do renascimento e da reforma, serão aliviados deste frequente receio sem se lançarem no oposto perigo da complacência.

Embora a Páscoa representasse o início de um novo ano, não era o único começo de ano na economia judaica. Antes deste, havia o início do ano civil. Por conseguinte, eles celebravam dois inícios de ano, o civil e o religioso.

Semelhantemente, cada cristão tem dois dias de nascimento. Em primeiro lugar, há a data do nascimento físico, e em segundo há a data do seu nascimento espiritual. É interessantemente curioso, que embora todos tenhamos um registo da data de nascimento, muito poucos de nós têm lembrança do verdadeiro dia em que o peso do pecado foi retirado e nos tornámos filhos de Deus. Mas mesmo assim, isto também está certo, porque Deus não usa o método da celebração do aniversário das Suas obras na data em que foram realizadas. Em vez disso, Ele separou o sétimo dia da semana como um memorial da Sua maravilhosa obra da qual a santificação é uma delas.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Para um estudo mais pormenorizado deste simbolismo, vede *Da Escravidão para a Liberdade e A Vida em Justiça* do mesmo autor.

<sup>2</sup> Para um posterior debate sobre esta verdade vede *A vida em Justiça e o Sábado de Deus* do mesmo autor.

Os israelitas quando deixaram o Egito, não entraram de imediato na terra prometida. Houve longas jornadas e duras lições para serem aprendidas e outras a desaprender antes de atravessarem por fim o Jordão. Era uma escola onde eles mesmos estabeleciam o ritmo de aprendizagem, que infelizmente foi tão lento que levaram muito mais tempo do que o necessário. Poderiam ter obtido a sua herança quarenta anos antes, caso se tivessem aplicado com dedicada diligência às suas lições.

Do mesmo modo, o baptismo não é um sinal de que o crente está qualificado para a trasladação. Este serviço não o purificou das muitas ideias e teorias erradas, nem removeu hábitos errados que foram adquiridos na escola de Satanás. Nem ainda teve tempo e oportunidade para aprender muitas lições e verdades em substituição daqueles antigos conceitos. Pelo contrário, o baptismo é a declaração de que deixou a família e a escola de Satanás, e passou a ser filho de Deus, e foi colocado na escola onde Cristo é o Professor. Aqui, Cristo não estabelece a paz. O ritmo de crescimento é determinado pelo nível de dedicação e determinação exibida pelo estudante. Ele pode aplicar-se com zelo e diligência, e assim avançar rapidamente em direcção à preparação final para a trasladação, ou pode perder tempo e correr o terrível risco de nunca fazer a preparação necessária.

Se tudo o que a Páscoa significa é a resposta completa para o problema do pecado, então esse era o único serviço que o Senhor tinha que lhes dar. Porém aqueles que tinham recebido os benefícios espirituais válidos através desta cerimónia inicial eram em seguida chamados a aproximarem-se do santuário para receberem as bênçãos e provisões fornecidas no serviço diário. Este serviço era muito diferente da Páscoa pois tinha que satisfazer uma necessidade diferente. Ambos eram purificações do pecado, e ambos usavam o sangue como agente purificador.

Semelhantemente, se a experiência do renascimento simbolizado pelo baptismo resolvesse o problema completamente, então o Senhor não teria requerido mais serviços na era do Novo Testamento. Todavia há uma equivalência para o serviço diário do Antigo Testamento. É o serviço do lava-pés. Este é bastante diferente do baptismo, pois tem de tratar um problema diferente. Contudo, é uma purificação do pecado usando, tal como o baptismo, a água como símbolo da purificação.

Há a tendência para concluir que o serviço do lava-pés é a substituição da Páscoa no Novo Testamento. Chega-se a esta conclusão porque Cristo o instituiu na ocasião em que a última Páscoa foi celebrada. Portanto, acredita-se que este serviço simboliza o que o anterior fazia.

Mas, um pensamento mais cuidado mostrará que não é uma verdadeira substituição.

No primeiro caso, enquanto a Páscoa era dada a um povo ainda na servidão, a Ceia do Senhor era administrada, como se provará mais tarde, ao homem que havia sido libertado da servidão do velho senhor do pecado, embora ainda tivesse muitas ideias e teorias erradas que lhe causavam considerável perturbação. Em harmonia com isto, aqueles que até hoje *legitimamente* participam desta ordenança, já foram libertados do poder do velho homem e estão baptizados como membros do corpo de Cristo.

Em segundo lugar, a Páscoa era celebrada somente uma vez no ano, mas a Ceia do Senhor deve ser realizada muitas vezes durante a vida do crente. Jesus deu instrução específica a este respeito.

“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha.” *1 Coríntios 11:26*.

Em terceiro lugar, todo o padrão do serviço e símbolos usados eram diferentes dos símbolos da Páscoa. Jesus não criou uma versão modificada do antigo serviço mas uma cerimónia totalmente nova, representando, não a obra do renascimento que é a libertação da servidão, mas a obra da reforma que se segue a esta restauração inicial.

Em quarto lugar, só aqueles que participavam na libertação obtida através da Páscoa podiam entrar nos serviços diários. Assim, só os que foram baptizados podem legitimamente juntar-se na celebração do lava-pés e na Ceia do Senhor. Por conseguinte, é salientada a verdade que o

renascimento tem que preceder a reforma, a última não é possível verdadeiramente até que a primeira seja alcançada.

Na dispensação do Velho Testamento, só aqueles que fielmente observavam a Páscoa e que tinham, durante os meses subsequentes, entrado nos requisitos das purificações diárias podiam receber os benefícios da expiação final. Não importava quão fielmente tinham observado a Páscoa, estariam perdidos se não continuassem todo o serviço diário.

Por isso, não é suficiente ser-se baptizado para passar o dia do julgamento, quando o santuário for purificado do pecado. Tem que se seguir a minuciosa e profunda obra de reforma através da qual aqueles pecados não purificados pelo renascimento são removidos e a justiça colocada no seu lugar.

Está agora estabelecido que há na verdade duas obras da graça diferentes que têm de ser efectuadas dentro do crente e em seu favor antes de estar preparado para a expiação final. A primeira destas — solução A — o renascimento — trata do problema A, que é a escravidão. A segunda — solução B — *re-forma* — resolve o problema B, que é *de-forma-ção*.

Agora que sabemos haver de facto duas obras da graça diferentes, cada uma das quais é especificamente designada para resolver os seus respectivos problemas, estão lançados os fundamentos para uma cuidadosa investigação da natureza destes problemas e como estas soluções os removerão. Isto fornece uma totalmente bem sucedida aproximação ao problema do pecado e garante que aqueles que compreendem e aplicam estes princípios certamente estarão prontos para o julgamento. Chegar à compreensão deste assunto marcará o fim das perplexidades e *desnorteamento* que assaltavam os que honestamente procuravam obter a total e completa preparação para a eternidade mas que, na sua confusão, continuavam a tentar resolver os problemas A e B com a solução A.



## Capítulo 4

# O Problema da Escravidão

---

[Voltar ao início](#)

Todas as pessoas nascidas neste mundo entram com a alma perdida e assim continuariam não fosse a adequada provisão feita pelo Trio Celestial para remover este peso do pecado e restaurar nelas a imagem de Deus.

Quando a pessoa obtém um conhecimento suficiente acerca do reino de Deus e da oferta de salvação, descobre que está a defrontar este primeiro grande problema — a escravidão. Aprendeu a odiar o pecado e a desejar separar-se dele. Desenvolveu um amor pela justiça de Cristo e estabeleceu a determinação de obedecer aos princípios da lei. Lança-se à tarefa, confiante no sucesso, mas para sua frustração e desânimo, descobre que o objectivo é difícil de manter. O problema permanece consigo — por resolver.

À medida que lê as Escrituras, descobre que a experiência relatada em *Romanos 7* descreve exactamente a sua.

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.

“Porque o que faço, não o aprovo; pois, o que quero, isso não faço, mas o que aborreço, isso faço.

“E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa.

“De maneira que, agora, já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.

“Porque eu sei que, em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.

“Porque não faço o bem que quero, mas, o mal que não quero, esse faço.

“Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.

“Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo.

“Porque segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus;

“Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado, que está nos meus membros.

“Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” *Romanos 7:14-24*.

A reacção mais vulgar, uma vez feita esta identificação, é concluir que Paulo está a descrever aqui a verdadeira experiência cristã. Há várias razões para isto.

A mais forte parece ser porque o reverenciado e inspirado apóstolo apresenta isto na primeira pessoa, levando a pensar que se esta era a forma como *ele* vivia, então este é o padrão para o verdadeiro filho de Deus.

A segunda razão é que há certos aspectos da vida, vivida pelo homem de *Romanos 7*, que a torna superior à vida do pecador entregue ao pecado ou do geralmente irreligioso. A pessoa que está neste estado compara aquilo que é com aquilo que foi, e vê nas diferenças para melhor, evidências para suportar o ponto de vista que é cristã.

Acrescenta a estes argumentos o ter-se juntado à igreja, tornando-se *fiel* ao seu suporte financeiro e o tornar-se activa num extenso programa de boas obras, incluindo o esforço missionário. Desenvolvendo um extenso conhecimento das doutrinas da Bíblia aceitando-as totalmente, e espera no futuro o dia do regresso de Cristo.

Nenhuma destas coisas estava na sua vida anterior a esta aceitação das verdades escriturísticas e assegura-se que está a viver uma vida igual à dos outros membros da igreja. Está firmemente convencida de que é membro da igreja onde os salvos irão ser encontrados, mas vê que nenhum é melhor do que a *avaliação* que faz de si mesma. Portanto, conclui que a sua experiência é o padrão da experiência cristã e que ninguém tem algo superior. Visto que *Romanos 7* descreve o que considera ser a experiência cristã normal, com naturalidade conclui que Paulo está aqui a descrever a vida do verdadeiro filho de Deus.

É verdade que Paulo usou a primeira pessoa nesta descrição e isto certamente *se inclina* para o ponto de vista que estava a relatar a condição em que ele próprio se encontrava como servo de Deus. Contudo, há abundantes e convincentes evidências para demonstrar que não era a sua situação como filho de Deus, mas uma situação pela qual passou antes de obter a libertação da escravidão. Quando estas evidências adicionais são levadas em conta, é necessário ter atenção para compreender por que razão Paulo usou a primeira pessoa para descrever uma experiência que já não era a sua quando escreveu estas palavras.

Todo o testemunho de *Romanos 7* é de cativo a um poder que domina sobre a pessoa contra a sua vontade. Ela sabe o que fazer, deseja fazê-lo e faz os melhores esforços para o alcançar, mas sem resultado. Depois de tentar e falhar até ao ponto em que se convence da futilidade de mais esforço, exclama, “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” *Romanos 7:24*.

Especificamente, o pedido feito aqui é de libertação da situação descrita nos versículos anteriores. *Não* faria isto se esta fosse a verdadeira experiência cristã. Pelo contrário, pediria mais e mais da mesma, porque cristianismo é algo que se deseja, não algo do qual se deseja escapar. Portanto, o próprio facto de procurar alívio daquilo que está descrito neste capítulo, é certamente a prova que esta não é uma experiência de um verdadeiro filho de Deus, mas de alguém que está na escravidão ao serviço do pecado.

Em resposta à sua súplica, o Senhor responde às suas orações como se vê no testemunho que se segue: “Dou graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor.” Versículo 25.

O resto do versículo simplesmente resume o que ele estava a dizer: “Assim que, eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne à lei do pecado.”

Não podia ser dado um melhor resumo de *Romanos 7*, pois, em toda a passagem, Paulo estava a debater a situação de todo aquele que, tendo chegado à compreensão da lei de Deus, voluntariamente permite, consentimento mental e serviço, mas, ao mesmo tempo, por estar preso à servidão do pecado, em verdade serve à lei do mal com o seu corpo de carne e sangue. Isto evidentemente torna a escravidão mais insuportável porque, tendo vislumbrado um raio de liberdade, o seu desejo é aumentado extraordinariamente. Com crescente intensidade, deseja que a sua carne sirva a lei juntamente com a mente, iniciando deste modo uma harmonia de espírito e acção dentro do homem como um todo.

Longe de ser uma impossibilidade, isto é aquilo que o Senhor deseja e alcançará. Paulo descobriu que assim é. Tendo confessado a sua total incapacidade de em si mesmo alcançar a rectidão, suplicou a Deus libertação do problema da escravidão. O Senhor com agrado satisfaz o seu pedido, após o que foi capaz de dar testemunho duma situação inteiramente diferente relatada nos primeiros versículos do capítulo seguinte.

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.

“Porque, a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” *Romanos 8:1, 2*.

O argumento apresentado aqui é que depois de Paulo ter experimentado a libertação procurada, a condenação acabou. Isto confirma que anteriormente havia condenação, estabelecendo a ligação entre escravidão e condenação por um lado, e liberdade e não condenação por outro. Isto, prova para além de dúvida que o homem em *Romanos 7* está sob condenação, o que significa que *não tem justificação*. Uma pessoa sem este dom não é com certeza filha de Deus e ainda não tem direito ao Céu. Se morresse nesta condição, não ressuscitaria na ressurreição dos justos, o justificado, ressuscita nessa ressurreição.

Os ensinamentos de Jesus confirmam estas verdades. Ele disse que não é possível servir a dois senhores ao mesmo tempo.

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há-de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon.” *Mateus 6:24*.

Quando esta regra estabelecida por Cristo é aplicada ao homem de *Romanos 7*, confirmará logo qual é a sua posição. A única pergunta que precisa ser feita é se ele consegue afirmar que serve a Deus ou não. Não é uma questão acerca do que ele queria fazer ou sabe que devia. É uma questão sobre o que é realmente capaz de fazer, porque isto é o que o Salvador estava a dizer em *Mateus 6:24*.

O homem de *Romanos 7* está, segundo o próprio testemunho, sob a escravidão do pecado e portanto obedece a este senhor. Ele está ao serviço de Satanás, que paga na moeda de morte e destruição. As palavras de Cristo tornam muito claro que o homem de *Romanos 7* não é um verdadeiro filho de Deus e está ainda numa condição de perdição.

O apóstolo João sob a inspiração do Espírito fornece mais confirmações deste facto. Ele escreveu:

“Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.” *1 João 5:4*.

Se aquele que é nascido de Deus vence o mundo, então o que é vencido pelo mundo não é renascido. Apenas precisamos perguntar se o homem de *Romanos 7* vence o mundo ou é derrotado por ele, para saber se é renascido ou não. Em todo este lamento, não há uma única expressão de nota positiva. Ele apenas pode dizer que é um vencido. Portanto, este homem não é renascido.

A certeza de que isto é assim está no facto que ele não pode entrar no reino de Deus como Cristo solenemente afirmou a Nicodemos.

“Jesus respondeu: Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.” *João 3:5*.

Em *O Desejado de Todas as Nações*, o homem de *Romanos 7* é classificado como destituído daquela vida que trará o pecador à harmonia ou paz com Deus.

“Fomos, pelo pecado, separados da vida de Deus. Temos a alma parálitica. Não somos, por nós mesmos, capazes de viver uma vida mais santa, do que o era aquele homem de andar. Muitos há, que compreendem a sua impotência, e anseiam aquela vida espiritual que os porá em harmonia com Deus; estão a lutar em vão para obtê-la. Desesperados, exclamam: ‘Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte!’ *Romanos 7:24*.”, (DTN 134.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 203.

Se aqueles que são descritos aqui *desejam* ainda essa vida que os trará à harmonia com Deus, então não a têm, porque ninguém deseja alcançar aquilo que já possui. Além disso, são ilustrados a lutar em vão para o obter. Portanto, não têm a vida que os trará à harmonia ou paz com Deus, a paz que pode ser gozada somente pelos justificados como Paulo ensina em *Romanos 5:1*.

“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.”

Estar justificado é ter paz, mas estar sem paz é estar injustificado ou condenado. Os que são descritos neste testemunho em *O Desejado de Todas as Nações*, 203 (DTN 233.4), estão sem paz e

são identificados como aqueles de quem Paulo fala em *Romanos 7* e estão injustificados. Portanto, deve ser claro que esta declaração testemunha que não há salvação em *Romanos 7*.

Finalmente, E. J. Waggoner, o grande pregador da justificação pela fé em verdade, que foi enviado pelo Senhor em 1888 para proclamar o abençoado alívio aos cativos do pecado, declara plenamente que o homem de *Romanos 7* ainda está em escravidão e por isso não tem lugar no reino.

“O poder da fé para trazer a vitória pode ser mostrado noutra série de textos da Escritura que são muito práticos. Em primeiro lugar entenda-se que o pecador é um escravo. Cristo disse: ‘todo aquele que comete pecado é servo do pecado.’ João 8:34. Paulo também diz; colocando-se no lugar do homem não renovado: ‘Porque sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal vendido sob o pecado.’ Romanos 7:14. Um homem que está vendido é escravo. Pedro traz à luz o mesmo facto, quando, falando dos falsos ensinadores corruptos, diz: ‘Prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção; porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.’ 2 Pedro 2:19.

“A característica principal do escravo é que ele não pode fazer o que lhe agrada, mas é obrigado a fazer a vontade de outro, não interessa quão penoso isso seja. Paulo prova assim a verdade daquilo que está a dizer afirmando que ele, como homem carnal, era escravo do pecado:

“‘Porque o que faço, não o aprovo; pois, o que quero, isso não faço, mas o que aborreço, isso faço.’

“‘De maneira que, agora, já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.

“‘Porque eu sei que, em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.

“‘Porque não faço o bem que quero, mas, o mal que não quero, esse faço.’ Romanos 7:15; 17-19.

“O facto de ser o pecado a dominar, prova que um homem é escravo; e todo o que comete pecado é servo do pecado, a escravidão torna-se intolerável quando o pecador teve algum vislumbre de libertação, e suspira por ela, ainda assim não pode quebrar as cadeias que o prendem ao pecado. A impossibilidade do homem não renovado fazer mesmo o bem que desejaria fazer, já foi demonstrada pelo texto de Romanos 8:7, 8 e Gálatas 5:17.

“Quantas pessoas têm nas suas próprias experiências provado a verdade destas Escrituras. Quantos têm decidido, uma e outra vez, e mesmo assim as suas sinceras decisões têm-se provado de nenhum efeito em face da tentação. Eles não tinham poder, e não sabiam o que fazer; e, infelizmente, os seus olhos não estavam tão postos em Deus quanto em si mesmos e no inimigo. As suas experiências eram uma luta constante contra o pecado, é verdade, mas também de constante derrota.

“Chamais a isto uma verdadeira experiência cristã? Há alguns que pensam que é. Por que motivo o apóstolo em seguida, na angústia da sua alma, clama, ‘Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?’ Romanos 7:24. É a verdadeira experiência cristã um corpo de morte tão terrível que a alma é constringida a clamar por libertação? — Na verdade, não.

“Outra vez, quem é que, na resposta ao seu sincero apelo, se lhe revela como um Libertador? Diz o apóstolo, ‘Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor’. Noutro trecho ele diz de Cristo: —

“‘E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.’ Hebreus 2:14, 15.

“Novamente, Cristo proclama assim a Sua própria missão:

“‘O Espírito do Senhor Jeová está sobre Mim; porque o Senhor Me ungiu para pregar boas novas aos mansos: enviou-Me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura da prisão aos presos;’ Isaías 61:1.

“O que esta servidão e cativoiro são, já foi mostrado. É a servidão do pecado — o cativoiro de ser compelido a pecar, mesmo contra a vontade, pelo poder das más tendências e hábitos herdados e adquiridos. Liberta Cristo duma verdadeira experiência cristã? Efectivamente, não. Então o jugo do pecado, do qual o apóstolo se queixa em Romanos 7, não é a experiência de um filho de Deus, mas a de um servo do pecado. É para livrar o homem deste cativoiro que Cristo veio; não para nos livrar de guerras e lutas durante esta vida, mas da derrota; para habilitar-nos a ser fortes no Senhor e no poder da Sua força, de modo a podermos dar graças ao Pai ‘que nos livrou do poder das trevas, e nos transformou para o reino do Seu amado Filho’, pelo sangue de Quem temos a redenção.” *Christ and His Righteousness*, 85-88.

Mais comentários escritos por este grande pregador são encontrados nos seus *Estudos Bíblicos sobre o Livro de Romanos*.

“Na última parte do capítulo, o apóstolo mostra o que é a velhice da letra, da qual devemos ser libertos. ‘Eu sou carnal vendido sob o pecado.’ Nós cometemos grande violência contra o apóstolo Paulo, esse homem santo, quando dizemos que nisto ele está a relatar a sua própria experiência cristã. Ele não está a descrever a sua própria experiência; agora que está unido com Cristo. Está a escrever acerca da experiência dos que servem, mas na velhice da letra, e apesar de professarem servir a Deus, são carnis, e vendidos sob o pecado.

“Uma pessoa vendida para servir é um escravo. Qual é a evidência desta escravidão? ‘O que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço... Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.’ Tivemos alguma vez na nossa assim chamada vida cristã, uma tal experiência? Sim; de facto lutámos, mas apesar desta luta, cumprimos a lei? Não, falhámos, e isto está escrito em cada página das nossas vidas. É um serviço constante, mas ao mesmo tempo um falhar constante.

“Falho, tomo uma nova decisão, — transgriro a lei, em seguida fico desanimado, tomo nova decisão, e volto a quebrá-la. Não podemos fazer uma coisa tomando apenas uma decisão. Não queremos pecar, mas estamos sempre a pecar. Decidimos na nossa mente não cair outra vez na tentação, e, não caímos, até que vem a próxima vez, e então caímos como antes.

“Quando estamos nesta condição, podemos dizer que temos esperança, e que nos ‘alegramos na esperança da glória de Deus’? Esses testemunhos nós não ouvimos, — é unicamente aquilo que queremos fazer, e o que falhamos em fazer, mas temos intenção de realizar no futuro. Se uma pessoa tem a lei perante si, e reconhece que ela é boa, e contudo não obedece aos seus preceitos, é o seu pecado menor à vista de Deus do que o pecado do homem que não tem qualquer respeito pela lei? Não.

“Qual é a diferença entre um cristão, que conhece a lei, mas não a cumpre, e o mundano que não guarda a lei, e não reconhece que ela é boa? Simplesmente isto: Nós somos escravos involuntários, e eles são escravos voluntários. Nós estamos todo o tempo perturbados e infelizes, e obtendo da vida absolutamente nada, enquanto o mundano não se aflige no mínimo.

“Se alguém peca, não é melhor ser como o mundano, que não conhece que há algo que se chama liberdade, do que um homem que sabe que ela existe mas que não a consegue alcançar? Se tiver que ser um escravo, se tiver que viver nos pecados do mundo, então é melhor estar no mundo, participando dos seus prazeres, do que estar numa miserável escravidão, sem ter esperança duma vida no futuro.

“Mas graças a Deus, podemos ter liberdade. Quando a vida se torna insuportável por causa da servidão do pecado, então é isso que podemos esperar, pois leva à pergunta, ‘Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?’ Notai que há libertação. ‘Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor.’ Cristo veio para que tivéssemos vida. N’Ele há vida. Ele está cheio de vida, e quando estamos tão fartos deste corpo de morte, que estamos dispostos a morrer para nos

livrarmos dele, então podemos render-nos a Cristo, e morrer n'Ele; e conosco morre o corpo de morte. Então somos ressuscitados com Cristo para andar em novidade de vida, mas Cristo que não é ministro do pecado não ressuscitará o corpo de pecado; assim este é destruído, e estamos livres.” *Bible Studies on the Book of Romans*, 26.

Muitos apontam o testemunho em *A Ciência do Bom Viver*, 452, 453, (CBV 452.4), como sendo um paralelo de *Romanos 7*, mas ao fazê-lo falham em ver algumas distinções vitais entre o que está descrito aqui e a experiência de *Romanos 7*.

“A vida do apóstolo Paulo foi um constante conflito com o próprio eu. Ele disse: ‘Cada dia morro.’ 1 Coríntios 15:31. Sua vontade e seus desejos lutavam cada dia com o dever e a vontade de Deus. Em vez de seguir à inclinação, ele fazia a vontade de Deus, embora crucificando a própria natureza.”

A vida de Paulo é aqui correctamente ilustrada como sendo um constante conflito contra a sua própria vontade e desejos. *Romanos 7* é também uma luta para fazer a vontade de Deus. Com base nisto alguns raciocinam como segue:

“A vida do apóstolo Paulo foi um constante conflito. E *Romanos 7* é uma luta. Portanto, *Romanos 7* foi a experiência de Paulo como cristão. Isto é o mesmo que dizer. ‘Os americanos gostam de melancia. E John Williams gosta de melancia. Portanto, John Williams é americano.’”

Quão rapidamente a falsidade deste segundo argumento é compreendida. Assim devia ser a primeira proposição. A luta ilustrada em *Romanos 7* não é com certeza a mesma que Paulo sofreu durante a sua vida cristã. A principal diferença é rapidamente vista. Em *Romanos 7* não há vitória, não há realização, nenhum serviço a Deus, ao passo que em sua vida Paulo, “... *fazia* a vontade de Deus, embora crucificando a natureza”.

O facto que não está a ser levado em consideração é que há mais do que um tipo de luta pela qual os seres humanos passam. Aquele que decide deixar o mundo e entrar na família de Deus, encontra-se imediatamente envolvido numa luta na qual apenas conhece a derrota, pela simples razão que está na escravidão de um poder maior do que o seu. A sua vida é uma contínua batalha contra o pecado, mas é também um constante fracasso e frustração.

Contudo, uma vez alcançado o novo nascimento, esta luta está ultrapassada, mas outra se segue, sendo a última o conflito com os desejos da carne aparte do senhor do pecado que habita no interior. Infelizmente muitos são incapazes de distinguir entre estas duas entidades de modo que, estão prontos para pensar que ambas são a mesma coisa. Isto não é assim, e é muito importante que as diferenças sejam compreendidas.

A forma mais simples de tornar claras estas distinções, é usar a ilustração da doença física. Todo o que esteve doente sabe que uma doença em si é um poder que o governa contra a sua própria vontade e desejo. O trabalho importante não pode ser feito, encontros não se podem realizar, prazeres não podem ser gozados e graves prejuízos são sofridos durante o domínio deste déspota senhor. Todavia, a doença *na* carne não é a carne em si mesma. É um invasor que se tornou um ocupante. Quando a doença é vencida e expulsa do corpo, o organismo de carne e sangue ainda fica e impõe as suas restrições e opressões peculiares ao indivíduo. Todos reconhecerão a desvantagem da fraqueza, falta de energia e indisposição da carne que tornam realmente difícil cumprir tudo o que desejamos. Não é difícil ver que a luta contra a doença quando esta está presente, é diferente da luta contra a fraqueza e ineficiência dos nossos corpos sem a presença da doença.

Assim é no espiritual. O pecado que habita na pessoa é um dominador. Não é o corpo de carne e sangue em si, mas um invasor que se tornou um ocupante. Enquanto ali reside, domina e nós não podemos realizar quaisquer aspirações no que respeita a uma vida justa. Este é o problema da escravidão que deve ser resolvido antes da liberdade e do cumprimento da vida cristã se tornar a alegria do crente.

Mas quando esta transição realmente tem lugar, o fraco e caído corpo pecaminoso de carne e sangue continua ali, não só impondo limitações através da sua fraqueza, mas realmente procurando também desviar a mente das elevadas actividades da excelência espiritual para o nível mais baixo do sensual e carnal. É contra esta tendência, e não contra a presença da doença do pecado, que o cristão tem de lutar dia a dia. Porém, se é um verdadeiro filho de Deus como foi Paulo, então a vontade de Deus será feita não importa qual o custo para os desejos da carne.

Quando a mente é aberta para ver que há o problema da escravidão, é surpreendente quão frequentemente em toda a Escritura, se refere, se descreve, ou se ilustra como sendo o problema base que devemos vencer. *Romanos 7* é talvez a melhor descrição directa disso, mas sem dúvida que a melhor ilustração real, é a situação dos israelitas quando trabalhavam para os egípcios. O que essas pessoas eram na sua servidão física é uma ilustração exacta do que alguém que conhece a vontade de Deus e procura cumpri-la é na servidão espiritual.

Uma cuidadosa comparação será agora feita entre a lição objectiva e a contrapartida espiritual.

“A libertação de Israel do Egipto era uma lição objectiva da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória.” (DTN 46.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 75.

“A Páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egipto, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativo do pecado.” (PP 192.3), *Patriarcas e Profetas*, 281.

Havia entre os israelitas duas classes de povo; aqueles que, por causa da longa sujeição à degradante condição da escravidão, estavam espiritualmente mortos e os que ainda retinham um consciente respeito pelos princípios do reino de Deus e sinceramente desejavam escapar da escravidão, para que pudessem servir a Deus verdadeiramente. A primeira classe odiava a sua condição só por causa do infortúnio pessoal e privação que isso lhes causava, enquanto a última estava preocupada com muito mais do que isso, nomeadamente a honra da causa do reino de Deus.

Esta última classe conhecia alguma coisa do propósito de Deus para Israel, compreendendo em termos limitados os elevados princípios da lei e desejava ser liberta desta escravidão. Como tal, representavam a classe descrita em *Romanos 7*.

Este povo eram os filhos de Abraão e tinham sido chamados à existência com o propósito de construir o reino de Deus na Terra. Compreendiam isto e desejavam fazê-lo, mas todos os dias devotavam todo o seu tempo, forças, energias e talentos à construção do império de Faraó, que era de facto construir o reino de Satanás.

Isto levanta a questão, *porque faziam eles isso?*

O trabalho era o mais árduo e o menos agradável. Eles tinham que trabalhar duramente sob as piores condições de pó, moscas, calor e outros desconfortos. Nunca podiam abrandar os seus esforços por causa dos maiores que rondavam continuamente em torno deles, sempre prontos a chicoteá-los se não fizessem a obra no seu melhor. O pagamento era virtualmente nada.

Havia apenas uma razão para fazerem o que faziam e era por causa *daquilo que eles eram*.

*Eram escravos.*

Isto deixava-os sem escolha no assunto. Tinham que trabalhar ou morrer. Que perfeita ilustração é isto das palavras usadas por Paulo em *Romanos*. Ouvi aquele povo pobre e torturado gemendo sob as suas queixas:

“Eu sei o que está certo e determinei na minha mente fazer isso, todavia sou um escravo vendido aos egípcios. Consequentemente as coisas que quero fazer, não posso, enquanto verifico que faço aquilo que odeio. Vejo então que não sou mais eu que faço isto, mas o dominador que governa sobre mim. Miserável homem que eu sou. Quem me livrará do peso desta escravidão?”

Mas os anos passavam e eles não encontravam solução. Morreram gerações numa condição desanimadora. Durante esse tempo os conscientes israelitas tementes a Deus procuraram o perdão

para o seu pecado do involuntário serviço a Satanás. Quão dramática e claramente a sua experiência demonstra a futilidade de procurar resolver o problema pedindo perdão a Deus.

No final de um longo dia de duro trabalho, o escravo cansado regressa a casa para comer e preparar-se para o descanso nocturno. O seu acto final terá sido ajoelhar ao lado da sua cama e fazer a sua oração a Deus. Recordaria os acontecimentos do dia e com toda a honestidade veria que não tinha gasto os seus poderes e recursos a construir o reino do Ser Eterno. Com profundo e sincero arrependimento, confessaria este pecado perante Deus e imploraria o Seu perdão. Nenhuma dúvida precisa ser levantada quanto à sinceridade deste arrependimento, porque era de uma qualidade totalmente aceitável a Deus.

Em simples fé creia que tinha sido perdoado e adormeceria com a certeza disso, mas o seu problema não tinha sido resolvido. Quando a oração terminasse, continuaria ainda a ser um escravo. Adormeceria e acordaria ainda no mesmo estado e por causa disso, teria que voltar ao mesmo serviço no dia seguinte. Por isso a sua vida era uma contínua sucessão de pecar e confessar, pecar e confessar, porque o problema real, a escravidão, não estava resolvido.

Hoje, há muitos milhares que sinceramente desejam servir o Senhor, mas reconhecem no final do dia que na realidade serviram o Seu inimigo. Com coração triste, recordam os acontecimentos do dia e confessam onde não caminharam em justiça. Pedem e crêem que recebem o perdão para estes pecados e em seguida adormecem. Todavia, no dia seguinte verificam que as coisas não são diferentes. Os mesmos problemas se reafirmam, os mesmos pecados são repetidos e o perdão tem que ser outra vez procurado totalmente. Há uma razão para isto e é, pedir simplesmente o perdão não resolve o problema da escravidão. É necessário algo mais do que isto. Até que Deus conseguisse revelar isto aos israelitas, a triste frustrante sucessão continuou. Do mesmo modo, até que o pretendente a filho de Deus chegue à compreensão e aplicação da solução adequada para o problema da escravidão, continuará a sofrer por causa da derrota.

A reflexão sobre o problema enfrentado pelos israelitas convencerá rapidamente que o exercício da vontade não dá uma solução para este problema. Se os escravos naquele caso do passado, individualmente, em grupo, ou como um todo, tivessem decidido que recusavam completamente obedecer aos seus maiores e reunissem a suas coisas a fim de partir para a terra prometida, não teriam êxito. Pelo contrário, ter-se-iam colocado num serviço mais árduo. Os filhos de Abraão não tinham o poder para vencer os seus opressores.

Semelhantemente, a vontade não é capaz de vencer o poder interior do pecado. Ninguém que tenha procurado resistir à força do ocupante senhor do pecado, com a força da sua própria vontade, precisa de ser convencido disto. Uma inquebrável série de derrotas é suficientemente convincente. A mente carnal é tão despótica, opressora e obstinada, como era o senhor do escravo no Egipto. Ela despreza completamente a mente, para servir as exigências da caída natureza humana pecaminosa. Ela é "...inimizade contra Deus: pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade o pode ser." *Romanos 8:7*.

A definição exacta da palavra "carnal" é "pertencente à carne", levando muitos a pensar que se refere aqui neste versículo à mente intelectual. Isto não pode ser, porque essa mente pode ser sujeita à lei de Deus. De facto, em todo o capítulo de *Romanos 7*, ela é vista como estando em harmonia com a lei e guiada por desejos muito fortes para lhe obedecer. Mas, a mente a que se refere *Romanos 8:7*, não pode ser sujeita à vontade de Deus. Isto é tão impossível, como é impossível ao espinheiro produzir rosas, ou um silvado produzir uvas. Esta é outra mente, a mesma mente do poder, que, residente na carne sem ser a própria carne em si domina o pecador contra a sua vontade. É a semente de Satanás e é possuída em herança por todos o que ainda não foram libertados dela. É impossível entrar neste mundo sem esta terrível hereditariedade. A razão por que é chamada a

mente carnal ou mente da carne, é por ser devotada ao serviço da carne, sem ser em si mesma a mente da carne.

Enquanto é verdade que esta mente ou natureza não pode servir a Deus, não quer dizer que ela não possa prometer fazê-lo. Na forma de lição objectiva, estas verdades vitais, tal como nos são dadas na cena egípcia, as distinções entre a carne, a mente intelectual ou pensante e o senhor do pecado, são facilmente vistas.

Cada israelita tinha um corpo de carne e sangue que era de facto o instrumento através do qual o serviço a Satanás era realizado. Nesse corpo estava a secção da mente na qual ele formava os seus desejos baseados na sua educação. Por causa da escravidão impor sofrimento e limitações sobre ele, desejava fortemente nessa mente ser libertado. Este desejo não era suficiente por si só para lhe dar tal liberdade, porque havia um terceiro elemento, o senhor do escravo que dominava sobre ele e mantinha a sua autoridade por ser mais poderoso do que o escravo.

Nesta ilustração o senhor do escravo era uma entidade separada, operando fora da vítima, enquanto, no campo espiritual e no físico, as suas equivalências, nomeadamente o senhor do pecado e a doença respectivamente, habitam no interior e operam ali.

O Faraó era o chefe de todos os senhores de escravos que na realidade só executavam a vontade dele, sendo ele o poder central e eles as extensões da sua riqueza e poder. Em todas as suas respostas e comportamento, manifestava o carácter exacto e papel da mente carnal, porque nada era capaz de o levar à conformidade com a vontade de Deus. Não importa quão sincero o rogo, extrema a ameaça, ou terrível a destruição, ele não entraria e não entrou em harmonia com Deus. (Não negamos que como pessoa podia ter feito isso. O que está a ser apresentado aqui é o pensamento de que o seu comportamento tipificava perfeitamente o da mente carnal.)

Houve alturas, durante todo o episódio, em que ele prometeu a Deus deixar o povo ir, mas nunca cumpriu essas promessas. Quando, no fim, os deixou ir, foi apenas porque o poder que os mantinha em escravidão, foi quebrado.

Tal como o Faraó se comportou ali no passado, os que são escravos da mente carnal se têm comportado desde então. Quando ameaçados de morte em resultado do pecado, piedosas promessas são feitas a Deus para O servir fielmente para sempre, mas no momento em que o perigo passa, a questão é tratada superficialmente e as promessas esquecidas. Um exemplo excelente disto é dado no seguinte relato de Ellen White quando fez uma viagem de barco pela costa do Atlântico, de Portland, Maine, para Boston, Massachusetts, por volta de 1846.

“Poucas semanas depois, em viagem para Boston, embarcamos num navio em Portland. Uma violenta tempestade desabou sobre o navio e ficamos em grande perigo. A embarcação era terrivelmente sacudida e as ondas se chocavam contra as janelas das cabinas. Havia grande temor nos camarotes das senhoras. Muitas confessavam seus pecados e clamavam a Deus por misericórdia. Algumas pediam à Virgem Maria que as guardasse, enquanto outras faziam solenes votos a Deus, prometendo que se alcançassem a terra dedicariam a vida a Seu serviço. Tudo era terror e confusão. Enquanto o barco se agitava, uma senhora perguntou-me: ‘Você não está aterrorizada? Suponho que não chegaremos à terra.’ Disse-lhe que fizera de Cristo meu refúgio; e, se meu trabalho estava concluído, eu poderia jazer tanto no fundo do oceano quanto em qualquer outro lugar; se meu trabalho, porém, não estava terminado, todas as águas do oceano não poderiam afogar-me. Minha confiança estava em Deus. Se fosse para Sua glória, Ele nos faria aportar em segurança. (T1 80.3).

“Nesse instante pude avaliar a esperança do cristão. A cena diante de mim trouxe-me vividamente ao espírito o dia da ira do Senhor, quando a tempestade de Sua ira se abater sobre o pobre pecador. Haverá então amargas lágrimas e clamores, confissão de pecados, súplicas por misericórdia, mas será tarde demais. ‘Porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a Minha mão, e não houve quem desse atenção; antes, rejeitastes todo o Meu conselho e não quisestes a Minha

repreensão; também Eu Me rirei na vossa perdição e zombarei, vindo o vosso temor.’ Provérbios 1:24-26. (T1 81.1).

“Pela misericórdia de Deus, todos desembarcamos sãos e salvos. Alguns dos passageiros, porém, que haviam demonstrado tanto pavor durante a tormenta, agora nem a mencionavam, a não ser para fazer troça de seus temores. Uma senhora que solenemente prometera tornar-se cristã, caso fosse preservada, exclamou zombeteiramente ao deixar o barco: ‘Glória a Deus! Estou feliz por pisar novamente em terra firme.’ Pedi-lhe que voltasse algumas horas no tempo e se lembrasse de seus votos a Deus. Ela, porém, evitou-me com um sorriso sarcástico. (T1 81.2).

“Veio-me claramente à memória a questão do arrependimento de última hora. Alguns vivem para servirem a si mesmos e a Satanás, e então, quando lhes sobrevêm doenças ou enfrentam terríveis incertezas, demonstram alguma tristeza pelo pecado, e talvez digam que estão preparados para morrer. Seus amigos são persuadidos a crer que eles se converteram genuinamente, estando portanto qualificados para o Céu. Mas, se eles se recuperassem, continuariam a ser tão rebeldes como antes. Lembrei-me de Provérbios: ‘Vindo como assolação o vosso temor, e vindo a vossa perdição como tormenta, sobrevindo-vos aperto e angústia. Então a Mim clamarão, mas Eu não responderei; de madrugada Me buscarão, mas não Me acharão.’ Provérbios 1:27, 28. (T1 81.3), *Testimonies*, 1:80-82.

Escravidão é um problema crucial que temos de resolver. Cristo fez uma ampla provisão para o resolver. Temos, por exemplo, a Sua promessa onde Ele diz:

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

“Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” *João* 8:32, 36.

Este é o desejo de Deus para todas as pessoas na Terra e será a realização de todo o que se apoia nas divinas provisões pelas quais isso pode ser alcançado.

“Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa. Sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há-de servir. Na mudança que se opera quando a alma se entrega a Cristo, há o mais alto senso de liberdade. A expulsão do pecado é um acto da própria alma. Na verdade, não possuímos capacidade para nos livrarmos do poder de Satanás; mas quando desejamos ser libertos do pecado e, na nossa grande necessidade, clamamos por um poder fora de nós e a nós superior, as faculdades da alma são revestidas da energia divina do Espírito Santo e obedecem aos ditames da vontade no cumprir a vontade de Deus.” (DTN 328.6), *O Desejado de Todas as Nações*, 507.



## Capítulo 5

# A Solução da Libertação

---

[Voltar ao início](#)

O problema A é servidão. A solução correspondente é libertação. Seria de pouco valor explicar a natureza de um problema se não fosse possível oferecer um remédio seguro, certo e eficaz para o remediar, pois isso iria apenas estimular um desejo de libertação que, não sendo possível, seria apenas intensificar o sofrimento sentido na continuação da servidão.

Ao mesmo tempo é importante *que o problema seja exaustivamente, mas simplesmente entendido de modo que a solução ideal possa ser compreendida e aplicada de forma inteligente.*

Foi feita uma tentativa para alcançar este nível de entendimento no último capítulo, embora não tivesse sido um tratamento exaustivo do assunto. No entanto, é considerado suficiente para abrir o tema e proporcionar um trampolim de informação de base a partir do qual o estudante pode ser lançado num exame mais amplo e profundo do assunto.

Em qualquer caso, foi apresentada informação suficiente sobre o problema para permitir um estudo da solução a ser seguida. Deus abençoou-nos com uma lição objectiva na opressão egípcia e fuga dos israelitas que ilustra não só o problema da servidão, mas também explicita o procedimento passo a passo que constitui o remédio para o problema.

O contorno dessas etapas é dado para nós na instrução passada por Deus a Moisés e por este ao povo. Ela começou com a instrução para escolher e reservar um cordeiro no décimo dia do primeiro mês.

“E falou o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo:

“Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano.

“Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada família.

“Mas se a família for pequena para um cordeiro, então tome um só com seu vizinho perto de sua casa, conforme o número das almas; cada um conforme ao seu comer, fareis a conta conforme ao cordeiro.

“O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras.” *Êxodo* 12:1-5.

Havia ainda outro requisito não diretamente mencionado nestes versículos, mas acrescentado noutra local e era que nenhum macho podia participar desta festa a menos que primeiro fosse circuncidado. Este ponto não pode ser negligenciado pois tem um relacionamento muito importante com o todo tendo a sua correspondência nos passos que temos de dar hoje.

“Porém se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a páscoa ao Senhor, seja-lhe circuncidado todo o homem, e então chegará a celebrá-la, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela.” *Êxodo* 12:48.

Era a lei de Deus que nenhum incircunciso participasse da Páscoa. Durante o longo período em que os israelitas vaguearam pelo deserto, o rito da circuncisão e a Páscoa foram cortados deles. Quando atravessaram o Jordão sob a liderança de Josué, ambas as cerimónias foram reintroduzidas, celebrando-se a Páscoa somente depois da circuncisão. Veja *Josué* 5:1-11.

Uma contagem cuidadosa confirma que havia seis requisitos a cumprir antes de saírem em liberdade.

1. Todo o macho teve de ser circuncidado;
2. Um cordeiro imaculado teve de ser escolhido no décimo dia do primeiro mês;
3. O sacrifício do cordeiro ao décimo quarto;
4. O seu sangue ter sido espargido sobre as umbreiras e vergas das portas das suas casas;
5. O cordeiro foi comido com pães asmos;
6. O primogênito dos egípcios ter morrido.

A menos que cada uma destas etapas fosse executada *exactamente como o senhor especificou*, não obteriam a libertação. Por exemplo, suponha que os israelitas tinham fielmente realizado os cinco primeiros requisitos, mas o primogênito do Egito não morria. Eles não teriam ido em liberdade. Teriam permanecido em servidão tão completamente como se nada tivessem feito. Este ponto tem de ser sublinhado, pois é importante que seja visto por todos. Apenas quando tivessem realizado com exactidão as primeiras cinco directivas e o primogênito do Egito morrido, poderiam então deixar a terra da escravidão e não antes.

Cada uma destas etapas tem a sua equivalência no livramento espiritual da terra do pecado. Cada etapa deve ser entendida e realizada na sua ordem até que todas estejam realizadas. Se as primeiras cinco condições fossem satisfeitas sem a última, então verificar-se-ia que a servidão permaneceria tão completamente como se nada fosse feito. Se estas verdades não são compreendidas, então um perigoso engano vai fixar-se na pessoa que irá supor que por dar *alguns* passos, um crédito foi adquirido e os pés foram estabelecidos no caminho para o Céu.

Se considerarmos a lista acima, será rapidamente visto que quando os israelitas foram circuncidados, embora este fosse um passo vital, não obtiveram a liberdade em seguida. Assim foi com cada um dos requisitos seguintes. Quando o cordeiro foi escolhido e morto, por exemplo, não tinham mais liberdade do que antes de terem sido circuncidados. Eles não foram libertados pouco a pouco. Eles não foram libertados da servidão enquanto não tivessem cumprido todas as especificações exactamente como Deus indicou. Era uma situação de tudo ou nada.

Assim é no evangelho. O pecador não é libertado progressivamente. A sua libertação é totalmente dada somente depois de todos os passos vitais terem sido dados e não antes. Enquanto aqueles requisitos estiverem a ser realizados, a servidão ao pecado permanece até que de repente e completamente, quando todas as condições tiverem sido satisfeitas, a liberdade é sua.

Então, a salvação do pecado não é alcançada numa só etapa. Pelo contrário, é necessário uma série de passos, cada um dos quais é essencial para o sucesso de toda a operação. Não é porque Deus decidiu arbitrariamente que temos de passar através de determinados passos para O satisfazer. Servidão é um problema para o qual uma solução satisfatória e bem sucedida teve de ser encontrada. Só Deus tinha a sabedoria para conceber o plano e o poder o efectuar. Cada parte da solução estava lá porque tinha que estar, não porque Deus simplesmente escolheu que deveria estar. Isso tornar-se-á mais evidente à medida que cada um dos pontos for examinado, começando com o primeiro e sucessivamente na ordem correcta até ao último.

## A circuncisão

Em termos inequívocos o Senhor especificou que “... nenhum incircunciso comerá dela.” *Êxodo* 12:48. Embora seja possível uma pessoa que não tenha sido fisicamente circuncidada comer a Páscoa literal, é completamente impossível isso seja feito na contrapartida espiritual, pela simples razão que a circuncisão simboliza uma posição à qual o homem tem de chegar antes da bênção da salvação ser recebida. Tal como a carne era cortada, assim tem de haver um corte na vida do suplicante daquilo que impeça a operação do poder divino na sua experiência. Para compreender isto, deve ser estudado o simbolismo contido na antiga cerimónia.

A primeira menção à circuncisão está em *Gênesis* 17, quando Deus a anunciou a Abraão. Nesta altura o Senhor ensinou especificamente o Seu servo de que este rito era. “... um sinal do concerto entre Mim e vós.” *Gênesis* 17:11.

Qualquer pessoa que se recusasse a ser circuncidada seria "... extirpada do seu povo, quebrantou o meu concerto." Versículo 14.

Em *Patriarcas e Profetas*, 364, está uma declaração a confirmar que a circuncisão é um  *sinal* da aliança.

Deixem que esta verdade seja claramente mantida em mente, que este rito não era um símbolo do novo nascimento ou da morte do velho homem, mas apenas da aliança formada entre o homem e Deus. Ela é a eterna ou nova aliança formada entre Deus e Adão no jardim do Éden, expressa na maravilhosa promessa de *Gênesis* 3:15 e renovada a Abraão antes do nascimento de Isaque. Certamente não é o símbolo da antiga aliança das obras pelas quais os seres humanos procuravam pelos seus próprios esforços garantir a salvação.

A *aliança* eterna não é própria salvação. Ela é o *acordo* através do qual a salvação pode ser obtida. Esta é uma distinção importante. Se houver dificuldade em ver isto, o problema será esclarecido pela ilustração fornecida na formação de um contrato de construção. Um homem quer construir uma casa, outro irá construí-la. Em primeiro lugar, eles formam um contrato entre si. Mas este não é o próprio edifício. O contrato é assinado antes do início da construção e nenhum trabalho terá início até que tenha sido celebrado o contrato. Precisamente assim, nenhuma obra salvadora começa em nós *até que a aliança seja formada entre nós e Deus*.

Há considerável importância na ordenação para a introdução da circuncisão. Na verdade, o seu total sentido dificilmente pode ser entendido a menos que seja estudado o contexto da sua introdução.

Tinha sido feita a promessa a Abrão e Sarai de que teriam um filho que eles reconheceriam ser o progenitor do Messias. Portanto, sabiam que a salvação da humanidade dependia do aparecimento desse prometido. Não havia nada na vida que desejassem mais do que isso, mas, com o passar dos anos e a promessa se atrasasse, começaram a expressar palavras de incredulidade em Deus.

Isto só serviu para tornar uma grave situação ainda pior, pois era pela fé e só pela fé que a criança poderia nascer. Ainda assim, eles tinham alguma fé. Foi pela fé que deixaram a terra de Ur e seguiram a ordem de Deus para ir para um país que lhes iria ser mostrado.

"Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia." *Hebreus* 11:8.

Isto exigiu grande fé, mas, apesar de terem fé para chegar a este nível, não tiveram aquela em que acreditavam que Deus poderia e colocaria vida onde havia morte. Sarai era estéril, Deus era o único que podia colocar vida onde a morte reinava. Quando Deus fez a promessa de que eles teriam um filho da promessa, conhecia o problema que enfrentava em relação à esterilidade de Sarai. Mesmo assim fez a promessa, pois sabia que, se Abrão e Sarai esperassem firmemente nessa palavra pela fé, Ele poderia e colocaria em sua capacidade reprodutiva nela.

As Escrituras contêm muitas garantias de Deus que nos dará a capacidade de fazer as obras da justiça. Quando essas palavras entram em nós, ficamos numa condição onde a morte reina. Enquanto ela ali estiver, não há possibilidade da justiça se manifestar. O pecado e só o pecado, é produzido através de tais vidas. À medida que nos tornamos conscientes disso, desesperamos de alguma vez alcançar os gloriosos ideais estabelecidos na Palavra de Deus e vemo-nos tão longe como Sarai de gerar Isaque.

Mas deixai que o coração se anime com o conhecimento de que Deus estava plenamente ciente de todos os problemas quando fez a declaração de que nos levaria pelas veredas da justiça por amor do Seu nome. Ele sabia exactamente o que era necessário e tinha a plenitude do poder para o conseguir.

Quando a fé de Abrão e Sarai não foi capaz de chegar ao ponto de se agarrar a Deus como o dador de vida, voltaram-se para as suas próprias obras e planos para alcançar o mesmo objectivo. Sarai, falou com o seu marido, confessando francamente a sua própria esterilidade e propôs-lhe que tomasse outra mulher pela qual tivesse este filho da promessa.

E disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai.

“E disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai. “ *Gênesis 16:2*.

Por este meio obtiveram um filho mas não de Deus, nem um que Ele pudesse aceitar como o que tinha planeado e prometido. Ainda assim havia muito a este respeito que naturalmente lhes assegurou, por agora, que estavam a cumprir a vontade de Deus e que Ele estava satisfeito com eles.

Não tiveram fé em Deus de que Ele tinha planeado a sua salvação que eram Seus filhos e que por fim os levaria para o Céu. Também conheciam um facto muito importante, nomeadamente que, por Deus Se ter comprometido verbalmente que seria dessa forma, um filho tinha de nascer deles. Se isso não acontecesse, então o plano que o Senhor tinha elaborado não funcionaria. Apesar de Deus poder iniciar planos alternativos para o caso deste falhar, este digno casal sabia que um tal fracasso lhes custaria a eternidade, pois isso significaria que eles não poderiam ser parte do plano de salvação. Este destino cairia sobre muitos israelitas mais tarde, que, por causa da sua incredulidade, foram privados duma parte num plano que teve de ser abandonado e por isso perderam a vida eterna.

Perceber estas implicações colocou sobre Abrão e Sarai um crescente sentido de preocupação de que o plano fosse implementado com sucesso. Eles queriam este filho. Eles almejavam o Messias e desejavam ser salvos. Por conseguinte, quando os anos passaram e a criança não aparecia, a sua ansiedade cresceu proporcionalmente. O problema foi ainda agravado pelo aumento da sua idade que lhes dizia que as possibilidades estavam a desaparecer, não a aumentar. Por último, concluíram que a única possibilidade restante era voltarem-se para os seus próprios planos. Perderam de vista o facto de que o Senhor estava plenamente consciente de todos os problemas quando formou o plano e os escolheu como participantes. A fé em Deus como Aquele que sabe exactamente o que está fazendo e o que vai fazer no momento certo, teria conduzido ao repouso na certeza de que seria realizado e que eles não morreriam até ser feito, mesmo que tivessem de viver mil anos ou mais.

O passo que deram bem pode ser comparado a um homem em afogamento agarrado a uma palha. A lei natural confirma que a palha não possui a flutuabilidade necessária para suportar um ser humano, de modo que esta medida não pode salvá-lo. De forma semelhante, o que Abrão e Sarai fizeram nunca poderia cumprir os requisitos do plano. Por conseguinte, eles estavam efectivamente mais longe do seu cumprimento, em vez de mais próximos quando Ismael foi concebido. Só Deus poderia colocar vida onde havia morte em Sarai. Não era por ter reservado arbitrariamente este papel para Si mesmo. Foi porque só Ele tinha o poder para fazer isso. Portanto, a solução encontrada por Abrão e Sarai não podia de modo algum cumprir o plano.

Mas o mal reside no facto de que para eles *parecia cumprir*. Havia aspectos da situação que lhes dava uma aparência de ser totalmente de Deus. As suas motivações eram irrepreensíveis. Eles tinham em mente apenas os melhores interesses da causa de Deus e estavam dispostos a fazer os maiores sacrifícios para assegurar o sucesso. Sacrifício é uma parte indispensável da verdadeira religião e ele não faltava na vida daquelas duas pessoas maravilhosas. No início quando Deus os chamou para deixar Ur dos Caldeus, a mais avançada e confortável civilização desse tempo, onde estavam os seus amigos e os negócios, sem hesitações saíram para um futuro incerto numa terra desconhecida. Parentes, amigos, e um brilhante futuro de negócios, tudo foi colocado no cadinho do sacrifício.

Aqueles notáveis passos foram eclipsados pelo incrível espírito de sacrifício manifestado por Sarai, quando ela honesta e sinceramente, propôs a Abrão que ele tivesse um filho doutra mulher. Apenas uma mulher cujo amor para com Deus e sua causa que transcendia o seu instinto natural poderia fazer o que ela fez. Pessoa alguma que recorra às suas próprias obras ou planos para realizar a obra de Deus pode viver sem um suprimento liberal de autoconfiança. Tanto Abrão como Sarai terão encontrado no seu dedicado espírito de sacrifício, muito para lhes assegurar que aquilo que estavam a fazer era agradável a Deus. Afinal, que outra coisa poderia Deus fazer senão aprovar o que estavam a fazer à custa de tanto sacrifício? Pensaram eles. Ainda tinham de aprender a lição perdida por tantos e compreendida por tão poucos que a posse de tão louváveis atributos não santifica necessariamente tudo o que é feito. Isso pode conduzir uma pessoa a tentar fazer as coisas

certas da forma errada, como fizeram Abrão e Sarai e todos aqueles que estão na fase de *Romanos 7*.

Em ambas as situações, a tentativa é produzir vida a partir da que já existe, mas isto é impossível, porque a necessidade real é colocar vida onde *ela não existe*. Só Deus pode fazer isso. Portanto, a fé tem que ir além do necessário para deixar parentes, amigos e país; para além da crença nas verdades da Palavra de Deus, apesar da importância que isso tem; e a convicção de que Deus no fim vai salvar-nos. Ela tem de subir ao ponto em que aceita a certeza de que Deus pode e irá colocar a vida onde há morte.

Pode levar um longo tempo para um candidato à vida eterna chegar a este nível. Depois do esquema inicial de Abrão e Sarai para conceber um filho, passaram treze anos de silêncio divino durante os quais continuaram a cuidar daquilo que era o produto das suas próprias obras. Este intervalo foi necessário para que algum sentido de futilidade pudesse penetrar a confiança desse casal. Da mesma forma é permitida a continuação da experiência de *Romanos 7* até ao momento em que o pecador em luta fique consciente de que a vitória não vem por este meio.

Então veio Deus a Abrão novamente e reiterou a promessa de aliança. No mesmo ponto falou do significado do rito da circuncisão que foi introduzido nesta altura.

Com esta cerimónia, Deus estava a ensinar a Abraão, como era chamado agora, que havia usado o instrumento da sua carne indevidamente na sua busca por justiça. Essa carne devia ser agora ser circunscrita, ou reencaminhada para o verdadeiro serviço de Deus. Abraão devia renunciar absolutamente a todo o interesse em Ismael como filho da promessa, tinha de deixar para trás todos os esforços para alcançar a justiça pelos seus próprios esforços e em seu lugar confiar no poder de Deus para fazer o que Deus tinha prometido fazer.

Era um ponto de transição na forma de Abrão procurar a justiça para a de Deus. Somente se Abraão e Sara compreendessem e aceitassem onde tinham errado e rejeitassem isso totalmente em favor do caminho de Deus, poderiam eles receber a promessa. O nascimento de Isaque dependia disso. Assim é com o homem em *Romanos 7*. Ele está lutando com todas as suas forças para fazer as obras da justiça, mas sem sucesso. De facto, produz algumas obras, descritas nas Escrituras como uma melhoria do antigo, mas esta não é a justiça que habita no Céu e na Nova Terra.

Abraão efectivamente aceitou a instrução que Deus lhe deu como é provado por dois eventos. Em primeiro lugar, precisamente no dia em que Deus lhe falou, realizou a obra de circuncidar-se a si mesmo e a todos os machos da sua casa.

“Tomou Abraão a seu filho Ismael, e a todos os nascidos na sua casa e a todos os comprados por seu dinheiro, todo macho entre os homens da casa de Abraão; e circuncidou a carne do seu prepúcio, *naquele mesmo dia*, como Deus falara com ele.” *Gênesis 17:23*.

O Seu acto foi um reconhecimento da sua parte de que no passado tinha abordado o problema de forma errada que as suas boas intenções e louvável zelo pela causa de Deus não santificaram o método utilizado. Agora ele aceitou plenamente o concerto onde Deus prometeu que *Ele* iria colocar a vida onde havia morte, tanto no corpo de Sara como em Abraão que se tornara impotente, para que o filho chegasse a eles como um dom de Deus e não como o resultado das suas próprias obras.

A segunda ocorrência que comprova isto é que Isaque nasceu devidamente, perto de um ano depois. Esta é uma prova concludente de que Abraão aceitou os termos da aliança e verdadeiramente testemunhado pelo rito da circuncisão, porque, se não tivesse, então Isaque não podia ter nascido.

O que Abraão passou, cada pessoa que por fim for salva também deverá passar. Nenhum incircunciso jamais entrará no reino de Deus. *Nenhum!* A referência aqui não é a circuncisão física pela qual um pedaço de pele é removido cirurgicamente, mas a experiência que este rito simboliza. Deus deixou absolutamente claro que ninguém que não se submeteu a esta ordenança poderá ter qualquer parte com Ele ou no Seu reino. No Antigo Testamento, fisicamente, a circuncisão era necessária como testemunho da experiência do *coração*, mas, desde a cruz, o símbolo exterior não é necessário. É triste que, para os judeus, o significado do acto tenha sido perdido, ao passo que o sinal físico foi considerado o mais importante e suficiente.

Mas quando o Senhor disse que nenhum incircunciso podia ter parte com Ele não estava a referir-Se ao sinal físico e exterior. Não existia nele qualquer virtude em particular. Era apenas o sinal duma condição do coração e atitude. Quando isto faltava, o sinal exterior nada significava e mesmo que a pessoa fosse circuncidada exteriormente, ainda não tinha parte com o Senhor. Israel, infelizmente, perdeu este ponto, de modo que *para eles* a presença do sinal exterior era tudo o que era necessário para fazer parte da família de Deus.

De harmonia com estes princípios, o Senhor especificou que ninguém podia participar da Páscoa sem primeiramente ser circuncidado. Quando o propósito e o significado da circuncisão é reconhecido e entendido, então a razão para ela é evidente. A Páscoa era o caminho de *Deus* para a salvação. Ninguém poderia receber os seus benefícios caso ainda mantivesse a disposição para resolver o problema da servidão através de qualquer vestígio de planeamento humano. Esta atitude tem de ser rejeitada e substituída com a determinação de fazer exactamente o que Deus disse para fazer, deixando o assunto da libertação para o poder e planeamento de Deus. Ele nada deixou que eles tivessem de fazer. Ele elaborou o plano e comunicou-o na sequência exacta e detalhada. Cabia-lhes a eles fazerem como haviam sido convidados a fazer sem adicionar ou excluir nada. Por conseguinte, tinham que entrar no programa já decididos a obedecer estritamente à vontade de Deus, Suas indicações e requisitos sem desvios, pois isso arruinaria a solução. Portanto, circuncisão, a total entrega da sua parte a este caminho de completa submissão às obras de Deus, tinha que preceder todos os outros passos no caminho para a liberdade.

A atenção do crente hoje deve estar centrada no facto que nenhum incircunciso pode ter qualquer parte na aliança eterna e portanto, nas bênçãos da salvação. Estudai para saber o que isto significa. Chegai à compreensão que a grande maioria das pessoas que pertence a uma igreja, tem um grande zelo pela causa de Deus, fizeram grandes sacrifícios pela verdade e renunciariam à própria vida se fosse necessário, ainda assim procuram alcançar coisas certas da forma errada. Sabei que não importa quão longe se possa chegar, a menos que *as obras próprias* sejam abandonadas e a salvação das almas entregue a Ele, o único que pode colocar vida onde há morte, não tereis parte no reino. Quando essas coisas estiverem compreendidas, avaliem onde estão e tomem então as medidas necessárias para garantir que, como um verdadeiro crente circuncidado, entram nas bênçãos do concerto.

O maior obstáculo que o Senhor tem de superar para levar a salvação ao perdido é este. Quantos são levados ao ponto onde está o homem de *Romanos 7* e depois não vão mais além? Incircuncisos de coração e vida lutam com toda a força das suas vontades para alcançar o que só Deus lhes pode dar. Na falsa certeza de que estão na família de Deus, estão a ser levados àquele dia em que virá a terrível conclusão que, incircuncisos de coração, serão achados sem o sagrado óleo nas suas lâmpadas, virgens loucas. Decidam todos não ser encontrados nesta situação.

## A Escolha do cordeiro

Uma vez cumprido o requisito da circuncisão, pelo qual a pessoa afirma a sua aceitação dos termos da aliança eterna, podem ser dados os passos seguintes. O primeiro deles foi a escolha do cordeiro em exacta conformidade com as especificações estabelecidas por Deus.

“E falou o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo:

“Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano.

“Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada família.

“Mas se a família for pequena para um cordeiro, então tome um só com seu vizinho perto de sua casa, conforme o número das almas; cada um conforme ao seu comer, fareis a conta conforme ao cordeiro.

“O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras.” *Êxodo 12:1-5*.

Nenhuma das etapas restantes poderia ter seguido se este passo não tivesse sido dado, porque não teria havido morte, nem o sangue teria sido espargido sobre as portas e não teria havido carne para a Ceia Pascal. Sem a protecção desse sangue teriam perecido nas suas casas nessa noite. Em vez da libertação teriam encontrado a morte nessa terra.

Faz pouco sentido estudar a Páscoa apenas do ponto de vista histórico. Ela foi-nos dada como uma “lição objetiva da redenção.” (DTN 46.1), “apontando... para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativeiro do pecado.” (PP 192.3). *O Desejado de Todas as Nações*, 77; *Patriarcas e Profetas*, 277. Por conseguinte, tem de haver uma correspondência do acontecimento histórico ou do tipo com o antítipo.

Ninguém terá a menor dificuldade em ver que o cordeiro simbolizava o Salvador. Cada cordeiro sacrificado no sistema cerimonial apontava para Cristo e o cordeiro Pascal não era excepção a esta regra. Paulo confirma isto com estas palavras: “Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.” *1 Coríntios* 5:7.

A escolha do cordeiro tem a sua contrapartida na aceitação de Cristo como nosso Salvador pessoal. Ele ofereceu-Se livremente para a nossa salvação, mas não pode avançar na obra da nossa libertação pessoal até que aceitemos a Sua oferta e Lhe entreguemos a obra.

Ninguém cometa o erro de supor que a escolha de Cristo para ser o Salvador é a salvação. Quando os israelitas seleccionaram o cordeiro, ainda não estavam livres. Era necessário que fossem dados outros passos para que isso pudesse ser cumprido. Semelhantemente, designar Cristo como nosso Salvador não é, naquele momento, a liberdade. Pelo contrário, permite que Cristo inicie o trabalho que agora Lhe entregamos de acordo com a gentil oferta que nos fez.

Há literalmente milhões na cristandade hoje que escolheram especificamente Cristo como seu Salvador do pecado. Reconhecem que precisam de salvação e sabem que não há Outro através de quem essa salvação possa vir. Por terem feito isso, descansam numa confiança de que têm a salvação que desejam, mas há que sublinhar que este é apenas o primeiro passo que, embora seja absolutamente essencial não é por si só a salvação.

## A Morte do Cordeiro

Aquele cordeiro, que foi escolhido, tinha de morrer e esta é a próxima etapa do procedimento. “E o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde.” *Êxodo* 12:6.

O grande antítipo deste acto de morte foi a morte de Cristo na cruz do Calvário. A crença e a confiança nessa morte, como a única propiciação possível pelos pecados dos homens, é um passo tão necessário da parte do crente como a escolha de Cristo para sacrifício no primeiro caso. Tão verdadeiramente como há milhões de pessoas que escolheram Cristo como seu Salvador, também há milhões que acreditam na morte de Cristo como a única expiação pelos seus pecados. A Cruz é o grande centro da sua pregação, o tema dos seus hinos e o objecto de seus escritos. Apenas temos de ligar o rádio ao domingo e especialmente na Páscoa ou Natal nas estações que emitem os serviços das igrejas, para ouvir esta exaltação da cruz dos lábios dos ministros na sua pregação e dos coros no seu canto.

Em princípio não há nada aqui que não devesse estar, porque a cruz deve ser sempre o centro de toda a pregação e vida. Paulo declarou “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.” *1 Coríntios* 2:2.

“Mas para Paulo, a cruz era o único objeto de supremo interesse. Desde que fora detido em sua carreira de perseguição contra os seguidores do crucificado Nazareno, jamais cessara de se gloriar na cruz.” (AA 136.3), *Atos dos Apóstolos*, 245.

Assim será com todo o verdadeiro cristão. “A cruz de Cristo é a coluna central sobre que repousa o ‘peso eterno de glória mui excelente’. *2 Coríntios* 4:17.” (AA 313.5), *Atos dos Apóstolos*, 560.

“Se os que hoje estão ensinando a Palavra de Deus, exaltassem a cruz de Cristo mais e mais, haveria muito maior sucesso em seu ministério. Se os pecadores forem levados a contemplar com

fervor a cruz, se alcançarem visão ampla do Salvador crucificado, reconhecerão a profundidade da compaixão de Deus e a malignidade do pecado. (AA 116.5)

“A morte de Cristo prova o grande amor de Deus pelo homem. É o penhor de nossa salvação. Remover do cristianismo a cruz, seria como apagar do céu o Sol. A cruz nos aproxima de Deus, reconciliando-nos com Ele. Com a enternecedora compaixão do amor de um pai, Jeová considera o sofrimento que Seu Filho teve de suportar para salvar a raça da morte eterna, e nos recebe no Amado. (AA 116.6)

“Sem a cruz não teria o homem união com o Pai. Dela depende toda a nossa esperança. Daí brilha a luz do amor do Salvador; e quando ao pé da cruz o pecador contempla Aquele que morreu para salvá-lo, pode rejubilar-se com grande alegria, pois seus pecados estão perdoados. Ao ajoelhar-se em fé junto à cruz, alcança ele o mais alto lugar que o homem pode atingir. (AA 116.7)

“Por intermédio da cruz aprendemos que o Pai celestial nos ama com amor infinito. Podemos admirar-nos de haver Paulo exclamado: ‘Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo’? Gálatas 6:14. É nosso privilégio também nos gloriarmos na cruz, nosso privilégio dar-nos inteiramente a Ele, como Ele Se deu por nós. Então, com a luz que jorra do Calvário a brilhar em nossa face, podemos sair para revelar essa luz aos que estão em trevas.” (AA 117.1), *Atos dos Apóstolos*, 209, 210.

A cruz então, tem de ser o centro de toda a pregação e ensino e nisto as igrejas não estão erradas.... Mas é um facto que a experiência viva da libertação não é conhecida nestas igrejas, excepto, talvez, por alguns indivíduos aqui e ali. Pode ser perguntado à luz dos testemunhos acima, por que é isso assim. A resposta é que há ainda muito a fazer antes da salvação ser experimentada. Aquilo que estas igrejas falham em percorrer e fazer o que precisa de ser feito, é a simples razão pela qual não experimentam a libertação da escravidão do pecado. Deve ser visto que lá atrás quando eles matavam aquele cordeiro exactamente como tinham sido instruídos a fazer tanto no tempo como no procedimento, ainda continuavam tão escravos na terra do Egipto como antes. Havia ainda mais a fazer antes do Faraó reconhecer que não estava mais sob o seu poder prendê-los e a menos que cada uma dessas coisas tivesse lugar, essa declaração nunca iria ser feita.

## O sangue de Aspergido

O sangue do cordeiro deve ser aplicado às portas das suas casas.... “E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem.” *Êxodo* 12:7.

Esse sangue sobre a porta era a marca de protecção. Quando o anjo da morte passou, onde quer que viu o sinal, o primogênito dessa casa foi poupado da morte. Este aspecto da cerimónia ensina a grande verdade que não fosse a protecção concedida pelo sangue de Cristo, cada um de nós hoje teria passado para o domínio da morte. Até mesmo os ímpios, em certa medida, são protegidos por esse sangue, embora no final pereçam. Ele protege-os pelo menos até terem a oportunidade de ouvir e decidir em relação ao Evangelho. Eles estão inconscientes desta protecção, mas no entanto ela está lá.

“Não podemos saber quanto devemos a Cristo pela paz e protecção de que gozamos. É o poder de Deus que impede que a humanidade passe completamente para o domínio de Satanás. Os desobedientes e ingratos têm grande motivo de gratidão pela misericórdia e longanimidade de Deus, que contém o cruel e pernicioso poder do maligno.” (GC 36.1), *O Grande Conflito*, 36.

Satanás é o grande destruidor e Deus é o Médico e Protector; o Dador da vida, não o homicida. Mesmo o Egipto tinha gozado a protecção de Deus da malícia do grande destruidor. Eles não sabiam isto, mas nas pragas que lhes sobrevieram nos dias de Moisés, estavam a receber uma demonstração dos resultados da retirada da protecção de Deus. Quando isso aconteceu, não havia nada que os salvasse da incursão da destruição, cujo derradeiro resultado era a morte. Uma e outra vez o Senhor os convidou a obedecer. Repetidamente recusaram. Como recusaram, Satanás reclamou-os como seus com o direito a destruí-los, mas o Senhor segurou o poder maligno do iníquo.

“Quando, porém, os homens passam os limites da clemência divina, a restrição é removida. Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam. Cada raio de luz rejeitado, cada advertência desprezada ou desatendida, cada paixão contemporizada, cada transgressão da lei de Deus, é uma semente lançada, a qual produz infalível colheita. O Espírito de Deus, persistentemente resistido, é afinal retirado do pecador, e então poder algum permanece para dominar as más paixões da alma, e nenhuma proteção contra a maldade e inimizade de Satanás.” (GC 36.1), *O Grande Conflito*, 36.

Os egípcios não compreenderam isto e quando o Senhor lhes mostrava no agravamento das pragas que vieram em rápida sucessão, continuaram a não aprender essa verdade. Mas, enquanto os egípcios não entendiam esta verdade, os israelitas sim, embora debilmente e tiveram o cuidado de colocar o sangue nas suas portas.

Por isso, hoje o mundo cristão está consciente da necessidade da protecção do sangue de Cristo entre si e o anjo da morte. É bom que se faça isso, mas a confiar na protecção desse sangue como sendo tudo o que é necessário para a libertação da escravidão é um grave erro e no final, eternamente fatal.

O erro comum mas trágico é cometido onde uma parte de um todo é tomada como a solução global do problema. O sangue de aspersão foi um elemento vital no plano da libertação, mas era apenas um passo entre seis. Para além dele havia ainda que comer o cordeiro e a morte do primogénito antes dos israelitas obterem a libertação da servidão.

A distinção entre essas duas etapas está ilustrada na acção do pai em relação ao filho pródigo. Quando o filho regressou vestido de trajes imundos e esfarrapados, o amoroso pai colocou imediatamente o seu próprio manto, limpo e completo, sobre todo o vestuário sujo do filho.

“O pai não permite que olhos desdenhosos vejam a miséria e as vestes esfarrapadas do filho. Toma de seus próprios ombros o manto amplo e valioso, e lança-o em volta do corpo combalido do filho, e o jovem soluça seu arrependimento, dizendo: ‘Pai, pequei contra o Céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho.’ Lucas 15:21. O pai toma-o consigo e leva-o para casa. Não lhe é dada a oportunidade de pedir a posição do trabalhador. É um filho que deve ser honrado com o melhor que a casa pode oferecer, e ser servido e respeitado pelos criados e criadas.” (PJ 104.2), *Parábolas de Jesus*, 203, 204.

É aqui onde a maioria dos religiosos de hoje param. Desde que o manto tenha sido colocado à volta das suas vestes sujas, sentem que têm a justiça de Cristo e que foram restituídos à família de Deus. Mas esta é apenas uma fase temporária no processo de restauração.

Logo que o filho foi trazido para a casa do pai foi ordenado que trouxessem as melhores roupas e o vestissem.

“O pai diz aos servos: ‘Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se.’ Lucas 15:22-24.” (PJ 104.3), *Parábolas de Jesus*, 204.

Os servos compreenderam claramente que esta ordem exigia que tirassem os trajes sujos nos quais o filho tinha regressado. Além disso, esta é a única forma em que uma mãe poderia lidar com um filho se ele chegasse a casa com roupa suja. A única ocasião em que a mãe cobriria de roupa limpa um filho vestido de roupa suja e molhada, seria se num dia frio estivesse longe de casa e houvesse o perigo de ficar constipado ou outra coisa pior. Como medida temporária, para proteger até serem adoptados os procedimentos adequados, um pai cobriria com uma veste limpa as roupas sujas do filho. Mas uma vez em casa, a troca seria feita.

Portanto, cobrir as roupas sujas do filho pródigo com uma veste limpa era apenas uma medida temporária até chegarem a casa onde uma troca correcta podia ser realizada. Uma vez chegados a casa do pai foi feita a mudança. Segundo *Parábolas de Jesus*, o que foi feito pelos servos neste ponto em total obediência à ordem do Pai, é mais plenamente explicado na parábola de Josué e o Anjo.

“Seu Pai celestial te tirará as vestes manchadas de pecados. Na bela profecia de Zacarias, o sumo sacerdote Josué, que estava em pé diante do anjo do Senhor, com vestimentas imundas, representa o pecador. E o Senhor disse: ‘Tirai-lhe estas vestes sujas. E a ele lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de vestes novas. ... E puseram uma mitra limpa sobre sua cabeça e o vestiram de vestes.’ Zacarias 3:4, 5. Assim Deus o vestirá de ‘vestes de salvação’, e o cobrirá com o ‘manto da justiça’. Isaías 61:10. ‘Ainda que vos deiteis entre rediz, sereis como as asas de uma pomba, cobertas de prata, com as suas penas de ouro amarelo.’ Salmos 68:13.” (PJ 106.1), *Parábolas de Jesus*, 206.

Não há libertação da escravidão no sangue de aspersão mas apenas protecção temporária até à entrada na completa experiência da justiça. Se o indivíduo não progride mais do que ficar à sombra do sangue da aspersão, nunca vai entrar na liberdade, nem herda o reino reservado aos livres.

Alguns podem querer argumentar que o regresso do filho pródigo à casa do pai é equivalente à nossa chegada ao Céu. Eles não têm dificuldade em acreditar que, nessa altura, as vestes sujas serão tiradas, mas alegam que o melhor que podemos esperar entretanto é fazer com que elas sejam cobertas pela justiça de Cristo.

Este não é o entendimento da Palavra de Deus. É *agora* que esta obra deve ser efectuada em cada um dos crentes. É *agora* que o despir a veste suja como retratado em Josué e o Anjo se aplica.<sup>3</sup>

Na referência à experiência de Israel no passado mostra que quando aspergiram o sangue, ainda não ficaram livres. Havia mais duas coisas para acontecer antes de poderem deixar a terra da escravidão e opressão. Também hoje, alguém pode acreditar muito seriamente em Cristo como o único Salvador; pode confiar na Sua morte na cruz como a única expiação pelo pecado; e pode estar sob a protecção da cobertura do Seu sangue para afastar as mãos do destruidor *e ainda assim estar na escravidão do pecado*. Salvo se, como fizeram os israelitas, dá os passos adicionais restantes, continuará escravo e no fim, estará eternamente perdido.

## Cristo no Interior

A carne do cordeiro teve de ser comida por aqueles que estavam protegidos pelo seu sangue protector.

“E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos; com ervas amargas a comerão.

“Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura.

“E nada dele deixareis até amanhã; mas o que dele ficar até amanhã, queimareis no fogo.” *Êxodo* 12:8-10.

Assim a vida do Cordeiro tornou-se a vida de quem a comeu.”A carne devia ser comida. Não basta mesmo que creiamos em Cristo para o perdão dos pecados; devemos pela fé estar recebendo constantemente força e nutrição espiritual dEle, mediante Sua Palavra. Disse Cristo: ‘Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue, tem a vida eterna.’ E para explicar o que queria dizer, ajuntou: ‘As palavras que Eu vos disse são espírito e vida’. João 6:53, 54, 63. Jesus aceitou a lei de Seu Pai, levou a efeito em Sua vida os princípios da mesma, manifestou-lhe o espírito, e mostrou o seu benéfico poder no coração. Diz João: ‘O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade’. João 1:14. Os seguidores de Cristo devem ser participantes de Sua experiência. Devem receber e assimilar a Palavra de Deus de modo que esta se torne a força impulsora da vida e das ações. Pelo poder de Cristo devem ser transformados à Sua semelhança, e refletir os atributos divinos. Devem

<sup>3</sup> Ver *Testimonies* 5:470-472. (ler texto no final da publicação em Estudo Adicional)  
Consulte também *Enfrentando o Julgamento. Quem estará pronto?* Por F. T. Wright

comer a carne e beber o sangue do Filho do homem, ou não haverá vida neles. O espírito e a obra de Cristo devem tornar-se o espírito e obra de Seus discípulos.” (PP 193.3), *Patriarcas e Profetas*, 277, 278.

A ordem da ceia Pascal em relação aos outros eventos da série é muito importante. Aqui está ordenada antes da morte do primogénito, mas a verdade é que foi antes e durante o seu desenrolar.

O cordeiro foi morto ao início da noite. Em seguida o sangue tinha de ser espargido sobre as portas, a carne preparada e cozinhado inteiro sem quebrar um único osso.

“O cordeiro devia ser preparado em seu todo, não lhe sendo quebrado nenhum osso; assim, osso algum seria quebrado do Cordeiro de Deus, que por nós devia morrer. Êxodo 12:46; João 19:36. Assim também representava-se a inteireza do sacrificio de Cristo.” (PP 193.2), *Patriarcas e Profetas*, 277.

Nos fogões de cozinha primitivos que eles tinham naqueles dias, levaria de quatro a seis horas para assar um cordeiro inteiro. A ceia Pascal deve ter-se iniciado muito perto da meia-noite. Assim eles teriam de estar a comê-la antes, no momento e imediatamente após a morte do primogénito. Que ainda estavam a participar dela no momento da morte do primogénito é confirmado por estea testemunho.

“E enquanto este símbolo estivesse fora como um sinal, e eles comendo o cordeiro, assado inteiro, com ervas amargas, no interior, o anjo de Deus passaria pela terra do Egipto fazendo a sua terrível obra, matando o primogénito do homem e o primogénito dos animais.” *The Spirit of Prophecy* 1:199.

A participação do cordeiro Pascal pretendia transmitir aos israelitas a plenitude da maravilhosa verdade “Cristo em vós a esperança da glória.” *Colossenses* 1:27. Nesta lição é revelado muito mais do que o recebimento da vida de Cristo na experiência do novo nascimento. É também revelada a necessidade de nutrição e educação pelo alimento na Palavra escrita.

Estes dois aspectos são tornados claros pela luz contida no princípio da semente. Deus estabeleceu neste mundo a lei que a única forma de começar a vida logo depois da criação inicial estar completa, seria através do implante de semente. Não há organismo, seja ele animal ou vegetal, répteis, aves, insectos ou humano que não inicie a vida através de implantação de semente. Esta é a lei e Deus não a violará. O resultado é que nunca houve um único exemplo na história em que uma forma de vida se iniciasse doutra forma. Por conseguinte, excepto Adão e Eva que são os únicos seres humanos criados, cada um de nós é um ser gerado que brotou duma semente.

Quando Deus colocou Adão e Eva no Éden, deu-lhes o poder de serem portadores de semente, para que através deles e dos seus descendentes, houvesse possibilidades ilimitadas para a multiplicação da espécie humana. Cada um desses descendentes seria uma reprodução fiel dos pais, pois é a lei que os portadores se transmitem a si próprios através das suas sementes. Por conseguinte, enquanto houvesse a justiça e a vida em Adão e Eva, teriam passado estas bênçãos maravilhosas aos seus filhos. Mas antes de nascerem quaisquer filhos ou filhas, apareceu o pecado e a morte entrou neles. Depois, em todos os que receberam a semente de Adão, reinará o pecado e a morte até que Cristo os liberte. A salvação da escravidão espiritual está acessível hoje, enquanto a libertação física será realizada no segundo advento.

“Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” *Romanos* 5:12.

Isto esclarece a questão no que respeita à “inocência” dos recém-nascidos. Alguns acham que por causa do bebé nunca ter tido a oportunidade de cometer realmente um acto consciente de pecado é perfeito e imaculado quando entra no mundo. Isto não pode ser assim pois é descendente de Adão em quem estava o pecado e a morte. Nenhum de nós pode fugir a essa hereditariedade. Obtivemos a existência através da semente de Adão na qual está o pecado e a morte. Por conseguinte, todos nascemos já com o pecado e a morte em nós.

A grande necessidade humana é então mais do que um simples perdão. A necessidade é de vida. Um homem morto perdoado não é melhor do que um homem morto não perdoado. Há casos em que homens foram injustamente condenados à morte por um crime que nunca cometeram. Anos mais tarde os casos foram reabertos porque vieram à luz novas provas ou foram feitas confissões. Um

homem pode ser considerado inocente, os registros que o condenavam eliminados e alguma restituição aos seus familiares sobreviventes. Mas nada disto lhe fez qualquer bem. Ele nem sequer sabe coisa alguma sobre o seu perdão e certamente não é capaz de desfrutar quaisquer vantagens de seu novo estatuto. Aquilo de que o homem necessita para juntar ao perdão, é o dom de uma vida nova para substituir a que lhe foi tirada. Mas aqueles que tiraram a sua vida não têm poder para a restituir. Por conseguinte, o dom do perdão não é nada para ele.

Da mesma forma, se Deus nos oferecesse somente o perdão, seria inútil. Temos de ter o dom da vida para substituir a que foi perdida. Como a lei estipula que a única fonte a partir da qual a vida pode ser obtida é por uma semente, então é necessário que exista a semente onde a vida e a justiça estejam presentes. Isto, por sua vez necessita de um dador de semente que a produza. É claro que não há ninguém na família humana assim, porque em todos habita a herança do pecado e da morte.

A humanidade tem uma sorte inexplicável por haver um portador de semente que tem em Si a justiça e a vida e que está disposto a dar a Sua semente aos perdidos. Para isso teve de se tornar membro da família humana, porque a lei exige que o matrimónio preceda a implantação da semente. Cristo é o maravilhoso portador de semente que tomou o lugar de Adão, para que todos aqueles que recebam a semente de Cristo, recebam desse modo a Sua vida e a justiça e tenham a esperança da glória. É através da implantação da semente de Cristo em nós pela operação milagrosa do Espírito Santo que é o divino jardineiro que Deus nos dá a vida que substitui a perdida por Adão.

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho.

“Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.” *1 João 5:11, 12.*

O único lugar onde esta semente pode ser obtida é de Cristo. Nem mesmo das Escrituras. Os fariseus nos dias de Cristo cometeram o erro de a procurar na Palavra escrita e o Salvador mostrou-lhes claramente o seu erro. Ele disse-lhes:

“Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam;

“E não quereis vir a mim para terdes vida.” *João 5:39, 40.*

Assim Cristo instruiu os que tinham ido à Palavra para encontrar o que não podia ser encontrado ali, enquanto, por outro lado tinham falhado em vir a Ele em busca da vida que só podiam receber d'Ele. Isto não nega que há vida nas Escrituras, mas é uma força de vida destinada a realizar um trabalho diferente da vida que está em Cristo. É muito importante que estas distinções sejam claramente compreendidas.

O princípio é ilustrado pela semente da terra. Para geração e sustento da vida humana há dois tipos diferentes de sementes necessárias e em ambas há vida. Em primeiro lugar há a semente humana, projetada por Deus para começar novas vidas humanas. Depois há as sementes, leguminosas, as oleaginosas e grãos que nunca podem dar início à vida humana, mas são essenciais para o seu alimento depois de iniciada. Ambas têm o seu lugar e devem ser utilizadas para os fins projectados por Deus.

Nenhuma mulher, por comer sementes, iria alguma vez tornar-se mãe. Mas, se receber a semente do marido conseguiu-la-á. Depois do bebé nascer, tem de ser alimentado com a vida contida nas sementes alimentares ou nas plantas que nasceram das sementes semeadas.

Por isso há a semente da vida que só pode ser encontrada em Cristo e há a semente da Palavra encontrada nas Escrituras. Em ambas há vida, mas nenhuma quantidade de alimento da Palavra dará a vida que só pode ser adquirida a partir de Cristo. Uma vez adquirida essa vida, é essencial alimentá-la nas Escrituras para um constante e vigoroso crescimento.

Um terceiro factor que não deve ser esquecido é que a Palavra também é um livro de instrução. Cristo disse, “são elas que de mim testificam.” *João 5:39.*

Todas essas coisas estão simbolizadas no comer o cordeiro da Páscoa. Antes da libertação da escravidão ser possível, o candidato à salvação deve alimentar-se nas Escrituras como um livro de instrução ensinando o caminho de Deus para a libertação. Ao mesmo tempo a sua fé tem de ser alimentada para crescer ao ponto de ser capaz de acreditar na purificação e implantação de nova vida oferecida no lugar da velha, a vida que está unicamente em Cristo e que não pode ser obtida de nenhuma outra fonte além desta.

Então, começada a nova vida, precisa de ser alimentada continuamente da vida de Cristo como ela se encontra na Palavra para alimentar, desenvolver e sustentar o precioso dom.

Para que a Páscoa fosse uma parábola exacta da redenção, estes vários aspectos da transmissão e sustento da vida tinham de estar ilustrados na ceia do Cordeiro. E estavam.

O povo comeu o cordeiro antes da morte do primogénito para ilustrar o alimento da Palavra como um livro de instrução e como um construtor de fé *antes do primogénito morrer*. Continuar a comer dele, mesmo quando o anjo da morte destruía os egípcios, simbolizava o recebimento da semente de Cristo e assim tornar-se um crente recém-nascido. Mas a alimentação na Palavra não deve parar neste ponto. Por isso, todos os anos participavam da festa novamente para ensinar a contínua necessidade de receber a Palavra dadora de vida como Jesus disse:

“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida.” *João 6:63*.

A primeira Páscoa foi a única em que o primogénito morreu e a refeição foi comida enquanto eles estavam totalmente prontos para a viagem. Se estes elementos tivessem de ser repetidos todos os anos, simbolizaria a mensagem que o velho homem tinha de morrer e o crente renascer muitas vezes. A libertação da servidão, a morte do velho homem e o nascimento da vida de Cristo no interior, é uma experiência que ocorre apenas uma vez na vida. Depois disso, a fim de nutrir e desenvolver a nova vida, deve haver uma contínua participação do alimento fornecido por Cristo na Sua Palavra escrita. Isso é feito numa condição de liberdade da servidão e ausência do velho homem, a descendência de Satanás. Esta é a situação exactamente prefigurada nas subsequentes Páscoas diferente da primeira.

Um exame do parágrafo de *Patriarcas e Profetas* confirma que ambos os aspectos da nutrição em Cristo estão simbolizados pelo comer o cordeiro. A primeira metade do parágrafo fala distintamente de “...constantemente força e nutrição espiritual dEle, mediante Sua Palavra.” Esta é a assimilação da vida das Escrituras que deve preceder e suceder à experiência do novo nascimento. Notai a redacção muito cuidadosamente:

“A carne devia ser comida. Não basta mesmo que creiamos em Cristo para o perdão dos pecados; devemos pela fé estar recebendo constantemente força e nutrição espiritual dEle, mediante Sua Palavra. Disse Cristo: ‘Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue, tem a vida eterna.’ E para explicar o que queria dizer, ajuntou: ‘As palavras que Eu vos disse são espírito e vida.’” (PP 193.3), *Patriarcas e Profetas*, 277.

Mas o simbolismo não é deixado aí. A segunda metade do parágrafo descreve o facto de que a vida do próprio Cristo deve tornar-se a vida do crente. Nota expressões como:

“‘O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós....’” (Paulo torna claro que *habitar entre nós é habitar em nós*.) “... devem ser transformados à Sua semelhança, e refletir os atributos divinos.”

Esta transformação nunca pode ser alcançada simplesmente pela alimentação na Palavra escrita e pela busca da vida de Cristo ali. O crente tem de receber a semente da vida que só se encontra no próprio Cristo e que pode ser implantada apenas depois da erradicação do velho homem, o descendente de Satanás. Com estes factos em mente consideremos a última metade do parágrafo.

“Jesus aceitou a lei de Seu Pai, levou a efeito em Sua vida os princípios da mesma, manifestou-lhe o espírito, e mostrou o seu benéfico poder no coração. Diz João: ‘O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e verdade’. João 1:14. Os seguidores de Cristo devem ser participantes de Sua experiência. Devem receber e assimilar a Palavra de Deus de modo que esta se torne a força impulsora da vida e das ações. Pelo poder de Cristo devem ser transformados à Sua semelhança, e refletir os atributos divinos. Devem comer a carne e beber o sangue do Filho do homem, ou não haverá vida neles. O espírito e a obra de Cristo devem tornar-se o espírito e obra de Seus discípulos.” (PP 193.3), *Patriarcas e Profetas*, 277, 278.

Assim este parágrafo dá ao comer o cordeiro um significado mais amplo do que o recebimento da vida de Cristo na experiência do novo nascimento. Ele também simboliza que o crente a recebe o alimento para sustento da vida de Cristo através da sua Palavra, as Escrituras. A primeira é uma

única experiência na vida enquanto a última deve ser diária e contínua. Na Páscoa, ambos os aspectos são maravilhosamente representados com o tempo em relação aos outros eventos de modo exacto.

## A Outra Morte

Entre servidão e a liberdade dos israelitas houve duas mortes. A primeira foi a morte do cordeiro, a segunda a dos primogénitos do Egipto. Há uma lista de contrastes entre estas duas.

- O cordeiro era submisso; o primogénito não queria morrer.
- O carneiro era sem mancha; o primogénito deformado pelo pecado.
- O carneiro era inocente; o primogénito culpado.
- O cordeiro morreu pelos outros; o primogénito não podia fazer isso.

Não há dúvida de que a morte do cordeiro foi bastante real. Não foi uma morte simulada. O mesmo é verdadeiro na morte do primogénito. Foi uma morte tão real como qualquer outra. Somente quando estas duas acontecessem podiam os israelitas saírem em liberdade. Essa segunda morte era tão essencial para a sua libertação como a primeira. Isso é facilmente comprovado considerando simplesmente o que teria acontecido se tivessem cumprido fielmente os cinco primeiros passos da circuncisão até comer o cordeiro, sem o primogénito morrer. Teriam permanecido em servidão tão completamente como se não tivessem feito nada.

Como tudo isto é uma lição da redenção, é de esperar que aquilo que foi no tipo seja encontrado no antítipo. Por outras palavras, assim como houve duas mortes entre a servidão e a libertação física, assim haverá duas mortes entre a servidão e a libertação espiritual. Serão encontrados os mesmos contrastes entre os dois e *não haverá livramento até a segunda morte ter lugar.*

Esta é a verdade que deve ser compreendida, aceite e vivida por todos os que no final serão salvos. É que: *Não pode haver libertação da escravidão para a liberdade espiritual da família de Deus, a menos que a segunda morte tenha acontecido.* É impossível aceitar a Páscoa como uma lição objectiva da redenção divinamente dada e, ao mesmo tempo negá-la. Omitir esta segunda morte no ensinamento do Evangelho é ignorar a posição dominante e lugar significativo que ela ocupa no serviço típico, enquanto rejeitar ou negar, requer uma rejeição da Páscoa como uma revelação do Evangelho.

Tenho visto a verdade destas afirmações suportadas pelos factos. Certa ocasião quando um determinado ministro estava a desafiar o meu ensinamento do Evangelho, entrámos numa discussão sobre a questão da segunda morte. Fiz-lhe referência à clareza da lição objectiva da Páscoa como prova da necessidade vital deste acontecimento. Ele sorrindo observou que eu tinha uma notável imaginação para ser capaz de ver um paralelo do Evangelho naquilo que era, na sua opinião, nada mais do que um relato de acontecimentos históricos. Sorrindo ele maravilhou-se que eu retirasse deles antítipos espirituais.

Este ensinamento não é, naturalmente, proveniente apenas desta experiência. No Antigo Testamento ele tende a ser revelado numa forma pictórica, ao passo que no Novo, é mais pela palavra. *Romanos 6:6* é uma dessas referências.

“Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.”

### No Egito

#### Há Seis Passos ENTRE A ESCRAVIDÃO

1. Tinham que ser circuncidados.
2. Tinham que escolher o cordeiro.
3. Tinham que matar o cordeiro.
4. Tinham que espargir o sangue.
5. Tinham que comer o cordeiro.
  
6. O primogénito do Egito tinha que morrer.

#### E A LIBERDADE

Se tivessem realizado os passos de 1 – 5 sem falhas sem o primogénito morrer, teriam permanecido na escravidão *como se absolutamente nada tivesse sido feito.*

#### SÃO NECESSÁRIAS DUAS MORTES Cada Uma Tem De Ser Tão Real Quanto A Outra

O CORDEIRO	O PRIMOGÉNITO
O Inocente	O Culpado
O Salvador	O destruidor
O Puro	O Impuro
O Justo	O Pecaminoso

Por Isso

**Há Seis Passos  
ENTRE A ESCRAVIDÃO ESPIRITUAL**

1. Temos que desistir das nossas próprias obras.
  2. Temos que escolher Cristo.
  3. Temos que confiar no Calvário.
  4. Temos que ficar sob a protecção do seu sangue.
  5. Temos que nos alimentar da Sua Palavra.
6. O nosso primogénito – a mente carnal – tem de morrer.

**E A LIBERDADE**

Se fizermos as etapas de 1 – 5 sem realizar a segunda morte, ficaremos na servidão tão completamente *como se absolutamente nada tivesse sido feito*.

**SÃO NECESSÁRIAS  
DUAS MORTES  
Cada Uma Tem De Ser Tão Real Quanto A Outra**

<b>CRISTO</b>	<b>A MENTE CARNAL</b>
O Inocente	O Culpado
O Salvador	O destruidor
O Puro	O Impuro
O Justo	O Injusto

Este versículo constitui uma perfeita síntese da lição ensinada pela Páscoa. Ele também declara que deve haver duas mortes, a de Cristo e a nossa, antes do serviço ao pecado poder ser quebrado. A primeira parte do versículo anuncia a crucificação do velho homem juntamente com Cristo, para que o corpo do pecado seja destruído. Assim é salientado que a morte do velho homem através da crucifixão é tão real quanto a do Salvador que morreu da mesma maneira. Isso compara-se com a morte dos primogênitos do Egito cuja destruição foi tão completa como a do Cordeiro. Assim na primeira parte de *Romanos* 6:6, são mostradas duas mortes tão seguramente como as que estão na Páscoa.

Era necessário que houvesse duas na antiga libertação para que eles pudessem escapar da escravidão egípcia. Paulo mostra claramente que o objectivo destas duas mortes, a de Cristo e a do nosso velho homem, é que já não temos de servir ao pecado, que, por outras palavras, é ser liberto da escravidão para a liberdade.

Só se pode concluir destas evidências que não há salvação do pecado ou deste mundo a menos que estas duas mortes se tornem uma realidade prática na experiência do crente. Por conseguinte, é indispensável que cada pessoa compreenda esta verdade. Todos têm de saber o que é que o primogénito do Egito simboliza e como é imolado para que a libertação da servidão possa ser obtida. Falhar em fazer o esforço necessário para obter esse conhecimento resultará na morte da alma por falta dele.

Uma comparação da Páscoa com *Romanos* 6:6, mostra rapidamente que o primogénito do Egito encontra a sua correspondência espiritual no velho homem. Eles têm que ser uma e a mesma coisa, nem poderia ser encontrado um símbolo mais apropriado para o velho homem do que o primogénito, pois isso é exactamente o que o nosso velho homem, o nosso *primo*-génito.

Tal como decerto o primogénito do Egito não poderia sair com os israelitas, do mesmo modo o cristão não pode ter o velho homem consigo no caminho cristão. É o segundo nascimento ou nova vida que segue com o crente.

O conceito geral é que o velho homem é o corpo de carne e sangue e que o novo homem é sobreposto ao velho de modo que os dois saem da terra do pecado juntos. Esse pensamento dá ao velho homem uma qualidade carnal e ao novo homem uma qualidade espiritual. Mas esta não é a verdade revelada nas Escrituras. Tanto o velho como o novo são espirituais. Nenhum deles é a carne que é uma terceira e distinta entidade.

Esta é a verdade que Cristo procurou ensinar a Nicodemos e que ele teve tanta dificuldade em compreender. A este homem o Salvador disse: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.” *João* 3:3.

O pensamento do régulo não ia acima do nível físico como é revelado pela sua resposta com a pergunta: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” Versículo 4.

Cristo passou a explicar-lhe que o nascimento a que Ele se estava a referir era um nascimento espiritual efectuado pela água e pelo Espírito. A água era o símbolo da purificação do velho enquanto o Espírito, era o poder pelo qual a nova vida é implantada no lugar da velha.

Nicodemos teve uma grande luta para compreender a natureza desta nova vida apesar de ser um líder religioso no movimento que Deus tinha chamado e instruído. Seria um erro repousar calmamente na garantia de que estamos mais esclarecidos do que ele e podemos ver muito claramente o que ele não conseguiu ver. Durante anos eu imaginava que entendia o que Cristo lhe ensinou, mas só recentemente compreendi que afinal me tinha escapado o entendimento. Foi para mim uma esmagadora advertência, para não tomar meu pensamento demasiado certo no futuro.

O meu ponto de vista tinha sido de que o nosso primeiro nascimento era o aparecimento físico neste mundo através dos nossos pais e mães e que o segundo nascimento era o nascimento espiritual através do ministério do Espírito Santo que era adicionado ao primeiro. Comparando apontamentos com outras pessoas, rapidamente se conclui que esta é a comum e praticamente universal compreensão das palavras de Cristo.

Mas Cristo não estava a falar disso. O primeiro nascimento é um nascimento espiritual do qual nem Deus nem o homem são os pais. Deste, Satanás é o pai. Na pregação do Evangelho, muito se diz sobre o cristão ser um filho de Deus, mas pouco se alguma coisa é claramente ensinado que antes de ser filho de Deus, há a filiação com Satanás. Satanás é o nosso primeiro pai *espiritual*. Deus só se torna nosso pai, quando Satanás é privado desse papel pela morte do seu descendente, o velho homem do pecado.

Só os seres humanos podem preencher a posição de pais do nosso corpo físico porque Deus ordenou que entrássemos no mundo desta forma. Ele poderia criar cada um de nós como fez com Adão e Eva no Jardim, mas Ele não procede assim. Ele deu-lhes o poder e a obra da reprodução de outros seres humanos e estes, por sua vez, outros. Este poder nunca foi dado aos anjos. Por conseguinte, Satanás não pode reproduzir-se a si mesmo fisicamente. Sabemos isto pela autoridade das palavras de Cristo:

“E Jesus, respondendo, disse-lhes: Porventura não errais vós em razão de não saberdes as Escrituras nem o poder de Deus?

“Porquanto, quando ressuscitarem dentre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que estão nos céus.” *Marcos 12:24, 25*.

Mas enquanto Satanás não tem poder para se reproduzir fisicamente, é capaz de fazê-lo espiritualmente, implantando no interior do corpo físico do ser humano, os seus maus atributos. Uma vez que estas coisas se tornem uma parte viva de nós, o diabo assiduamente cultiva-as com a maior intensidade possível. Nos casos dos líderes judeus no tempo de Cristo, ele foi estrondosamente bem-sucedido, levando Cristo a atribuir-lhe a sua ascendência espiritual para eles.

“Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.” *João 8:44*.

Cristo não estava a ser meramente retórico quando disse estas palavras. Ele estava a falar de factos, pois quando disse que Satanás era o pai deles, queria realmente dizer isso. Satanás era de facto o pai deles. Para apoiar a Sua afirmação, Cristo referiu-lhes a presença neles da reprodução do próprio Satanás. Satanás era um mentiroso e um homicida e isso também eles eram.

Existem duas maneiras pela qual uma pessoa pode tornar-se o pai de outra. Uma é pela adopção e a outra pelo processo de reprodução. Raramente existe qualquer dificuldade em determinar qual é qual em determinado caso. A criança adoptada não terá a semelhança de seu pai adoptivo. Eles podem ser na verdade, muito diferentes ao ponto de terem a cor de pele diferente como é no caso de um pai Europeu adoptar uma criança africana.

Quando um homem se torna pai reproduzindo-se a si próprio numa criança, o filho não pode deixar de ser como o pai. Eles terão a mesma cor da pele, semelhanças físicas, aptidões gerais, talentos e assim por diante. Quem observa os dois juntos imediatamente concluirão que um é filho do outro.

Com base nestes factos, é simples determinar a resposta à questão de saber se os fariseus, dos dias de Cristo, eram filhos de Satanás por adopção ou por reprodução. (Lembre-se cada leitor que a pergunta se refere à reprodução espiritual e não à física). A única pergunta que tem de ser feita é: Eram eles iguais ou diferentes dele nas suas naturezas espirituais?

Ao afirmar que eram filhos de Satanás, Jesus chamou a atenção para a semelhança entre eles e o diabo como prova de que eram. Por conseguinte, não eram filhos do diabo pela adopção mas por nascimento directo. Era assim porque eles ainda tinham o primogénito e ainda não tinham o segundo nascimento, porque é impossível ser nascido de Deus e de Satanás ao mesmo tempo.

Esta situação não era exclusiva deles. É a condição de cada pessoa nascida neste mundo. Entramos com uma vida física transmitida pelos nossos pais terrenos e a vida espiritual impregnada em nós pelo nosso pai, o diabo. Isto é assim porque no jardim do Éden o nosso pai Adão nos entregou a todos ao diabo quando se rendeu ao domínio de Satanás. A partir do momento em que entramos neste mundo, o diabo busca continuamente desenvolver estes males à sua maior intensidade e eficiência. Este poder do pecado dentro de nós tem muitos nomes na Escritura, tais como o primogénito, o velho homem, o corpo do pecado, o coração de pedra, lepra, e outros, é um

senhor que domina sobre a mente e o corpo para fazer a sua vontade contra a vontade e desejos da pessoa.

Esse primogénito tem de morrer como em verdade aconteceu ao primogénito do Egipto e ser substituído por uma nova vida nascida de um novo pai, o Pai celeste. Só quando isso for feito pode a partida da terra do pecado e da servidão ser iniciada.

## **Existem Seis Passos**

Descrito no serviço da Páscoa e confirmado pelo ensinamento da Escritura, são seis os passos concretos e indispensáveis entre servidão e a libertação. É essencial que todo aquele que deseja obter a salvação de Deus compreenda exactamente o que está envolvido em cada um e em seguida se aproprie das provisões de cada etapa na sua ordem.

É uma coisa triste ver poderosas igrejas darem apoio à apresentação de uma série incompleta de passos como caminho total para a salvação. Isto dá a impressão de que elas são verdadeiramente uma religião baseada na Bíblia, porque fala da escolha de Cristo como único Salvador, apresentam a eficácia do Calvário, exaltam o poder do sangue da aspersion para proteger do destruidor e ensinam que todos devem ter a vida de Cristo no interior. Esta impressão fortalece a falsa garantia de que têm o caminho da salvação, quando a verdade é que se qualquer um desses requisitos não esteja cumprido, então a pessoa permanece na servidão tão completamente como se nada tivesse sido feito. Era isso que teria acontecido no Egipto e é isso que acontece a milhares e dezenas de milhares de pessoas que são levadas a crer que uma provisão parcial atinge uma salvação total.

É Deus que tem misericordiosamente planeado uma solução para o problema da servidão. O homem não pode fazê-lo. Por conseguinte, é deixado a cada um de nós aceitar exactamente *o que Deus indicou*. Qualquer tentativa da nossa parte para sobrepor especificações ou omitir qualquer secção só pode arruinar toda a fórmula e assegurar a condenação eterna.



# Capítulo 6

## Distinções Fundamentais

---

[Voltar ao início](#)

A compreensão das distinções é vital para um conhecimento seguro da verdade. Jesus fez uma distinção quando disse aos fariseus que, enquanto eles eram filhos do diabo, Ele era Filho de Deus. Ao mesmo tempo, reconheceu que tanto eles como Ele eram filhos do homem. Assim, Ele referiu-se a três linhas de descendência, mas apenas tinha uma em comum com os pecadores dirigentes da Igreja Judaica. A única conclusão que se pode tirar destes factos é que, cada um de nós é filho do homem, para além disso somos filhos de Deus ou de Satanás. É impossível ter a descendência divina e a de satanás ao mesmo tempo. Ou somos filhos ou reprodução interior de Deus, ou é Satanás que habita no nosso corpo humano.

Porque os dois nunca podem habitar juntos na mesma pessoa ao mesmo tempo, a reprodução de Satanás que está sempre na pessoa em primeiro lugar, tem de morrer e ser erradicada da vida. Somente então pode o Espírito implantar a semente de Cristo no lugar onde estava a velha natureza. As Escrituras declaram esta verdade muito explicitamente, tanto que é difícil entender porque é tão amplamente negada.

“E lhes darei um só coração, e um espírito novo porei dentro deles; e *tirarei da sua carne* o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne.” *Ezequiel 11:19*.

“Assim que, se alguém está em *Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram*; eis que tudo se fez novo.” *2 Coríntios 5:17*.

Estas Escrituras juntamente com muitas outras não prometem a remoção da carne mas que é tirado aquilo que está *na* carne. Todos devem certamente saber que quando uma pessoa se torna filha de Deus, o seu corpo de carne e sangue não se torna uma nova criação. Se assim fosse, não ficariam sujeitos à morte. Porque “todas as coisas” que são passadas não fazem parte da vida recebida dos nossos pais terrestres, pois é claro que elas permanecem. O que é removido, é o que está *na* carne – a descendência do diabo, para que a nova criação espiritual possa substituí-la.

Falando de um modo geral, os religiosos não fazem distinção entre a carne e a natureza do mal que habita nessa carne. Ambas são vistas como a mesma coisa. Assim só vêem a existência de uma quando deviam ver duas. Esta é uma visão comum, mas eternamente fatal. Os judeus, viam apenas uma vinda de Cristo profetizada no Antigo Testamento, onde deviam ter visto duas. Como Cristo não veio no primeiro advento como esperavam, levados pela sua leitura das profecias do segundo advento, rejeitaram-n'O, separando-se assim da vida eterna.

Da mesma forma as igrejas protestantes falharam em ver a diferença entre a lei cerimonial e a moral. Quando lêem que a antiga foi abolida na cruz, concluem que toda a lei está envolvida e por isso rejeitam as obrigações dos dez mandamentos. Este é um erro fatal custando a todos os que se apegam a esse erro, a vida eterna.

Há outros que não tendo sido enredados por estes enganos são levados pelo erro que não há distinção entre a carne pecadora e a natureza espiritual pecadora que habita na carne.

É impossível ignorar estas diferenças e ao mesmo tempo crer no Evangelho em verdade. Inevitavelmente, tais falhas em fazer a distinção resultará numa posição teológica de harmonia com esta visão. Ninguém pode ver a natureza humana pecadora e o velho homem como sendo uma única entidade, e, ao mesmo tempo, crer na morte do velho homem. Não o podem fazer, pois a morte do velho homem seria a morte do ser humano. Se assim fosse então a conversão significaria o fim imediato desta jornada terrestre que por sua vez resultaria em não haver cristãos vivos na terra.

Alguns podem argumentar não há, ou jamais existiram, cristãos vivos na terra. Do mesmo modo, é geralmente entendido que para se tornar um cristão não implica despojar-se desta existência

terrena. Por conseguinte, é compreendido muito correctamente que a morte do velho homem não é a morte literal do ser humano. Isso é verdade, mas por causa de persistir a crença que a natureza humana é o velho homem, conclui-se que esta morte não é uma morte literal mas apenas uma alegoria, uma forma figurada.

Inevitavelmente, isto leva à conclusão de que o velho e o novo vivem juntos até o dia da ressurreição, quando o toque de imortalidade removerá para sempre a presença da pecaminosidade. Isto, evidentemente, tem a aparência de verdade, porque é correcto dizer que o novo homem viverá com a caída, pecamisosa, natureza humana até à segunda vinda de Cristo. Mas a natureza humana não é o velho homem do pecado. Portanto, não é verdadeira a afirmação de que o velho e o novo homem habitarão juntos até ao regresso de Cristo.

Sem excepção, quem acredita que as duas naturezas são uma, irá defender que *Romanos 7* é a verdadeira experiência cristã. Este facto é de tanta confiança que não é necessário perguntar o que a pessoa crê em relação às duas naturezas. Perguntai apenas se acredita em *Romanos 7* como sendo a experiência de um filho de Deus ou não. Se disser que sim, então saberá que ela não faz distinção entre a caída, pecadora, *natureza humana* e o velho homem do pecado. *Correctamente* verá que a luta diária dum mente determinada a servir a Deus contra o poder do senhor do pecado residente no interior, é a experiência descrita em *Romanos 7*, mas vai *incorretamente* classificá-la como experiência cristã.

Nesse ensinamento, o homem velho está realmente vivo e sempre pronto a levantar a sua feia cabeça para perseguir e vencer o homem lutador. Isso está em directa contradição com as Escrituras que testemunham que o homem velho é morto na cruz e assim destruído na vida dos verdadeiros filhos de Deus.

Ainda assim os que estão errados professam crer exactamente como a Bíblia ensina. Como então, explicam os textos que de forma tão clara e explicitamente falam da *morte e destruição* do velho homem? Não é a morte *o fim* da vida? Não priva ela a sua vítima da actividade e poder? Certamente que sim!

Então como é que pode ser ensinado que o homem velho vive, quando as Escrituras declaram que ele tem de morrer?

A fim de dar credibilidade a esta contradição bastante óbvia, os que ensinam esta falsa doutrina tratam esta morte como sendo apenas uma intenção metafórica ou simbólica e não real. O velho homem não é morto, teorizam, mas é subjudado ou mantido sob controlo.

Não há melhor ilustração deste tipo de pensamento do que a contida neste incidente. No Estado do Tennessee vivia um agricultor meu conhecido que foi e é um defensor activo desta falsa teoria. Um dia estava ele no campo a conversar com uma pessoa a quem queria influenciar para o Evangelho como ele o via. Na procura para comunicar o ponto que o velho homem não é realmente morto, apontou para um pequeno espinheiro que crescia do solo e comparou-o ao seu velho homem. Isto é uma cópia muito adequada, pois a Bíblia faz o mesmo. Como o espinheiro cresce do solo sem ser o próprio solo, assim o velho homem cresce no corpo humano sem ser a própria humanidade. Como o espinheiro pode ser arrancado do solo sem que ser removido ou alterado, de modo que o velho homem pode ser erradicado do corpo sem este ser alterado ou removido.

Mas este agricultor não estava a pensar em termos de arranque. Pelo contrário, colocou o pé firmemente no pequeno espinheiro, ocultando-o da vista e impedindo que ele rasgasse a sua carne com os espinhos. Informou o amigo que, da mesma forma, era necessário manter o velho homem em sujeição durante todo o dia. Mas quando a noite vinha e tinha de se retirar, esta guarda tinha de ser aliviada, explicou ele. O resultado era que o velho homem se erguia, tal como o espinheiro se levantou outra vez quando a bota foi removida. Isso exigia a reafirmação da sua força e do poder de Deus para o colocar novamente em sujeição no dia seguinte.

A parte mais incrível desta história é que foi um agricultor que lançou esta ideia no meio de um campo. Não era um procedimento que *ele* teria na exploração. *Ele* não iria sequer considerar ficar ali todo o dia a pisar o espinheiro. A única coisa que *ele* faria seria arrancar e destruir aquele espinheiro. É estranho que, no desempenho das tarefas diárias, os homens, sigam uma utilização racional e sensata mas em teologia, um procedimento sem suporte bíblico nem natural.

Para aqueles que acreditam como este agricultor, a conversão não é mais do que uma reorientação da mente e uma tentativa de redirecionar os poderes na vida. Nenhuma morte real tem lugar. O velho homem não é destruído. Ele está tão vivo como nunca e levantar-se-á de tempos a tempos para incomodar e aborrecer o crente.

Aquilo que ajuda a aceitar esta teologia é a nítida melhoria exterior no comportamento e atitude que a acompanha. Nela o crente abandona muitos proveitos, projectos e prazeres mundanos, frequenta a igreja, torna-se diligente no empenho missionário, apoia os programas da Igreja e de muitas formas segue um padrão de vida mais limpo. Isto dá a ideia de uma experiência cristã mas, de facto, é apenas uma melhoria modificada *da anterior*. Não pode ser outra coisa, porque esta teologia não prevê a remoção da real da vida espiritual. Portanto ela continua ali, de modo que quaisquer mudanças ou melhorias tem de ser da vida antiga. É possível alcançar este objectivo. Mesmo as pessoas não religiosas o fazem, muitas delas são modelos de cortesia e gentileza, embora não façam profissão de serviço a Deus.

Mas, embora a vida antiga possa ser definitivamente melhorada, ela nunca pode ir para o Céu, porque é a descendência do diabo. Somente a vida de Cristo pode retornar ao Céu.

“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu.”  
*João 3:13.*

Quando Cristo pronunciou estas palavras, não estava a negar a ascensão de Enoque, Moisés e Elias como alguns podem supor. Ele estava a dizer que só quando a Sua vida descer do Céu e entrar num homem poderia este ascender ao Céu. Isto confirma a verdade que a vida de Satanás em nós que nunca desceu do Céu, não pode em circunstância alguma voltar para lá. Por conseguinte, não serão modificadas melhorias da antiga vida que caminharão nas ruas de ouro, mas uma vida totalmente nova. Esta verdade deve ser compreendida por todos os que herdarem a vida eterna.

Se a justiça pudesse ser alcançada pelo cuidadoso redirecionamento e melhoria da vida e poderes existentes, então seria bom. Um feliz resultado seria a salvação de milhões mais do que os que irão recebê-la. Isto alegraria o Trio celestial que não deseja a perda de ninguém.

Mas não há rotas alternativas para o Céu. Não é que Deus tenha decretado arbitrariamente que assim seja, mas porque existe apenas um possível caminho através do qual o homem pode ser salvo. O pecado é um problema que exige uma solução que o homem não pode sequer começar a encontrar por si ou em si mesmo. Deus formulou uma e única resposta para ele. É necessário que o homem estude para compreender e aplicar o remédio. Não é da sua responsabilidade ver e escolher para modificar, alterar, reorganizar ou de alguma forma desviar-se da perfeição divina deste plano. Qualquer que passe o tempo nisto privar-se-á da vida eterna a si próprio e a todos os que se permitam ficar sob a sua influência.

Quando os israelitas saíram do Egipto, Deus não lhes ofereceu uma escolha entre vários procedimentos diferentes. Nem lhes pediu que dessem opinião de como iria ser feito. De nenhuma forma foram eles consultados, mas apenas instruídos a respeito do plano.

À luz disto, é evidente que devia haver só uma doutrina da salvação ensinada no mundo. Infelizmente não é assim. Os homens têm formulado procedimentos e teorias através dos quais acreditam regressarão ao Céu. Os que defendem um sistema, ou veemente condenem os dos outros, ou filosofarão que o objectivo final é chegar ao Céu, pelo que todos acabarão por lá chegar não importa o caminho que sigam.

“Eis aqui, o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias.” *Eclesiastes 7:29.*

Estas várias invenções têm uma coisa em comum. Todas elas propõem de uma maneira ou de outra tornar o pecador apto para o Céu, melhorando ou cobrindo a vida já existente. Isso nunca atinge a aptidão para o Céu pela simples razão que a vida antiga não é mais capaz de produzir os frutos da justiça do que o espinheiro de produzir frutos que se aproveitem. Esta verdade é salientada na Escritura.

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, *nem em verdade o pode ser.*” *Romanos 8:7.*

No nosso mundo existem apenas duas categorias de forças – aqueles que estão sujeitos a outros e os que não estão. Na última classe só podem ser mestres. Aqui a mente carnal é classificada como um poder que não só não está sujeita à lei de Deus nem é possível estar. Há alguns que argumentam que ela pode ser sujeita quando Cristo entra, mas não é isso o que as Escrituras dizem. Pelo contrário, é afirmado que não pode ser e por isso não será. Portanto, qualquer teologia que proponha trazer a salvação enquanto a mente carnal ali permaneça, é procurar o impossível. Certamente, uma solução desse tipo nunca teve origem em Deus.

Além disso, este versículo estabelece muito claramente a diferença ou distinção entre a mente carnal e o corpo, provando que eles não são uma e a mesma coisa. Há pessoas que têm dificuldade em ver isso porque a palavra “carnal” significa “a carne”, de modo que a tradução literal de “mente carnal” é “mente da carne”. Por conseguinte, a conclusão geral é que mente carnal ou da carne é a mente feita de carne e inclui a totalidade do organismo humano.

Mas deixai que se faça uma cuidadosa comparação entre o que as Escrituras têm a dizer sobre cada uma delas e será visto que existem diferenças entre elas que nunca podem ser comuns.

Em primeiro lugar é declarado que a mente carnal não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser. Então, aqui está uma mente que nunca vai ser obediente aos requisitos divinos, o que não é verdade acerca da carne e sangue do corpo. Não existe um cristão na história que tenha sido liberto nesta vida da caída, pecaminosa, natureza humana. Até Cristo estava possuído dela, mas esses homens e mulheres tementes a Deus serviram-n'O. As suas naturezas de carne fizeram a vontade de Deus.

Porque é possível à natureza carnal servir a Deus, Paulo apelou a todos para entregarem os seus membros como instrumentos de justiça e se recusassem a colocar os mesmos poderes da carne ao serviço do pecado. Aqui são as suas palavras:

“Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.” *Romanos 6:13*.

Então a mente carnal não pode ser obediente à lei de Deus, mas o ser humano ou natureza carnal pode. Por conseguinte, elas não podem ser a mesma coisa. Obter a vitória sobre o pecado e por fim a admissão ao Céu depende, entre outras coisas, da compreensão desta distinção. Tenham a certeza que o inimigo das almas que está bem consciente da importância disto, não quer que alguém a compreenda e trabalha incessantemente para toldar o assunto, tal como teve tanto sucesso em evitar que os judeus vissem as duas vindas de Cristo e os protestantes a duas leis diferentes.

Esta distinção era clara para os grandes pregadores do Evangelho. De facto, ninguém pode ser um verdadeiro pregador do Evangelho a menos que compreenda isso. Paulo destaca-se nesta categoria e em *Romanos 7* mostra sua firme compreensão do assunto.

“Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus;

“Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.” *Romanos 7:22, 23*.

É feita referência a diversos poderes em guerra entre si. Existe a lei da mente, a lei do pecado e os membros. Dos três, a supremacia é da lei do pecado que submete a pessoa em cativo segundo a sua vontade. Arregimentada contra esta servidão está a lei da mente onde é conhecido o que constitui a justiça juntamente com o desejo ardente de possuí-la. Os membros são os elementos físicos da natureza humana nos quais reside a lei do pecado.

Em parte alguma do versículo Paulo diz que a lei do pecado é os membros. Em vez disso, ele refere-se especificamente a ela como sendo algo *nos* membros, tal como a doença reside no corpo humano, alimenta-se dele e governa sobre ele.

A lei da vida que está em Cristo não é mencionada nesta escritura, pela simples razão que ela não se encontra no homem de *Romanos 7*. A vida de Cristo não pode entrar num homem carnal até a antiga mente carnal ser removida, um passo ainda não dado pelo homem descrito em *Romanos 7*. Por isso Paulo não menciona aquilo que ainda não existe ali. Quando ele passa para o ponto onde esta transacção é realizada como faz no capítulo seguinte, então já não fala da lei do pecado que está nos membros, mas da presença da vida de Cristo.

Com efeito está a ser argumentado aqui que aquilo que é chamado de *mente carnal* em *Romanos 8:7* é conhecido como *lei do pecado* em *Romanos 7:22, 23*. Existe valor neste uso diferenciado das descrições da mesma coisa, porque assim somos capazes de receber um esclarecimento mais abrangente da natureza deste poder e problema. Chamar-lhe a *lei* do pecado é outra maneira de o descrever como o *poder* do pecado. Chegar a esta conclusão requer o uso da mais simples lógica.

Nenhuma lei criada por alguém se torna alguma vez uma lei *de facto* a menos que aqueles que a produzem tenham o poder de a impor. Por conseguinte, a lei eficaz não pode ser dissociada do poder, pelo que devemos compreender que a lei do pecado é o poder do pecado. O versículo em si deixa isso muito claro, pois declara que esta lei do pecado traz todo o homem em cativo. Ela não poderia fazer isto a menos que tivesse o poder para o conseguir.

A *lei da mente* é uma referência aos processos do pensamento pelos quais são tomadas decisões e cada impulso da cidadela do intelecto posto em prática para chegar a estes ideais. Por muito forte que a mente seja, ela não tem comparação com o fortíssimo poder da lei do pecado nos membros. Não há excepções à regra de que alguém em quem o senhor do pecado reside está em cativo.

Os *membros* são os vários elementos do corpo humano no qual habita a natureza humana distinta da lei do pecado que mora na carne e domina sobre ele. Esta carne é um grande problema para o cristão que descobre que tem uma guerra contínua a travar contra as suas fraquezas, desejos, apetites e paixões. Porém ninguém confunda estas dificuldades com a mente carnal que não é a carne em si, mas um poder que reside nela e a controla contra a sua vontade. O que torna difícil fazer esta diferenciação é o facto de que estas duas naturezas se tornaram tão estreitamente interactivas que é frequentemente difícil ver o papel de uma contra a outra. Elas parecem misturar-se numa entidade.

Por causa destes problemas de identificação, o Senhor teve o cuidado de fornecer ampla ilustração da identidade e papel que estes poderes diferentes desempenham. Um dos mais simples destes é a doença. Cristo considerou a residência e domínio da doença na carne, sem ser a própria carne, como uma ilustração apropriada da presença e domínio do senhor do pecado. Cada milagre do qual as pobres vítimas da doença foram libertadas da presença e poder, foi uma ilustração do trabalho idêntico de salvar do pecado.

Houve uma ocasião em que o homem foi descido pelo telhado aos pés de Jesus para ser curado da paralisia, ao qual “Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, tem bom ânimo, perdoados te são os teus pecados.” *Mateus 9:2*.

Quando Jesus entendeu os pensamentos nos corações dos cegos e críticos fariseus, disse: “... Por que pensais mal em vossos corações?

“Pois, qual é mais fácil? Dizer: Perdoados te são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te e anda?” Versículos 4, 5.

Aqui Jesus declarou claramente que a obra de curar a doença e a obra de curar a doença do pecado, eram a mesma. Ambas eram de tal maneira o mesmo que ao fazer uma era como se estivesse a fazer a outra. Assim Jesus testemunhou para nós que o problema da doença no domínio físico e o problema do pecado no mundo espiritual, são idênticos, exigindo soluções idênticas. Se fossem diferentes na sua natureza e poder, exigiriam uma solução diferente para cada uma delas. Podemos aprender muito sobre a natureza do poder do pecado residente no interior pelo simples estudo da natureza da doença e do seu poder sobre o corpo humano.

“A obra de Cristo em purificar o leproso de sua terrível doença, é uma *ilustração* de Sua obra em libertar a pessoa do pecado.” (DTN 180.2), *O Desejado de Todas as Nações*, 266.

“Do singelo relato bíblico *da maneira em que* Jesus curava os doentes, podemos aprender alguma coisa acerca do modo em que devemos crer nEle para obter o perdão dos pecados.” (CC 50.1), *A Vereda de Cristo*, 50.

“Fomos, pelo pecado, separados da vida de Deus. Temos a alma paralítica.” (DTN 134.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 203.

“A enfermidade física, se bem que maligna e fundamente arraigada, foi afastada pelo poder de Cristo; a *enfermidade espiritual*, porém, firmou o império sobre os que fecharam os olhos à luz. A

lepra e a paralisia não eram tão terríveis quanto a hipocrisia e a incredulidade.” (DTN 184.3), *O Desejado de Todas as Nações*, 271.

“[O pecador] reconhece sua condição *enferma*, e procura remédio do grande Médico...” (PJ 147.1), *Parábolas de Jesus*, 280.

Estas declarações tornam claro que a doença é comparada ao pecado na alma e que o mesmo poder, a mesma fé e os mesmos procedimentos são usados para trazer libertação deste poder, como da doença física.

Estabelecido este ponto, está preparado o caminho para o estudo da doença como uma ilustração da presença da pecaminosidade na alma. Deste modo tornar-se-á muito claro que como a doença não é o corpo em si mas um poder que reside na carne, se alimenta dela e governa sobre ela, assim faz a mente carnal. A solução aplicada por Cristo no caso da doença é o seu afastamento da natureza humana que fica tão totalmente com a pessoa após a limpeza da doença como antes. Cristo aplica a mesma solução ao problema do pecado quando arranca o velho homem e implanta o novo na mesma carne e sangue de onde a natureza do pecado foi removida.

Não deve haver praticamente uma pessoa que viva na terra hoje que não tenha tido um dia uma doença na sua vida. Algumas pessoas podem não ter sofrido mais do que um ou dois surtos de gripe, enquanto outras foram atingidas com as mais terríveis doenças. Sendo assim, a maioria conhecerá por experiência pessoal o poder da doença sobre o corpo e a vontade.

Uma excelente ilustração é a experiência dum jovem que vivia num tempo e lugar onde o piquenique anual da escola era o grande acontecimento do ano. Durante meses ele olhava o futuro e fazia planos para este dia. À medida que ele se aproximava o seu entusiasmo crescia até à noite da véspera, em que foi para a cama cedo, com um coração contente e expectante por aquilo que o dia seguinte traria. Mas durante a noite, uma dor de estômago deu-lhe horas sem dormir, vomitou o jantar e de manhã tinha dor de cabeça e ardia em febre.

O seu desejo de ir era mais forte do que nunca e a sua vontade igualmente tão forte como antes, mas agora estava na dependência de um poder sobre o qual não tinha controlo. Tentou levantar-se e vestir-se, mas o quarto rodava em torno da sua cabeça. Foi forçado a voltar para a cama uma vez mais e passou ali um desapontador dia agonizante. Por que o fez? Porque estava agora sob o poder de um senhor contra a vontade de quem não tinha escolha senão obedecer.

Essa era a condição de todos os que foram trazidos a Jesus ou quem o Salvador procurou Ele próprio. O homem no tanque de Betesda jazia ali impotente, não porque escolheu, ou quis fazê-lo, mas devido ao poder que dentro dele ditava o que podia e não podia fazer. Assim foi com o leproso e o paralítico que foi baixado pelo tecto. Não podia ser encontrada melhor ilustração do modo como o poder do pecado detém e controla o pecador, do que o modo como a doença que vive no corpo subjuga e controla os doentes. Por conseguinte, temos diante de nós um problema idêntico. Um é no campo espiritual. O outro é no domínio físico.

Caso alguém tenha dificuldade em ver isto, lembre-se então que a Palavra declarou que “A obra de Cristo em purificar o leproso de sua terrível doença, é uma *ilustração* de Sua obra em libertar a pessoa do pecado.” (DTN 180.2), *O Desejado de Todas as Nações*, 266. Se a ilustração tem de ter alguma utilidade, tem de ser válida. O que está ser usado como ilustração – neste caso a doença física – e o assunto a ser ilustrado – a doença espiritual – devem ser coisas que, embora de campos diferentes, têm tudo em comum. Caso contrário a ilustração é de nenhum valor. Quanto mais se estuda a doença do ponto de vista divino, mais claramente será visto que é uma ilustração muito adequada do poder e obra do pecado e melhor será entendida a forma como Jesus dá a cura para a alma.

Que a doença é um poder vivo e controlador, é reconhecido e entendido por qualquer pessoa que tenha estado doente. Essas pessoas não precisam ser convencidas de que é assim. Elas sabem-no por experiência. Além disso, sabem que a doença não é o poder carnal ou natureza humana que tenha sido pervertida ou direcionada para novos canais, mas que é uma entidade separada do corpo que domina e enfraquece os poderes da natureza humana. Ninguém deve ter dificuldade em ver que a doença é uma coisa e o corpo em que habita, outra coisa uma vez mais. Nisto temos a clara

ilustração da diferença entre a natureza humana e a doença do pecado que habita nessa natureza humana.

Quando Jesus entra no homem ou na mulher que foi mantido nas garras do poder da doença do pecado, cura essa pessoa, não dando à natureza humana um poder maior do que a da doença para que esta possa ser posta em sujeição; nem tirou a própria natureza humana, mas removeu a doença da natureza humana de modo que ela deixou de estar lá. Ele matou a doença de maneira que ela deixou de existir. Quando isto tiver sido feito, a pessoa ainda continua com a sua natureza humana, que continua caída, pecadora e impura.

Podemos não compreender exactamente o que a natureza da doença é. Certamente, não é algo que possa ser pegado fisicamente e encarado como uma entidade visível, mas isso não significa que não seja uma força muito real a reconhecer. Da mesma forma não nos é possível pegar na natureza do pecado e olhar para ela como uma entidade visível, mas ainda assim é uma entidade que tem uma presença efectiva no corpo do escravo do pecado e tem de ser removida dele, *como entidade*.

Claramente então, a ilustração fornecida para nós no familiar campo da doença mostra a distinção entre a real natureza do pecado, a mente carnal e o corpo de carne e sangue no qual a natureza do pecado habita. São dois elementos separados e distintos e esta compreensão é essencial para um correcto entendimento do caminho da vitória sobre o pecado.



# Capítulo 7

## Mais Evidências

---

[Voltar ao início](#)

Um ponto chave no qual a mensagem da vida em justiça estabelecida neste livro prevalece ou cai é a distinção entre a mente carnal que habita na carne e a carne em que ela reside. O papel e o poder desta mente carnal resulta na subjugação da pessoa à escravidão. Ela pode pensar que é livre, mas está de facto em abjecta escravidão. Se pudesse provar-se que a mente carnal e a natureza carnal são a mesma coisa, como os grupos religiosos de hoje crêem, revelaria que esta mensagem é completamente falsa.

Além disso, a obra de reforma que se segue à do renascimento não pode ser entendida e praticada a menos que o papel da natureza humana, as vantagens que ela dá ao tentador e o modo como ela pode levar mesmo o mais justo ao pecado, seja reconhecido e compreendido. Por esta razão, ilustrações bíblicas adicionais disto irão agora ser pesquisadas com especial referência a um elemento não introduzido até agora neste estudo – o lugar da vontade.

A servidão egípcia já foi considerada como ilustração da servidão ao pecado. Ainda mais atenção vai agora ser dada a esta situação para desenvolver ainda maior clareza nas distinções já feitas. O foco especial será agora sobre a mente e a vontade do escravo em confronto com a do senhor do escravo. O paralelo será traçado entre a mente e a vontade da pessoa e a mente e a vontade do senhor do pecado que governa sobre o pecador contra sua vontade e desejos.

Deixemos as nossas mentes viajar pelas épocas da história até olharmos para a cena do deserto. O escravo verga-se sob a sua tarefa, enquanto o seu senhor paira sobre ele com o sempre pronto chicote nas mãos. Estudemos o escravo primeiro, para ver que ele tem o seu próprio corpo de carne e sangue e a sua própria mente e vontade. Nesse corpo, no qual é residente não só a sua força física mas também sentimentos, desejos, ambições e aversões, detesta o trabalho que tem de fazer, as terríveis condições em que tem de ser feito e aspira um trabalho mais agradável num ambiente melhor do que o calor abrasador do deserto. Todos estes desejos da carne são registados na mente onde está o conhecimento acumulado da sua vida e alguma consciência do propósito de Deus para os filhos de Abraão. Assim o apelo do corpo à mente, para além das convicções da própria mente, solicita o fim daquelas actividades do serviço de Satanás e seu reino.

Não pode ser alegado no que respeita aos sentimentos, desejos, satisfações e insatisfações do corpo do homem ou da natureza humana, houve a menor disposição para saborear ou desfrutar o serviço real ao Egipto. No entanto, o corpo amava o que era agradável aos seus gostos, tais como os alhos franceses, o alho e a abundância. Isso é comprovado pelo facto de que quando eles foram retirados da dor da servidão e tinham esquecido muito dessa sua árdua e restritiva natureza, a sua carne reclamou à mente que lhe fornecesse novamente aqueles tentadores prazeres. As suas mentes concordavam e lembrando que o Egipto era o lugar onde se encontrava essa abundância, decidiram voltar novamente a essa terra.

Quão típico é isto na natureza humana. O pecado oferece-nos as satisfações dos prazeres sensuais para além do que é disciplinado e legítimo. À natureza humana isto é muito apelativo e desejável, mas uma vez que esses prazeres tenham ganho firme ascendência sobre nós, eles trazem apenas o sofrimento e a miséria. A carne rebela-se contra isto e convida a mente libertá-la de tais sofrimentos, mas não dos prazeres que estão a causar o sofrimento. No entanto, pode ser reconhecido que os prazeres são a causa do problema e pelo menos por algum tempo, a pessoa está disposta a renunciar inteiramente aos prazeres, precisamente como os israelitas ficaram tão felizes por serem libertados da terra do Egipto. Mas quando a dor da servidão é apenas uma memória,

então a carne reclama novamente as concupiscências onde anteriormente encontrava tal satisfação, ao passo que esquece o pesado preço a ser pago por tal indulgência. Só temos de estudar a nossa própria experiência para ver quão verdadeiro é isto e daí compreender por que razão é impossível o completo trabalho de selamento contra o pecado ser realizado pelo renascimento. Um longo trabalho de reforma educacional deve ser realizado para além do trabalho inicial da libertação da escravidão do pecado.

Portanto, quando é dito que o escravo não tem qualquer desejo, no que respeita à sua carne, de fazer esse trabalho, deve ser lembrado que a referência está a ser feita à aversão pelas consequências da sua servidão – os sofrimentos que estavam a viver por causa dela.

Assim está escrito “... os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão, e clamaram; e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão.” *Êxodo 2:23*.

Isto não significa que tinham perdido o seu encanto pelas concupiscências que o Egipto oferecia, mas aborreciam o trabalho e as condições em que trabalhavam.

A sua consciência dizia-lhes que não tinham obrigação de prestar este serviço ao homem do pecado.

A razão por que é salientado aqui que a natureza humana bem como a mente e a vontade do escravo eram contra o trabalho do modo como lhes era exigido no Egipto, é mostrar a distinção entre a vontade da carne do escravo e a vontade do seu senhor. É perfeitamente claro que enquanto o escravo, tanto no corpo como na mente, não tinha qualquer desejo de fazer esse serviço, o senhor do escravo não apenas queria que ele o fizesse, mas estava determinado a obrigá-lo. Além disso, exercia o poder para impor a sua vontade, porque o seu poder era superior ao do escravo. Por conseguinte, impôs esse poder para assegurar que o contrariado escravo fizesse o serviço que o Egipto exigia dele.

Vede então as entidades distintas na ilustração. Havia o corpo do escravo ou natureza humana, que odiava com todas as suas fibras a escravidão em que era forçado a servir. Havia a mente do escravo na qual existia a recepção das mensagens de protesto enviadas pela carne, mais as suas próprias convicções de consciência a respeito desse serviço. Em terceiro lugar, possuindo desejos e intenções totalmente diferentes e opostos, estava a vontade do próprio senhor do escravo.

Há algo diferente nesta ilustração do Egipto, o que a torna uma preciosa ajuda na compreensão das diferentes entidades da mente carnal e na carne ou natureza de carne e sangue. Enquanto na lição objectiva fornecida pela doença, o poder mora na carne, aqui no Egipto a autoridade dominante está do lado de fora e separada da carne do escravo. Isto elimina qualquer possibilidade de confundir a carne com o poder que domina sobre ela. O senhor do escravo pode ser estudado como uma entidade separada, bem como o papel desempenhado pela natureza humana de carne e sangue, caída, pecadora, do próprio escravo.

É precisamente como um desenho ampliado de um engenho mecânico ou peça de mobiliário, na qual todas as peças escondidas são separadas dos outros componentes de modo que o seu lugar e o seu papel no plano possa ser claramente visto.

É como uma *vista ampliada* em que cada um dos elementos foi separado para identificação mais clara que o cenário egípcio é de valor para nós. Semelhantemente a ilustração proporcionada na pessoa doente, nos fala da mesma história distinta de haver um poder aparte do próprio organismo que governa e controla o ser humano, corpo, mente e espírito. Este poder tem de ser removido da posição dominante pela destruição, antes do indivíduo poder fazer as obras do Senhor. Do mesmo modo nenhuma disposição, é feita para disciplinar ou subjugar o senhor do escravo, também não pode ser feita qualquer provisão para a disciplinar ou subjugar a mente carnal, porque não é possível colocá-la em sujeição.

## A Árvore Boa e a Árvore Má

As mesmas verdades são repetidas na ilustração dada por Cristo da boa e da má árvore. Ele disse:

“Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto.

“Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.

“O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.” *Lucas 6:43-45*.

Neste livro este assunto será abordado apenas brevemente por ter sido totalmente coberto noutras publicações.<sup>4</sup>

A ilustração claramente retrata as distinções entre os diferentes elementos envolvidos. Existe a árvore e o fruto que produz, o solo em que ela cresce e o jardineiro quem decide o seu destino. Existem claras e simples, mas vitais diferenças entre cada um destes.

Consoante a semente implantada no solo assim será a natureza da árvore daí resultante e o tipo de fruto produzido por ela. É impossível os bons frutos crescerem numa árvore má. Esta é uma lei que nunca foi violada e nunca será, por que é impossível acontecer. Até mesmo uma criança não vai procurar uvas num espinheiro.

Esta lei foi formulada na sabedoria e amor de Deus para o bem e felicidade de todos os Seus seres criados. Alguns momentos de reflexão irá proteger todos contra qualquer desejo de anular este preceito. Imaginai as consequências se a lei fosse abolida.

Vamos supor que em 1 de Janeiro de 1990, a lei que declara que todas as coisas se produzem de acordo com a sua própria espécie era revogada. Nesse dia ou em qualquer momento posterior, um agricultor sai com um carregamento de sementes de trigo e semeia o seu campo. Enquanto a lei estivesse em vigor, ele sabia que podia confiar em cada semente para germinar e crescer até à espiga de grãos, mas agora essa garantia havia sido retirada. Em vez disso, brotariam espinhos, cardos, roseiras-bravas, cevada, trigo e um qualquer número de plantas misturadas. Mesmo se tudo o que nascesse fosse uma variedade de plantas boas, seria uma tal confusão desorganizada que ninguém poderia fazer a colheita.

Isso já seria suficientemente mau, mas imaginem a sua consternação quando o seu gado produzisse uma ampla variedade de descendentes – cães, gatos, ovinos, cobras, rãs, cabras e assim por diante. O pior de tudo seria a difícil situação das grávidas que nunca saberiam o que os seus filhos podiam ser até o dia do nascimento e em seguida ficar horrorizadas ao descobrir que tinham dado à luz um leão, uma cobra, um macaco ou ter o alívio ao verificar que tinham tido a sorte de terem realmente um bebé humano. Entretanto, na selva, surgiriam bebês humanos entre as várias espécies de bestas selvagens. Que tipo de adultos viriam eles a ser? Que irremediavelmente confuso seria o mundo se essa lei se tornasse sem efeito.

Muitos argumentariam que isso é impossível. Felizmente é, mas apenas porque o Senhor nunca permitiu que a lei fosse alterada. Este facto pode ser olhado com profunda gratidão, porque esta imutável lei garante a certeza que nunca temos um desejo e sejamos decepcionados.

Reparai que o tipo de solo em que a planta ou árvore cresce não determina o que ela vai ser, isto é, se será uma videira ou um espinheiro. Isso é decidido pelas sementes colocadas no solo. Contudo, apesar de não poder escolher a espécie da semente, pode afectar significativamente o vigor do crescimento e a fecundidade da planta ou árvore. Solo fértil em condições climatéricas favoráveis proporcionarão uma árvore maior e mais produtiva do que um solo pobre.

O elemento final na ilustração é o agricultor que desempenha o papel da vontade que decide o destino da árvore. Ele é o único que tem de avaliar o problema e determinar a solução adequada e aplicá-la. O problema é que ele tem um espinheiro, mas quer bom fruto. A única solução jamais conhecida pelo homem na terra é arrancar a árvore má e depois colocar no mesmo solo a semente boa que dê o tipo de árvore e o tipo de fruto que procura. Nenhum homem consideraria sequer para alcançar o seu objectivo, arrancar todos os espinhos da árvore. O que ele conseguiria era um espinheiro sem espinhos, mas continuava a não ter uma videira ou macieira produtiva.

---

<sup>4</sup> Vede *Vivendo Justamente e Das Escravidão para a Liberdade* do mesmo autor.

Esta lição objectiva de factor vital na questão da salvação é tirada duma área da vida com a qual todos estão mais ou menos familiarizados. O Mestre dos mestres, reconhecendo a importância que esses princípios fossem entendidos, direccionou as mentes de todos para esta ilustração, de modo que ninguém teria qualquer dificuldade em compreender os mesmos princípios como eles são encontrados no problema humano do confronto com o pecado. Nenhuma dificuldade deveria ser experimentada na correspondência de elementos no tipo para as suas equivalentes na aplicação espiritual.

O solo em que a árvore cresce é a natureza humana.

A árvore corresponde à natureza maligna que cresce nesse solo.

A nova árvore que brotou da nova semente no solo, representa a vida de Cristo que nasce da semente divina depois de ter sido implantada no indivíduo.

O agricultor representa a vontade da pessoa e decide o que deve ser feito com a árvore má. Ele pode escolher mantê-la ou entregá-la a Deus para ser destruída de maneira a preparar o caminho para a implantação da nova vida no interior.

As mesmas leis aplicam-se tanto no mundo natural como no espiritual. Cristo confirma isso na Escritura aqui em consideração. Por conseguinte, ninguém imagine que a justiça pode aparecer na vida em que o velho homem ainda reside. Ele é a semente de Satanás e como tal só pode produzir frutos maus. É verdade que lhe pode ser dada uma boa quantidade de educação e podem ser colocados sob um certo controlo disciplinar, mas o melhor que pode ser atingido é, com efeito, um espinheiro sem espinhos que nunca poderá ser transplantado para os jardins do Paraíso.

Como o estudo aqui é sobre a distinção entre as diversas partes que compõem a natureza do homem e do pecado, a atenção é mais uma vez a dirigida para a clara lição contida na parábola da árvore boa e da árvore má. Assim como a árvore no solo não é o próprio solo, assim a natureza má que cresce no corpo e na vida do homem não é a própria natureza humana, mas algo que cresce nele.

Também deve ser claro que o esforço da vontade do agricultor nunca irá forçar a árvore má a dar bom fruto. Esta solução não é diferente de qualquer decisão da vontade no Egipto que permitiria os escravos vencerem os seus capatazes. Há um lugar para o exercício da vontade, mas não é orientar as energias ao seu dispor para um confronto directo com o poder do pecado. Aqui ela é incapaz de sujeitar o inimigo, porque não só o pecado é um poder superior, mas não é sujeito a qualquer mudança. A única solução é a destruição e substituição. Por conseguinte, o papel da vontade é a entrega do velho homem a Deus que o remove da cidadela da autoridade e coloca a Sua própria vida preciosa em seu lugar.

Em todas estas ilustrações, é dada a certeza que um elemento pode ser destruído e substituído sem a execução do homem em si mesmo. O senhor do escravo do Egipto morreu sem os israelitas perderem a vida; a doença é expulsa do sistema deixando o sofredor totalmente vivo; e o espinheiro é removido do solo sem destruir a terra onde cresceu. Com a remoção de cada um deles, o caminho fica livre para o novo substituir o antigo e pela primeira vez o fruto desejado pode ser produzido.

## As implicações

Alguns podem sentir que o ponto já foi trabalhado agora para além do necessário. Isto seria verdade se um assunto que é tão simples não fosse tão pouco entendido. Os conceitos errados estão de tal modo tão firmemente gravados nas mentes dos seres humanos, que torna necessário uma apresentação exaustiva das informações disponíveis para penetrar a névoa e admitir a luz. Há ainda mais ilustrações do assunto como o velho e o novo marido apresentado em *Romanos 7:1-5*. No entanto, vamos omitir este aqui por já ter sido coberto noutras publicações nossas.

Cada *falsa* apresentação da justificação pela fé, argumenta que não há diferença entre a mente carnal e a natureza humana. Nem todos tiram as mesmas conclusões desta posição. No entanto, as diferenças podem ser classificadas em duas principais correntes de pensamento.

O primeiro e habitual desenvolvimento é a conclusão que a solução deve ser encontrada na aplicação da justiça pela acção da vontade. Em defesa disto, são citados muitos testemunhos e versículos como estes:

“O tentado necessita compreender a verdadeira força da vontade. É este o poder que governa na natureza do homem — o poder de decisão, de escolha. Tudo depende da devida acção da vontade.” (CBV 176.1), *A Ciência do Bom Viver*, 176.

“Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar.

“Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado.” *1 Coríntios* 9:26, 27.

“Quão mais importante é que o cristão, cujos eternos interesses estão em jogo, coloquem os apetites e as paixões em sujeição à razão e à vontade de Deus! Jamais deve ele permitir que seja sua atenção desviada por entretenimentos, luxos ou comodidades. Todos os seus hábitos e paixões devem ser postos sob a mais estrita disciplina. A razão, iluminada pelos ensinamentos da Palavra de Deus e guiada por Seu Espírito, tem de assumir o controle.” (AA 173.1), *Atos dos Apóstolos*, 311.

Estes testemunhos, na realidade, fazem referência à disciplina e controlo do elemento físico ou da natureza humana e por isso não têm nada a ver com o problema do velho homem. Mas, porque muitos não fazem distinção entre o velho homem e a pecadora, caída, natureza humana, aplicam estes e outros testemunhos semelhantes como orientação para lidar com o velho homem.

Sentindo-se satisfeitos com esta solução para o problema do velho homem, nenhuma outra é procurada e por isso nenhuma outra é encontrada. Assim o ensinamento que o descendente mau de Satanás tem de ser removido e destruído, não tem lugar na sua forma de pensar. A justiça é procurada pela cuidadosa recolha e ênfase de todos os requisitos definidos nas Escrituras, acompanhado de uma vontade decidida a cumprir todas estas obrigações. Esta religião torna-se caracterizada por regras e regulamentos que regem o vestir, a dieta, a observância do sábado, a organização da igreja, o comportamento na casa de Deus e muito mais. O raciocínio básico, embora nunca o admitam, é que a violação da lei incorre na pena de morte, a sua observância deve restaurar o dom de vida perdida.

O contínuo ênfase que somente os que alcançam um padrão de perfeita obediência serão readmitidos no Paraíso, gera um contínuo esforço para atingir este nível de excelência. Mas, porque isso só pode ser alcançado quando há em primeiro lugar uma natureza transformada no interior, os que negam a erradicação da velha natureza e a substituição com a nova, experimentam um perpétuo sentimento de falta. Nenhuma pergunta jamais se levantou quanto à exactidão dos seus procedimentos e isso dá certeza a ser procurada noutras formas. Isto toma a forma de observação do progresso de outras pessoas e depois da medição do seu aparente progresso com o seu. Quantas mais falhas e deficiências puderem ser encontradas na outra pessoa, mais confortável são as coisas. Se os outros ao vosso redor não fizerem tão bem quanto vós, então tereis a certeza que estais na vanguarda dos que vão para o Céu. Por outras palavras, o raciocínio é, se vós, que julgais estar à frente de todos os outros, não estais indo para o Céu, então ninguém vai. Mas é sabido que alguns irão. Portanto, as vossas hipóteses são melhores do que as de qualquer outro.

Isto não pode deixar de resultar num padrão de comportamento reprovador e censurador da parte de todos os que pertencem a esse sistema. É um tipo de religião legalista e farisaica que nunca leva os seus seguidores a uma verdadeira satisfação ou paz de espírito. Os seus seguidores estreitam a mente, corpo e espírito, porque a sua atenção está centrada uns nos outros como medida de progresso pessoal. É uma lei que nos tornamos na semelhança daquilo que contemplamos. (2 *Coríntios* 3:18.) O homem é a coisa mais pequena que existe quando se trata do carácter desfigurado pelo pecado, por isso quando a atenção está centrada uns nos outros, a está fixada neste carácter mais pequeno. O resultado é que o carácter não pode expandir e crescer, mas encolhe em algo ainda mais pequeno. Apenas ao contemplar a grandeza da perfeição do carácter de Cristo pode verdadeiro crescimento na experiência cristã ser alcançado.

Há vários graus em que esta religião é tomada. A sua pior e mais extrema forma, é encontrada na religião dos fariseus como era no tempo de Cristo sobre a terra. Entre Cristo e esta religião não

havia ponto de encontro. O Salvador enfrentou apenas e sempre um intenso ódio a Si mesmo e à Sua mensagem dos protagonistas deste suposto caminho para a vida eterna.

Jesus nunca deu a mínima aprovação a isto no Seu ministério terrestre, mas disse que não se encontraria qualquer vida eterna nesses procedimentos.

“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” *Mateus 5:20*.

Estas são de facto palavras claras. “*De modo nenhum*”, disse Cristo, qualquer religião semelhante à dos fariseus entraria no Céu. Que todos os que hoje ainda confiam neste sistema de salvação ponderem cuidadosamente estas palavras. Nada pode ser mais terrível do que supor que a salvação está garantida para nós e depois quando vier o dia do julgamento em que será demasiado tarde para adquirir a coisa verdadeira, verificar que a eterna perdição é a nossa única porção. Seria melhor ter apreciado os prazeres do pecado algum tempo do que ter essa experiência.

A seu tempo virá uma reacção a esta pressão. Com o desenrolar das décadas os filhos dessas pessoas sobre quem foi imposta esta severa religião se cansarem do seu fardo e desiludidos quanto às suas consequências, se afastam para o extremo oposto da escala. Nenhuma dúvida é levantada em relação à falsidade do fundamento que não vê qualquer diferença entre a mente carnal e a caída, pecadora natureza humana, mas, em vez de tentar produzir maçãs num espinheiro, reconhecem que isso é impossível.

Por isso, em vez de ensinar que o Céu é para aqueles que atingem a perfeição de carácter em si mesmos, acreditam que só Cristo pode alcançá-lo. Ele fez isso enquanto sobre a terra, juntou um tal suprimento de justiça que cobre apropriadamente todas as necessidades de cada pecador. Aqueles que desejam a vida eterna só têm de aceitar isto em seu nome como justiça creditada ou transferida. Assim sendo, é esperado que a entrada para o Céu seja com base nos méritos de Cristo sem necessidade de formar um carácter justo por parte do pecador.

Aqueles que crêem e ensinam isto negam que seja formada qualquer justiça interior. Está tudo com Cristo no Céu onde Ele credita na conta do pecador nos livros de registo.

Das duas propostas, a segunda é a mais realista porque pelo menos reconhece que a mente carnal não pode produzir quaisquer obras de justiça. Por conseguinte, uma religião que ofereça uma solução para o problema do pecado sem acabar com a mente carnal, só pode propor que alguém forneça a justiça necessária para a readmissão no Céu.

Uma pessoa pode obter a impressão do que se disse aqui que a religião verdadeira é aquela em que o crente apresenta a justiça que está apta para entrar no Céu. Isto não é verdade, porque Cristo é o Único que pode proporcionar isso. A diferença entre as duas é que na falsa o esforço é feito para produzir fruto num espinheiro, ou alternativamente o fruto do espinheiro é aceite como sendo a norma para a vida cristã.

No verdadeiro Evangelho, é dada ao Senhor a tarefa de erradicar a natureza má e de pôr a Sua própria vida no seu lugar. À medida que o crente contempla em Cristo a norma da perfeição de carácter e, se alimenta da vida de Cristo no dia a dia, é transformado de glória em glória na mesma imagem até estar apto para caminhar pelas ruas de ouro. Sendo verdade que ele tem um papel a desempenhar, a realização é o dom de Deus em todo o caminho.

Pode ser perguntado por que a razão ambos os espúrios caminhos para o Céu reúnem um tão grande número de seguidores entre os que afirmam seguir a Bíblia e a Bíblia apenas, quando nem um nem outro são ensinados nas Escrituras.

É assim por causa da combinação de duas coisas. O homem herdou do diabo a disposição para servir a Deus nos seus próprios termos, não nos termos de Deus. Satanás muito habilmente manipula as verdades bíblicas numa doutrina calculada para apelar a esta disposição. Assim a forma de Satanás e a forma do homem de servir a Deus tem aparentemente a aprovação divina. Os homens são levados a pensar que estão a servir a Deus de acordo com as especificações de Deus, quando na verdade não estão.

Esta falsa teologia é formada tomando uma parte pelo todo. Na religião verdadeira há um lugar para o exercício da vontade e do nosso próprio esforço diligente. Há também um lugar onde a substituta justiça de Cristo é a resposta a um determinado aspecto do problema de pecado. Para

aqueles que querem ser salvos pelas suas próprias obras, Satanás apresenta o exercício da força de vontade como o caminho total da salvação. Ele leva-os a tomar todas as declarações que apelam ao esforço diligente para justificar as suas corajosas tentativas para produzirem fruto numa natureza má.

Para aqueles que desejam ser salvos nos seus pecados, ele aponta para a justiça de Cristo como o manto para cobrir toda a sua iniquidade.

Uma religião reúne todas as Escrituras que se aplicam ao controlo e disciplina da carne e as aplica ao controle da mente carnal, enquanto a outra adota todas as declarações sobre a substituição da justiça de Cristo e faz com que essa seja a mensagem inteira. Com isso, são capazes de fazer *parecer* que têm uma verdadeira solução da Bíblia para o problema do pecado, quando de facto, nenhuma delas tem.

## A alternativa

O verdadeiro Filho de Deus reconhece como totalmente impossível é para a natureza carnal produzir os frutos do Espírito. Ele sabe que a velha natureza tem de ser removida e, na medida em que é uma entidade separada da natureza humana ou da sua própria mente é possível isso ser feito sem terminar a sua própria existência. Por isso tem de ser o Senhor removê-la do mesmo modo como Cristo curava as doenças no Seu tempo e em seu lugar recebe uma natureza totalmente nova, a própria vida de Cristo na alma.

Mas ele sabe que o trabalho ainda não está terminado. Ele não conseguiu de forma instantânea e absoluta a santificação. À frente está o longo e árduo caminho de re-educação e reforma durante o qual tem de aprender a negar as concupiscências e desejos da carne, arrumar as antigas teorias e idéias com seus hábitos e práticas daí resultante e assim desenvolver uma experiência de santificação. Vai ser uma batalha da qual não há descanso até terminar esta vida na terra, mas não será a batalha de *Romanos 7* cujo homem está lutando para obrigar uma mente carnal fazer aquilo que nunca pode ser feito. Vai ser uma luta para superar *a carne* e os *seus desejos*, uma coisa que no poder de Deus e na sequência do renascimento pode e deve ser feito, se queremos herdar a vida eterna.

A natureza desta luta deve agora ser estuda, mas não sem repetir o aviso que isto nunca pode ser verdadeiramente compreendido se não for visto que há uma distinção entre a mente carnal e a natureza humana e que a antiga tem de ser completamente removida, enquanto a segunda permanece clara até à vinda de Jesus.

## Um Suíno É Sempre Um Suíno

Podeis agarrar num porco, um porco verdadeiro de carne e sangue e tirá-lo do ambiente da pocilga com a sua lama e sujeira; podeis esfregá-lo para o manter sempre muito limpo e colocá-lo num alojamento seco desprovido da lama mal cheirosa; podeis aplicar abundantemente pó e perfumar a sua pele; podeis ensinar-lhe truques inteligentes e até mesmo induzi-lo a observar boas maneiras; podeis vesti-lo com roupas lindas; podeis mudar a sua alimentação para uma dieta mais saudável; mas depois de tudo isto feito, *ele continuará a ser um porco*.

Do mesmo modo, podeis pegar num homem carnal e mudar o seu ambiente, retirando-o das suas más associações; podeis educá-lo, ensinar-lhe melhores maneiras e vesti-lo das melhores roupas; podeis dar-lhe um alto título e enviá-lo à igreja todas as semanas, mas depois de tudo isto feito, *continuareis a ter um homem carnal*.



# Capítulo 8

## O Homem de *Romanos 7* e 8

---

[Voltar ao início](#)

A experiência do homem de *Romanos 7* é uma luta. A experiência da pessoa que tenha sido liberta da experiência *Romanos 7* e entrou na obra de santificação é também uma luta – uma dura batalha para superar a carne e por fim emergir como um verdadeiro cristão vitorioso. Qual é então a diferença?

Aqueles que ouvem a nossa afirmação de que o início da experiência cristã é marcado pela remoção total da mente carnal, sem compreender a natureza dessa mente carnal distinta da carne, declaram imediatamente que estamos a ensinar a carne santa que não podemos voltar a pecar, se esta for a nossa experiência e que este é um ensinamento da santificação instantânea. Tais acusações dão testemunho que aqueles que as fazem não conhecem a verdade que o renascimento no início da experiência cristã é uma obra distinta e separada do trabalho da reforma que segue posteriormente.

Os que vêem a mente carnal e a natureza humana como sendo a mesma coisa, naturalmente igualam a luta de *Romanos 7* às batalhas da vida cristã e portanto concluem que a experiência descrita em *Romanos 7* é a experiência de um filho de Deus realmente convertido. Mas há uma grande diferença entre os dois.

### O Homem de *Romanos 7*

O homem de *Romanos 7* não é um rebelde contra Deus, pois a sua vontade e as suas intenções são dedicadas ao serviço de Deus. Ele é um escravo que está preso ao serviço da mente carnal. Toda a ilustração de *Romanos 7* é esta imagem da servidão. “Mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.

“Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço.

“Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende *debaixo* da lei do pecado que está nos meus membros.

“Miserável homem que eu sou! *quem me livrará* do corpo desta morte?” *Romanos 7:14, 15, 23, 24.*

A situação então, é que este homem tem a mente carnal que, como um cruel, despótico senhor, domina a sua vontade para servir a todos os desejos da concupiscência da natureza humana carnal. Isso resulta num fluxo constante de pecado derramado na vida de tal homem. É evidente que a área de supremacia ou domínio é esta natureza interior e enquanto ela ali estiver presente, a vontade não pode exercer o seu poder para mudar a situação. O correcto exercício da vontade tem o seu lugar mas não resolve o problema do homem de *Romanos 7*. Aqui a vontade é impotente para resistir às exigências do poder do pecado residente no interior.

É aqui que muitos tão tragicamente erram na sua busca da viva verdade da salvação do pecado. É lido o testemunho que declara que “Tudo depende da devida ação da vontade.” (CBV 176.1), *A Ciência do Bom Viver*, 176 e porque se entende que a mente carnal permanece, é assumido que o segredo da vitória sobre o pecado está na decisão da união da vontade com o poder de Deus para resistir e vencer os poderes da mente carnal.

O que se omite é a verdadeira redacção das palavras do testemunho em que há uma palavra vital em particular. Essa palavra é “*devida*”, pois diz que tudo depende da *devida* acção da vontade. Ele mostra que a acção da vontade deve ser direccionada para o tempo *certo*, no lugar *certo* e na direcção *correcta* em tudo o que depende dela alcançar.

Esse tempo certo e lugar *correcto*, *não está* na área da dominante supremacia da mente carnal. A prova clara disto está em todas as ilustrações já estudadas em relação a esta natureza má. Se o escravo no Egito tivesse decidido estabelecer a sua vontade de nunca mais obedecer às ordens do seu senhor, apenas agravaria a sua situação consideravelmente sem nada conseguir. Ele continuaria forçado a trabalhar e seus sofrimentos teriam aumentado muito significativamente. O exercício da vontade só lhe acrescentaria amargura à sua servidão.

Ver também como o exercício mais forte da vontade, no caso de quem sofre duma doença, não lhe permite fazer o que a doença declara que não pode, nem o esforço mais determinado da vontade do agricultor lhe permite produzir bom fruto da árvore má. Em todas estas coisas, a vontade não é a resposta para o problema.

Isso não significa que a vontade não tem qualquer papel a desempenhar na conversão, na resolução do problema mente carnal, porque sendo o poder da vontade a força que escolhe, deve ser exercido para *escolher* que o Senhor retire o homem velho e o substitua com a semente de Cristo. Esta é uma operação muito diferente do levantamento da vontade contra o poder da mente carnal com a ajuda de Deus, como muitos supõem que Ele faz. É também diferente do papel da vontade durante o período de reforma. É a disposição de abandonar os esforços para alcançar a justiça através da luta para manter o velho homem sob controlo e a vontade de deixar a tarefa inteiramente nas mãos capazes de Deus.

## O Homem de *Romanos 8*

A experiência descrita em *Romanos 8* contrasta fortemente com a imagem no capítulo anterior.

O homem de *Romanos 8* já não tem a mente carnal. Ele foi liberto do “corpo de morte”; foi “livre da lei do pecado e da morte” e por conseguinte nenhuma condenação há. No lugar da mente carnal ele tem agora a mente divina que é o espírito de Cristo e, como tal, é uma criatura nascida de novo.

Esta é uma transacção muito real entre Deus e o homem. A velha natureza nascida do diabo pelo implante da sua semente realmente é retirada de dentro do homem para que não mais estar presente. No vazio é colocada a nova vida que é a semente de Cristo. Ela brota em vida, cresce com firmeza, e ilumina toda a experiência. Que ninguém se agarre ao equívoco de que a vida antiga é removida pouco a pouco e o novo é introduzido gradualmente também.

Nenhuma ilustração da Bíblia dá suporte para isto. O senhor do escravo do Egito morreu na pessoa do primogénito numa hora ou menos. O espinheiro é removido completamente antes da macieira ser plantada no seu lugar. Quando Jesus ordenou à doença para sair dos doentes ou os mortos ressuscitarem, foi o trabalho de um momento. Nestas parábolas, o Senhor quer que nós vejamos quão totalmente o homem velho é removido e como totalmente é substituído pelo novo. Cada ilustração também mostra que a vida antiga está bem desenvolvida quando é arrancada, enquanto a nova vida colocada em seu lugar está apenas na sua infância.

Para a mente humana não iluminada pelo Espírito Santo, isto é incompreensível. Muito rapidamente argumenta em resposta que se a conversão consistiu numa obra assim, então seria impossível o filho de Deus voltar a pecar, não haveria mais batalha ou luta durante a vida cristã e essa pessoa devia ser e seria trasladada instantaneamente para o Céu. É então argumentado que em virtude dos cristãos, mesmo os grandes cristãos da Bíblia, terem pecado após a conversão, lutarem contra as tentações durante a sua experiência cristã e não irem para o Céu a seguir à conversão, a doutrina tem que ser falsa e enganadora.

Vindas daqueles que estão a apoiar activamente falsas doutrinas, as objecções têm para eles um sabor a escárnio e sarcasmo. Outros estão verdadeiramente perplexos por este problema. Não há necessidade de haver confusão, pois existe uma explicação muito clara e simples centrada num factor que muitos têm ignorado completamente.

A falha, como de costume, está em não fazer as distinções adequadas. O homem em *Romanos 7* é escravo do poder do pecado. Ele não pode fazer o que quer, mas tem de servir os ditames do velho

homem. Mas quando ele passa para *Romanos 8*, não passa para uma servidão a outro senhor. A mudança não é de servidão para servidão mas de servidão para liberdade. Isso significa que enquanto era servo do poder do velho senhor, não tinha liberdade para servir ao Senhor em qualquer sentido, mas quando entra no serviço do Senhor, fica livre para servir o pecado se assim desejar, embora não com a impunidade. Não é que o Senhor lhe dê licença para pecar, mas não o força a fazer obras da justiça. Se ele pecar, tem ainda que sofrer as consequências.

O propósito do Evangelho é dar liberdade aos homens, não transferi-los para outra servidão. Jesus disse:

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará....

“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” *João 8:32, 36.*

“Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa. Sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há de servir. Na mudança que se opera quando a alma se entrega a Cristo, há o mais alto senso de liberdade.” (DTN 328.6) *Desejado de Todas as Nações*, 466.

“Deus fez Anjos e os homens inteligentes. Ele *fê-los* livres para escolher e *deixou-os* perfeitamente livres de escolher. Ele os fez livres para pensar *conforme* escolhessem. Deus é o autor da inteligência, da liberdade de escolha e da liberdade de pensamento. Ele respeitará sempre aquilo de que é o autor. Ele nunca invadirá nem mesmo por fio de um cabelo a liberdade dos anjos ou dos homens a sua própria escolha, ou de pensar conforme a sua escolha.” *Ecclesiastical Empires*, 587, por A. T. Jones, ênfase original.

Portanto, ninguém é obrigado por residir em si o poder de Deus a fazer o que está certo, mas é-lhe dada a liberdade de escolher fazer o que está certo em toda a hora de tentação se desejar fazê-lo. Nascer de novo não torna impossível uma pessoa pecar, mas faz com que seja possível não pecar. A vontade é libertada da servidão e sendo assim tornada livre “tudo depende da devida ação da vontade.”

## O Novo Padrão

Assim, a mente divina no renascido serve a vontade para controlar, submeter, disciplinar e subjugar a carne, as suas concupiscências, paixões e desejos sempre que aqueles forem ilegítimas e portanto pecaminosas. Deve ser salientado que a conversão, ou a experiência do renascimento, não remove nem transforma a carne, nem nos livra das ideias e teorias erradas e dos seus resultantes hábitos e práticas, aprendidos na escola de Satanás. Estas ainda lá estão muito presentes e são uma fonte de dificuldade até ganharmos a vitória sobre elas como será demonstrado a partir dos relatos bíblicos de pessoas realmente convertidas. Elas são a fonte do mal através das quais o diabo trabalhará uma e outra vez para levar a efeito se possível, a destruição da pessoa.

Um excelente exemplo disto é a história da disputa que eclodiu no início da igreja cristã logo depois do derramamento do poderoso dom do Espírito Santo na plenitude do Pentecostes. Seria de esperar em condições como estas, em que o Espírito tinha uma tão completa presença, não houvesse possibilidade de aparecimento do pecado entre os crentes. No entanto o registro fala claramente desse queixume e reclamação da parte dos gregos contra os hebreus, resultantes duma suposta parcialidade de tratamento contra eles.

Satanás foi, evidentemente, o instigador desta dificuldade, mas em que é que podia ele apelar nessas pessoas para causar tal fricção? A resposta a isso vem em *Atos dos Apóstolos*, 87, 88. “O coração daqueles que se converteram mediante o trabalho dos apóstolos, abrandou-se e uniu-se pelo amor cristão. A despeito de preconceitos anteriores, todos estavam em harmonia uns com os outros. Satanás sabia que, enquanto essa união continuasse a existir, ele seria impotente para deter o progresso da verdade do evangelho; e procurou tirar vantagem *de anteriores hábitos de pensar*, na esperança de que, *por esse meio*, pudesse introduzir na igreja elementos de desunião.” (AA 48.3).

Aqui estavam pessoas cheias de espírito e portanto, convertidas, mas elas ainda possuíam alguns antigos hábitos de pensamento que haviam aprendido e desenvolvido na antiga escola de Satanás.

Estas não desaparecem na conversão, mas permaneceram fornecendo ao diabo uma área em que ele poderia aliciar e tentar. Como bem sabemos, ele foi muito bem-sucedido em fazer isso, causando uma dissensão que foi resolvida com a nomeação dos sete diáconos.

Esta é uma bela declaração que mostra que o renascimento não resolve totalmente o problema do pecado, mas deixa mais um trabalho a ser feito no processo da reforma durante o qual aqueles que forem por fim encontrados no reino, deverão obter a vitória sobre cada teoria, hábito e prática errada, tão rápido quanto o Espírito de Deus seja capaz de lhes mostrar essas coisas.

Assim, a situação do homem convertido em *Romanos 8* é que ele ainda tem a mesma natureza humana como o homem em *Romanos 7*, na maior parte com as mesmas ideias e teorias e os *consequentes* hábitos e práticas do homem *antes* de ser convertido. Isto é dito, *para a maior parte*, porque a conversão não traz a libertação imediata de algumas das idéias e teorias erradas do passado. Além disso, é declarado especificamente que os anteriores hábitos de pensar, são os *consequentes* das ideias e teorias erradas que continuam. Isso é especificado, por ser verdade que na conversão muitos hábitos e práticas são abandonados para nunca voltarem, mas estes não são os que resultam do pensamento errado não corrigido pela experiência de conversão.

Destes anteriores hábitos de pensar, o diabo procura tirar constantemente a maior vantagem, de modo a que o indivíduo sofra a pressão da contínua tentação. A dificuldade com este tipo de tentação é que a pessoa, nesta fase, não está ciente de que a ideia que tinha está errada, assim não compreende o que o diabo lhe está a fazer. Um excelente exemplo disso é a situação dos apóstolos de Cristo que trabalharam com a ideia errada de que o Messias viera para estabelecer o reino de Davi como um império temporal, abrangendo toda a Terra. Como iremos estudar mais tarde, o diabo tirou partido disto uma e outra vez para causar problema após o problema, mas eles não poderiam ser libertados dessa tentação enquanto não fossem primeiramente libertos das ideias erradas.

A carne tem com sua própria constituição, as paixões, os apetites, os afetos e a lei inerente de auto-preservação e interesse próprio. Todos estes têm sido pervertidos ou dada uma importância exagerada no pensamento humano e constituem um valioso campo em que Satanás pode aplicar suas tentações enganadoras. A história da queda dos nossos primeiros pais é a prova clara de que mesmo os seres santos e sem pecado podem ser tentados através da carne e dos seus interesses, assim, quanto mais aqueles que têm sido submetidos a quase seis mil anos de degeneração.

## O Papel Essencial da Vontade

A carne tem em si as fraquezas sempre tão prontas a responder às tentações de satanás. “No coração humano há egoísmo e corrupção naturais, que somente podem ser vencidos pela mais completa disciplina e severa restrição; e mesmo então requererá anos de paciente esforço e zelosa resistência.” (T4 496.1), *Testimonies* 4:496.

Por isso é que “Cada cristão terá uma dura batalha para lutar contra hábitos errados. Ele tem de vencer a sua incredulidade, a sua deformidade de carácter, a sua inclinação para o auto-indulgência. A sua longa resistência à luz, advertências, e apelos deixou a sua marca na sua vida. . . .” *The Review and Herald*, 13 de Janeiro de 1891.

“De todas as lições a serem aprendidas da primeira grande tentação de nosso Senhor, nenhuma é mais importante do que a que diz respeito ao controle dos apetites e paixões. Em todos os séculos, as tentações mais atraentes à *natureza física* têm sido *mais bem* sucedidas em corromper e degradar a humanidade.” (DTN 76.2), *O Desejado de Todas as Nações*, 122.

Quando os apelos da tentação se dirigem à natureza física, a natureza divina em nós, embora tenha poder mais do que suficiente para o fazer, *não vai automaticamente subjugar os desejos do coração natural*. Cada tentação é um ponto de escolha exigindo que especificamente e decididamente recusemos fazer o mal e escolhamos o que está certo. Se essa escolha é feita na simples fé que o poder de Deus em nós, não só deseja fazer essa libertação, mas também tem capacidade para o realizar, então a vitória será tão absoluta como certa.

Aqui a derrota é certa, porque o poder de Deus na pessoa nada pode fazer a menos que, primeiro, a vontade seja colocada na disposição de servir o Senhor. O poder de Deus está ali, não para dominar e controlar a vida, mas para a servir, para a vitória sobre o pecado e manter viva a vida de Deus na alma. Para este poder operar, tem de obter primeiro a cooperação e indicação da vontade.

## Uma Qualificação

O facto que o poder de Deus que está em nós existe para servir, não é deve ser interpretado no sentido de que a vontade *usa* a natureza divina a seu livre arbítrio, de maneira que a vontade se torna o senhor e a natureza divina o escravo. Em nenhum sentido *usamos abusivamente* o Espírito Santo. Isso simplesmente não pode acontecer, embora o Espírito Santo que é a vida de Cristo na alma, esteja ali para servir e não para ser servido. Isto pode parecer uma contradição, mas apenas devido à tendência humana de pensar a respeito das coisas espirituais à luz das terrenas. Há um serviço que é prestado pelo terreno ao poder do alto, mas é forçado. Ele fá-lo porque é obrigado, quer pela partilha da força de outra vontade ou pela compulsão das circunstâncias.

Todavia, o serviço prestado pelo cristão e pelo seu Deus, é um serviço *voluntário* que não é imposto, mas dado para preencher a necessidade que existe. Assim, a vida divina de Deus na alma serve a vontade sem estarem sujeitas em servidão. No entanto deve ser sempre lembrado que a vontade não irá preencher automaticamente a necessidade pela simples razão que não é o procedimento de Deus intrometer-se onde não é bem-vindo. Por conseguinte, o poder de Deus em nós nunca se manifestará para preencher a necessidade a menos que seja chamado pelo forte brado da fé viva.

## As Diferenças

A diferença então, entre o homem de *Romanos 7* e o homem de *Romanos 8* é que o primeiro é um escravo da mente carnal que, como um cruel, despótico senhor do escravo, substitui a vontade para servir a carne, ao passo que o último está livre dessa servidão. É dada à mente divina o seu lugar, que, como servo, fornece quando chamada na hora da tentação, a força necessária para dominar todo o mau desejo da carne.

Em ambos os casos a carne é a mesma, mas neste último o centro de controlo passou da mente carnal para a vontade. Sendo assim, tudo realmente, depende da *correcta* acção da vontade, porque se ela não agir correctamente diante da tentação, então o poder de Deus não pode vir em nosso auxílio e certamente caímos no pecado.



## Capítulo 9

# Campos de batalha

---

[Voltar ao início](#)

Um objectivo importante desta série de estudos é mostrar a evolução da natureza da batalha à medida que o crente avança de uma entrada com êxito na experiência do renascimento, para a fase de reforma. Ninguém vai lidar com êxito o dia a dia da luta cristã, que não compreenda que existe uma diferença entre a batalha a ser travada para *alcançar* a vitória e a batalha necessária para a *manter*. As soluções previstas para o problema do pecado são muito específicas e assim devem ser aplicadas. Há tantos que estão satisfeitos com uma vaga e indeterminada aplicação das provisões do Deus misericordioso.

Antes duma pessoa obter o renascimento, está num determinado estado. Ela ainda tem a mente carnal, a semente de Satanás, o poder interior da injustiça. Por conseguinte, Satanás é capaz de aliciar e vencê-la com certo êxito, porque é impossível que alguém neste estado faça as obras de Deus. Mas quando nasceu de novo, então uma nova vida foi implantada no lugar da antiga. Ela foi libertada da servidão à velha natureza para a liberdade da nova.

Esta mudança nas condições coloca Satanás numa difícil desvantagem na luta para destruir os filhos de Deus. Mas ele ainda tem algumas pistas para explorar se possível e tira o maior proveito destas oportunidades. Reconhecer isto e aprender como lidar com os problemas é essencial para um desenvolvimento bem-sucedido da justiça durante o período de reforma.

Num esforço para tornar as diferenças claras, foi desenhado o diagrama da página seguinte. Em combinação com ele, será feita referência ao progresso de um grande e vitorioso exército para ilustrar os factores dos quais depende uma permanente vitória.

Neste diagrama é feita uma comparação entre as situações do homem em *Romanos 7* e do homem em *Romanos 8*.

O primeiro ainda tem em si a mente carnal que, como residente, governa sobre os desejos da vontade e serve as concupiscências, apetites, paixões e desejos da caída, pecadora natureza humana. Este homem é escravo deste poder e não pode fazer o que deseja. Notai com cuidado que o elemento que decide nesta situação é a mente carnal.

Uma vez rompido este despotismo pela destituição deste tirânico governante, algumas alterações foram estabelecidas. A mente divina substituiu a mente carnal. Esta mente tem um carácter totalmente diferente do antigo senhor. Ela não é um senhor déspota, mas um afectuoso servo. Ele não tira a vida. O Filho de Deus não é aquele que passa de uma servidão para outra. Quando isto é compreendido, será visto que não existe qualquer fundamento para a ideia de que a pessoa cheia da divina vida de Cristo não pode pecar. Essa pessoa pode pecar e infelizmente, muito frequentemente o tem feito. No entanto, apesar de ainda poder pecar, já não é obrigada a fazê-lo, de modo que qualquer aparecimento de iniquidade nela tem de ser o resultado da sua incapacidade de viver plenamente de acordo com os seus privilégios.

A área de decisão foi movida da mente carnal para a vontade. Agora é ela o factor que rege no homem. Equipado com a residente presença e poder de Deus aumentada com os recursos celestiais exteriores, a vontade é capaz de chegar às mais elevadas aspirações.

“Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.” (PJ 176.4), *Parábolas de Jesus*, 333.

## *Uma Comparação do Homem Em Romanos Sete e Romanos Oito*

O homem de *Romanos Sete*  
Tem a Mente Carnal



Este é um senhor cruel e déspota  
que governa pela força  
para



**SOBREPOR A VONTADE**



Para servir as concupiscências,  
apetites e paixões da carne  
pecadora e caída.



*O PODER DE SATANÁS  
E DO PECADO*

*A vontade está ali  
Sem poder – Escrava*

O homem de *Romanos oito*  
Tem a Mente Divina



Este não é um senhor déspota, mas  
um servo vivo  
que



**SERVE A VONTADE**



Para submeter, controlar,  
disciplinar e subjugar a carne  
pecadora e caída.



*O PODER DE DEUS*

*Tudo agora depende da  
acção correcta da vontade*

Tendo sido libertados pelo procedimento do renascimento, a vitória é ganha. Agora é tarefa e responsabilidade do cristão permitir que Cristo *manter* essa vitória nele. A caída, carne pecadora, ainda está lá com os seus apetites, paixões, afetos e desejos quase na mesma, como era antes de nascer de novo. É o papel da vontade garantir que em vez de serem satisfeitos, esses desejos são mantidos sob controlo perfeito e negado com firmeza. Em tudo isto depende da correcta acção da vontade.

É Satanás que procura arrastar-nos para baixo através do instrumento da carne, enquanto Cristo está sempre trabalhando para nos reanimar através da mente. Mas o Salvador não pode preservá-nos do mal sem a nossa cooperação inteligente.

A nossa responsabilidade é a de nos familiarizarmos com a linha de ataque do diabo. Quando ele opera para despertar os desejos ou temores da carne, é nosso dever reconhecer a sua tática e responder com uma decisão positiva de não ceder. No entanto, essa tomada de posição não trará sucesso se for tomada sem uma forte ligação da fé com o Altíssimo. É apenas quando conhecemos e confiamos no poder de Deus em nós e à nossa volta que o inimigo será derrotado. Qualquer confiança em nós mesmos é a garantia da derrota. Não podemos salvar-nos da tentação. Esta é a obra de Cristo. Podemos ter a certeza de que a Sua maravilhosa vida dentro de nós, acrescida de todos os recursos do Céu, apenas aguardam a decisão de uma vontade cheia de fé na direcção certa, para vir em socorro do tentado. Satanás não tem capacidade para enfrentar esse poder e foge perante ele em todas as situações.

É importante compreender que a mente divina e o Espírito Santo não são agentes no sentido em que nós ordenamos e os usamos. Do mesmo modo como eles não governam sobre nós, também nós não podemos governar sobre eles, porque estes procedimentos são estranhos à forma de Deus trabalhar. Mas estes poderosos poderes estão apenas à espera de servir para preencher a necessidade que existir. Chamai-os e eles lá estarão instantaneamente presentes e a vitória é garantida.

Quando o jovem cristão, José, foi confrontado com um poderoso apelo tentador da mulher do seu senhor, a sua recusa não foi bem sucedida por causa do seu próprio poder, mas devido aos recursos celestes dos quais dependia pela fé. Ele sabia absolutamente que não tinha de cometer o pecado pela simples razão que a vida de Cristo estava nele e o poder de Deus estava ao seu dispor. Foi pela fé que ele venceu. A tentação de José não foi apenas um pedido para satisfazer um desejo físico. Havia muito mais do que isso como será mostrado mais tarde quando a vida de José for estudada com maior detalhe.

O poder de Deus é certamente bem capaz de lidar com qualquer exigência da carne, pois é infinitamente mais poderoso. Ele bem podia ter sido chamado então quando o cristão às vezes cai no pecado, quando na verdade não há uma verdadeira razão, nem desculpa para isso.

Os maiores exércitos de terra podem ser vencidos se falharem em manter uma vigilância constante. Deixai os diversos aspectos da vida do cristão e o equipamento ser comparado a um poderoso exército. Em primeiro lugar há o general, ilustres exemplos dos quais temos César, Napoleão, Carlos Magno, Rommel, Montgomery e assim por diante. Este homem é o elemento que no exemplo toma a decisão. Ele decide onde o exército vai lutar, qual é o plano da batalha e como as várias partes das forças serão dispostas. O exército nunca se move sem ele primeiro tomar uma decisão.

O exército representa a poderosa força pela qual a vontade do general se concretiza. É o equivalente ao poder de Deus no crente. Existem, naturalmente, diferenças entre o carácter de um tal exército e a vida de Deus na alma. O primeiro é treinado para obedecer cegamente às ordens do comandante, ao passo que o carácter de Deus é salvar e elevar. Nem o Espírito Santo aceita ordens do crente do mesmo modo como o exército faz do seu general, porque Ele é eternamente livre segundo a Sua infinita sabedoria. Apesar de haver estas diferenças entre os dois, a ilustração continua a servir para tornar claro um certo ponto como mostraremos adiante.

Depois há o inimigo. No caso do general é algum reino ou tribo que está a atacar ou à espera no caminho do domínio mundial. No caso do cristão é o diabo a trabalhar através do seu aliado, a carne.

Será agora suposto que um grande exército marchava em todo o mundo num trilho marcado por uma série de consecutivas vitórias. Por último, há apenas uma batalha para travar e esta é contra uma pequena força de ferozes guerreiros de montanha. O general avalia o poder da força sendo muito inferior ao de outros poderosos exércitos ele já venceu e, como no dia seguinte há uma importante festa, ele decide para adiar o seu ataque sobre eles até o dia seguinte.

Na noite antes do ataque é organizada uma grande festa em honra do dia especial. São consumidas grandes quantidades de bebidas alcoólicas, a festa continua até de madrugada e a folia é até ao fim da noite até que pela madrugada o general e os seus assistentes jazem no solo inconscientes. O oficial cuja responsabilidade era montar a guarda faltou ao dever de nomear um vigilante incapacitado por causa da devassa. Assim a vontade do exército ficou completamente incapaz e as guardas foram descartados.

O inimigo entretanto, estudou cuidadosamente a situação e reconheceu que tinha chegado o momento oportuno para atacar. Pouco antes do amanhecer lançou a ofensiva. A pequena, mas desesperada força, caiu sobre a desarmada multidão como uma repentina inundação. Apanhados totalmente de surpresa, o exército olha instintivamente para o general em busca de orientação e estratégia. Mas o general é incapaz de fazer qualquer coisa enquanto caído por terra no torpor da sua embriaguez. O resultado só pode ser uma humilhante derrota para o famoso general. O seu exército terá sido batido mas não destruído. Ele irá reagrupar triste mas mais sábio e sacudirá a fortaleza dos adversários para derrotá-los completamente.

Este é um excelente exemplo do que acontece na experiência dos filhos de Deus. A sua vontade é o general na batalha. Isso não nega que Cristo é o derradeiro comandante na luta, mas reconhece que Ele não assume as vontades dos Seus filhos. Eles têm de tomar decisões sobre as quais o resultado da luta definitivamente depende.

Tudo o que enfraquece ou ensombra essa vontade, fornece ao inimigo o momento oportuno para atacar. O diabo estuda a vida de cada cristão e ao mesmo tempo tenta manipular as circunstâncias que vão tornar o poder da vontade ineficaz. Uma vez alcançado este ponto, sabe que tem uma vitória sobre eles. Tudo o que resta é fazer um súbito, subtil e inesperado ataque e o Filho de Deus cai em pecado. É reconfortante saber que, embora Satanás adquira uma vitória, ele não ganhou a guerra. Ele não liquidou as forças de Deus que ainda ali estão a aguardar pelas decisões certas do cristão que, castigado mas mais sábio, contra ataca com forças onipotentes resultando em pronta derrota de Satanás.

O tentador, procura evitar ser o alvo desta contra ofensiva levando o cristão em um estado de miserável desespero. Ele tenta convencer de que é um fracasso, de que nunca pode alcançar a justiça e certamente que o senhor não pode perdoar tal imperdoável comportamento.

“É o arдил especial de Satanás levar o homem ao pecado e, então, deixá-lo desamparado e tremente, receando suplicar perdão.” (PJ 78.1), *Parábolas de Jesus*, 156.

Deve ser tomado nota disto por cada filho de Deus. Tem sido de grande ajuda para aqueles que ficaram cientes deste Conhecimento de ti tem sido de grande ajuda para todos aqueles que se tornaram conscientes deste expediente, porque, ao aprender que é a obra de Satanás manter o aquele que fracassa em aflito desespero, virão rapidamente a Deus em busca de restabelecimento do erro cometido. Assim é alcançado o propósito de Deus e o plano de Satanás frustrado.

“Se tiverem cometido erros, certamente alcançarão a vitória ao reconhecerem estes erros e os considerarem farol de advertência. Assim transformarão a derrota em vitória, desapontando o inimigo e honrando seu Redentor.” (MJ 100.3), *Mensagens aos Jovens*, 100.

Isto só pode significar que o assunto de maior importância não é saber se uma pessoa pecou ou não, ainda que isso seja importante. A consequência verdadeiramente significativa reside no que fazer quanto a isso. Podemos sucumbir aos enganos de Satanás e ficar demasiado cheios de vergonha e remorso, e reear procurar o perdão restaurador do Senhor, ou, embora envergonhados pelo pecado, podemos voltar-nos com verdadeira fé para o ilimitado perdão de Deus e ser colocados de novo nos lugares celestiais. Alguns cometem o erro de pensar que têm de viver uma vida boa durante um período para provar que são dignos de ser perdoados. Deve ser repetidamente sublinhado que nunca houve ou haverá um momento em que os filhos dos homens

sejam dignos do perdão de Deus. Não há nada no homem em si mesmo que o recomende a Deus, portanto é um engano pensar que podemos e devemos produzir um padrão de bom comportamento depois de pecarmos a fim de nos qualificarmos para receber o perdão de Deus. A única maneira segura e satisfatória é olhar para o Senhor no instante em que somos vencidos pelo inimigo, franca e totalmente dizer-Lhe o que aconteceu e passar todo o problema para as Suas mãos capazes. Ele nos dará o verdadeiro arrependimento, perdão e restauração. Aquilo que foi uma derrota desagradável será transformado numa brilhante vitória.

Mas o objectivo principal é viver sem derrota. Deve ser dado à inexpugnável fortificação das defesas da alma para que o diabo não tenha oportunidade de montar um ataque bem-sucedido. Como tudo o que enfraquece a vontade assegura sucesso do inimigo, devem ser estudados os factores que induzem a este estado de enfraquecimento.

## Confiança Excessiva

Excesso de confiança na realidade é auto-confiança. O seu desenvolvimento ocorre da seguinte forma. Dotado de poderes espirituais poderosos dentro e fora o filho de Deus entra num período muito bem-sucedido na luta contra o pecado e Satanás. Como vê vitórias acumuladas sobre vitórias, a sua confiança cresce cada vez mais até ocorrer uma subtil transferência da confiança em Deus para crer em si mesmo. Isso acontece de forma tão imperceptível que deve ser mantida uma vigilância atenta para detectar e proteger contra ela.

Essa protecção é construída pelo menos de duas maneiras. Uma é rejeitar constantemente qualquer tendência para pôr confiança em si próprio e a outra é dedicar diariamente tempo na contemplação do maravilhoso poder, amor e carácter de Deus para que o verdadeiro desamparo do ser humano seja cada vez melhor avaliado.

“Os que deixam de compreender sua contínua dependência de Deus, serão vencidos pela tentação. Podemos entender agora que nosso pé se acha firme e jamais seremos abalados. Podemos dizer com confiança: ‘Eu sei em quem tenho crido; coisa alguma pode abalar minha confiança em Deus e Sua Palavra.’ Mas Satanás está planejando aproveitar-se de nossos traços de carácter hereditários e cultivados, e cegar-nos os olhos para nossas necessidades e defeitos. Unicamente compreendendo a própria fraqueza e olhando firmemente para Jesus, podemos caminhar com segurança.” (DTN 264.3), *O Desejado de Todas as Nações*, 382.

O excesso de confiança não muda o poder de Deus em nós, mas desliga-nos dele e enfraquece a nossa fé nele. Por causa da fé ser um elemento tão essencial na vida vitoriosa ou justa, tudo o que a enfraquece irá aumentar as perspectivas de humilhação.

Quando a auto-confiança entra na experiência, o sentido da necessidade de reforçar as defesas da alma através de muito estudo e oração é diminuído. A vida torna-se cada vez mais preocupada com coisas terrenas, enquanto se constrói uma falsa sensação de segurança. Mas é impossível construir e manter uma fortaleza espiritual eficaz sem o permanente estudo da Bíblia e comunhão com os poderes celestiais. A semente de Cristo no crente requer diariamente alimento espiritual para prosperar e crescer. Não deveríamos pensar em negligenciar a alimentação de natureza espiritual mais do que fazemos para os nossos corpos carnis.

O inspirado salmista compreendeu isto quando disse, “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti.” *Salmo* 119:11.

“O motivo por que os jovens, e mesmo os de idade madura, são tão facilmente induzidos à tentação e ao pecado é não estudarem a Palavra de Deus, nem meditarem nela como devem. A falta de firme e decidida força de vontade que se manifesta na vida e no carácter é resultante de negligência das sagradas instruções da Palavra de Deus. Eles não dirigem, mediante diligente esforço, a mente àquilo que lhes inspiraria pensamentos puros, santos, desviando-a do que é impuro e falso. Há poucos que escolham a melhor parte, que, qual Maria, se assentem aos pés de Jesus, a fim de aprender do divino Mestre. Poucos entesouram Suas palavras no coração, e as praticam na vida. (CBV 458.2).

“Recebidas, as verdades bíblicas elevarão a mente e a alma. Se a Palavra de Deus fosse apreciada como deveria ser, tanto os jovens como os idosos possuiriam uma retidão interior, uma firmeza de princípios que os habilitariam a resistir à tentação.” (CBV 459.1), *A Ciência do Bom Viver*, 458, 459.

Não importa quão sincera e profundamente convertida uma pessoa possa ser ou as maravilhosas vitórias ganhas, se não se alimentar cuidadosa e fielmente da palavra de Deus, o poder de Deus tornar-se-á cada vez menos visível aos seus olhos e sua própria suficiência vai-se tornando mais e mais acentuada. Com a mesma certeza que isso acontece, assim virá a queda. É o resultado garantido.

Os que descobrem que caem sob a tentação, embora possam olhar para trás e testemunharem de uma verdadeira experiência de novo nascimento, devem procurar em primeiro lugar ver se têm sido alimentados de forma diligente e fiel pela Palavra de Deus todos os dias. Se isto falta então não há necessidade de murmurar contra as promessas de Deus, ou queixar-se da dureza do caminho, ou procurar desculpas para a fragilidade da humanidade. Adotar tais medidas é agradar ao diabo.

Em vez disso, cada um reconheça francamente a verdadeira causa do problema. Olhai a vossa desnutrição, o vosso faminto e débil estado espiritual. Acabem o lamento de uma vida de derrota virtualmente aceite. Levantai-vos “portai-vos varonilmente” *1 Coríntios* 16:13 como homens honestos e nobres. Determinai que haverá um repasto diário das Escrituras até a força viva e a vitalidade exalarem de cada fibra espiritual. Que mudança na experiência será encontrada. Quando vem a tentação, o olho espiritual discernirá instantaneamente a sua natureza, a vontade optará por não ceder às pressões, e, quando a decisão é tomada, com fé viva, socorre-se do poder de Deus para salvar. A resposta é instantânea, logo o poderoso poder de Deus dentro e fora vem em resgate. O diabo é derrotado e decepcionado, enquanto Deus e a Sua verdade são honrados e o cristão é cheio com a alegria da sua salvação.

## Fronteiras Pouco Perceptíveis

A falta do alimento espiritual resultante do desenvolvimento da auto-confiança, gera outros problemas além do enfraquecimento da fé. As distintas linhas que separam a justiça e o mal ficam desfocadas. A mente não já não tem a certeza onde termina uma e começa a outra. Isto anula a possibilidade de tomar decisões determinantes. Enquanto o cérebro confuso está a tentar desvendar a resposta, o diabo não espera passiva e pacientemente, mas, reconhecendo as vantagens que isto lhe proporciona, aproveita-se delas. Quando a mente por fim vê o que deve ser feito, o crente está demasiado enredado para escapar sendo vencido.

Para compreender melhor isto, considere o dilema de um sentinela quando não é possível estabelecer a identidade de uma pessoa se aproxima. As suas intimações recebem apenas uma resposta enganadora. Ele pensa que pode ser um amigo, ou não será? Em todo o tempo em que o inimigo está a avançar, a distância está a diminuir e o tempo a esgotar-se. A sentinela ainda se esforça por obter a certa, mas não pode. Por fim, o assaltante cai sobre duma posição tão próxima que guarda não tem esperança. É derrotado e o campo fica exposto ao perigo durante a noite.

Para salvaguardar de um tal resultado, o exército exige que a pessoa fique a uma distância de segurança até identidade ter sido estabelecida sem qualquer dúvida. No caso da pessoa se recusar a cumprir, simplesmente será abatida independentemente de ser amiga ou inimiga. Satanás nunca aguarda até que tenhamos a certeza de quem ele é, necessitando que rapidamente reconheçamos tanto quem ele é, como a natureza da tentação que traz. Não é o tempo nem seguro uma identificação tardia.

A vitória é assegurada apenas quando é tomada uma decisiva escolha para não ser envolvido nos esquemas de satanás, enquanto a fé instantaneamente se liga ao grandioso poder de Deus para tornar eficaz a posição tomada pela vontade.

Quanto melhor informados e mais meticulosamente educado o cristão está, maior a garantia de viver uma vida vitoriosa. Porque Deus colocou no homem a liberdade de escolher, Ele não a

remove ou desrespeita nesta luta para regressar à perfeição final. Nem Ele faz o plano do caminho da salvação sem referência a este factor. Por conseguinte, o homem deve saber o que é certo e errado e ele é o único que tem de fazer a sua escolha. Deus nunca aceitará esta responsabilidade. Ele vai orientar-nos nos princípios e caminhos da justiça, educando as nossas mentes, aprimorando as nossas percepções e fortalecendo as nossas vontades. Ele disponibilizou todos os meios para a realização destes objectivos, mas nunca escolherá por nós. Este é o *nosso trabalho*.

Por isso está escrito, “E *conhecereis* a verdade, e a verdade vos libertará.” *João* 8:32.

Não pode haver equívoco a respeito do que é conhecer a verdade. Jesus declara que o Seu povo são os que a conhecem e no conhecimento ela os libertará. Quem não se dá ao trabalho de aprender a verdade como ela é em Jesus perecerá, uma vez que está escrito “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento.” *Oseias* 4:6.

As Escrituras revelam os métodos e esquemas de Satanás, de modo que não há nada que ele tanto tema como um povo que conheça tão profundamente a Bíblia que seja capaz de penetrar os seus disfarces e detectar os seus subterfúgios, enquanto por outro lado sabe que aqueles que negligenciam fortalecer a mente com a verdade serão presa fácil das suas tentações.

“Enquanto estivermos em ignorância no que respeita a seus ardis, têm eles vantagem quase inconcebível; muitos dão atenção às suas sugestões, supondo, entretanto, estar seguindo os ditames de sua própria sabedoria. É por isto que, aproximando-nos do final do tempo, quando Satanás deverá trabalhar com o máximo poder para enganar e destruir, espalha ele por toda parte a crença de que não existe. É sua política ocultar-se a si mesmo e agir às escondidas. (GC 516.2).

“Nada há que o grande enganador mais receie que o familiarizarmo-nos com seus ardis.” (GC 516.3). *O Grande Conflito*, 516.

O diabo não fica contente simplesmente em distrair-nos do estudo da Palavra de Deus. Ele está constantemente oferecendo alternativas para ocupar a mente. Através dos meios de comunicação de televisão e rádio, jornais e novelas, ele está a injetar em milhões de mentes, conceitos que são claramente diferentes dos princípios da verdade. Dessa maneira faz o certo parecer errado e o errado parecer certo, até as fronteiras entre eles estarem completamente desfocadas. Tão graves são as consequências que em última análise os homens farão as próprias obras de Satanás e pensam que estão a defender e a promover a causa de Deus. Aquilo que o mundo olha para como entretenimento é na verdade a educação e não há ninguém que, gastando o seu tempo a absorver as mensagens transmitidas através dos meios de comunicação sob o pretexto de diversões inofensivas, não coloquem assim a sua vida eterna em sério risco. Desse modo, está a ser privado do poder de decidir o que é a verdade e por isso, na hora da tentação, não pode tomar as positivas decisões em favor do que está certo.

Neste tempo, quando a consciência dos perigos associados a estas coisas está a diminuir, todos fariam bem em ler novamente as instruções dadas nos escritos inspirados em relação às obras de ficção, tanto na forma escrita como representada. Cuidadosa atenção deve ser dada a tais conselhos para reforçar a protecção contra o poder da tentação.

Deixem que seja constantemente lembrado de que tudo o que reduz as definidas e claras distinções entre a verdade e o erro, priva a vontade do poder para positiva e rapidamente escolher acertadamente. Quando esta decisão não é tomada, não há dependência pela fé no poder salvador de Deus, com o resultado de que a alma cairá no pecado. Isto é verdade não importa quão profundamente uma pessoa tenha passado pela experiência do renascimento.

## **Intemperança**

Força e clareza de vontade estão diretamente relacionados a um corpo são, limpo e saudável. Intemperança no comer, no trabalho ou qualquer outra actividade humana, introduz condições doentias no corpo que entorpece a mente, tornando-a imprópria para o tipo de decisões essenciais a uma vida vitoriosa.

Na ilustração acima apresentada, o general do exército, através da licenciosidade, tornou-se a si mesmo incapaz de cumprir o seu papel como a vontade dos militares. Tão extrema foi a sua intemperança que chegou a este ponto numa curta noite curta. Embora os filhos de Deus não desçam tão rapidamente, cada acto de intemperança tem o seu trágico efeito sobre todo o sistema em proporção directa à sua medida.

Por conseguinte, a obediência às leis da saúde não é apenas para o desenvolvimento do bem-estar físico. Existem ligações directas às consequências espirituais que também estão envolvidas. É por esta razão que o inimigo se tem concentrado em tentações que perdurem na natureza física do homem. Se ao menos todos estivéssemos tão plenamente conscientes das implicações disto como ele está, estaríamos tanto em guarda contra a indulgência dos desejos físicos como ele para os satisfazer.

“No círculo familiar e na igreja, devemos pôr a temperança cristã em elevada plataforma. Ela deve ser um elemento vivo, operante, reformando hábitos, disposições e carácter. A intemperança jaz à base de todo o mal em nosso mundo. — Manuscrito 50, 1893.” (Te 165.3), *Temperança*, 165.

“Deve ser mantido perante o povo que o justo equilíbrio das faculdades mentais e morais depende em alto grau da devida condição do sistema fisiológico. Todos os narcóticos e estimulantes não naturais que enfraquecem e degradam a natureza física tendem a abaixar o tono do intelecto e da moral. *A intemperança jaz à base da depravação moral do mundo*. Pela satisfação do apetite pervertido, perde o homem seu poder de resistir à tentação.” (CBV 335.1), *A Ciência do Bom Viver*, F5 335.

“Todos os órgãos do corpo foram criados para o serviço da mente. O cérebro é a cidadela do corpo, o banco de todas as forças nervosas e acção mental. Os nervos procedentes do cérebro controlam o corpo. Pelos nervos do cérebro, as impressões mentais são transmitidas a todos os nervos do corpo como fios de telégrafo; e eles controlam a acção vital de cada parte do sistema. Todos os órgãos do movimento são regidos pelas comunicações que recebem do cérebro.

“Os nervos cerebrais que se comunicam com todo o organismo, são os únicos meios pelos quais o Céu se pode comunicar com o homem, e influenciar sua vida mais íntima.

“Seja o que for que perturbe a circulação das correntes elétricas no sistema nervoso, diminui a resistência das forças vitais, e o resultado é um amortecimento das sensibilidades da mente.

“Qualquer parte do corpo que não é tratada com consideração comunicará a sua enfermidade ao cérebro.

“Não só é o privilégio, mas o sagrado dever de todos compreender as leis que Deus estabeleceu nos Seus seres humanos. . . . E à medida que eles compreendam mais completamente o corpo humano, . . . procurarão trazer seus corpos em sujeição aos nobres poderes da mente. O corpo será considerado por eles como uma maravilhosa estrutura, formada pelo Infinito Criador, e entregue ao seu cuidado manter esta harpa de mil cordas em acção harmoniosa.

“Para fazer da vida cristã um sucesso, o desenvolvimento de mentes e corpos sãos é da maior importância.

“A harmoniosa e saudável acção de todos os poderes do corpo e da mente resulta em felicidade; quanto mais elevados e refinados forem os poderes, mais pura e completa será a felicidade.” *My Life Today*, 148.

A temperança é um assunto de tão grande e importância que livros inteiros poderiam muito bem ser dedicados a ela. Não há esse espaço neste volume. O ponto essencial a ser estabelecido aqui é que intemperança tolda a mente, confunde a razão e reduz a força moral de modo que a alma fica desprotegida exposta ao poder da tentação. Sendo assim, é necessário que aqueles que forem vencedores na batalha contra o mal se concentrem fortemente na eliminação de todos os hábitos intemperantes das suas vidas.

## A Correcta Acção da Vontade

Neste capítulo, o objetivo é mostrar a diferença entre a liberdade do homem descrito em *Romanos* 8 e a escravidão descrita no capítulo anterior. O primeiro tem a liberdade para fazer as obras de Deus e ficar totalmente separado do pecado, enquanto o último não tem tal posição.

Mas a vitória não é automática. Com o homem de *Romanos* 8, *tudo* depende da *correcta* acção da vontade. A abordagem da tentação deve ser entendida por aquilo que ela é e aplicada uma decisão positiva *não* para submissão ao pedido. Ao mesmo tempo, nenhuma confiança deve ser tida em mente na capacidade do ser humano para resistir ao engodo. A fé deve agarrar-se à salvação de Deus, porque só Ele nos pode livrar do tentador. Este lugar e papel da vontade deve ser claramente compreendido de maneira que o cristão sabe como manter a mente clara e a vontade forte e será capaz de fazer rápidas e positivas identificações do trabalho do inimigo.

“O tentado necessita compreender a verdadeira força da vontade. É este o poder que governa na natureza do homem — o poder de decisão, de escolha. Tudo depende da devida acção da vontade. Os desejos em direção da bondade e da pureza são em si mesmos justos; mas, se aí ficamos, nada aproveitam. Muitos descerão à ruína, enquanto esperam e desejam vencer suas más propensões. Eles não entregam a vontade a Deus. Não *escolhem* servi-Lo. (CBV 176.1).

“Deus nos deu o poder da escolha; a nós cumpre exercitá-lo. Não podemos mudar o coração, nem reger nossos pensamentos, impulsos e afeições. Não nos podemos tornar puros, aptos para o serviço de Deus. Mas podemos *escolher* servi-Lo, podemos entregar-Lhe nossa vontade; então, Ele operará em nós o querer e o efetuar, segundo a Sua aprovação. Assim, nossa natureza toda será posta sob o domínio de Cristo. (CBV 176.2).

“Mediante o devido exercício da vontade, uma completa mudança pode ser operada na vida. Entregando a vontade a Cristo, aliamo-nos com o divino poder. Recebemos força do alto para nos manter firmes. Uma vida nobre e pura, uma vida vitoriosa sobre o apetite e a concupiscência, é possível a todo aquele que quiser unir sua vontade humana, fraca e vacilante, à onipotente e inabalável vontade de Deus.” (CBV 176.3), *A Ciência do Bom Viver*, 176.

Tende o cuidado de observar que o testemunho não diz que tudo depende da acção da vontade, mas da *devida* acção da vontade.

Há pessoas que formam a sua teologia sobre esta afirmação, mas o seu caminho para a vitória envolve a exercício da vontade para submeter a mente carnal. Isto é tentar o impossível. É o mesmo que um jardineiro pôr em prática todo o poder da sua vontade para produzir maçãs de um espinheiro. Isto não pode resultar e nunca resultará. Por conseguinte, qualquer utilização da vontade desta forma não é a acção certa e não irá trazer sucesso.

Antes duma pessoa nascer de novo, ela é escrava da mente carnal. Para isso, Deus oferece libertação. A *devida* acção da vontade neste ponto é escolher dar a Deus o pleno direito para remover o velho e implantar o novo. Não há nada mais que a vontade possa fazer nesta fase.

Em seguida, quando esta mudança for operada, a vontade deve escolher rejeitar qualquer tentação da carne, novamente entregando a situação ao Senhor para Ele resolver. Ele é o Salvador e só Ele é superior ao poder do mal.

Estudai com grande cuidado para entender o que a *devida* acção da vontade é, se desejar ser vitorioso e encontrar um lugar na eterna terra. Tudo depende disso.



# Capítulo 10

## Caracteres Contrastantes

---

[Voltar ao início](#)

**A**s Escrituras registam as vidas de muitos filhos de Deus. Estas crónicas foram preservadas porque ilustram a operação do plano de salvação em casos reais. Elas demonstram a eficácia das provisões oferecidas, provando que o Evangelho não é uma mera teoria, mas um vivo e prático sucesso. Elas mostram como Deus lida com o pecado nos Seus filhos, como o diabo trabalha de forma insidiosa para minar esse bom trabalho e como acontecem a vitória ou a derrota. Por estas razões, muito tempo devia ser dedicado ao estudo destas histórias. Elas são altamente educativas e encorajadoras.

Serão agora usadas algumas destas vidas para clarificar e desenvolver as reflexões já feitas. Ao fazê-lo, nenhum esforço será feito para condenar estes homens ou desculpar os seus erros. Este não é o motivo para o franco registo das Escrituras. Elas estão lá para nos permitir analisar onde essas pessoas agiram correctamente ou erraram, para traçar as consequências de tais acções permitindo-nos ser melhor informados e assim estar mais bem equipados para enfrentar o inimigo com êxito. É de lembrar que somente aqueles que aprenderam a não repetir os erros cometidos pelo povo de Deus no passado, combaterão a batalha até à vitória final e experimentarão a trasladação. Portanto, o estudo realizado aqui será analítico, não crítico.

Dois vidas que fornecem um contraste entre a vitória e a derrota são as de José e de Davi. Ambos chegaram à posição de governantes, o primeiro como segundo na linha de comando do rei do Egipto e o segundo, como monarca de Israel. A análise comparativa dessas duas vidas é especialmente valiosa por causa das semelhanças e das diferenças entre elas. Ambos eram realmente cristãos renascidos ou nascidos de novo, os dois ocupavam cargos de grande importância, e ambos foram confrontados com a mesma tentação – adultério. Mas enquanto José saiu ileso da tentação, David sucumbiu.

Como e por que razão um foi totalmente triunfante e o outro derrotado?

Todos os que que experimentaram o renascimento e que estão na fase de reforma, têm as mesmas possibilidades. Todos estão em perigo de falhar e não estão minimamente protegidos automaticamente. Por outro lado, tal como a vida de José prova, nenhum de nós precisa submeter-se. A vitória pode ser a experiência de todos e é, de facto, o direito de cada filho de Deus.

Houve razões para a derrota de Davi e houve razões para o sucesso de José. Se os factores que regeram a vida de Davi são encontrados na nossa experiência, então o nosso fracasso será tão certo como o seu, mas os princípios de José, se incorporados nas nossas vidas, vão proteger-nos como fizeram plenamente na dele. Para estas coisas estarem em nós como estavam em José, temos de as compreender e aplicar pessoalmente como ele fez.

### José

Em primeiro lugar deve ser definido que eles eram na verdade cristãos nascidos de novo que tinham realmente o renascimento e estavam por isso na escola da reforma.

Parece que José se tornou um verdadeiro filho de Deus muito cedo na vida e como tal, manifestou todas as características duma tal pessoa. Dele está escrito quando ainda era um rapaz na tenda de seu pai:

“Houve um, entretanto, de carácter grandemente diverso — o filho mais velho de Raquel, José, cuja rara beleza pessoal não parecia senão refletir uma *beleza interior* do espírito e do coração.

Puro, ativo e alegre, o rapaz dava prova também de ardor e firmeza moral. Escutava as instruções do pai, e gostava de *obedecer a Deus*. As qualidades que depois o distinguiram no Egito — gentileza, fidelidade e veracidade, já eram manifestas em sua vida diária.” (PP 144.1), *Patriarcas e Profetas*, 209.

O contraste aqui é entre José e os seus irmãos injustos. As próprias expressões usadas para o descrever mostram que ele era efectivamente um cristão renascido, pois havia “uma *beleza interior do espírito e do coração*”; ele “gostava de *obedecer a Deus*”; porquanto tinha em si os frutos do Espírito, “gentileza, fidelidade e veracidade”.

Um pouco mais tarde o Senhor deu-lhe os dois sonhos proféticos que ele por seu lado relacionou com os seus irmãos. “Achando-se o rapaz perante os irmãos, *brilhando seu belo rosto pelo Espírito de inspiração*, não puderam deixar de admirá-lo; porém não optaram pela renúncia de seus maus caminhos, e odiaram a pureza que lhes reprovava os pecados. O mesmo espírito que atuava em Caim, abrasava-se em seus corações.” (PP 145.1), *Patriarcas e Profetas*, 210.

Aqui está a imagem do jovem José com o Espírito de Deus resplandecendo *através* dele no ministério aos seus irmãos, e eles por seu lado, condenados pelo poder desse testemunho. É verdade que o Espírito de Deus não brilha *através* de alguém a menos que primeiramente habite *dentro* da pessoa. Aqui é visto que o Espírito de facto fluiu *através* dele, pelo que podemos saber que já estava *nele*, e se lá estava então ele era de verdade um cristão efectivamente renascido.

No entanto, apesar do facto dele ser um cristão nascido de novo, tinha defeitos ainda a ser corrigidos, como qualquer outro filho de Deus. O que tornou as coisas pior foi a sua própria educação em casa como filho preferido do pai que não estava a reformá-lo na direcção certa.

“Seu pai, forte e terno como havia sido seu amor, fizera-lhe mal com sua parcialidade e indulgência.... Os efeitos dessa preferência eram também manifestos em seu carácter. Defeitos haviam sido acariciados, que agora deveriam ser corrigidos. Ele se estava tornando cheio de si e exigente.” (PP 147.2), *Patriarcas e Profetas*, 213.

Quando José desceu ao Egipto, seu futuro parecia negro e desencorajador, mas depois lembrou-se dos ensinamentos de seu pai a respeito do tratamento de Deus com o Seu povo no passado. Esta reflexão reacendeu a fé e a coragem de José e levou-o a fazer uma total dedicação a Deus, a promessa envolvia a sua estrita fidelidade a todos os mandamentos do Senhor.

“José acreditava que o Deus de seus pais seria o seu Deus. Ali mesmo se entregou então completamente ao Senhor, e orou para que o Guarda de Israel estivesse com ele na terra do exílio. (PP 147.3)

“Sua alma fremiu ante a elevada resolução de mostrar-se fiel a Deus — de agir, em todas as circunstâncias, como convinha a um súdito do Reino do Céu. Serviria ao Senhor com inteireza de coração; enfrentaria as provações de sua sorte, com coragem, e com fidelidade cumpriria todo o dever. A experiência de um dia foi o ponto decisivo na vida de José. Sua terrível calamidade transformara-o de uma criança mimada em um homem ponderado, corajoso e senhor de si.” (PP 147.4), *Patriarcas e Profetas*, 214.

Esta é a consagração de alguém que tenha renascido. É a renovação da consagração que é feita quando chega um grande ponto de teste e decisão, tal como a José naquele momento da sua vida.

Assim foi ele para o Egipto, e todo o registo da sua permanência ali revela que verdadeiramente ele tinha as qualidades que só uma pessoa renascida podia ter. Como tal, ele foi capaz de receber do Senhor as maravilhosas bênçãos da nova aliança, porque dele está escrito:

“O Senhor estava com José, e foi homem próspero; e estava na casa de seu Senhor egípcio.

“Vendo, pois, o seu senhor que o Senhor estava com ele, e tudo o que fazia o Senhor prosperava em sua mão,

“José achou graça em seus olhos, e servia-o; e ele o pôs sobre a sua casa, e entregou na sua mão tudo o que tinha.

“E aconteceu que, desde que o pusera sobre a sua casa e sobre tudo o que tinha, o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José; e a bênção do Senhor foi sobre tudo o que tinha, na casa e no campo.” *Gênesis* 39:2-5.

O comportamento de José, enquanto esteve na casa de Potifar, é por si só uma prova de que o Espírito de Deus estava nele e trabalhava através dele. Ele era efectivamente um filho de Deus e diariamente estava a fazer progressos na obra da graça. É interessante notar que em todos os registos bíblicos, não há menção de qualquer pecado contra José. Isso não significa que ele fosse absolutamente perfeito e que a reforma dele estava completa, porque não estava, mas ele era um homem com uma tal confiança em Deus e tal atitude humilde quanto às suas capacidades e qualidades que o Senhor foi capaz de o guardar em segurança em todas as horas da tentação. A maior de todas veio quando a mulher de Potifar procurou seduzi-lo ao adultério. Nessa hora ele enfrentou essa tentação como cristão nascido de novo.

Porém, o facto dele ser, não foi em si mesmo a garantia automática de sucesso. Ele poderia muito bem ter caído. Louvemos o Senhor por termos o relato da história de um homem que poderia ter caído mas não caiu.

## E Davi

Também foi como um cristão nascido de novo que Davi confrontou a mesma tentação de cometer adultério. A história de Davi é o relato de como as coisas poderiam ter acontecido com José, mas felizmente não aconteceram. A experiência de José é exactamente a que Davi poderia ter tido, mas tragicamente não foi assim.

Existem abundantes evidências para mostrar que Davi era verdadeiramente um cristão nascido de novo antes e no momento em que enfrentou esta grande tentação.

A primeira referência a Davi é encontrada em *1 Samuel* 16. Este é o registo de Samuel apresentando a ordem de Deus para ungir um novo rei em lugar do rebelde e ímpio Saul de quem o reino foi tirado. O Senhor rejeitou a cada um dos sete irmãos mais velhos, “porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração.” *1 Samuel* 16:7.

O homem a quem Deus iria escolher como governante do Seu povo devia ter um coração recto com Deus e as únicas pessoas que têm um coração assim são aquelas que nascem de novo. Mais do que isso, ter um coração que fosse recto, envolvia a posse de qualidades que iriam preparar alguém para a grande responsabilidade de ser o rei de Israel.

Que Davi tinha a combinação necessária, é evidente do facto que o Senhor o escolheu para futuro governante de Israel. Nós não estamos tão preocupados com a posse das outras qualidades quanto estamos a respeito da libertação da escravidão do pecado, porque ele era, no coração e na vida, um filho do Deus vivo. Que Davi o era, é ainda evidenciado pelo facto de que desde o momento da sua unção para ser rei, “o Espírito do Senhor se apoderou de Davi.” “desde aquele dia em diante.” *1 Samuel* 16:13.

A excelente qualidade da vida de José foi ele não procurar posição. Ele servia o melhor que era capaz onde estivesse dia a dia. Se o Senhor lhe tivesse destinado a sorte de um escravo, era o que ele seria, mas seria o melhor escravo no mundo por amor a Deus. Também Davi, embora soubesse que tinha sido ungido para ser o rei de Israel, não deixou de lado os deveres comuns do dia, mas aceitou trabalhar como pastor como se fosse tudo o que iria fazer para o resto da sua vida. Ele esperou com paciência infinita que o Senhor lhe desse aquilo para a qual tinha sido ungido.

Foi durante esses dias de espera que ele preencheu com diligente serviço, que manteve uma estreita comunhão com o Senhor e recebeu d'Ele tais revelações da verdade como só um verdadeiro Filho de Deus poderia receber.

“A grande honra conferida a Davi não teve como resultado ensoberbecê-lo. Apesar do elevado cargo que deveria ocupar, continuou silenciosamente com sua ocupação, contente com *esperar o desenvolvimento dos planos do Senhor, no tempo e maneira que Lhe aproovessem*. Tão humilde e modesto como antes de sua unção, o pastorzinho voltou às colinas, e vigiava e guardava seus rebanhos *com tanta ternura como sempre*. Com nova inspiração, porém, compunha suas melodias, e tocava em sua harpa. Diante dele se estendia uma paisagem de rica e variada beleza. As videiras,

com seus cachos, resplandeciam à luz solar. As árvores da floresta, com sua verde folhagem, inclinavam-se com a brisa. Via o Sol inundando os céus de luz, saindo como o noivo de sua câmara, e regozijando-se como um herói a percorrer o seu caminho. Havia os altivos cumes dos montes, dirigindo-se para os céus; a grande distância erguiam-se os áridos penhascos da muralha montanhosa de Moabe; por cima de tudo estendia-se o suave azul da abóbada dos céus. E além estava Deus. Ele não O podia ver, mas Suas obras estavam cheias de Seu louvor. A luz do dia, dourando a floresta e a montanha, prados e ribeiros, elevava a mente a ver o Pai das luzes, o Autor de toda a boa e perfeita dádiva. Revelações diárias do caráter e majestade de seu Criador enchiam o coração do jovem poeta, de adoração e regozijo. Na contemplação de Deus e Suas obras, as faculdades do espírito e coração de Davi estavam a desenvolver-se e a fortalecer para a obra de sua vida posterior. Ele diariamente vinha a ter uma comunhão mais íntima com Deus. Sua mente estava constantemente a penetrar novas profundidades, à busca de novos assuntos para inspirar seus cânticos e despertar a música de sua harpa. A pujante melodia de sua voz, derramada no ar, ecoava nas colinas como que em resposta ao regozijo do cântico dos anjos no Céu. (PP 472.1).

“Quem pode medir os resultados daqueles anos de labuta e vaguear entre as solitárias colinas? A comunhão com a natureza e com Deus, o cuidado de seus rebanhos, os perigos e os livramentos, os pesares e as alegrias, coisas que eram próprias à sua humilde condição, não somente deviam modelar o caráter de Davi, e influenciar na sua vida futura, mas também deveriam, mediante os salmos do suave cantor de Israel, e em todas as eras vindouras, acender o amor e a fé nos corações do povo de Deus, levando-os mais perto do coração sempre amante dAquele em quem vivem todas as Suas criaturas. (PP 472.2).

“Davi, na beleza e vigor de sua jovem varonilidade, estava se preparando para assumir uma elevada posição, entre os mais nobres da Terra. Seus talentos, como dons preciosos de Deus, eram empregados para exaltar a glória do Doador divino. Suas oportunidades para a contemplação e meditação serviam para enriquecê-lo daquela sabedoria e piedade, que o tornavam amado de Deus e dos anjos. Contemplando ele as perfeições de seu Criador, mais claras concepções de Deus desvendavam-se perante sua alma. Eram iluminados assuntos obscuros, dificuldades eram explanadas, harmonizadas perplexidades, e cada raio de nova luz provocava novas expansões de júbilo, e mais suaves antífonas de devoção, para a glória de Deus e do Redentor. O amor que o movia, as tristezas que o assediavam, os triunfos que o acompanhavam, tudo eram assuntos para o seu ativo pensamento; e, ao ver o amor de Deus em todas as providências de sua vida, seu coração palpitava com mais fervorosa adoração e gratidão, sua voz soava com mais magnificente melodia, sua harpa era dedilhada com alegria mais exultante; e o jovem pastor ia de força em força, de conhecimento em conhecimento; pois o Espírito do Senhor estava sobre ele.” (PP 472.3), *Patriarcas e Profetas*, 641, 642.

Estas palavras descrevem verdadeiramente a experiência de alguém que tenha sido libertado do reino das trevas e caminha na luz do Céu. Essa pessoa não está certamente na escuridão espiritual do Egípto mas caminha na vereda da escola do deserto que conduz às portas de Canaã. Não pode haver dúvida de que Davi era um jovem verdadeiramente convertido neste momento, com uma experiência que foi amadurecendo a cada dia.

## Os Salmos

Foi durante este período que muitos dos seus Salmos foram escritos. Ninguém que tenha sido nascido de novo e compreenda a experiência viva da justiça pode ler os Salmos de Davi sem ler neles os sentimentos de quem conhece por experiência o que é ser salvo do poder da velha vida do pecado substituída pela nova vida em seu lugar.

Muitos salmos também foram escritos durante o período em que ele andou fugido do Rei Saul. “David compôs muitos dos Salmos no deserto, para onde foi forçado a fugir em busca de segurança. Saul ainda o perseguiu ali, e Davi foi várias vezes preservado de cair nas mãos de Saul pela especial interposição da Providência. Enquanto Davi estava assim a passar por provações e dificuldades,

manifestou uma confiança inabalável em Deus e foi especialmente imbuído de Seu Espírito, quando compunha os seus hinos que narram os seus perigos e livramentos, atribuindo louvor e glória a Deus, o seu misericordioso Guarda. Nestes salmos é visto um espírito de fervor, de devoção e santidade.” *Spiritual Gifts*, 4A:93.

Um salmo que seguramente foi escrito no início da carreira de Davi enquanto pastou e vigiou as suas ovelhas foi o salmo do *Bom Pastor*. Se alguma vez um salmo ou uma passagem da Escritura manifesta o Evangelho na sua pureza como um poder vivo para vencer o pecado, este certamente é um deles. Não é um testemunho da derrota mas uma viva declaração de vitória e de abundante satisfação com os dons de Deus para a alma necessitada.

“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.”

Estas palavras de abertura são um testemunho da ligação com Deus; de Deus como Dador Supremo em todas as necessidades espirituais ou físicas. E o que o Senhor dá está enumerado nos versículos seguintes. Lede-os novamente com fervorosa oração e vede neles o testemunho de um homem que conhecia o seu Deus, que sabia o que significava ser liberto do escuro vale da morte espiritual, e sabia o que é ser cheio com a justiça de Cristo.

Antes de Davi subir ao trono, cometeu alguns erros trágicos em que o principal foi perder a fé na promessa de Deus que daria o trono de Israel. Ele preferiu acreditar que Saul seria bem-sucedido em tirar-lhe a vida e por isso decidiu morar na terra dos filisteus. Este foi de facto um lamentável erro, mas ele não nega a verdade que Davi era um cristão renascido, nem significa que o Senhor o abandonou por proceder assim. O Senhor trabalhou pacientemente e por fim Davi como “um homem segundo o coração do próprio Deus”, subiu ao trono de Israel.

## **José e Davi**

Portanto, José e Davi chegaram à hora da tentação como verdadeiros filhos de Deus. Ambos eram homens que tinham estreita comunhão com Deus; ambos tinham sido chamados a representar um papel muito importante na ligação com o povo de Deus -- posições de liderança à cabeça da obra; ambos foram tipos de Cristo -- José como o puro e justo que foi vendido por trinta moedas de prata e Davi como o tipo de Cristo como Rei.

Com um passado de tanta semelhança e vantagem, seria de esperar que estes *dois* homens saíssem vitoriosos na hora da tentação, mas não foi assim. Um foi completamente derrotado enquanto o outro saiu vitorioso. Mas há uma razão para isso. Alguns outros factores envolvidos foram a causa, embora isto não seja desculpa para a queda de Davi. Estes precisam ser entendidos de modo a podermos ver aquilo que o enfraqueceu ao ponto de Satanás ter a vantagem e por isso podemos não seguir o mesmo caminho.



# Capítulo 11

## O Longo Processo de Preparação

---

[Voltar ao início](#)

Quando chegou ao confronto real com a tentação, José exerceu o poder da sua vontade na direcção certa, mas Davi não. Confrontado com as complexas pressões exercidas pela mulher do seu senhor, José não hesitou por um momento. Um certo número de princípios prevaleceram de pé com firme clareza na sua mente, levando-o a escolher instantaneamente dizer um muito enfático “Não!” ao apelo dela. Fortalecido pelo conhecimento que Deus o tinha tornado capaz de não pecar, a sua fé deu uma positividade à sua escolha que não podia ser negada. Não havia auto-confiança em José. Ele sabia que não poderia obter a vitória por si mesmo. Ele também compreendia que não poderia chegar à vitória a menos que fizesse a sua parte que era escolher não pecar e confiar no poder de Deus para defender essa decisão.

A essa fé que Deus respondeu como sempre fará. José foi mantido em segurança e limpo. Assim será sempre. Deus não pode fazer nada por nós até que tomemos uma decisão positiva de não pecar e pela fé entregar toda a questão nas Suas mãos para solução. Então Ele vem resgatar e tornar a escolha invencível. Ninguém que segue fielmente esse caminho pode ser vencido. É impossível. Mas se houver um desvio disto, a derrota é igualmente certa.

José não só recusou o tentador, mas saiu imediatamente do lugar onde a tentação estava. Ele reconheceu isto como terreno do diabo e não ficaria lá a convidar o sedutor. Esta forma de obter a vitória é digna de alguma ênfase. É uma fase muito prática do encontro com o arqui-enganador. Nunca vos coloquais numa posição onde não deveis estar ou permanecer se, por alguma circunstância fora do vosso controlo, sejais colocados lá.

Suponede que a batalha a ser travada é sobre leitura de romances. Ao longo dos anos foi criado o hábito e acumulada uma significativa quantidade desses livros. Por fim, forma-se no coração a convicção operada pelo ministério do Espírito Santo e é tomada a decisão de abandonar o hábito destruidor. Dá-se imediatamente prioridade a isto lançando os livros no fogo reduzindo-os a cinzas ilegíveis. Se esses livros são deixados nas prateleiras, vão servir para despertar os antigos desejos e hábitos. Posteriormente sede cuidadosos para evitar lugares como bibliotecas e livrarias onde essa literatura possa ser encontrada. Se uma companhia errada vos leva necessariamente a um destes lugares, então concluam o que tendes a fazer e recusando-vos a ficar deixem o local sem deter o olhar.

Quando a tentação se apresentou a Davi, ele devia ter reconhecido que as respostas e sentimentos que começaram a mexer com ele não eram certas, mas em vez de escolher instantaneamente desviar-se desta tentação, brincou um pouco com o pensamento, permitindo a si mesmo satisfazer o prazer do pecado. No momento em que o fez, a tentação cresceu mais forte e a voz da consciência mais fraca, até cometer o acto exterior do pecado.

John Wesley mostra a sua maravilhosa compreensão sobre isto na sua descrição da queda de Davi.

“‘Estava ele a passear no terraço de sua casa’ (2 Samuel 11:2), provavelmente louvando ao Deus a quem a sua alma amava, quando, olhando para baixo, viu Bate-Seba. Davi sentiu uma tentação; um pensamento que tendia para o mal. O Espírito de Deus não deixou de convencê-lo do perigo. Sem dúvida, ele ouviu e reconheceu a voz acauteladora; mas cedeu de algum modo ao pensamento e a tentação começou a prevalecer contra si. Daí o seu espírito foi contaminado; ele ainda via Deus, mas não com a nitidez anterior; ainda amava Deus; mas não no mesmo grau; nem com a mesma

força e ardor de afeição. Contudo, Deus ainda o repreendeu, embora o Seu Espírito fosse ofendido; e a Sua voz, ainda que cada vez mais débil, continuasse a sussurrar: ‘O pecado está à porta; olha para Mim e serás salvo’. Mas ele não queria ouvir; olhou outra vez, não para Deus, mas para o objecto proibido, até a natureza ficar superior à graça e acender-se a cobiça na sua alma.

“Os olhos da sua mente estavam agora fechados de novo e Deus dissipou-Se da sua vista. A fé, a divina, sobrenatural comunhão com Deus, assim como o amor de Deus, desapareceram completamente: então correu como um cavalo para a batalha e conscientemente cometeu o pecado exterior.” John Wesley, *Forty-four Sermons*, 181.

Enquanto no caso de José o poderoso poder de Deus foi capaz de operar a sua libertação da tentação quando colocou a sua vontade na obediência à lei de Deus, no caso de Davi, o poder de Deus nele e com ele não foi capaz de fazer nada porque ele falhou em colocar a sua vontade na direcção certa.

## Níveis de Pressão

Curiosamente, dos dois homens, o que tinha a menor pressão para pecar foi o que caiu, enquanto o outro, com uma tentação muito maior e mais complexa, foi vitorioso.

Com Davi, todo o apelo foi dirigido à carne. Não havia pressão social sobre ele. Se alguma coisa havia, a influência puxava na direcção oposta. Não havia ninguém a ameaçar com a perda da vida se recusasse a oferta. Ele poderia simplesmente ter virado as costas e a questão acabava ali. Era uma situação simples e não complicada.

Mas isso não é verdade no caso de José. As pressões carregavam sobre ele com subtileza, peso e complexidade. Satanás conhecia a força moral e espiritual deste jovem. Por conseguinte, ele usou toda a sua habilidade na formação da tentação para ter a máxima esperança de sucesso. Quando a situação de José é verdadeiramente entendida, ninguém o invejará. Pelo contrário, nascerá uma admiração pela sua coragem e fidelidade.

Tão astuto era o inimigo que procurou transformar até mesmo as melhores qualidades do servo de Deus em vantagem sua. Esse atributo era a fiel obediência às ordens do seu senhor e da sua mulher. Ele tinha procurado sempre agradar-lhes, fazendo apenas o que eles queriam e como desejavam. Era isto que se exigia dele como escravo, mas havia uma notável diferença entre o serviço extraído do escravo comum e o prestado com amor e dedicação por este jovem.

Satanás conhecia tão bem o padrão dos hábitos e a disposição estabelecidos na vida de José que planeou tirar o máximo proveito deles. Não há um de nós que não conheça o poder do hábito. O que foi treinado na pessoa através de contínua repetição constrói a tendência para responder da mesma maneira cada vez que circunstâncias adequadas são repetidas. Durante dez anos José tinha sido acostumado a obedecer às ordens dos seus senhores tão instantaneamente quanto lhe era solicitado. Por conseguinte, quando ela o convidou a cometer este acto, o padrão habitual tão fortemente formado tenderia a levá-lo à obediência.

Mas esta não foi a única pressão. A desobediência da parte do escravo era punível na forma mais cruel, frequentemente com a morte. José sabia perfeitamente que se não lhe obedecesse, seria submetido a severo castigo e poderia ser executado. A ameaça de morte constitui um incentivo muito difícil de resistir que raptos, ladrões, terroristas e sequestradores há muito conhecem. Ameaçai um homem de morte e ele dará praticamente tudo. Mas não no caso de José. Se a obediência a Deus fosse o custo da sua vida, então que assim fosse. Ele preferia a justiça à vida sobre esta Terra, por mais preciosa que esta última certamente pudesse ser para ele.

O terceiro poderoso incentivo ao pecado foi possivelmente o mais subtil e atractivo de todos. Está construído na natureza do homem decaído uma disposição para se elevar a si mesmo não importa o custo que isso tenha para outros. É uma perversão do desejo dado por Deus de crescer e melhorar. Mas considerando que o Senhor deu este incentivo para que uma pessoa pudesse tornar mais excelente o serviço aos outros, o diabo e o pecado têm transformado isto numa coisa egoísta.

Desde que entrou ao serviço de Potifar, foi encontrado em José um espírito excelente. Ele não reclamou contra Deus por ser permitido acabar nesta grave degradação de escravo comum. Aceitou que a sabedoria infinita de Deus o colocasse ali por alguma razão, embora desconhecida para ele. Sabia que apesar de não ser compreendido ou felicitado pelos seus serviços, fazia o melhor serviço possível para o seu senhor. A sua preocupação era servir o melhor que fosse capaz, exemplificando a vida e espírito de Cristo. Este não foi um consciente procedimento calculado mas a expressão natural do seu coração convertido. Nele estava a mente de Cristo a partir da qual brilhou a luz do amável serviço desinteressado.

Embora semelhante serviço não seja prestado com algum pensamento nas vantagens ou engrandecimento pessoal, é impossível fazer isso sem ganhar favor e exaltação. Assim foi com José. Potifar percebeu o espírito de José e reconheceu nele uma pessoa como nunca tinha visto antes. Confiou nele implicitamente e deu-lhe crescente controlo sobre os seus bens e negócios até José ser o único responsável e sabia mais sobre os assuntos do senhor do que ele próprio.

“E o Senhor estava com José, e foi homem próspero; e estava na casa de seu Senhor egípcio.

“Vendo, pois, o seu senhor que o Senhor estava com ele, e tudo o que fazia o Senhor prosperava em sua mão,

“José achou graça em seus olhos, e servia-o; e ele o pôs sobre a sua casa, e entregou na sua mão tudo o que tinha.

“E aconteceu que, desde que o pusera sobre a sua casa e sobre tudo o que tinha, o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José; e a bênção do Senhor foi sobre tudo o que tinha, na casa e no campo.

“E deixou tudo o que tinha na mão de José, de maneira que nada sabia do que estava com ele, a não ser do pão que comia. E José era formoso de porte, e de semblante.” *Gênesis 39:2-6*.

A história demonstrou largamente que o homem é muito mais capaz de lidar com a adversidade do que com a prosperidade. Uma subtil mas fatal mudança ocorre quando ele progride da pobreza e necessidade para a riqueza e abundância. Poucos homens são capazes de resistir a essa mudança, mas José foi um deles.

Na vida do cristão, a progressão tem efeitos mais perceptíveis e incomodativos do que no mundano. Isso acontece do seguinte modo:

Quando o chamamento de Deus é ouvido por um indivíduo, este descobre que lhe foi entregue um trabalho que parece ser nada menos do que prodigioso. Ele compara a escassez de meios na sua posse com a magnitude da tarefa e o seu coração desfalece. O seu único recurso é avançar com uma forte fé no grande Provedor e pedir as bênçãos necessárias para fazer o que Deus lhe deu para fazer. Essa confiança é recompensada com meios que são rapidamente gastos. Novamente as súplicas da fé ascendem e são totalmente satisfeitas. O trabalho cresce, a prosperidade e o sucesso toma o lugar do humilde começo e a fé é ainda mais reforçada.

Mas como os recursos são multiplicados e o estado original de pressão é reduzido, assim o sentido de necessidade é diminuído. Gradualmente, a pessoa caminha para o repouso mais e mais confortavelmente no visível apoio dado pela prosperidade material, com uma consequente transferência de fé do Deus que deu os dons para os dons concedidos por Deus. Este é acompanhado com um crescente espírito de auto-suficiência, grandeza e superioridade pessoal. Deus diminui mais e mais aos olhos daqueles que anteriormente tinham andado tão próximos d'Ele.

Foi isto foi que aconteceu com Lúcifer. As Escrituras dizem-nos que foi pela “multiplicação *do seu comércio*”, que se encheu de violência e pecou. Vede *Ezequiel 28:16*. A natureza exacta do seu comércio é desconhecida para nós, mas o que quer que tenha sido, serviu para lhe dar uma sensação de segurança que o separou de Deus e o induziu à auto-suficiência. Ele não tinha que fazer isto e Deus nunca teve a intenção que ele o fizesse. Mas o perigo está sempre presente. Chegou o momento quando a avaliação de Lúcifer sobre si próprio o colocou acima de Deus a quem agora via como inferior e a precisar de reforma. Assim começou a história do sofrimento que tem atormentado o Universo desde então.

Assim podia ter sido com José. No início do serviço de Potifar, ele era o menor dos escravos da casa. Perante ele apresentava-se a comissão divina de servir o egípcio. Face às circunstâncias

parecia uma tarefa impossível. Como poderia ele, nesta casa, guardar todos os mandamentos de Deus e assim ser um infalível testemunho do Seu carácter de amor? A fé levou-o a deitar mão e confiar na celeste suficiência e com a primeira prosperou. Rapidamente cresceu em estatura de saúde mental e moral, física e espiritual, até ficar evidente que a bênção de Deus estava muito mais com ele do que com o seu senhor. De facto, qualquer bênção que o senhor possuía vinha por meio de José.

É evidente que Deus avaliou José como sendo o melhor dos dois homens. José tinha o melhor carácter combinado com a excelente capacidade de negócios que o Senhor havia colocado e desenvolvido nele. A diferença era tão evidente que o próprio José também deve ter notado. Mas recusou permitir que isto se tornasse uma fonte de orgulho para si. Ele não quis fazer qualquer reclamação de posição mais elevada nesta base, mas reconheceu que a marca da verdadeira grandeza é encontrada no uso da maior capacidade para servir apenas com esse propósito.

Satanás reconhecia nisto um espírito totalmente contrário ao seu. Mas também viu a possibilidade de desenvolvimento do mesmo espírito que estava nele. No Céu tinha-se tornado o mais elevado de todos os anjos. Nessa posição desenvolveu um orgulho em si mesmo que exigia ser-lhe concedido o mais alto lugar de todos, a posição de Cristo. Se ele pudesse levar José a pensar da mesma forma, derrubá-lo-ia. Propositadamente, trabalhou para concentrar a atenção de José sobre si, sempre a recordar-lhe que sendo manifestamente um homem melhor, tinha mais direito aos bens do seu senhor. Satanás instou que se tinha tornado escravo injustamente, que era o seu *direito* ser livre e que devia aproveitar a oportunidade para obter os seus direitos. Só precisava, salientou o inimigo, de se mover com astúcia para que a transferência do poder de Potifar para si fosse efectuada.

Quantas vezes na história tem isto sido tentado e até mesmo alcançado. Filhos têm afastado os pais. Um ambicioso e hábil empregado roubado o dono a sua empresa. A técnica habitual é trabalhar para um homem até compreender o negócio e se crie uma calorosa amizade com os clientes. Em seguida, é dada a notícia de que um negócio rival é criado que desvia a carteira de clientes construída à custa de sofrimento e esforço da pessoa original.

Mas esse não era o carácter de José. Ele compreendia que o negócio pertencia a Potifar. Ser inferior ou superior não tinha qualquer influência na matéria. Deus tinha dado os bens e as riquezas a ele e não a José. Era apenas isso que importava. José tinha sido colocado naquela casa *como um servo* e seria *como um servo* que ele lá permaneceria até Deus o colocar noutro lugar. José foi fiel na capacidade e posição em que o Senhor o havia colocado. Ele não manifestou insatisfação com a sua sorte, nem procurou colocar-se noutro lugar. Quando chegasse o momento de ser movido, o Senhor se encarregaria de o fazer.

Satanás tinha uma poderosa e atraente aliada na mulher de Potifar. Ela reconheceu as esplêndidas qualidades do jovem e viu que ele era efectivamente superior ao seu próprio marido. Por conseguinte, procurou substituir o marido com o homem melhor. Ela não foi controlada nem pelos princípios justos nem pela lealdade, mas apenas por motivos egoístas. Ela sabia o que faria se estivesse na posição de José. Levaria o negócio, roubando tudo ao legítimo proprietário. Isto é o que ela considerou que José devia fazer. Se não o fizesse, então aos olhos dela, ele nada mais era do que um tolo.

Como uma expressão da sua decisão, ofereceu-se a si mesma ao jovem. Se ele a tivesse tomado ter-se-ia curvado à lei do eu, teria feito o que Lúcifer tentou fazer no Céu e teria negado os princípios da justiça. Quando é lembrado que este é o procedimento que a maioria dos homens na história tem seguido, então torna-se evidente a enorme pressão colocada sobre José. Se uma mulher bonita se tivesse insinuado a ele, não teria sido mais do que uma tentação física, mas ser a mulher do seu senhor fazê-lo, era verdadeiramente algo mais. A oferta dela era uma aberta aprovação para tomar o lugar do marido em tudo. Se ele estivesse a acariciar tais pensamentos, isto teria afastado quaisquer dúvidas, confirmando as suas aspirações e encorajando-o a dar este passo fatal. Juntos teriam mergulhado num curso que poderia ter trazido sucesso mundano ou podia ter trazido rápida ruína, mas seguramente teria fechado as portas do Céu para ambos.

José não se desviaria do mais estricte caminho da justiça. Recorde-se que quando ele recusou aceitar as sugestões diárias dela, não estava simplesmente negar a sua carne física. Ele estava a negar os princípios da exaltação própria; ele estava a escolher perder a sua própria vida em vez de pecar e estava a prestar o máximo respeito pela posição e direitos do seu senhor. Ele alcançou uma vitória verdadeiramente maravilhosa nesse dia quando ela finalmente colocou sobre ele pressão final.

A sua acção, sem dúvida, salvou a vida de Potifar. Tivesse ele cedido ao plano da mulher, ela provavelmente teria tranquilamente, mas com eficácia envenenado Potifar, tornando-se assim a única possuidora de todos os seus bens. Ela teria então libertado José, casado com ele e assim tê-lo-ia instalado no lugar que considerava legitimamente dele.

Para salvar a vida do seu senhor, José enfrentou o sacrifício da sua própria vida. Não tinha dúvidas de que ela o acusaria falsamente e que a acusação teria efeito e os convites impróprios de um escravo à sua senhora atrairia o castigo da morte. Seria uma execução sem julgamento. A única razão para José ter escapado desse destino foi por causa da especial protecção de Deus e porque Potifar conhecia suficientemente bem o jovem e sabia que ele estava inocente. No entanto, para preservar a honra da família, tinha de despojar José de tudo e lançá-lo na prisão.

Essas foram as circunstâncias terríveis exercendo forte pressão sobre o jovem José para pecar. Quão diferentes foram estes dos brandos apelos feitos a Davi.

Dos dois então não é Davi mas José quem seria de esperar cair. A situação é agravada por ser ao contrário. Teria sido mais fácil para nós compreendermos se aquele com maior incentivo ao pecado tivesse sido o que caiu. Mas não há mistério na história. Só precisamos duma investigação cuidadosa para mostrar por que caiu Davi onde José triunfou. À medida que seja obtida maior compreensão destas coisas, será adquirida força pela qual positiva vitória pode ser mantida na experiência de todos.

## O Processo de Preparação

Antes de cada vitória ou derrota na vida do cristão há um longo processo preparatório. Irá *parecer* ao observador que uma pessoa que levou uma vida muito exemplar até certo ponto, tenha *de repente* caído no pecado. Mas, uma desconhecida e invisível, erosão constante das defesas foi acontecendo durante um longo período de tempo. Satanás tem trabalhado para efectuar a ruína da alma. Quando ele considera que a preparação está suficientemente avançada, faz o seu ataque com sucesso surpreendente. O mundo considera a queda súbita, quando de facto, é o culminar de meses ou até mesmo anos de constante declínio espiritual.

“Uma longa operação preparatória desconhecida ao mundo, tem lugar no coração, antes que *o cristão* cometa francamente o pecado. A alma não desce de pronto da pureza e santidade à depravação, corrupção e crime. Leva tempo para que se degradem aqueles que foram formados à imagem de Deus, ao estado brutal e satânico. Pelo contemplar nos transformamos. Alimentando pensamentos impuros, o homem pode de tal maneira conduzir a mente que o pecado que uma vez lhe repugnava tornar-se-lhe-á agradável.” (PP 335.3), *Patriarcas e Profetas*, 459.

O assunto deste parágrafo não é o homem não convertido. Ele não diz que uma longa operação preparatória desconhecida ao mundo, tem lugar no coração, antes que *qualquer pessoa* cometa francamente o pecado, mas na vida do *cristão* antes *deste* cometer pecado. Embora estes princípios se apliquem ao mundo em geral, é acerca do *cristão* em particular de quem se escreve aqui.

Para os cristãos, esta declaração proporciona o aviso de que um cristão pode ser levado ao pecado, enquanto ao mesmo tempo revela o que está por detrás da derrota. Ele garante-nos que tendo lugar o longo processo preparatório, mergulhar na iniquidade é inevitável. Por conseguinte, é da maior importância que este factor seja entendido e tomadas as medidas para deter o processo. Ele tem de ser substituído com procedimentos que assegurem a manutenção da vitória como no caso de José. Quanto melhor forem construídos os fundamentos, mais firmemente a estrutura resistirá.

As vidas de José e Davi são excelentes fontes de informação e de orientação do que fazer e o que não fazer. Elas devem ser ampla e cuidadosamente estudadas, pois estão registradas para nosso benefício. Tal estudo não vai ser uma fútil crítica da vida de Davi ou uma adulação da vida de José. É o estudo das causas do pecado no cristão, dos subtis desgastes da tentação e da forma como os filhos de Deus podem beneficiar das mais abundantes medidas oferecidas para torná-los seguros contra o pecado.

Enquanto há sempre uma *causa* para o pecado não existe *nunca* uma *desculpa* para ele. Apesar de um cristão não estar certamente impedido de pecar, é definitivamente colocado onde é capaz de não pecar se assim o desejar.

José efectivamente valeu-se dessas disposições e experimentou essa vitória. Como houve um processo preparatório que garantiu a derrota de Davi, também houve um processo oposto que garantiu a vitória a José. Como os dois homens eram renascidos, ou livres da servidão, não se pode dizer que os resultados opostos nas suas vidas tiveram ali a sua causa, mas sim na obra da educação que se seguiu. Será visto que no caso de José, Deus foi capaz de o conduzir de lição em lição, construindo cada uma com base no trabalho feito antes, enquanto no caso de Davi, houve uma lição que o Senhor nunca planeou existir mas existiu, na qual Davi aprendeu coisas muito prejudiciais para a sua experiência.

A primeira escola de José foi na sua própria casa em que os pais foram os professores e Deus o Orientador. Aqui, ele foi cuidadosamente instruído nas histórias de como Deus lidou com os seus antepassados. À medida que se formavam na sua mente claras visões a respeito do carácter de Deus, as graças do amor, humildade, paz, integridade, honestidade e nobreza geral de carácter foram construídas nele. Assim adquiriu um tesouro inestimável que lhe forneceria grande poder de sustentação em futuros conflitos com o inimigo.

A importância do papel dos pais na construção destas coisas nos seus filhos desde os primeiros anos não pode ser esquecida. Quantos pais cristãos chegam ao ponto de verem os seus filhos crescerem até à adolescência revoltadas e por fim, adultos alheados de Deus e desejosos de ter uma oportunidades para começar de novo e fazer um trabalho mais aprofundado e responsável na formação dessas vidas. Demasiado tarde é visto que a educação ministrada nos primeiros anos determina, em grande medida, o caminho seguido mais tarde.

No entanto, essenciais como são os primeiros anos de vida de uma criança, a sociedade não exige preparação especial aos pais. Um jovem casal pode casar e trazer qualquer número de crianças ao mundo sem dar atenção se estão preparados para a responsabilidade.

Se alguém deseja ser arquitecto, médico, capitão de navio, engenheiro, construtor, piloto de avião, polícia ou qualquer uma de um grande número de profissões, tem de passar por um específico período de treino e muitas vezes exigente, a fim de passar os exames antes de ser classificada como qualificada para a posição. Muitos daqueles que começam a atingir tal estatuto caem pelo caminho e nunca chegam ao fim. Os homens insistem nestes padrões porque sabem que seriam colocadas vidas em perigo se pessoas inabilitadas fossem autorizadas a praticar estes cargos.

Mas nenhuma destas vocações na vida é tão importante como a educação dos filhos. O futuro de toda a sociedade depende do sucesso desta tarefa. Enquanto existe nos animais uma instintiva capacidade para a formação dos seus filhos, não é assim no campo humano. Para cada um ser um pai bem-sucedido, ele ou ela, sê-lo-á se for cuidadosamente preparado para a tarefa. No entanto, não é necessária essa preparação, não existem normas estabelecidas e qualquer jovem, inexperiente e imaturo pode exercer a paternidade sem quaisquer restrições.

Por detrás de cada pessoa verdadeiramente grande usada por Deus para abençoar a humanidade, há uma formação no lar onde bons pais tementes a Deus infundiram no desenvolvimento da mente os princípios da justiça. Uma dessas casas era a de José. Com grande cuidado e rigor, Jacó ensinou a José as glórias do carácter de amor de Deus, lançando assim um fundamento que as tempestades da vida não poderiam desenraizar.

Mas chegou um momento em que certos elementos infelizes na sua formação inicial necessitavam da sua transferência para outra escola. O seu pai, nas circunstâncias, não poderia ter

feito mais por ele. Outros professores, apesar de muito menos bondosos e amorosos, deviam ser chamados a continuar o trabalho.

Esta mudança ocorreu quando José foi vendido para o Egito. “Que mudança na situação — de um filho ternamente acalentado para o escravo desprezado e desamparado! Só e sem amigos, qual seria sua sorte na terra estranha a que ele ia? Por algum tempo, José entregou-se a uma dor e pesar incontidos. (PP 147.1).

“Mas, na providência de Deus, mesmo esta experiência seria uma bênção para ele. Aprendeu em poucas horas o que de outra maneira anos não lhe poderiam ter ensinado. Seu pai, forte e terno como havia sido seu amor, *fizera-lhe mal com sua parcialidade* e indulgência. Esta preferência imprudente havia encolerizado seus irmãos, e os incitara à ação cruel que o separara de seu lar. *Os efeitos dessa preferência eram também manifestos em seu caráter.* Defeitos haviam sido acariciados, que agora deveriam ser corrigidos. *Ele se estava tornando cheio de si e exigente.*” (PP 147.2), *Patriarcas e Profetas*, 213.

O primeiro objectivo de qualquer pai é garantir que o seu filho nasça de novo, mas é um grave erro supor que uma vez alcançado isto, o crescimento nas graças cristãs será automático.

Conheço um caso onde um pai acariciar o desejo que o seu filho fosse realmente convertido e crescesse até entregar a sua vida ao serviço de Deus e do homem. Por fim, chegou uma altura em que o jovem, com cerca de doze anos de idade, foi envolvido na pequena criminalidade e enfrentou severa punição em consequência. O pai reconheceu que tinha chegado o momento do seu filho poder aprender por experiência própria a terrível natureza do pecado e assim ser levado a buscar o perdão e a restauração do Senhor.

Com uma oração para obter ajuda e orientação divina, o pai falou com o filho sobre o resultado final do pecado. Mostrou como ele afastaria o filho de um lugar no Céu e que enquanto os seus pais, irmãos e irmãs tencionavam estar lá, ele seria deixado de fora. Foi-lhe perguntado se era isso o que queria. Quando as plenas implicações do seu pecado se abriram ao jovem, lágrimas de dor e arrependimento correram dos seus olhos.

Quando o modo de Deus para escapar lhe foi traçado, ficou feliz por aceitá-lo. Ajoelhando, confessou tanto aquilo que era como o que tinha feito, pedindo a libertação do primeiro e perdão do último. Fez a restituição do que estava ao seu alcance e deu provas num semblante feliz e novos caminhos, de ser verdadeiramente um cristão nascido de novo.

Nessa altura, o pai não compreendeu as distinções entre o renascimento e a reforma. Ele não sabia que era preciso educar o jovem de forma sensata e hábil nos caminhos da justiça, mas com alegria assumiu que, na medida em que a conversão básica teve lugar, o resto cuidaria de si quase automaticamente.

Este foi na verdade um erro terrível. A experiência do rapaz foi tomada como garantida, enquanto os pais se concentraram nos outros filhos. O triste resultado foi que o filho cresceu fora dos caminhos da justiça e agora não faz qualquer profissão do cristianismo.

Não há qualquer dúvida quanto à veracidade da experiência do renascimento do jovem. O que faltou foi a fase de reforma eficaz. Assim aconteceu com José, não há dúvida de que ele tinha sido realmente convertido. Além disso, ocorreu um trabalho eficaz de educação dia após dia, mas restava ainda um elemento nessa educação que estava a coloca-lo em caminhos indesejáveis. O favoritismo do seu pai em relação a ele criou orgulho, auto-suficiência e um espírito exigente desenvolveu-se nele.

Se alguém tiver dificuldade em compreender por que razão é possível estas coisas se desenvolverem num cristão nascido de novo, então não descanse enquanto através de oração fervorosa e estudo fiel entenda *como* é possível. A vida eterna depende disso. Ninguém pode escapar à acção dessas forças. Escolher ignorá-las simplesmente por causa da dificuldade em compreendê-las, não altera os factos nem os efeitos.

À medida que a auto-suficiência e a imposição se desenvolviam em José, essas disposições tendiam a sobrepor-se às graças mais doces e mais gentis até ele se tornar uma pessoa áspera e indesejada. Quanto mais tempo permanecesse na escola do lar sob a mão indulgente do seu pai, pior essas coisas se tornariam.

Isto ensina-nos, que a posse do novo coração não é a garantia automática de que uma pessoa nunca mais volta a pecar que irá escolher com certeza o caminho certo e que todos os factores da sua educação produzirão o efeito desejado. Isso indica que há um grande trabalho de reforma. Alerta para a necessidade de estudar a natureza das influências que operam sobre nós, de modo que possamos na medida do que está ao nosso alcance eliminar as prejudiciais e promover as benéficas. Ao mesmo tempo que é verdade existirem certas circunstâncias da vida que não podemos mudar, tal como José não podia mudar a sua condição de escravo, há coisas que podemos controlar. A escolha dos companheiros, do material de leitura, das actividades sociais e assim por diante, é decisão nossa. Sábia é realmente a pessoa que escolhe estas coisas sob o ponto de vista da sua relação com a bem sucedida preparação para a vida eterna.

Quando José foi para a terra do Egipto, passou a outra aprendizagem na escola da reforma. Lá foi desaprender algumas coisas que tinham sido aprendidas sob o cuidado do seu pai indulgente. Ele também devia construir uma resistência moral forte às sedutoras tentações do mundo sensual no qual estava agora inserido.

Ele entrou nessa escola depois de fazer uma dedicação mais solene ao Senhor de "... agir, em todas as circunstâncias, como convinha a um súdito do Reino do Céu." (PP 147.4), *Patriarcas e Profetas*, 214.

"Chegando ao Egipto, José foi vendido a Potifar, capitão da guarda do rei, a cujo serviço ficou durante dez anos. Ali foi exposto a tentações nada triviais. Estava em meio da idolatria. O culto aos deuses falsos era rodeado de toda a pompa da realeza, apoiado pela riqueza e cultura da nação mais altamente civilizada então existente. José, todavia, *preservou* sua simplicidade e fidelidade para com Deus." (PP 148.1), *Patriarcas e Profetas*, 214.

Assim viveu José nessa terra pagã onde o vício do tipo mais avançado marcava o modo de vida do povo a quem ele havia de servir. *Mas recusou permitir que sua mente pensasse sequer sobre tais coisas.*

"As cenas e ruídos do vício estavam ao redor dele; porém, era ele como quem não via e não ouvia. Aos seus pensamentos não permitia ocupar-se com assuntos proibidos. O desejo de alcançar o favor dos egípcios não o poderia fazer esconder os seus princípios. Se tivesse tentado fazer isto, teria sido vencido pela tentação; mas não se envergonhava da religião de seus pais, e não fazia esforços para esconder o fato de ser adorador de Jeová." (PP 148.1), *Patriarcas e Profetas*, 214.

Assim José manteve e reforçou a vitória já adquirida. A vida de Cristo no interior é a vitória e tinha ganho quando nasceu de novo ou renasceu. No caminho para o Egipto ele confirmou a maravilhosa dedicação que tinha feito de ser fiel ao Deus seu pai sem importar o custo que isso pudesse ter. Depois de dia para dia, fechou os olhos e os ouvidos à vista e aos sons que o rodeavam fortalecendo na vida interior.

Desta forma a aprendizagem educacional na fase de reforma construiu e consolidou o trabalho feito na experiência do renascimento. Foi por causa deste longo processo preparatório que José foi capaz de rejeitar tão decididamente os sedutores apelos da mulher de Potifar.

O facto mais notável é que ele construiu esta fortaleza enquanto privado da companhia de quaisquer outros crentes tanto quanto sabemos dos registos. Existe a possibilidade dele ter conduzido outros ao Salvador e ter ligação espiritual com eles, mas só podemos presumir isto, pois não há registo disso. Parece que ele andou absolutamente sozinho durante os dez anos ao serviço de Potifar.

Que todos aqueles que se encontrem sozinhos neste mundo tirem coragem deste testemunho. É uma coisa lamentável quando os jovens saem do serviço de Deus com a queixa de que têm de fazer isso para encontrar amizade. Por essa acção é tornado evidente que os amigos da Terra são mais importantes para eles do que o tesouro celestial e a vida eterna.

Quando há outros crentes por perto, então é correcto reunir com eles no dia de sábado, mas quando isto não for possível, a alma deve olhar com fé para o Céu, sabendo que Deus dará a necessária inspiração espiritual para construir e preservar.

José obteve a vitória absoluta porque tinha a experiência do renascimento e porque dia após dia cuidadosamente construía sobre o fundamento lançado. Ele recusou permitir que qualquer madeira,

palha ou restolho fossem incorporados na estrutura do carácter. De dia para dia tomou as decisões certas e o Senhor conseguiu assim abençoá-lo e fortalecê-lo poderosamente.

A vida deste excelente cristão prova que também nós podemos ter as mesmas vitórias se as procurarmos como ele fez. Não é uma questão de oportunidade, mas de estrita obediência às leis que determinam o sucesso.



# Capítulo 12

## De Escola em Escola

---

[Voltar ao início](#)

O estudo da vida de José revela que a vitória foi obtida muito antes de vir a hora da tentação e em seguida fielmente mantida dia após dia até ao confronto. Davi mostrará com igual clareza que a vitória foi perdida muito tempo antes do confronto real com o tentador. O diabo tinha visto que havia um constante, embora aparentemente imperceptível, enfraquecimento das sensibilidades morais do rei até os alicerces estarem tão fracos que ruíram quando a pressão caiu finalmente sobre eles.

Este enfraquecimento do poder moral não era inevitável. Satanás também tinha feito os mesmos planos para José, mas nesse caso não havia enfraquecimento, apenas uma consolidação da força e poder. Semelhantemente assim teria sido com Davi se este estivesse atento aos subtis ardis e esquemas do diabo. Nós, que vivemos nos anos mais corruptos da história, precisamos de estudar com muito cuidado as histórias da vida destes dois homens para aprender como podemos ser como José e evitar ser como Davi. À medida que esta aprendizagem avance, expressaremos simpatia por Davi em vez de condenação e sentiremos uma verdadeira dívida de gratidão para com a forma como a sua vida nos oferece lições, que, se cuidadosamente aprendidas, servirão para proteger-nos contra as mesmas derrotas.

Muito tempo antes de acontecer o Senhor previu tudo a que o rei seria submetido e, como sempre, fez cada provisão para educar Davi a fim de enfrentar a tentação vitoriosamente. Tal como com José, ele foi levado de lição em lição para aprender e desaprender lições na preparação para a enorme responsabilidade que estava à sua frente.

### Os Primeiros Dias

Quando Davi nos é apresentado, já ele é um jovem servindo como pastor nos montes de Belém. Ali “O Senhor escolhera a Davi, e o estava preparando, em sua vida solitária com os seus rebanhos, para a obra que era Seu desígnio confiar-lhe nos anos posteriores.” (PP 470.1), *Patriarcas e Profetas*, 637.

Neste ponto havia muito a acrescentar a respeito da apropriada vida no campo como escola ideal para o jovem. No Espírito de Profecia há abundantes conselhos que definem o valor do campo na preparação dos filhos quando estão a ser lançados os fundamentos da sua vida futura neste mundo e na eternidade.

Não só é o jovem isolado dos centros do vício, imoralidade e crime, de modo que não aprende estas coisas pelo contacto pessoal, mas é salvo da ociosidade que é uma maldição para qualquer pessoa. Muitos homens e mulheres jovens que passaram os primeiros anos formadores da sua existência próximo da vida apinhada de gente na cidade tiveram contacto com o vício e imoralidade que os tornaram moralmente paráliticos moralmente para o resto dos seus dias, impedindo-os de qualquer nível de utilidade real no serviço a Deus ou ao homem.

A cidade é o lugar onde todas as obras do homem são exibidas e desenvolvidas. As obras de Deus são encobertas. Até mesmo o azul do céu é obscurecido pelo fumo, imundície e poeira que sobem para a atmosfera. O Sol nunca é visto na sua força e durante a noite, tudo o que possa ser visto das estrelas através da nuvem de fumo, é encoberto pelas luzes brilhantes das ruas da cidade e parques de diversões. É a lei da vida que nos transformamos à semelhança daquilo que

contemplamos. Se os temas da nossa contemplação são pequenos e desvalorizadores, então vamos encolher em saúde mental e poder moral e, em consequência, em força física também. Não há nada menor no universo do que o homem pecador e sua obra pecadora, por isso o morador da cidade tem para sua contemplação, aquilo que é a causa do encurtamento da sua saúde mental, moral e física.

Em contraste, o campo é o local onde as obras de Deus estão espalhadas em admirável apresentação. Aqui, a visão pode ser mais ampla sobre planícies, vales, montanhas e para lá disso a glória dos Céus. Aqui estão temas da maior altura, profundidade e amplitude. Aqui deverá ser encontrada pureza - em águas despoluídas das brilhantes nascentes enquanto descem pela encosta no seu feliz caminho para o mar; no ar puro que não tolda a visão do Céu durante o dia nem a glória dos céus celestes à noite.

Aqui, momento a momento, a pessoa está em contacto com as obras de Deus, de modo que a pequenez do humano é vista em nítido contraste com a grandeza e maravilha de Deus. Fora este, não se encontram maiores meios de desenvolvimento e expansão para a alma. Todos os que se encontram ao abrigo de um tal professor numa sala de aula assim será o mais beneficiado em poder físico, mental, moral e espiritual.

A cada dia, o desenvolvimento da mente e do corpo jovem são confrontados com novos desafios, o êxito dos quais exige engenho, coragem e fé. Há obstáculos a serem superados, montanhas a subir, rios a atravessar, répteis a evitar, tempo para vigiar e caminhos de regresso por encontrar. Por outro lado há uma abundante e variada vida selvagem nas aves, insectos, animais, árvores e flores, através dos quais o Senhor revelará as belezas do Seu carácter. Esta é a sala de aula para os jovens – o melhor lugar do mundo para formar os alicerces sobre os quais a vida pode ser construída. Todos aqueles que tiveram o privilégio maravilhoso de crescer em áreas rurais ainda intocadas pelas incursões da civilização moderna, conhecerão por si próprios a veracidade destas palavras.

Este foi o tipo de escola em que Davi foi primeiro colocado por Deus no trabalho de preparação para enfrentar as responsabilidades e as tentações da vida futura. “Davi, na beleza e vigor de sua jovem varonilidade, estava se preparando para assumir uma elevada posição, entre os mais nobres da Terra. Seus talentos, como dons preciosos de Deus, eram empregados para exaltar a glória do Doador divino. Suas oportunidades para a contemplação e meditação serviam para enriquecê-lo daquela sabedoria e piedade, que o tornavam amado de Deus e dos anjos. Contemplando ele as perfeições de seu Criador, mais claras concepções de Deus desvendavam-se perante sua alma. Eram iluminados assuntos obscuros, dificuldades eram explanadas, harmonizadas perplexidades, e cada raio de nova luz provocava novas expansões de júbilo, e mais suaves antífonas de devoção, para a glória de Deus e do Redentor. O amor que o movia, as tristezas que o assediavam, os triunfos que o acompanhavam, tudo eram assuntos para o seu ativo pensamento; e, ao ver o amor de Deus em todas as providências de sua vida, seu coração palpitava com mais fervorosa adoração e gratidão, sua voz soava com mais magnificente melodia, sua harpa era dedilhada com alegria mais exultante; e o jovem pastor ia de força em força, de conhecimento em conhecimento; pois o Espírito do Senhor estava sobre ele.” (PP 472.3), *Patriarcas e Profetas*, 642.

Essa era a escola em que Davi se encontrava durante aqueles importantes anos de desenvolvimento e isto foi o que ele ganhou nesse período. Foi um fundamento que iria durar esta vida toda e além dela.

## A Escola Seguinte

Por mais importante que esta escola fosse, não era suficiente para dar tudo o que Davi precisava como salvaguarda contra o pecado no futuro. Outras lições eram necessárias para continuar a formação a partir desse ponto. Ele agora entrou numa nova escola em tempo parcial embora o campo e a vida de pastor fosse ainda a sua actividade principal. Quando o Rei Saul compreendeu que tinha sido rejeitado por Deus, os seus acessos de ira e depressão atingiram proporções desesperadas. Para curar isto, foi sugerido que o doce cantor de Israel fosse levado para a corte a fim de ministrar música ao rei. Assim Davi foi e permanecia enquanto a música era necessária e

depois voltava para o seu rebanho. “Quando quer que fosse necessário, era novamente chamado para servir perante Saul, a fim de suavizar a mente do conturbado rei até que o espírito mau se afastasse dele. Mas, embora Saul exprimisse seu deleite pela presença de Davi e pela sua música, o jovem pastor ia da casa do rei aos campos e colinas de suas pastagens com uma sensação de alívio e alegria.” (PP 474.2), *Patriarcas e Profetas*, 643.

Isto forneceu-lhe um novo ambiente que era realmente diferente daquele que conhecia nas colinas. O que via, o que ouvia e o que experimentava fazia uma profunda impressão na sua mente que por sua vez tinha uma influência que moldava a sua vida. Ele trouxe-lhe uma compreensão do tipo de vida e das tentações a que ainda ia ser exposto. Era como se a voz do Senhor lhe estivesse a dizer: “Esta é uma ilustração de onde irás encontrar-te um dia. É uma moderada e assustadora imagem do perigo da pressão das grandes tentações. Agora é tempo de preparação para ti.” Davi compreendeu a mensagem entregue naquela sala de aula e fez uma preparação muito intensa.

“Davi crescia no favor de Deus e dos homens. Ele tinha sido instruído no caminho do Senhor, e agora dispusera seu coração a fazer a vontade de Deus, mais amplamente do que nunca. Tinha novos assuntos para meditação. Estivera na corte do rei, e vira a responsabilidade da realeza. Descobrira algumas das tentações que assediavam a alma de Saul, e penetrara alguns dos mistérios no caráter e trato do primeiro rei de Israel. Vira a glória da realeza ensombrada pela escura nuvem da tristeza, e compreendeu que a casa de Saul, em sua vida particular, estava longe de ser feliz. Todas estas coisas serviam para trazer pensamentos inquietadores àquele que fora ungido para ser rei de Israel. Mas, quando se achava absorto em profunda meditação, e perseguido por pensamentos de ansiedade, voltava à sua harpa, e arrancava acordes que elevavam seu espírito ao Autor de todo o bem, e dissipavam-se as negras nuvens que pareciam obscurecer o horizonte do futuro.” (PP 474.3), *Patriarcas e Profetas*, 643, 644.

## A Tempo Inteiro na Corte

“Depois de matar Golias, Saul conservou Davi consigo, e não permitiu que voltasse à casa de seu pai.” (PP 479.1), *Patriarcas e Profetas*, 649. Terminava assim para sempre a formação de Davi na escola do jovem pastor. Agora ele estava na corte para aprender o que Deus lhe pudesse ensinar.

“Foi a providência de Deus que ligou Davi a Saul. O cargo de Davi na corte dar-lhe-ia conhecimento dos negócios desta, em seu preparo para a sua futura grandeza. Habilitá-lo-ia a captar a confiança da nação. Os sofrimentos e dificuldades que lhe ocorreram, em virtude da inimizade de Saul levá-lo-iam a sentir sua dependência de Deus, e a depositar nEle toda a sua confiança. E a amizade de Jônatas por Davi era também da providência de Deus, a fim de preservar a vida do futuro governante de Israel. Em todas estas coisas, Deus estava levando a efeito Seus propósitos de graça, tanto em favor de Davi como do povo de Israel.” *Patriarcas e Profetas*, 649. (PP 479.3).

Nesta sala de aula, Deus usou a inimizade de Saul como uma poderosa salvaguarda para Davi. Qualquer tendência de envolvimento na corrupção da vida da corte foi testada pela necessidade de dependência contínua da protecção de Deus contra a inimizade de Saul. Ele estava numa posição de não ousar baixar a sua guarda contra Saul ou contra as tentações da corte. Isso não só seria dar ao rei o pretexto necessário para legalmente matá-lo, mas fá-lo-ia perder a necessária protecção de Deus.

Assim foi colocado numa situação onde à sua volta o luxo e o vício da vida da corte procuravam corrompê-lo, mas ele tinha de se disciplinar a si próprio contra tudo isso. Isto estava a construir nele um padrão de comportamento que serviria como uma salvaguarda contra a transgressão.

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Provérbios 9:10) e a oração de Davi era continuamente dirigida a Deus, para que pudesse andar diante dEle de uma maneira perfeita.” (PP 480.4), *Patriarcas e Profetas*, 651.

## Como Fugitivo

A permanência de Davi na corte de Saul foi de duração limitada. A intensificação da suspeita e o ódio do rei a respeito de Davi forçou à sua passagem a outro local de aprendizagem, o mais difícil até então. Como um homem perseguido, ele andava continuamente em movimento para evitar os maliciosos e assassinos desígnios do rei. A educação assim adquirida, embora dolorosamente desagradável, foi essencial para revelar deficiências e insuficiências não trazidas à luz anteriormente. Estas tinham de ser corrigidas.

Até Davi fugir de Saul pela primeira vez, não há registo dele ter cometido quaisquer erros. Todas as vezes, não importa quão grande fossem as exigências colocadas sobre si, a sua fé cresceu à altura da ocasião e triunfou. Nunca foi visto a colocar a confiança na carne, mas apenas no braço do Omnipotente. Desse modo enfrentou e matou o leão, o urso e Golias. Assim lutou com sucesso na guerra em nome de Saul.

Mas quando chegou a Nobe e viu ali Doegue, o edomita, ficou sob a pressão de grande tentação. Ele sabia que estava em grande perigo de perder a vida e não sabia em quem confiar. Não há nada que a carne tema tanto como a morte e Satanás exercia toda a pressão que podia sobre aquela carne para se preservar da destruição. Ela apelava poderosamente à mente de Davi para fazer alguma coisa para se salvar a si próprio do rei homicida. Tudo neste ponto dependia a acção certa da vontade de Davi que por sua vez dependia duma tão forte fé que lhe permitisse tomar a decisão certa por causa da sua confiança que o Senhor cumpriria as Suas promessas.

Ao mesmo tempo, o Espírito de Deus estava a apelar à resistência dele ao chamamento da carne e entregar a protecção da sua vida nas mãos de Deus. Havia tantas evidências a confirmar que o Senhor não lhe faltaria. Em primeiro lugar havia a história das suas experiências passadas. Nunca uma só vez o senhor o abandonou em qualquer momento de crise. Além disso o Rei do Universo tinha-o especificamente ungido para ser rei. Isto era em si uma garantia de que ele não poderia ser destruído, pois era da responsabilidade do Senhor Jesus mantê-lo vivo para cumprir esta missão. Quando Deus escolheu Davi para ser rei, estava perfeitamente consciente de todos os perigos que ameaçavam privar o jovem desta posição. Por conseguinte, Deus não foi apanhado de surpresa em qualquer evento que se revelou posteriormente. Ele sabia tudo o que estava para vir e tinha feito total provisão para qualquer emergência.

Se Davi tivesse mantido cuidadosamente estes factos em mente, a sua fé teria sido inabalável neste momento. Ele não teria de pecar por mentir ao sumo-sacerdote. Ele foi um cristão nascido de novo e não um escravo do pecado. Qualquer transgressão teve de ser o resultado da sua própria escolha. Tudo dependia da correcta acção da vontade que só poderia ser tomada se a fé fosse forte. Era Davi capaz de recusar a tentação de salvar-se a si mesmo e colocar toda a sua confiança em Deus, ou perdera a sua confiança em Deus e faria alguma coisa para se salvar a si próprio?

A difícil situação em que Davi se colocou é perfeitamente ilustrada pelo diagrama anterior no capítulo oito. Estudai-o novamente em ligação com este exemplo. Vede com clareza que Davi tinha dois caminhos possíveis a seguir. A situação exigia uma acção imediata obrigando-o a decidir por um caminho ou outro. Deus não faria e Satanás não podia, obrigá-lo a tomar uma direcção ou outra. O único ser no universo que poderia decidir isso, era Davi.

Infelizmente, ele escolheu o caminho da carne. Ao perder de vista as poderosas garantias de que Deus o iria preservar e guardar, ele encontrou mais confiança na sua própria capacidade de se salvar a si mesmo do que tinha em Deus para fazê-lo. Quando qualquer tentativa é feita para medir o poder de Deus e a Sua capacidade para salvar, em comparação com o poder do homem e da sua incapacidade para salvar e então parece absurdo optar por esta última em preferência à anterior. Mas isto é apenas o que tem sido feito consecutivamente ao longo da experiência humana.

A única arma a que Davi tinha acesso era o engano. Ele deu ao sumo-sacerdote uma falsa razão para estar ali. O horrendo resultado foi a morte do sumo-sacerdote e toda a sua família. Pelo menos oitenta e cinco pessoas boas morreram em consequência directa da mentira de Davi.

“Davi havia ostentado nobres traços de caráter, e seu valor moral conquistara-lhe favor entre o povo; mas, quando lhe sobreveio a provação, *sua fé se abalou, e apareceu a fraqueza humana*. Via em cada homem um espião e traidor. Em uma difícil emergência Davi olhara a Deus, com os olhos perseverantes da fé, e vencera o gigante filisteu. Acreditava em Deus, e avançou em Seu nome. Mas, ao ser perseguido, a perplexidade e angústia quase lhe esconderam da vista o Pai celestial.” (PP 485.3), *Patriarcas e Profetas*, 656, 657.

Antes de avançar neste estudo, vários pontos precisam ser identificados.

O primeiro é que o aparecimento da iniquidade não foi causado pela presença contínua nele do velho homem, o primogênito. Isto havia sido removido quando ele nasceu de novo. Portanto, ele já não era escravo do seu poder, posição em que teria pecado independentemente da sua escolha. Ele agora era um homem livre e pecaria somente se escolhesse. Não se tratava de um problema de servidão mas de ideias erradas; a ideia de que era mais capaz de salvar-se a si próprio do que Deus. Por conseguinte, foi durante a fase de reforma que este problema se evidenciou e ele falhou. É necessário que estes factos sejam claramente compreendidos para evitar qualquer conflito com a mensagem sobre o renascimento.

Deve ser claramente salientado que não houve nem necessidade nem compulsão para Davi pecar. O que ele fez foi completamente indesculpável e desnecessário. Neste estudo ninguém desenvolva a impressão de que estamos a criar espaço para o pecado, desculpá-lo ou sugerir a sua inevitabilidade de alguma forma. Estamos a estudar *razões* para o seu aparecimento na vida de Davi, sem apresentar desculpas para ele. O alerta é que se as mesmas razões surgirem nas nossas vidas, então teremos certamente o pecado como aconteceu com ele.

Até agora, o estudo foi dedicado aos processos pelos quais Davi começou esta derrota. Agora chegou o tempo de considerar o caminho que Deus desejava que ele seguisse a fim de remediar os danos causados. Isto implica uma compreensão da atitude de Deus para com o Seu servo neste momento. Deus não voltou as costas a Davi, como Satanás quer fazer crer e deixou-o às portas do desespero. Pelo contrário, Ele olhou para estas experiências como valiosas lições para o Seu servo. Com terna e amorosa compreensão, aproximou-Se do Seu provado e faltoso filho, oferecendo um perdão total, completa restauração e instrução apontando para as lições a adquirir do incidente.

Enquanto nenhum incentivo deva ser dado para a queda no pecado a fim de apreciar melhor o carácter de Deus, permanece ainda o facto de que aqueles que tropeçaram como fez Davi e depois experimentaram o perdão do poder de Deus, aprendem a conhecer e apreciar o Seu amor como seria impossível doutra maneira. Com quanto precioso significado são as palavras citadas abaixo lidas por aqueles que têm passado por duras provas, escorregado e depois experimentado a proximidade de um Deus que só sabe amar e salvar. Lágrimas de gratidão e humildade correm dos olhos quando as obras de Deus são lembradas, quando é recordado o nosso absoluto desmerecimento, quando merecíamos e sentíamos que devíamos receber o derramamento da Sua ira, Ele veio em vez disso com a cura nas Suas asas.

“Oh! quão preciosa é a doce influência do Espírito de Deus vindo ela às almas deprimidas e desesperançadas, encorajando os desfalecidos, fortalecendo os fracos, e comunicando coragem e auxílio aos provados servos do Senhor! Oh! que Deus é nosso Deus, o qual trata mansamente com os que erram, e manifesta Sua paciência e ternura na adversidade e quando somos vencidos por alguma grande tristeza!” (PP 485.4), *Patriarcas e Profetas*, 657.

Este é o caminho de Deus porque é o carácter de Deus ser assim. Este é o caminho por onde temos de ir para O conhecer, tal conhecimento será de incomensurável conforto, eleva o espírito, abençoa e restaura em tempos de pressão e de tentação. Não há nada mais perigoso do que sucumbir à mentira de Satanás que uma vez caídos, incorremos de tal modo no desagrado e ira de Deus que não há esperança para nós. Deus não destrói o pecador. Este é destruído pelo pecado no qual cai. Portanto, quanto mais rapidamente o pecado é reconhecido e o pecador se dirige a Deus em busca da libertação desta carga esmagadora, menos tempo e oportunidade a iniquidade tem de exercer o seu poder destruidor. O homem mordido por uma cobra venenosa não espera um instante. Vai imediatamente procurar ajuda. Portanto assim devem fazer todos os que caem no pecado. A demora é fatal e agrada ao diabo imensamente.

O mais importante ainda, é não desperdiçar tempo a cismar sobre o pecado cometido. Em vez disso, aproveitai a oportunidade para aprender com o erro, ficando assim a conhecer melhor os esquemas do inimigo e tornar-vos mais habilmente equipados para os enfrentar. Desta forma, a própria queda projectada por Satanás para a ruína da alma, serve em vez disso para fortalecer a sua resistência ao pecado.

Isto podia fazer parecer necessário cair no pecado a fim de alcançar uma possível vitória sobre ele, mas não é assim. As mesmas lições podem ser aprendidas através dos *vitoriosos* encontros com a tentação. Além disso, as Escrituras relatam os passos dos que caíram, para desse modo proporcionar instrução clara quanto às causas do pecado num cristão. Pelo estudo exaustivo e pormenorizado destes registos, todos podem entrar nos problemas deles como se fossem seus, aprendendo assim com o que eles passaram, como evitar cometer os mesmos erros.

Infelizmente, não funciona desta forma tão eficazmente quanto devia. O padrão mais usual é o cristão cometer os seus próprios erros, sendo obrigados a aprender com base nos seus próprios erros dolorosos. Em seguida, enquanto lê os relatos da Bíblia, é capaz de se identificar com os que erraram ali, vendo como eles cometeram os mesmos erros, porque o fizeram e como puderam recuperar do problema.

Verdadeiramente surpreendente é que apesar de equipado com a vida de Cristo no interior e abençoado com as abundantes provisões da protecção divina contra Satanás, o cristão acaba por cair. Ele não precisava, não devia e não tinha necessidade de ceder à tentação, ainda assim a triste realidade é que muitas vezes cede. Compreender claramente o motivo é um primeiro passo para assegurar que não há repetição da queda.

Há uma única razão para essas falhas e é a falta de fé.

“Todo o fracasso por parte dos *filhos de Deus* é devido à *sua* falta de fé.” (PP 485.5), *Patriarcas e Profetas*, 657.

Nenhum dos poderosos recursos ao dispor do cristão estão disponíveis para ele se perder de vista o seu poder e disponibilidade. No momento em que a sua fé em Deus enfraquece por não poder ver o que Deus pode fazer e fará, então recorre à confiança nos seus próprios poderes para se livrar a si próprio. Tão seguramente como se defende *contra o poder mais forte do inimigo* com a sua própria força assim falhará. Numa guerra militar, obtém-se o mesmo resultado se o general vai sozinho para a batalha enfrentar a luta contra todo o exército inimigo, em vez de dar ordens aos seus soldados que o façam por ele. O general não terá esperança de sair vitorioso num tal confronto.

“Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé. Quando sombras rodeiam a alma, quando precisamos de luz e guia, devemos olhar para cima; há luz além das trevas. Davi não devia ter perdido a confiança em Deus por um momento sequer. Tinha motivos para confiar nele: era o ungido do Senhor, e em meio de perigo havia sido protegido pelos anjos de Deus; fora armado de coragem para fazer coisas maravilhosas; e, se tão-somente afastasse seu espírito da situação angustiada em que se achava colocado, e tivesse a lembrança do poder e majestade de Deus, teria estado em paz mesmo em meio das sombras da morte; podia com confiança ter repetido a promessa do Senhor: ‘As montanhas se desviarão, e os outeiros tremerão; mas a Minha benignidade não se desviará de ti, e o concerto da Minha paz não mudará’. Isaías 54:10.” (PP 485.5), *Patriarcas e Profetas*, 657.

A chave para manter a vitória sobre o pecado uma vez que a pessoa tenha nascido de novo e obtido a vitória, é a cuidadosa retenção e fortalecimento da fé. Em cada crise há duas testemunhas chamando a atenção. Uma é a da vista e circunstâncias, a outra é o poder de Deus. Satanás está constantemente a trabalhar para encher a atenção com as visões assustadoras da situação que Deus está completamente escondido da vista. Se Satanás conseguir ser bem-sucedido nisto então sabe que a vitória é sua.

Por outro lado, Deus luta constantemente para manter o olhar fixo no Seu todo-suficiente poder e presença imediata, de modo que o problema em mãos diminua em magnitude quando é visto à luz da grandeza e majestade de Deus. Se Deus for bem-sucedido, então a fé é forte e a vitória é certa. Estas são lições a serem aprendidas. O fracasso é por falha nossa, pois Deus forneceu graça mais do

que suficiente para enfrentar a directa emergência. Apesar de falhar, Davi estava aprendendo, embora da maneira mais difícil.

“Contudo, esta experiência estava servindo para ensinar sabedoria a Davi; pois levava-o a compenetrar-se de sua fraqueza, e da necessidade de constante dependência de Deus.” (PP 485.5), *Patriarcas e Profetas*, 657.

No entanto, a lição não foi totalmente aprendida na primeira vez que foi dada. O triste relato é que Davi reverteu à sua própria sabedoria repetidamente em subsequentes tentações. Imediatamente após ter mentido ao sumo-sacerdote, fugiu para os filisteus e lá novamente recorreu à mentira para salvar a sua vida.

“E Davi levantou-se, e fugiu aquele dia de diante de Saul, e foi a Aquis, rei de Gate.

“Porém os criados de Aquis lhe disseram: “Não é este Davi, o rei da terra? Não se cantava deste nas danças, dizendo: ‘Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares?’”

“E Davi considerou estas palavras no seu ânimo, e temeu muito diante de Aquis, rei de Gate.” *I Samuel* 21:10-12.

Deus não o enviou a pedir abrigo junto dos inimigos de Israel. Esta foi a sua *própria* escolha, reflectindo uma perda de consciência e fé no poder de Deus para o guiar e proteger. Ao recorrer às suas próprias obras para se salvar, colocou-se numa posição de grande perigo. Apesar dele se ter colocado a si próprio ali, o Senhor tê-lo-ia poupado se tivesse recorrido a Ele com confiança e paciência. Em vez disso, tendo perdido a sua confiança em Deus, novamente recorreu ao engano como arma para se livrar a si próprio.

“Por isso se contrafez diante dos olhos deles, e fez-se como doido entre as suas mãos, e esgravatava nas portas de entrada, e deixava correr a saliva pela barba.

“Então disse Aquis aos seus criados: Eis que bem vedes que este homem está louco; por que mo trouxestes a mim?

“Faltam-me a mim doidos, para que trouxésseis a este para que fizesse doidices diante de mim? Há de entrar este na minha casa?” Versículos 13-15.

David teve muita sorte em ter escapado com vida, porque os filisteus possuíam um espírito de vingança por causa da humilhante derrota do seu campeão Golias. O facto de ter escapado deve-se à protecção especial que o Senhor lhe deu apesar da sua confiança nas próprias obras. Mas em tudo, Davi desonrou Deus, o Seu povo e a ele próprio.

Agarrando a oportunidade proporcionada pelo rei o ter dispensado, Davi fugiu de volta a Israel e encontrou refúgio na caverna de Adulão. A ele juntaram-se aqui os refugiados da opressão do ímpio rei Saul somando um pequeno exército de quatrocentos homens. Ele enviou seus pais para a terra de Moabe por questão de segurança, mas a palavra do Senhor a ele dirigida expressamente lhe indicava o regresso ao seu próprio país novamente.

“Porém o profeta Gade disse a Davi: ‘Não fiques naquele lugar forte; vai, e entra na terra de Judá.’ Então Davi saiu, e foi para o bosque de Herete.” *I Samuel* 22:5.

A partir desse momento começou a busca incessante de Saul por Davi. O tempo tornou-se longo e nenhum alívio ou solução era visível aos fugitivos. Esta foi uma experiência muito angustiante e cansativa. A natureza humana procura soluções rápidas e espera que Deus o faça. Mas quando não há evidência visível que Deus esteja a fazer alguma coisa, a pressão começa a aumentar para tomar o assunto nas próprias mãos e *fazer alguma coisa*. Quando o cristão tem este tipo de experiência, precisa entender que apesar de não discernir o que Deus está a fazer, isto signifique que o Pai celeste não esteja a realizar os sábios conselhos da Sua vontade.

Davi perdeu isto de vista. O tempo que Deus levou a fazer as coisas tornou-se demasiado longo para ele e por causa de não poder ver provas de que alguma coisa estava a ser feita, concluiu que se continuasse na terra de Judá, Saul ia apanhá-lo e acabaria qualquer possibilidade dele ascender ao trono.

“A conclusão de Davi, de que Saul certamente cumpriria seu intuito assassino, foi formulada sem o conselho de Deus. Mesmo quando Saul estava tramando e procurando levar a efeito a sua destruição, o Senhor agia com o fim de assegurar a Davi o reino. Deus efetua Seus planos, embora aos olhos humanos estejam velados em mistério. Os homens não podem compreender os caminhos

de Deus; e, olhando às aparências, interpretam os sofrimentos, provações e experiências que Deus permite que venham sobre eles, como coisas que contra eles são, e que apenas farão a sua ruína. Assim Davi olhava para as aparências, e não para as promessas de Deus. Duvidava que algum dia viesse a ocupar o trono. Longas provações lhe tinham cansado a fé e esgotado a paciência.” (PP 496.2), *Patriarcas e Profetas*, 672.

O Senhor tinha-lhe dado instruções específicas para regressar à terra de Judá e ele não tinha que se preocupar em deixar aquela terra até receber novas instruções do Senhor. Mas quando decidiu que a promessa nunca seria cumprida, então perdeu a fé na liderança do Senhor e tomou a questão nas suas próprias mãos. Sem orientação de Deus, saiu de Israel e foi procurar refúgio com os filisteus.

Esta foi outra falha da sua parte, a causa da qual foi a perda da fé.

“Todo o fracasso por parte *dos filhos de Deus* é devido à sua falta de fé.” (PP 485.5), *Patriarcas e Profetas*, 657.

Assim Davi prosseguiu ao longo desta escola. Tanto pelo sucesso como pelo fracasso o Senhor estava a prepará-lo para o seu futuro trabalho. Para Davi, os fracassos devem ter sido desanimadores. Ele poderá ter tido a tendência de ver neles a prova de que Deus o tinha desamparado e já não podia trabalhar para dar-lhe o reino. Ele estava enganado acerca disto. Quando Deus o escolheu para ser rei, conhecia exactamente os pontos fortes e os pontos fracos do jovem. No pleno conhecimento disto, Ele fez a escolha. Quando esses problemas apareceram o Senhor não foi apanhado de surpresa e não tinha necessidade de rever a decisão tomada.

Em vez disso, com infinita paciência e amor, Deus aproveitou os erros para ensinar lições vitais a Davi. Ele fez tudo o que era possível para preparar Davi para o seu trabalho futuro. Ele previra as pressões espirituais sob as quais o rei trabalharia quando se tornasse o absoluto governante de Israel. Sabia que seria muito mais difícil para Davi ficar firme no meio do luxo de uma afluente corte e numa posição de grande poder do que teria sido se tivesse permanecido agricultor em Belém. Por conseguinte, o trabalho de o preparar era muito minucioso.

É crédito de Deus e nosso conforto espiritual o trabalho ter sido muito bem-sucedido. O reinado de Davi deve ser classificado como o mais justo de todos os reinados da história. Houve outros grandes reis mas nenhum tão grande como Davi. Ele foi o segundo e o último a ser directamente escolhido por Deus. A partir dessa altura a posição passava por herança ou usurpação. Durante a administração de Davi, Israel chegou ao nível de glória jamais igualada outra vez. A magnificência da corte de Salomão, a extensão do seu domínio e o poder dos seus exércitos foram a herança directa da sábia e justa governação de Davi. O afastamento de Salomão dos caminhos de Deus injectou um elemento de decadência no reino, cujo efeito total não se tornou visível até ao momento do desaparecimento da era de Davi.

É verdade que o reinado de Davi foi manchado pelo assassinato de Urias o heteu e o adultério com Bate-Seba. Não havia desculpa para isto. Mas o facto de que este foi o único grande pecado registado contra ele durante esse tempo, é tributo da eficácia da escolaridade que recebeu. Além disso, na hora da terrível escuridão quando Satanás, tendo-o levado à transgressão, reclamou-o como sua legítima presa, o conhecimento do carácter de Deus anteriormente construído, serviu para fixar a sua fé no perdoador, poder restaurador de Deus. Mas para isso ele teria de endurecer o seu coração sob a repreensão como havia feito o seu antecessor, ou teria perecido no desespero da angústia.

As experiências de Davi provam quão competente educador é o Senhor. Os resultados teriam sido ainda mais satisfatórios se Deus tivesse obtido a total e inteligente cooperação do rei. Fica a esperança de que a história de Davi faça nascer um povo que Lhe dê o nível desejado de cooperação. Então que poderoso poder espiritual será exibido em suas vidas que liberdade do pecado e pureza de justiça.



# Capítulo 13

## Davi em Filístia

---

[Voltar ao início](#)

“O Senhor não mandou Davi, à busca de proteção, aos filisteus, os piores adversários de Israel. Esta nação, precisamente, estaria entre seus piores inimigos, até ao fim; e no entanto fugira para eles à procura de auxílio em seu tempo de necessidade. Tendo perdido toda a confiança em Saul e nos que o serviam, lançou-se à disposição dos inimigos de seu povo. Davi era um bravo general, e tinha-se mostrado guerreiro prudente e bem-sucedido; mas estava a agir diretamente contra seus próprios interesses quando foi aos filisteus. Deus o havia designado para levantar Seu estandarte na terra de Judá, e foi a falta de fé que o levou a abandonar seu posto de dever sem ordem da parte do Senhor. (PP 496.3).

“Deus foi desonrado pela incredulidade de Davi. Os filisteus tinham temido a Davi mais do que a Saul e seus exércitos; e, colocando-se sob a proteção dos filisteus, Davi patenteara-lhes a fraqueza de seu povo. Assim ele animou esses implacáveis adversários a oprimirem Israel. Davi tinha sido ungido para ficar na defesa do povo de Deus; e o Senhor não queria que Seu servo animasse os ímpios, descobrindo-lhes a fraqueza de seu povo, ou dando uma aparência de indiferença pelo bem-estar do mesmo. Além disso, receberam seus irmãos a impressão de que ele fora aos gentios para servirem aos seus deuses. Por meio deste ato deu motivo a que fossem mal-interpretados os seus intuitos, e muitos foram levados a entreter preconceito contra ele. Davi foi levado a fazer exatamente o que Satanás desejava que ele fizesse; pois, procurando refúgio entre os filisteus, ele proporcionou grande exultação aos inimigos de Deus e de Seu povo. Davi não renunciou ao culto a Deus, nem cessou a devoção para com Sua causa; mas sacrificou a confiança nEle pela sua segurança pessoal, e assim maculou o caráter reto e fiel que Deus requer que Seus servos possuam.” (PP 496.4), *Patriarcas e Profetas*, 672, 673.

Esta foi a segunda ocasião em que Davi buscou refúgio entre os filisteus. Ele foi para lá porque o testemunho da vista e das circunstâncias ditou que fosse, apesar de não ter qualquer indicação de Deus. Tendo chegado lá, aquele mesmo testemunho da aparência apoiou fortemente o que tinha feito. Ele foi calorosamente recebido pelo rei e pelo seu povo, sentindo-se lisonjeados por causa do campeão de Israel ter procurado asilo entre eles. Ficaram ainda mais satisfeitos com a revelação da fraqueza e divisão em Israel que esta acção de Davi revelou. Davi sentiu-se tão seguro aqui que trouxe a sua família para morar consigo bem como todos os seus seguidores.

“Davi foi cordialmente recebido pelo rei dos filisteus. O calor desta recepção foi em parte devido ao fato de que o rei o admirava, e em parte ao fato de lisonjear à sua vaidade que um hebreu procurasse sua proteção. Davi sentia-se livre de perigo de traição nos domínios de Aquis. Levava sua família, sua casa e suas posses, e o mesmo fizeram seus homens; e segundo toda a aparência ali chegara ele a fim de fixar-se permanentemente na terra de Filístia. Tudo isto satisfazia a Aquis, que prometeu proteger os israelitas fugitivos.” (PP 497.1), *Patriarcas e Profetas*, 672, 673.

Este era um agradável contraste para o grupo fugitivo. Era confortável e repousante ser capaz de assentar sem o perigo constante de traição e perseguição. Por terem alcançado coisas importantes para a carne – segurança, conforto, descanso e paz – sentiam-se seguros de que o caminho escolhido era o correcto. Mas esta foi uma avaliação errada da situação. O que eles conseguiram teve um custo terrível para a causa de Deus da qual dependia o seu presente e eterno bem-estar. Tinham traído o depósito sagrado, encorajaram os filisteus a fazer guerra a Israel e causou dúvidas e desânimo ao seu próprio povo. Enquanto os resultados imediatos parecessem ser tudo o que

poderiam desejar, o propósito de longo prazo foi prejudicial tanto para os interesses de Davi como dos seus seguidores. Deus foi desapontado e bloqueado enquanto Satanás deslumbrado.

Cada cristão que, durante o período de reforma, deseja viver uma vida verdadeiramente vitoriosa, devia tomar boa nota desta experiência de Davi. Quando a ansiedade e a angústia sobrecarregam a luta cristã, o diabo vem oferecer uma forma de fuga. A vista e as circunstâncias declaram que não há futuro em ficar onde está, ao passo que, se tomar determinadas medidas, encontrará libertação da pressão e das dificuldades. A tentação é muito sedutora e o cristão, sem receber qualquer directiva clara do Senhor, sucumbe à pressão, adotando uma solução concebida por si. De imediato sente o calor da batalha diminuir, enquanto os amigos em cuja companhia entra, o recebem calorosamente e em agradável hospitalidade. Ele sente-se seguro por tudo isto de que escolheu o caminho certo. Quantas vezes se ouve e vimos isto em relação a todos aqueles que têm estado num movimento proclamando a verdade e depois o deixaram para se juntarem aos inimigos desse movimento. Tão calorosos e amigáveis são aqueles entre os quais agora se encontram que sentem ter feito a coisa certa.

Mas medir uma tal situação a partir do ângulo do conforto e alívio pessoal, é fazer uma avaliação muito errada. A única forma correcta de examinar uma tal situação é do ponto de vista daquilo que está a ser feito à causa de Deus. Não importa quão dolorosa e frustrante a nossa experiência possa ser, não há razão para recuar dela a menos que uma instrução de Deus o autorize.

É importante notar que embora Davi, através da perda de fé, tivesse recorrido às suas próprias obras, não se desviara do serviço e adoração de Jeová. Ele ainda era um filho de Deus e o Senhor o reconhecia como tal.

Há quem ache isto difícil de compreender, pois pensam em termos absolutos. Cada pessoa está totalmente no serviço de Deus, ou não está. Para eles é um ou o outro. Acham que é impossível entender o facto que uma pessoa, filha de Deus possa prestar um serviço a Satanás. A vida de Davi demonstra que isto certamente pode ser feito. O serviço a Satanás é realmente o serviço do eu do qual o diabo tira grande vantagem. O cristão assim envolvido não é servo ou escravo directo do diabo. Ele faz algo que, embora seja calculado para aliviar seus próprios problemas, fornece a Satanás uma ajuda e vantagem considerável.

A mesma coisa também funciona no sentido inverso, porque os escravos de satanás, desprovidos de qualquer respeito ou amor por Deus, têm feito coisas de interesse egoísta que ajudaram bastante a obra de Deus. Por exemplo, era uma ambição do Imperador Carlos subjugar a reforma na Europa, mas as suas intenções foram frustradas por várias actividades dos servos de Satanás. Uma delas foi a pressão exercida pelos turcos que invadiram a Europa do Leste, avançando até Viena. Outra foi a disputa que se desenvolveu entre o Imperador e o Papa, resultando num ataque do Imperador ao Papa numa fase. Mas se não fossem estas divergências, a reforma na Europa seria confrontada por forças militares para além da sua capacidade. Nem os turcos nem o Imperador estavam ao serviço de Deus mas, na perseguição dos seus próprios objectivos egoístas, frustraram os objectivos de Satanás e contribuíram grandemente para a obra de Deus. Isto não fez deles servos de Deus como tal, mais do que Davi tornar-se servo de Satanás.

Tendo-se colocado por sua iniciativa na terra dos filisteus, Davi determinou permanecer separado do culto deles aos ídolos. Por esse motivo, solicitou um lugar fora da capital e da corte.

“Ao pedido feito por Davi para residir no campo, afastado da cidade real, concedeu o rei gentilmente Ziclague em possessão. Davi compenetrara-se de que seria perigoso para si e seus homens estarem sob a influência de idólatras. Em uma cidade inteiramente separada para si, poderiam adorar a Deus com mais liberdade do que se ficassem em Gate, onde os ritos pagãos não poderiam deixar de mostrar-se uma fonte de males e incômodos.” (PP 497.2), *Patriarcas e Profetas*, 673.

Esta foi uma sábia movimentação digna de ser copiada por todos, mesmo por aqueles que estão numa posição onde se colocaram a si próprios pelas suas próprias obras. Pelo menos Deus tem então a oportunidade para educar e livrá-los desses lugares.

Davi, naturalmente, uma vez que se tinha colocado no lugar errado, verificou que recorrera às suas próprias obras para manter a sua segurança. Ele recorreu novamente à mentira para atingir este

objectivo. Muitos olharão para a questão com Bate-Seba como sendo uma mancha no registo da sua vida, mas isso aconteceu apenas uma vez, enquanto o recurso à mentira continuou ao longo de um grande período de tempo. Mesmo quando viveu em Ziclague, ele atacou frequentemente os amalequitas, os gesuritas e os gersitas. Teve o cuidado de não deixar qualquer relato vivo acerca dele que no regresso dissesse a Aquis que havia estado na peleja contra os israelitas. Esta foi uma mentira deliberada que continuou a repetir enquanto permaneceu na Filístia. Tal artifício serviu para consolidar a confiança de Aquis nele. O rei pensava que Davi não se atreveria a voltar a Israel e por conseguinte estava empenhado em permanecer para sempre em Filístia. Como dependia do rei por um lugar para viver, foi assegurado a Aquis que podia contar com Davi como aliado fiel e poderoso em qualquer momento de crise.

Enquanto o expediente da mentira serviu para garantir a imunidade da adormecida ira de Aquis, eventualmente ela deve ter trazido a Davi uma crise de proporções insolúveis no que respeita à sabedoria humana, pois, enquanto recorria às suas próprias obras e estava a mentir para se manter a si mesmo nessa posição, ainda reconhecia Israel como sendo o povo de Deus escolhido e não faria, sob quaisquer circunstâncias, guerra contra ele.

Há uma terrível tendência para cada cristão entrar no mesmo dilema de Davi. A responsabilidade de recorrer às nossas próprias obras provou ser o maior risco enfrentado pela igreja em todas as gerações. É seguro dizer que todos os movimentos construíram sobre esta rocha.

A questão que se coloca então é: Depois de nos termos colocado numa posição onde Deus nunca designou que fôssemos encontrados, o que deve ser feito para corrigi-lo? O que devia Davi ter feito quando verificou estar a cometer pecado aberto para sustentar o fruto das suas obras?

A tendência natural, uma vez determinado que os pés foram colocados no caminho errado, é tomar medidas para sair novamente. Isto só torna o problema ainda mais complexo, porque o meio usado para nos livrar do problema é o mesmo que nos confina a ele. Somente Deus tem a sabedoria para saber onde cada um deve estar e o que cada um deve fazer. Por conseguinte, o único procedimento correcto é confessar o pecado do recurso às próprias obras, reconhecer que nos colocámos onde o Senhor não tinha a intenção que estivéssemos, entregar todo o problema nas Suas mãos e depois mover-nos apenas quando Ele der ordem. Se Davi tivesse feito isso, teria sido salvo da situação que se desenvolvia à sua volta. Em vez disso, continuou a manter o engano do qual dependia para ter segurança.

É animador ver que quando a crise finalmente caiu sobre ele, não mexeu um dedo para se salvar do dilema, mas esperou com confiança no Senhor para fazer isso por si. Esta história é uma das mais maravilhosas revelações do carácter de Deus que eu conheço. Ela tem sido a causa de grande ajuda e conforto para mim, o que me leva a entregar problemas nas mãos de Deus com uma confiança que trouxeram as mais completas satisfatórias soluções.

A crise chegou a Davi com o aparecimento da guerra dos filisteus contra Israel.

“E sucedeu naqueles dias que, juntando os filisteus os seus exércitos à peleja, para fazer guerra contra Israel, disse Aquis a Davi: ‘Sabe de certo que comigo sairás ao arraial, tu e os teus homens.’” *1 Samuel 28:1*.

“Davi não tinha intenções de levantar a mão contra seu povo; mas não estava certo quanto ao que haveria de fazer, até que as circunstâncias indicassem seu dever. Respondeu ao rei evasivamente, e disse: ‘[...]Assim saberás tu o que fará o teu servo’. *1 Samuel 28:1*, 2. Aquis compreendeu estas palavras como uma promessa de auxílio na guerra que se aproximava, e comprometeu sua palavra a conferir a Davi grande honra, e dar-lhe elevado cargo na corte filistéia. (PP 497.4).

“Mas, embora a fé de Davi tivesse vacilado um pouco nas promessas de Deus, ele ainda se lembrou de que Samuel o ungira rei de Israel. Recordou as vitórias que no passado Deus lhe havia dado sobre seus inimigos. Reviu a grande misericórdia de Deus, guardando-o das mãos de Saul, e resolveu não trair um encargo sagrado. Mesmo que o rei de Israel tivesse procurado tirar-lhe a vida, ele não uniria suas forças com os inimigos de seu povo.” (PP 497.5), *Patriarcas e Profetas*, 674.

Desde a altura em que Davi fugira do rei Saul até este momento, nas horas de grande tentação, Davi olhara uma e outra vez para o braço da carne no lugar do poderoso poder de Deus. O resultado foi que ele se virou para a mentira para se salvar. Todavia, nesta ocasião ele fez exactamente a coisa

certa. Esta história deve ser cuidadosamente estudada observando bem o procedimento seguido por Davi e o seu bem-aventurado resultado. O que ele fez, assegurou-lhe a vitória completa. Aqueles que cuidadosamente copiam o procedimento obterão igualmente preciosas experiências e vitórias totais nas suas vidas.

Ele não fez qualquer esforço para conceber uma forma de sair do dilema. Em vez disso, concentrou a sua atenção nas maravilhosas manifestações do poder de Deus tal como as havia testemunhado no passado. Lembrou-se de que tinha sido chamado a reinar sobre Israel. Recordou-se das maravilhosas vitórias sobre o urso, o leão, e Goliás. Meditou nas ocasiões quando uma e outra vez fora protegido contra a maldade de Saul. Ao fazer isso, a sua visão de Deus com a Sua sabedoria, majestade, amor e poder, foi reforçada com um aumento correspondente da fé viva que lhe permitiu deixar toda a questão nas mãos de Deus. O mais encorajador é que ele conhecia Deus o suficiente para saber que, embora tivesse sido ele próprio a colocar-se nesta armadilha e merecia ser deixado à mercê da ira dos seus inimigos, o Senhor operaria de modo maravilhoso em seu favor. Davi sabia que Deus não Se manifestaria para consigo de forma vingativa. Aparentemente compreendia que Deus não é um destruidor ou um ser que condena o caído, mas é um maravilhoso Salvador, Restaurador e Libertador.

Tendo abandonado as suas próprias obras, Davi estava em repouso quando viajou em direção à frente de batalha. A questão da sua salvação estava totalmente entregue a Deus, não era preocupação sua. Deus, não ele, era o Salvador.

Deus enviou os Seus anjos para mover os senhores filisteus em protesto contra a presença de Davi entre eles, até, que na sua crescente preocupação, pressionaram o rei a mandar o guerreiro e o seu grupo regressar a casa. Embora o rei estivesse muito relutante em fazer isso por causa da sua grande confiança em Davi, sentiu que não tinha outra opção senão aceitar as exigências dos seus príncipes.

“Davi e seus homens não tinham tomado parte na batalha entre Saul e os filisteus, posto que tivessem marchado com estes ao campo de lutas. Preparando-se os dois exércitos para se empenharem em combate, encontrou-se o filho de Jessé em uma situação de grande perplexidade. Esperava-se que ele batalhasse em favor dos filisteus. Caso abandonasse na luta o posto a ele designado, e se afastasse do campo, não somente ficaria com o estigma de covardia, mas de ingratidão e traição a Aquis, que o protegera e nele confiara. Tal ato cobriria seu nome de infâmia, e o exporia à ira de inimigos mais temíveis do que Saul. Contudo, não poderia absolutamente consentir em combater contra Israel. Caso fizesse isto, far-se-ia traidor ao seu país — inimigo de Deus e de Seu povo. Tal lhe vedaria para sempre o caminho ao trono de Israel; e, se Saul fosse morto na luta, sua morte seria atribuída a Davi. (PP 508.1).

“Davi foi levado a compenetrar-se de que tinha errado seu caminho. Muito melhor ter-lhe-ia sido refugiar-se nas potentes fortalezas de Deus, nas montanhas, do que entre os declarados inimigos de Jeová e Seu povo. Mas o Senhor, em Sua grande misericórdia, não castigou este erro de Seu servo, deixando-o entregue a si mesmo em sua angústia e perplexidade; pois, embora Davi, perdendo seu apego ao poder divino, houvesse vacilado, e se desviado da senda da estrita integridade, era ainda o propósito de seu coração ser fiel a Deus. Enquanto Satanás e sua hoste estavam ocupados, auxiliando os adversários de Deus e de Israel a fazerem planos contra um rei que abandonara a Deus, os anjos do Senhor estavam agindo para livrarem Davi do perigo em que caíra. Mensageiros celestiais atuavam nos príncipes filisteus para que protestassem contra a presença de Davi e sua força no exército, no conflito que se aproximava. (PP 508.2).

“Que fazem aqui estes hebreus?’ exclamaram os príncipes filisteus, acercando-se de Aquis. Este, não querendo desfazer-se de um aliado tão importante, respondeu: ‘Não é este Davi, o criado de Saul, rei de Israel, que esteve comigo há alguns dias ou anos? e coisa alguma achei nele desde o dia em que se revoltou, até ao dia de hoje.’ (PP 508.3).

“Mas os príncipes iradamente persistiram em seu pedido: ‘Faze voltar a este homem, e torne ao seu lugar em que tu o puseste, e não desça conosco à batalha, para que não se nos torne na batalha em adversário; porque com que aplacaria este a seu senhor? porventura não seria com as cabeças destes homens? Não é este aquele Davi, de quem uns aos outros respondiam nas danças, dizendo:

Saul feriu os seus milhares, porém Davi as suas dezenas de milhares?’ A morte de seu famoso campeão e a vitória de Israel naquela ocasião ainda estavam vivos na memória dos príncipes filisteus. Não criam que Davi combatesse contra seu próprio povo; e, caso tomasse, no calor do combate, o lado deles, poderia infligir maior dano aos filisteus do que faria o exército todo de Saul. (PP 508.4).

“Assim Aquis foi obrigado a ceder, e, chamando a Davi, disse-lhe: ‘Vive o Senhor, que tu és reto, e que a tua entrada e a tua saída comigo no arraial é boa aos meus olhos; porque nenhum mal em ti achei, desde o dia em que a mim vieste, até ao dia de hoje; porém aos olhos dos príncipes não agradas. Volta, pois, agora, e volta em paz, para que não faças mal aos olhos dos príncipes dos filisteus’. 1 Samuel 29:3-7. (PP 509.1).

“Davi, receando trair seus verdadeiros sentimentos, respondeu: ‘Por quê? que fiz? ou que achaste no teu servo desde o dia em que estive diante de ti, até ao dia de hoje, para que não vá e peleje contra os inimigos do rei meu senhor?’ (PP 509.2).

“A resposta de Aquis deve ter produzido um estremecimento de vergonha e remorso no coração de Davi, ao pensar quão indignos de um servo de Jeová eram os enganos a que se rebaixara. ‘Bem o sei; e que na verdade aos meus olhos és bom como um anjo de Deus’, disse o rei; ‘porém disseram os príncipes dos filisteus: Não suba este conosco à batalha. Agora, pois, amanhã de madrugada levanta-te com os criados do teu senhor, que têm vindo contigo; e, levantando-vos pela manhã de madrugada, e havendo luz, parti.’ 1 Samuel 29:8-10. Deste modo a cilada em que Davi se enredara, rompera-se e ele ficou livre.” (PP 509.3). *Patriarcas e Profetas*, 690, 691.

Como frequentemente acontece, Davi foi provado repetidamente. É muitas vezes o caso de uma pessoa que chega ao fim do primeiro teste triunfante, e falha completamente no segundo.

Quando ele e o seu grupo voltaram para Ziclague, descobriram que haviam sido atacados pelos amalequitas durante a sua ausência, completamente saqueados e arrasados, suas esposas e filhos tinham sido levados.

“Depois de três dias de viagem, Davi e seu grupo de seiscentos homens chegaram em Ziclague, sua residência entre os filisteus. Mas seus olhos encontraram uma cena de desolação. Os amalequitas, tirando vantagem da ausência de Davi e sua força, tinham-se vingado de suas incursões em seu território. Haviam surpreendido a cidade, enquanto esta não se encontrava guardada, e, tendo-a saqueado e queimado, partiram, levando todas as mulheres e crianças como cativos, juntamente com muito despojo. (PP 509.4).

“Mudos de horror e espanto, Davi e seus homens por algum tempo olharam em silêncio para as ruínas enegrecidas e a queimar-se lentamente. Então, quando um senso de sua terrível desolação os assaltou, aqueles guerreiros cheios de cicatrizes recebidas em batalhas ‘alçaram a sua voz, e choraram, até que neles não houve mais força para chorar’. 1 Samuel 30:4.” *Patriarcas e Profetas*, 692. (PP 509.5).

A terrível situação em que Davi agora estava nunca se teria desenvolvido se ele não tivesse recorrido às suas próprias obras a fim de estabelecer a sua segurança. Deus lhe havia dado instruções tanto através do profeta Gade, como pelos princípios estabelecidos na Sua palavra para permanecer na terra de Judá. Mas isto tinha significado constante perseguição, incessante incerteza, e perpétua ameaça de morte. Para se aliviar disto tinha ido para a Filístia onde julgava não ter mais preocupações quanto à segurança. Ele devia saber que não tinha mais segurança nesta terra do que em Israel. A diferença era, evidentemente, se tivesse permanecido em Israel onde o Senhor o tinha colocado, então o Senhor, não ele, seria o responsável pela sua segurança e do seu grupo. Deus teria feito o seu trabalho de forma tão competente que nem um só cabelo da sua cabeça teria sido prejudicado. Se há uma lição que os filhos de Deus devem aprender é que não há segurança ou vantagem no nosso próprio planeamento. Segurança e progresso deverão ser encontrados apenas quando estamos exactamente onde o Senhor nos quer e nos colocou.

“Com isto foi Davi de novo castigado pela falta de fé que o levava a colocar-se entre os filisteus. Teve oportunidade de ver quanta segurança poderia obter-se entre os adversários de Deus e de Seu povo. Os seguidores de Davi voltaram-se contra ele, como causa de suas calamidades. Ele tinha provocado a vingança dos amalequitas pelo seu ataque contra eles; todavia, demasiado confiante em

sua segurança em meio de seus inimigos, deixara desguarnecida a cidade. Loucos de dor e raiva, seus soldados estavam agora prontos para quaisquer medidas extremas, e ameaçaram mesmo apedrejar seu líder.” (PP 509.6), *Patriarcas e Profetas*, 692.

Mais uma vez a pressão carregou fortemente sobre Davi. A situação exigia que alguma coisa fosse feita, especialmente quando foi confrontado pelos seus próprios homens que se tornaram hostis. A ameaça contra ele era mais imediata do nunca havia sido antes, tornando a tentação de recorrer à sua própria sabedoria e planos maior do que jamais conhecera. No entanto, apesar de ter caído tantas vezes anteriormente, desta vez deu exactamente os passos certos. Tão certamente como fez, assim foi completo o livramento.

Uma cuidadosa comparação das acções de Davi aqui adoptadas quando contrariado marchou com os filisteus em direcção à guerra com Israel, mostra que ele seguiu os mesmos procedimentos em cada caso. O caminho seguido estava em perfeita harmonia com os princípios do trabalho de Deus com o homem. Este foi um testemunho de que ele estava certo. Os resultados que se seguiram foram tudo o que se poderia desejar. Este foi o segundo testemunho. Estes dois testemunhos confirmam que esta é a fórmula bem sucedida para lidar com êxito com este tipo de tentação. Todos fariam bem em estudar esta fórmula até que ela seja completamente entendida.

O factor crítico neste tipo de situação é a posse de uma fé forte. Se uma pessoa nascida de novo, tem então ao seu dispor todo o poder necessário para superar a tentação, esse poder, no entanto, não vem em seu auxílio a menos que pela forte e viva fé tome mão dele e confie nele para fazer o trabalho. Por conseguinte, quando a pressão da vista e das circunstâncias faça o inimigo parecer aterrador e Deus muito longe é de primordial importância que os olhos sejam resolutamente retirados deste testemunho e dirigido para as promessas de Deus. Especialmente devem as maravilhosas experiências do passado, tanto suas como a dos grandes homens de Deus serem cuidadosamente examinadas. Ao ser feito isto, a fé e a confiança brotarão no coração, o grandioso poder de Deus virá em resgate e o Senhor resolverá o problema da maneira mais surpreendente. Observai como Davi fez isto:

“Davi parecia desligado de todo o apoio humano. Tudo que lhe era caro na Terra, dele havia sido arrebatado. Saul o expulsara de seu país; os filisteus o expulsaram do arraial; os amalequitas pilharam sua cidade; suas mulheres e filhos haviam sido feitos prisioneiros; e os próprios amigos de seu grupo ligaram-se contra ele, e o ameaçavam mesmo de morte. Nesta hora de extrema angústia, Davi, em vez de permitir que seu espírito se ocupasse com tais circunstâncias dolorosas, olhou com fervor a Deus à espera de auxílio. Ele ‘animou-se no Senhor’. Reviu sua vida passada, cheia de peripécias. Em que o havia o Senhor abandonado? Sua alma refrigerou-se, lembrando-se das muitas provas do favor de Deus. Os seguidores de Davi, pelo seu descontentamento e impaciência, tornaram sua aflicção duplamente atroz; mas o homem de Deus, tendo mesmo maior motivo de pesar, portou-se com coragem. ‘No dia em que eu temer, hei de confiar em Ti’ (Salmos 56:3) — era a expressão de seu coração. Embora ele mesmo não pudesse divisar um meio para sair da dificuldade, Deus podia vê-lo, e quis ensinar-lhe o que fazer.” (PP 510.1), *Patriarcas e Profetas*, 692, 693.

O rei escolheu não fazer absolutamente qualquer plano para si mesmo. Ele esperou para ver quais eram os planos do Senhor e depois seguiu-os escrupulosamente. O resultado foi tudo o que poderia ter desejado. Não só recuperaram todas as suas esposas e filhos e ganharam um enorme espólio, mas quase exterminaram os amalequitas.

As lições são claras e de grande valor. Nenhum filho de Deus precisa alguma vez de pecar. Tudo depende da fé porque “Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé.” (PP 485.5), *Patriarcas e Profetas*, 657.

As experiências de Davi mostram muito claramente como e porquê os cristãos têm caído sob a tentação. Isto não é prova de que tinha de ser assim, pois não era necessário que eles caíssem. Todas as provisões para a completa vitória tinham sido fornecidas de modo que a queda só podia ser por falta sua.

”Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo filho de Deus, arrependido e crente.” (DTN 213.5), *O Desejado de Todas as Nações*, 311.



# Capítulo 14

## Rei e Povo – Falta Partilhada

---

[Voltar ao início](#)

O pecado mais conhecido de Davi é o seu adultério com Bate-Seba e o assassinato do marido. É verdade que foi um crime terrível, mas atribuir a culpa apenas a ele, como a maioria das pessoas tende a fazer, demonstra uma falta de compreensão do papel desempenhado por outros ao colocá-lo no lugar onde poderia transgredir de forma tão iníqua.

O facto de que outros devem partilhar a sua culpa não desculpa o rei. Ele foi efectivamente censurável. No grande dia do julgamento, ele será incapaz de invocar qualquer desculpa para o que fez. Mas, nesse mesmo dia de contas final, abrir-se-ão os olhos do povo de Israel para ver onde o seu comportamento colocou sobre Davi uma pressão que ele nunca deveria ter sido obrigado a suportar. Eles foram cúmplices do crime e estavam profundamente implicados nele.

No entanto, quando ele cometeu o pecado e este se tornou conhecido em toda a nação, as pessoas tendiam a perder a confiança em Davi. A sua autoridade foi enfraquecida e a porta aberta à desmoralização geral da nação. Por causa de não terem cometido abertamente o mesmo pecado e porque não está na natureza do homem analisar e ver onde contribuiu para o pecado do outro, olham para aqueles como pecador e para si próprios como justos. Muito melhor teria sido para todos os envolvidos se estivessem preparados para ver que aquilo que Davi fez era o desenvolvimento natural da sua própria má escolha ao pedir um rei como as nações ao seu redor. Eles estavam a obter exactamente o que tinham pedido. Tinham sido avisados de que se pedissem um rei como as nações à volta deles, acarretaria graves consequências. Deviam ter reconhecido que estas palavras estavam a realizar-se e não condenar o rei por aquilo em que *eles* eram basicamente responsáveis.

Os seres humanos não mudaram desde essa altura. Os tribunais modernos julgam casos em que a pessoa a ser julgada é a única considerada como a que cometeu abertamente um crime. Eles não ponderam sobre o facto que as próprias pessoas que a julgam representam a sociedade que fez dela o que ela é. Por não terem cometido o crime abertamente, consideram-se justas enquanto julgam a pessoa em escrutínio como criminosa.

A sociedade moderna alimenta os seus membros desde uma idade muito precoce e impressionável com cenas de violência, homicídio, intemperança e concupiscência. Livros de banda desenhada, romances, televisão e filmes são os meios através dos quais isto é fornecido. Tudo isso, naturalmente forma o seu carácter no mesmo padrão e estimula o desejo de imitar aquilo que vê. Quando os resultados se desenvolvem em criminalidade activa, então a sociedade que forneceu os meios para fazer deles o que são, condena-os por serem assim. A pessoa é enviada para a prisão ou morte, enquanto a sociedade ainda mais culpada do que ela, permanece livre para continuar a sua obra mortal.

Nós, que somos filhos de Deus, devemos reflectir nesta lição muito a sério. Quando um irmão ou uma irmã cai num pecado grave, devemos resistir à disposição de lhes atribuir toda a culpa. Examinemos muito atentamente a nossa própria atitude e comportamento para ver onde, pela nossa influência ou nossa negligência, fomos responsáveis por empurrar essa pessoa para o abismo. Isso só pode ser realizado com sucesso se aceitarmos a ajuda de Deus para nos mostrar o que somos. Quando virmos realmente onde temos responsabilidade nos pecados dessa pessoa, vamos ter com ela e confessemos a nossa parte, assim, através do testemunho do nosso exemplo, admissão do nosso envolvimento e pelo convite verbal, incentivemo-la a confessar e voltar connosco ao Senhor. Grande poder curador teria sido derramado sobre a igreja do passado se esta prática tivesse sido

seguida com verdadeira sinceridade e clara compreensão. Que poder teria sido trazido ao antigo Israel se também eles tivessem seguido este caminho.

A queda de Davi devia ter sido uma bênção para Israel. Durante todo o reinado de Saul, suficiente opressão havia sido colocada sobre o povo e mostrada injustiça suficiente na vida do rei para os convencer do terrível erro cometido ao pedir um rei. Todavia, poderiam ter esperado um rei com melhor carácter, como o de Davi, que se levantasse acima de tais fraquezas. Quando *ele* pecou, este homem próximo do próprio coração Deus, deviam ter dito, “Basta! Vamos ao rei, confessemos o terrível erro que fizemos em pedir um rei como as outras nações, e convidemo-lo, connosco, a rever os nossos passos devolvendo a realeza a Deus o único a quem ela pertence.”

Quando originalmente pediram um rei como as nações circunvizinhas, não tinham compreendido completamente o que estavam a pedir. Esperavam, por causa das suas boas intenções, obter um rei que caracterizasse as *melhores* qualidades dos reis das outras nações e ignorasse as piores. Mas agora estavam a aprender que não é possível ter uma coisa sem a outra. Estavam a descobrir, se pelo menos admitissem, que de facto estavam a obter reis semelhantes aos reis das outras nações.

Como eram esses reis? Homens de honra e integridade? Eram eles moralmente sãos? Respeitavam eles os direitos e a propriedade das outras pessoas?

Eles não eram nada assim! Eram assassinos imorais e adúlteros. Se viam uma mulher que desejassem, tomavam-na. Se o marido ou família se opusessem, perdiam as suas vidas. O que era lei para o povo era permissão para o rei. Ele não tinha de responder a ninguém e agia conforme lhe apetecesse enquanto permanecesse no poder absoluto.

Os israelitas certamente não previram que os seus reis se tornassem tão totalmente semelhantes aos reis das outras nações de maneira a roubar-lhes as suas próprias esposas. Eles queriam de facto um rei justo, mas estavam empenhados em ter reis injustos pela própria natureza do seu pedido “*como* os reis das outras nações à volta de nós.”

Embora pedissem um rei assim, o Senhor exigia que ele tivesse justiça e preparou Davi para ser um rei justo. Não era a vontade ou plano de Deus que fosse o contrário. Mas algumas coisas ligadas à realeza trazem perversão devido à sua própria natureza. Existe a pompa que se inclina para o orgulho e arrogância. Tal como a influência de um indulgente pai foi tão prejudicial para o carácter de José, desenvolvendo nele a auto-suficiência e um espírito exigente, assim o luxo da vida da corte e a posse de poder absoluto teve o seu efeito em Davi.

A última lição a que Davi foi conduzido e da qual só a morte, o total arrependimento do povo, ou sua própria deliberada abdicação das responsabilidades divinamente apontadas poderiam libertá-lo, foi uma das quais o Senhor nunca destinou a qualquer homem. Foi imposta contra a vontade de Deus, por exigência do povo. Deus permitiu-a, pois Ele nunca os obrigou a segui-l’O. Ao mesmo tempo nunca os abandonou. Trabalhou com eles na medida em que O aceitavam, na esperança de que eventualmente chegassem a ver onde tinham escolhido desastres em vez de vida.

Muito tempo antes, quando Davi foi pela primeira vez escolhido para o papel da realeza, o Senhor sabia que teria de o ensinar previamente tão bem que, ao entrar na última lição, estivesse fortalecido para viver acima das suas influências. Davi ter caído apenas uma vez, é uma maravilhosa homenagem ao rigor com que o Senhor fez o trabalho com a fraca e frágil, natureza humana pecadora.

Portanto, embora José pudesse ser libertado dessa escola onde estava a desenvolver características erradas, Davi, no auge da sua vida, estava sujeito ao desgaste da influência daquela situação para o resto dos seus dias. Isso não significa que ele tinha de se deixar desgastar. Uma das maiores lições que temos de aprender com a realeza de Davi é que se pode estar consciente dessas influências e poder tomar medidas concretas e bem sucedidas para evitar que estas exerçam o seu efeito sobre a vida.

Pode ser alegado que José também se tornou governante no Egipto onde era diariamente rodeado por toda a forma de vício e corrupção. Mas havia uma diferença entre a sua posição e o reinado de Davi – José era apenas o segundo em comando, ao passo que Davi era o monarca absoluto.

## Os Perigos do Poder

Considerai os perigos de estar numa posição de poder absoluto como Davi quando governou a que era então a nação mais poderosa da Terra. Tende em mente que Deus nunca pretendeu a existência de tal exaltação. O Seu plano era haver um humilde profeta agindo apenas como Seu porta-voz. Esse homem não teria poder absoluto sobre o povo mas seria apenas a voz de Deus. Não comandaria poderosos exércitos, não se sentaria num brilhante trono e não presidia a uma corte pomposa. Por conseguinte, não seria submetido às influências corruptoras que todas estas coisas trazem. Davi estava num terreno que o Senhor reconhecia como muito prejudicial para a manutenção de uma viva vitória sobre o pecado. Aqueles que são rápidos a acusar Davi considerem como suportariam as influências subtis de semelhante situação.

Em *Patriarcas e Profetas*, 717, é feito um exame das influências que minavam as forças de Davi. Em primeiro lugar, é declarado que: “— conforme ensinam todas as lições da história bíblica, é coisa perigosa louvar ou exaltar o homem; pois se alguém vem a perder de vista sua inteira dependência de Deus, e a confiar em sua própria força, é certo que cairá.” (PP 529.1).

Ao pedir um rei, o povo colocou Davi numa posição de grande perigo. Isto era algo que Davi não desejou nem procurou. Perante a exigência do povo o Senhor indicou o melhor homem que se podia encontrar para o cargo. Ao fazer assim Deus manifestou o carácter de um salvador que procurava salvá-los das piores consequências da sua escolha. Foi o privilégio Davi participar neste trabalho de amor e sacrifício. Tivesse ele recusado, então teria pago com a vida eterna por negar o princípio no coração do Evangelho – serviço aos outros não importa qual o custo ou risco para si.

Tal como o Salvador veio para salvar a humanidade mesmo com risco da Sua própria vida eterna, assim Davi, com o chamamento de Deus, teve de ir à última escola mortal onde foi submetido a todas as pressões concebidas por Satanás para destruir tudo o que o Senhor tinha construído anteriormente. No jardim do Éden, Adão e Eva, ao escolherem o seu próprio caminho, criaram uma situação de emergência exigindo que Cisto arriscasse tudo. Da mesma forma, o pedido do povo por um rei que também era da sua própria escolha criou uma situação de emergência que necessitou que Davi arriscasse tudo para bem dos pecadores. Suas hipóteses de vida eterna teriam sido muito maiores se tivesse ficado pastor durante toda a sua vida. É confortador ver que no final o Senhor conseguiu guardá-lo em segurança até ao fim, apesar das dificuldades ao longo do caminho.

## A Falta É do Povo

Quando investigamos a forma como o povo se comportou relativamente ao pecado cometido com Bate-Seba, não há transferência da culpa de Davi para o povo, mas um reconhecimento do facto de que ela deve ser partilhada. Davi não pode ser isento ou isolado. Ele podia ter resistido às influências presentes na posição em que o tinham colocado. O povo é responsável por tê-lo colocado naquele lugar. Ele tem culpa por não reconhecer e resistir às influências enfraquecedoras do seu ambiente. Davi não foi vítima de circunstâncias. Nenhum cristão o é, porque Deus deu todo o poder e provisão para superar o efeito de todas as circunstâncias.

“O homem está a lutar com adversários mais fortes do que ele. ‘Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais’. Efésios 6:12. É impossível a nós, em nossa própria força, sustentar o conflito; e o que quer que desvie de Deus a mente, o que quer que leve à exaltação própria ou presunção, está certamente a preparar o caminho para a nossa derrota. O conteúdo da Bíblia visa a inculcar desconfiança na força humana e incentivar a confiança no poder divino.” (PP 529.1), *Patriarcas e Profetas*, 717.

Esta é uma declaração da verdade, o impacto total da qual deve ser entendido por todos os cristãos. Aqui está um testemunho claro de que é impossível subsistirmos no conflito. Por conseguinte, tudo o que desvia a mente de Deus e leva à confiança e exaltação própria prepara o caminho para a queda. É um processo tão firme, tão subtil e insidioso que ninguém está realmente

ciente do que está a acontecer até ser demasiado tarde, salvo se estiver constantemente em alerta. Assim aconteceu com Davi.

“Foi o espírito de confiança e exaltação própria que preparou o caminho para a queda de Davi. A lisonja e as sutis atrações do poderio e do luxo não deixaram de ter efeito sobre ele. Relações com as nações circunjacentes também exerceram influência para o mal. Segundo o costume que prevalecia entre os governantes orientais, crimes que não seriam tolerados nos súditos não eram condenados no rei; o qual não tinha o dever de observar as mesmas restrições que os súditos. Tudo isto tendia para diminuir o senso de Davi em relação à excessiva malignidade do pecado. E, em vez de confiar humildemente no poder de Jeová, começou a confiar em sua própria sabedoria e poder. Logo que Satanás consiga separar de Deus a alma, única fonte de força, procurará ele despertar os desejos impuros da natureza carnal do homem. A obra do inimigo não é feita abruptamente; não é, ao princípio, súbita e surpreendente; é uma ação secreta de minar as fortalezas dos princípios. Começa em coisas aparentemente pequenas — negligência de ser fiel a Deus e de confiar nEle inteiramente, disposição para seguir costumes e práticas do mundo.” (PP 529.2), *Patriarcas e Profetas*, 717, 718.

Porque o povo exigiu um rei como as nações circunvizinhas, colocou um homem numa situação de luxo e conforto tal que o expôs a influências que eram mais propícias à destruição da sua experiência cristã. É impossível um homem estar em semelhante posição sem ser afectado, a menos que tome medidas contínuas para a combater incessantemente. Foi isto que levou Davi a perder Deus de vista e a confiar mais e mais em si mesmo. Satanás trabalhou muito arduamente até ver ele perder a sua âncora no Senhor. Era nisto que Satanás estava concentrado em primeiro lugar, sem se preocupar ainda em conduzir Davi a cometer abertamente o pecado. Essa teria sido uma má estratégia porque, antes de ser possível isso acontecer, Davi teria visto para onde estava a ir e teria recuado. O diabo trabalhou numa coisa primeiro e depois de feito, trabalhou na fase seguinte – o despertar os desejos carnis da natureza humana. Ele sabe que o sucesso está garantido quando o primeiro objectivo é atingido e é impossível resistirmos aos efeitos destas coisas na nossa própria força.

De grande interesse neste contexto está o facto das “relações com as nações circunjacentes também exerceram influência para o mal.” Como um monarca entre os monarcas iguais a si, Davi tinha de ter contacto com esses reis. Assim ele via *sob todos os aspectos* como é que eles prosperavam na sua vida imoral, parecendo pecar e gozar as satisfações da carne aparentemente com impunidade.

No início, o que viu encheu-o de aversão e repugnância, mas com o tempo e com a repetição do que via, esses sentimentos começaram a diminuir até ele poder olhar em primeiro lugar sem reacção e por fim com interesse. “Tudo isto tendia para diminuir o senso de Davi em relação à excessiva malignidade do pecado.” A sua sensibilidade moral foi embotada e assim, quando a tentação foi apresentada, não a viu à luz em que deveria ter sido vista.

Não é fácil olhar para trás depois de vinte séculos e obter uma perspectiva clara da transgressão de Davi. Na igreja, o adultério é de algum modo desproporcionalmente classificado como o pior de todos os pecados. Por exemplo, o adultério com Bate-Seba e não o assassinato de Urias, é o pecado mais lembrado. Na verdade, este último dificilmente parece ser mencionado. Mas o assassínio é em tudo tão mau quanto o adultério. Adicione-se a isso o facto de que o pecado de Davi não é visto no seu contexto próprio e os cristãos modernos ficam horrorizados com o que ele fez e são incapazes de compreender como ele alguma vez pôde tê-lo feito.

O pecado dos outros é sempre olhado em tons mais negros do que o mesmo ou ainda piores males em nós mesmos. Seria bom colocar-nos no lugar de Davi, para estudarmos a sua história como se fôssemos ele. Seguir o processo pelo qual o conforto e o esplendor da vida da corte e o constante contacto com o mal quando se relacionava com os reis vizinhos, diluiu e diminuiu o seu sentido do certo e errado. Deixai que a consciência do perigo que acompanha os passos de cada cristão absorva a mente e então será mais fácil compreender como esse maravilhoso cristão tombou. O espírito julgador será substituído dentro desses estudantes pela simpatia, amor e compreensão.

A menos que nos sintamos mais justos do que Davi, devemos entender que cada um de nós é moralmente depravado em maior ou menor grau. O mundo de hoje está cheio de iniquidade e vício, fazendo parecer continuamente que é o transgressor que prospera. Mesmo entre os que professam o cristianismo, as estritas salvaguardas contra a entrada do mal foram assustadoramente diminuídas. Por conseguinte, o sentido da grandeza da pecaminosidade do pecado foi perdido numa medida assustadora.

Para um exame pessoal a este respeito, apenas é necessário pensar em quando ouvíamos falar de um grande desastre ou crime selvagem. Isto motivava um sentimento de horror e repulsa em seguida. Mas com o passar do tempo essas coisas tornaram-se cada vez mais frequentes e ainda mais terríveis. Atravessámos o horror da primeira guerra mundial e as atrocidades da segunda. Pensai agora na reacção quando, por exemplo, dois ou três jovens armados tiraram das suas bagagens metralhadoras e granadas no aeroporto de Lod, Tel Aviv e mataram com absoluto desprezo pela vida humana, um número de homens e mulheres perfeitamente inocentes e que nada tinham a ver com eles. A notícia suscitou pouco mais do que um interesse passageiro sem um verdadeiro sentimento de horror e repugnância. Ela foi esquecida com um encolher de ombros como sendo algo muito comum nestes dias.

O que é que nos aconteceu? Houve uma progressiva corrosão das sensibilidades morais até, num mundo onde a vida é de pouco valor e o sangue é tão facilmente derramado, o nosso respeito por ela ter diminuído. Seria bom que cada um pensasse sobre isto e descobrisse para seu próprio bem que tem havido uma subtil mas clara mudança.

Mas esta não é a única área onde o cristão é submetido a esta influência. Vivemos num mundo imoral em todos os sentidos. Dia a dia, estamos envolvidos em contratos comerciais com outras pessoas cujo único objectivo é o de fazer com que eles obtenham o melhor final de cada negociação. O resultado é que embora uma pessoa possa começar a fazer negócios no início da vida com um espírito nobre e generoso, cedo descobre que é necessário estar em guarda contra o outro negociador e há um endurecimento do espírito – os nobres e generosos impulsos esgotam-se e são substituídos por uma relação mais fechada e mais gananciosa.

Este é o mais depravado de todos os tempos. Nunca a luxúria e vício estiveram tão bem fornecidos de meios para a sua proliferação. Por todo o lado, nas ruas, revistas, conversas diárias, há incitamento à indulgência. No início isto é positivamente combatido pelo cristão. Mas à medida que os dias e anos passam, sua presença contínua reduz a sensação de desagrado até ser simplesmente aceite como a moderna forma de vida. Imperceptivelmente pode desenvolver-se um amor por estas coisas e muitas vezes acontece. Este processo não é inevitável. A sua possibilidade deve ser reconhecida e tomada as medidas concretas para lhe resistir. Caso contrário ele irá crescer em nós impiedosamente.

Cada um faça uma pausa e compare-se a si próprio agora com o que se lembra dos primeiros dias do sonho da juventude. Apesar de ser evidente que foram feitos verdadeiros progressos em muitas coisas, também será visto que houve perda. Não cometam o erro de olhar apenas aquele ponto em particular onde reside a vossa força. Cada pessoa tem algum ponto em que é forte, enquanto nas outras áreas é fraca e deficiente. Isto serve muito bem a Satanás. A sua táctica é conseguir que a pessoa olhe para a área forte e negligencie ou desculpe as áreas de fraqueza. O resultado é que ela mede o seu carácter pelas fortes e não pela imagem global. Assim o diabo é capaz de a fazer olhar para si própria como virtuosa, quando na verdade é bastante deformada moralmente. A capacidade da pessoa se avaliar honestamente com exactidão é uma faculdade da maior importância.

Só à luz da relação do novo nascimento com a reforma, pode o pecado de Davi ser entendido. À luz disso não há espaço para qualquer espírito de condenação da nossa parte para com ele, porque somos da mesma carne, estamos sujeitos às mesmas pressões de desgaste e como ele tornamo-nos vítimas da deformidade moral. Alguns de nós tiveram um começo de vida promissor como ele e menos ainda resistiram quanto ele e ainda assim pecaram. Todos nós estamos em perigo de cair da mesma forma como ele. Muitos não cometeram o acto exterior simplesmente porque não tiveram a oportunidade que Davi teve.

Que grande revelação é para nós do insidioso trabalho do pecado em todo o seu engano, é a história deste grande e maravilhoso cristão. Que lição para nós, para manter a fibra moral forte e desembaraçada de modo que, ao vir a tentação, a vejamos em primeiro lugar por aquilo que ela é realmente, então odeiem-na, afastem o seu veneno e estabeleçam a vontade pela fé viva no poder de Deus para nos salvar desse mal. Dessa maneira, a vitória será nossa como poderia ter sido de Davi.

Também neste aspecto é a revelação de que o cristão não pode cruzar os braços complacentemente, acreditando que não há mais necessidade de ter medo da tentação, crendo que a partir de agora, não será possível pecar. Ainda temos a caída, carne humana pecaminosa e enquanto a tivermos, somos constantemente confrontados com o perigo dela ganhar vantagem.



# Capítulo 15

## A Vida Cristã É um Caminho Perigoso

---

[Voltar ao início](#)

A história da firmeza de José e das vitórias e derrotas de Davi é um livro de lições para cada cristão. Aqui é revelada e salientada a verdade que os filhos de Deus estão a lutar contra forças muito mais fortes do que eles. Apenas pela compreensão da natureza do conflito e pela confiança nas provisões de Deus pode a vitória ser assegurada.

As experiências deles removem todas as dúvidas sobre a *possibilidade* de um *cristão* cometer pecado. Notai cuidadosamente que isto não está a falar da *certeza* da sua transgressão, mas da *possibilidade*. Não pode haver coisa como imunidade permanente ao poder da tentação para o cristão. A triste verdade é que os cristãos podem pecar. De facto, aqueles homens que como cristãos, erraram muito gravemente, eram grandes cristãos por quem o Senhor havia feito muito. Eles andavam, como é dito de Davi, homens “segundo” o “próprio coração” de Deus. *1 Samuel* 13:14.

Estes são factos que devem ser enfrentados como tal. Ao aceitá-los, no entanto, quais são as conclusões a tirar?

Deve ser concluído que se homens como Davi cometeram pecado, não há esperança de alguém ter vitória completa sobre a tentação? Tem isso de ser aceite porque as influências de Satanás em tudo ao redor são calculadas para induzir à corrupção, eventualmente e inevitavelmente todos devem ceder às pressões? É portanto deduzido, que nesta vida o pecado é o destino de todos e que somente no ambiente imaculado do Céu, a justiça interior será cumprida?

Estas são conclusões que *podem* ser tiradas. Se este é o padrão de pensamento, então o pecado certamente jaz à porta e Satanás será o vencedor na luta.

Por outro lado, se começamos este estudo com a firme convicção de que não há necessidade de pecar; que a vitória é a provisão feita por Deus para todas as pessoas que tenham sido libertadas da escravidão do pecado, então a atitude para com a vida de Davi será muito diferente. Em vez de um espírito acusador, haverá uma compreensão do problema e uma pesquisa dos ensinamentos que a sua história fornece. Davi pecou, é verdade, mas ninguém tem de caminhar nas suas pegadas.

### As Escolas

Todas as pessoas no mundo estão na escola. Não está a ser feita referência a cursos académicos, mas ao trabalho e situações sociais que diariamente exercem a sua influência educativa. Essas situações têm nelas forças influentes para moldar o pensamento para o bem ou para o mal. Tão real é este poder que não deve ser omitido na avaliação da nossa escolha, na medida em que a podemos fazer, acerca do que vamos fazer e ser.

Escolhas têm de ser feitas muito tempo antes da hora da tentação vir sobre nós. Elas devem ser feitas tanto quanto possível no que diz respeito à escola em que estejamos. A vitória deve ser ganha nas decisões tomadas muito tempo antes da hora da tentação chegar finalmente. Considerai esta questão das decisões uma questão de vital importância para cada alma.

## Posição

Existem muitos tipos de escolas a ser evitadas. Uma acima de todas as outras em que há grande perigo é o lugar onde uma pessoa ocupa uma posição de autoridade, poder e riqueza. No campo físico, é fácil manter o equilíbrio numa planície, mas extremamente difícil evitar cair quando no pico de um monte elevado com espaço apenas para um. Assim é no mundo social, negócios, político e religioso do mundo. Muitas vezes um homem que fez bem enquanto cidadão comum foi irremediavelmente arruinado pela exaltação nos elevados pináculos da fama e fortuna.

Nem essas vidas arruinadas foram somente aqueles homens não convertidos. Os convertidos têm também manchado o registo das suas vidas quando exaltados a lugares mais altos. Existe a triste história do rei Saul, o primeiro monarca de Israel e a tragédia do pecado de Davi. Ao longo da história houve muitos outros incapazes de resistir às pressões subteis.

Nenhum homem de Deus verdadeiro entra nesta escola de livre vontade. A visão espiritual é tal que ele sabe mesmo antes de entrar, quais são os perigos. Ele vê tudo, na consciência da fragilidade da sua pecaminosa, natureza humana e no poder daquilo que o rodeia. Ele sabe que será coberto com louvor umas vezes e mal tratado noutras. Sabe que haverá alguns que aceitam cada palavra dita simplesmente porque vem dele, ao passo que outros rejeitarão tudo o que disser só porque ele as disse. Muito poucos procurarão a verdade por si mesmos e construirão um carácter adequado para a eternidade. Como vê tudo isto, o medo enche o seu coração que sob tais pressões, depois de ter pregado a verdade aos outros, seja ele próprio rejeitado.

Vede com que relutância Moisés, Jeremias, Guilherme Miller e muitos outros antes a quem o Senhor chamou para o mais elevado e mais amplo serviço, aceitaram por fim. O facto que eles o fizeram com tal tremor, com tal sentido da sua própria indignidade e insuficiência, foi em si mesmo uma salvaguarda contra o poder da tentação, pois isso fez com colocassem a sua confiança em Deus, em vez de em si mesmos.

Nenhum daqueles homens teria sobrevivido às pressões das suas posições *se eles próprios se tivessem colocado ali*. Há uma enorme diferença entre ser chamado por Deus a ocupar uma posição de confiança e responsabilidade como foram Davi, João Baptista, Paulo ou Guilherme Miller e colocar-vos a vós próprios ali.

Quando Deus chama um homem para ocupar uma posição, ele não só o prepara para ela, como vimos com Davi e José, mas fornece uma protecção especial para esse homem. O senhor sabe que os perigos de tais lugares são tão grandes que estão além do poder de um ser humano escapar, por isso Ele fornece tudo o que é necessário para obter a vitória completa. A prova disto está gravada nas histórias das vidas de Daniel, José e mesmo Davi, pois, embora este último caísse, a história da sua vida foi uma imagem de vitória e não de derrota.

No entanto, apesar disso, demasiado frequentemente os homens procuram alcançar posição; efectivamente lutam e conspiram para a obter, mesmo dentro da igreja de Deus onde é mais perigoso ocupar uma posição de confiança. Tais homens não só serão um tremendo fracasso na sua auto nomeada obra, mas uma verdadeira maldição para a causa. O testemunho contido em *Primeiros Escritos*, 97-101, na sua referência a este assunto, é em tudo verdade. Muitos homens seriam salvos do desastre eterno se apenas lessem estas palavras e as tomassem para si.

Aqueles que ocupam uma posição humilde e aparentemente insignificante na obra do Senhor e no mundo, deviam estar muito gratos por não estarem tão expostos à tentação e dificuldade enfrentadas se colocados em lugares elevados. Caso viesse a chamada para ocupar um cargo de maior poder e responsabilidade, então seria muito sensato aplicar todos os testes para confirmar que está de facto a ser colocado ali por Deus. Deve saber com absoluta certeza que o chamamento não foi a partir do seu próprio coração ambicioso ou de algum outro ser humano. Ninguém pode ser demasiado exaustivo em testar essa questão. Todos devem aprender a desconfiar do enganoso coração humano tão poderoso na sua tendência em acreditar naquilo que quer acreditar, em vez da exacta verdade. A natureza humana acha a posição e autoridade muito atractiva, tanto assim que o assunto tende a tornar-se distorcido. Por conseguinte, a menos que conclusivas e inconfundíveis

evidências estejam presentes garantindo que o chamamento é realmente do Senhor, deve ser absolutamente rejeitado.

Balaão é um excelente exemplo de um homem que estava determinado a acreditar que o Senhor o enviara quando não era esse o caso. A sua história também fornece uma ilustração do belo carácter de amor de Deus que procurou salvá-lo mesmo depois de ter tomado uma decisão errada, deixando que ele soubesse que era errada. O teimoso e determinado homem não acatou os conselhos mas decidiu seguir o seu próprio caminho.

Da mesma forma, se por qualquer motivo não conseguimos realmente testar o chamamento e depois descobrimos que nos encontramos numa posição errada, o Senhor gentilmente faz-nos saber. Nesta altura será mais difícil deixar o lugar do que tê-lo recusado no início. No entanto, se há portas para as destruidoras tentações que devem ser fechadas e a vida eterna protegida, o passo deve ser dado independentemente do custo a pagar.

Recentemente a minha atenção foi dirigida para a história de um jovem que tinha ido trabalhar para uma grande empresa. Ali procurou dia a dia revelar com alegria ao chefe diligente entrega ao seu trabalho. O resultado foi que a seu tempo foi promovido para o cargo de gerente no ramo específico onde estava a trabalhar. Isso significou um aumento salarial e estava certo de que tudo isto foi uma bênção do Senhor. Houve uma grande alegria no lar e entre os seus amigos por causa disso.

Mas este jovem rapidamente descobriu que tinha sido promovido cedo demais para o seu nível de experiência e portanto o trabalho revelou-se tão exigente e absorvedor de tempo que fez consideráveis incursões na sua família e na vida espiritual. Ele não encontrava tempo para estudar e orar. As preocupações dos negócios pressionavam de tal maneira a sua mente que era incapaz de dedicar qualquer pensamento às coisas eternas e espirituais. Uma decisão tinha de ser tomada urgentemente. Essa decisão seria manter o lugar com tudo o que isso significava no caminho das vantagens terrenas, ou demitir-se de modo a poder passar mais tempo com a sua Bíblia e o seu Senhor.

Esta é uma das decisões mais difíceis que um homem jamais pode ser chamado a tomar. Só um em mil fará a escolha certa. A grande maioria agarra-se às vantagens terrenas alegando que esta é uma bênção do Senhor, quando é realmente a maldição do diabo. Este jovem tomou a decisão de descer e aceitar o lugar mais baixo onde poderia caminhar com o Senhor.

Na sua situação, decidiu acertadamente. Isso não significa que todos têm de descer da posição que ocupam. Pode ser que Deus definitiva e especificamente vos tenha colocado lá, ou que circunstâncias tais como na vida de José vos deixe sem escolha. Poderá ser que sejais bem-sucedidos em lidar com o trabalho e manter o vosso caminho com Deus. Cada pessoa deve avaliar a sua própria situação francamente e, reconhecendo os perigos ao longo do caminho, pesar a sua escolha em função do tempo e da eternidade. A posição não deve ser procurada. Procure-se evitá-la, pois nela existem perigos e ameaças que podem muito facilmente roubar a vida eterna pessoal.

## **O Princípio Envolvido**

Muitos capítulos podem ser escritos para descrever em pormenor os perigos de cada escola, com especial ênfase para aquelas a serem evitadas. Páginas podem ser escritas sobre os terríveis efeitos da vida da cidade em comparação com as influências mais puras do campo. Inúmeras ilustrações poderiam ser apresentadas da vida dos grandes homens que foram uma bênção para o seu tempo e sociedade que passaram os seus primeiros anos no campo. Pode ser demonstrado que sempre que o Senhor precisou de um homem, chamou alguém com um passado vivido no campo, enquanto, se escolheu algum desde o nascimento para uma grande obra no futuro, como foi o caso de Moisés e João Baptista, Deus certamente procurou que ele passasse muitos anos no campo antes de iniciar o seu trabalho.

O espírito da profecia está repleto de avisos para sair das grandes cidades e viver no ambiente campesino para educar os nossos filhos. Cada vantagem deve ser aproveitada para assegurar o maior desenvolvimento possível do carácter e a protecção contra a tentação.

É recomendado que cada pessoa tome a palavra de Deus e estude a respeito destas coisas por si mesmo. Existem nela amplas instruções sobre o que para procurar e o que evitar nas salas de aula encontradas nesta terra. Por agora vamos estudar os princípios envolvidos de modo que a compreensão deles seja um guia seguro para cada alma na sua busca de vitória total sobre o pecado.

O princípio base envolvido é que nesta vida estamos a lutar contra forças incomensuravelmente mais fortes do que nós, pelo que é essencial que vamos apenas onde o Senhor pode ir connosco e quando Ele nos envia a locais difíceis, temos de ser extremamente cautelosos para manter uma ligação estreita e confiante com Ele. Devemos dar especial atenção às pequenas coisas que, apesar de aparentemente tão inocentes em si, têm o poder mortal de imperceptivelmente desgastar as defesas da alma e levar à arrogância e exaltação própria. Uma vez chegados a este ponto, o desastre com certeza vem a seguir.

A terrível verdade é que em cada situação estamos a viver num ambiente hostil. Algumas situações são muito mais adversas do que outras, das quais já foram mencionados exemplos. É muito mais perigoso estar na cidade do que no campo. É mais perigoso estar numa posição elevada e de responsabilidade do que numa humilde.

A única possibilidade de sobrevivência *dum cristão* como *cristão* é ter a protecção de poderes mais fortes do que as forças arregimentadas contra ele. Esse poder é o poder de Deus. Mas Deus prometeu a protecção desse poder *apenas* em lugares onde Ele pode ir connosco e mesmo naqueles lugares *somente* se mantivermos a nossa ligação com Ele e a nossa fé n'Ele.

Por exemplo, se formos às assembleias daqueles que ensinam o erro, então o Senhor não vai connosco, pois Ele ensinou-nos a não frequentar tais lugares. Vamos lá desprotegidos e mesmo que vamos apenas uma, duas ou uma dúzia de vezes e não estejamos conscientes de qualquer mudança em nós, uma *mudança* subtil, imperceptível e mortal, *teve lugar*. Podeis não reconhecê-la e podeis congratular-vos a vós próprios pela vossa força, mas a mudança está lá e o seu pleno efeito será finalmente visto quando for demasiado tarde para fazer a recuperação. Mesmo então, na nova linha de pensamento que cativou a mente, o iludido ainda pensará que está seguro e protegido e ficará satisfeito pelo facto de ter escapado daquilo que antes acreditava, não sabendo que lhe roubaram a única verdade que podiam conduzi-lo à salvação.

Que o Senhor não nos proteja quando vamos a lugares onde o erro é ensinado, é tornado claro com as seguintes palavras: “Foi-me mostrada a necessidade dos que crêem estarmos tendo a última mensagem de misericórdia, de se separarem dos que estão diariamente absorvendo novos erros. Vi que nem jovens e nem velhos devem assistir a suas reuniões; pois é errado assim encorajá-los enquanto ensinam o erro que é veneno mortal para a alma e doutrinas que são mandamentos de homens. A influência de tais reuniões não é boa. Se Deus nos libertou de tais trevas e erros, devemos ficar firmes na liberdade com que Ele nos tornou livres e regozijar na verdade. Deus Se desagrada de nós quando assistimos ao erro sem a isso ser obrigados; pois a menos que Ele nos envie a essas reuniões onde o erro é inculcado ao povo pelo poder da vontade, Ele não nos guardará. Os anjos cessam seu vigilante cuidado sobre nós, e somos deixados aos açoites do inimigo, deixados a ser entenebrecidos e debilitados por ele e pelo poder dos seus anjos maus; e a luz ao nosso redor fica contaminada com as trevas.” (PE 124.3), *Primeiros Escritos*, 124, 125.

Este testemunho é muito claro e não deve ser mal interpretado. Ele não condena a pessoa que ainda não encontrou a verdade viva, por procurar aqui e ali quando tem oportunidade para investigar. No decurso dessa pesquisa, passa de um grupo para outro. A pessoa em causa não tem a protecção de Deus enquanto procura. Mas a classe a quem esta declaração é dirigida, são aqueles que tendo encontrado a verdade e sabem nesta fase que os outros grupos estão em erro. Para esses, assistir às reuniões dos outros, é sujeitarem-se a si próprios à influência de forças muito superiores a si, sem ter a protecção do Senhor consigo.

Assim como Deus não está com uma pessoa quando ela se senta em frente de um ecrã de televisão para assistir a um filme de um romance, violência ou algo semelhante, ou entra numa sala

de dança, numa arena de jogos ou numa peça de teatro, então Ele não está lá quando uma pessoa vai ouvir os ensinamentos ou pregação do erro. Essa pessoa está sozinha. “Os anjos cessam seu vigilante cuidado sobre” ela, e é deixada aos açoitamentos do inimigo, deixada a ser entenebrecida e debilitada por ele e pelo poder dos seus anjos maus; e a luz ao seu redor fica contaminada com as trevas.

Apreendi com a história da vida de Davi, homem segundo o próprio coração de Deus; aquele que foi tão cuidadosa e especialmente preparado pelo Senhor para a posição que por fim ocupou e que tinha nessa posição a promessa da protecção especial do Senhor. Ele mostra a grande verdade que não importa quão educado o cristão possa ser; não importa quão longa e cuidadosa tenha sido a sua educação nas coisas de Deus, não pode dar-se ao luxo de se aventurar nos terrenos desprotegidos de Satanás sem ser enviado. Apreendi com isto o facto que alterações terão lugar dentro de vós. No início serão ligeiras, mas tão certo como terem acontecido, serão sucedidas por outras, porque se o início do problema ali estiver, o fundamento está lançado e sobre esse fundamento Satanás continuará a construir até à queda final. A história de Davi mostra isto na mais clara luz. Ela está escrita para nosso ensino e admoestação. Mostra que as influências em torno de nós moldarão a vida salvo se, através do poder de Deus, formos senhores dessas circunstâncias.

### **Com Simpatia**

Com essa simpatia devíamos estudar a vida de Davi. Projectado para uma posição que o Senhor nunca previra que qualquer homem ocupasse, foi submetido a forças de grande poder e subtileza. As evidências da natureza má das influências ligadas à governação, mostrando que o Senhor nunca desejou que alguém estivesse nessa posição, é a verdade que os homens mais ímpios da história de Israel se encontram entre os reis que se seguiram a Davi. É praticamente impossível encontrar um deles que não tenha cometido trágicos erros contra Deus e a Sua verdade.

Em vez de condenar Davi, cada um deve estar grato por não ser chamado a ocupar uma posição tão terrível. Ao mesmo tempo, cada um esteja consciente de que nesta última e licenciosa geração, está a ser sujeito a terríveis pressões, por isso ninguém precisa pensar que está a salvo de cair, não importa quão rica a sua experiência cristã possa ter sido. Hoje, podemos não ter conhecimento de qualquer perda nas nossas vidas, mas o dia de teste está a chegar, quando o trabalho de cada dia será revelado por aquilo que ele realmente é. A vitória ou o fracasso de cada um está a ser determinado pela obra feita hoje na compreensão da natureza das tentações do mal, evitando-as na medida do possível e resistir ao seu poder.



# Capítulo 16

## Ideias e Teorias

---

[Voltar ao início](#)

O estudo do renascimento e da reforma revela como é possível o diabo aliciar o cristão a pecar e ser realmente bem-sucedido nessa tentação. Que existe uma possibilidade muito real para o cristão cometer o pecado, é demonstrado pelo facto de que muitos grandes cristãos foram levados a pecar com gravidade. Davi é um excelente caso a apontar.

Existem grandes diferenças entre a situação antes de nascer de novo e a que se encontra depois desse momento. Antes do novo nascimento, é escravo do pecado e não tem poder para lhe resistir. É o joguete da tentação e tem de fazer enquanto escravo, aquilo que o senhor lhe ordena, independentemente de quão desagradável o pecado possa ser para si. Este homem não tem escolha. Ele não pode fazer as obras da justiça independentemente de quanto queira fazê-lo.

Mas depois do renascimento ter lugar, está livre do pecado e do seu poder e pode viver uma vida perfeitamente sem pecado como fez o Salvador. Para que isso seja assim, tem de compreender como Satanás tem acesso a ele e trabalha nele. Este conhecimento é essencial pois ninguém será salvo na ignorância. A razão pela qual o inimigo é tão bem-sucedido em levar tantos cristãos ao pecado, é porque eles não estão familiarizados com as suas tácticas.

Até agora temos estudado os subtis e mortais efeitos de perder de vista o poder de Deus e confiar no próprio. Também foi dada uma atenção especial aos efeitos enfraquecedores de ter sido colocado numa posição de poder que o Senhor nunca pretendeu que alguém ocupasse. Mas existem ainda outras entradas através das quais Satanás pode aceder à alma e sobre estas o cristão também deve estar consciente. Vamos agora voltar a nossa atenção para elas.

### Ideias e Teorias Erradas

Reforma “significa uma reorganização, uma mudança nas idéias e teorias, hábitos e práticas.” (ME1 128.1), *Mensagens Escolhidas* 1:128. Estas mudanças não terão lugar durante o renascimento mas durante o subsequente período de reforma. Isto não é dizer que nenhuma mudança ocorre no renascimento, porque uma admirável transformação é efectuada nesta obra, mas não é o mesmo das que se seguem.

O renascimento não remove as ideias e teorias erradas que uma pessoa absorve durante os longos anos antes de acontecer a conversão. Um limitado número de ideias erradas serão corrigidas durante o período que antecede a conversão, mas a obra principal será realizada durante o intervalo de tempo entre o reavivamento e o encerramento da porta da graça. Algumas delas serão corrigidas rapidamente, mas outras demorarão anos a serem vistas e corrigidas. Todos os que deixam a escravidão do pecado, ainda têm essa obra por fazer neles e em cada pessoa a presença dessas ideias e teorias erradas dá a Satanás uma oportunidade para tentar e vencer. Um conhecimento da sua presença e da forma como o diabo as pode usar é essencial para todos aqueles que privam Satanás de ter qualquer vantagem.

As únicas pessoas que deixarão de ter este problema são as que, depois de terem recebido o selo do Deus vivo, passam através da angústia de Jacó.

Mais uma vez deve ser salientado que a presença dessas ideias e teorias erradas, apesar de darem a Satanás uma forma de acesso, não significa que dê a garantia que teremos de pecar ou qualquer

desculpa para o pecado. A provisão Deus para todos os cristãos é a total e completa vitória sobre o pecado.

A Bíblia está bem repleta de lustrações de como essas ideias e teorias antigas, hábitos e práticas ainda continuam após a conversão, como elas afectam a vida e dão a Satanás um meio de exercer fortes pressões de tentação no crente. Estas lições devem ser estudadas até serem tão bem compreendidas que o inimigo não possa usá-las para sua vantagem.

## Uma Ilustração

Para ajudar a fazer a distinção clara entre o reavivamento e a reforma, é apresentada a ilustração seguinte.

Uma mulher jovem apaixonou-se por um criador de gado cuja propriedade é numa área remota do país. Depois de casados, ela vai viver numa quinta. Não há qualquer outra mulher no lugar e as únicas pessoas com quem convive para além do marido, são os trabalhadores. Ela tem de cozinhar para eles e muitas vezes percorre a propriedade com eles. Dia após dia ouve a sua áspera maneira de falar e vive a rude vida deles. Durante vinte anos, a sua existência resume-se a isto com raras visitas à cidade.

Não é difícil imaginar o efeito deste tipo de vida na sua natureza. Ela teria a tendência para adoptar as ásperas e prontas maneiras da quinta e também a linguagem áspera do criador de gado. As maneiras gentis e o vestuário elegante terão desaparecido para ela.

Então, de repente o marido morre. Ela vende a propriedade e vai viver numa cidade de maiores dimensões distinguida pelo seu elevado nível de cultura artística. Ali encontra um sofisticado cavalheiro que há anos se move na sociedade dos instruídos, cultos e artistas. Num desses casos pouco comuns, ele apaixonou-se por ela e propõe-lhe casamento e é aceite.

Considerai a situação em que ela se encontra agora. O seu antigo marido está morto e a antiga maneira de viver deixada muito para trás. Já não há o mugir dos bovinos, poeira, moscas, calor, chuvas torrenciais, secas, incêndios florestais e incontáveis trabalhadores. Em vez disso, é a alta sociedade – elegância, riqueza, companhias educadas, mobiliário esplêndido e trajes finos.

No entanto, embora ela tenha um novo marido e um ambiente totalmente novo, ainda não deixou para trás a influência daqueles longos anos na quinta. O seu comportamento e o seu discurso reflectem a sua vida anterior. Naturalmente, ela começa a mudar de harmonia com a nova situação, mas leva o seu tempo. Repetidamente comete erros que ameaçam o casamento, cuja sobrevivência depende de duas coisas. Em primeiro lugar, o marido tem de ser uma pessoa sábia, compreensiva e perdoadora, sempre pronta a ajudar a recuperar do seu constrangimento e vergonha de cada erro. Em segundo lugar, ela tem de ter uma sincera vontade de superar as influências do passado, combinada com uma confiança ilimitada no amor e fidelidade do marido. Mesmo nestas circunstâncias, levaria anos para limar todas as ásperas arestas até ficarem lisas.

Da mesma forma, aquele que nasce de novo tem um novo marido e um novo ambiente no lugar do antigo marido que está morto. Mas isso não significa privá-lo imediatamente de todas as antigas ideias e teorias, hábitos e práticas que foram adquiridos durante o tempo na escola de Satanás. Levará anos a desaprender algumas destas coisas.

Felizmente, Cristo, o novo marido, tem paciência interminável e imperecível amor infinito para lidar com cada afastamento por parte da sua amada esposa. Infelizmente, ela não tem a implícita fé que deveria ter n'Ele, nem manifesta sempre uma verdadeira determinação em enfrentar as falhas e corrigi-las. Por isso o trabalho de reforma está seriamente retardado e prolongado. Na realidade é a razão para o atraso do regresso de Cristo.

## Um Problema Muito Real

A experiência dos crentes no início da Igreja Cristã torna claro que a presença da antiga forma de pensar constitui um problema real. Este grupo de pessoas é de grande interesse para nós porque tiveram o derramamento do poder do Espírito Santo como nenhum outro na Terra havia recebido antes ou depois. Eram pessoas verdadeiramente nascidas de novo de quem a antiga mente carnal tinha sido erradicada e substituída pela natureza divina.

Além disso, tinham sido equipados com a poderosa força do Espírito de Deus e as suas vidas testemunhavam desse poder dia após dia. Estamos prontos para pensar com bastante tristeza sobre esse tempo e sentirmo-nos satisfeitos porque se tivéssemos a mesma experiência que eles, então o nosso problema com o pecado seria uma coisa do passado. Temos a tendência para pensar que nem o desejo nem a possibilidade do pecado já não estariam em nós.

Daquelas pessoas está escrito, “O coração daqueles que se converteram mediante o trabalho dos apóstolos, abrandou-se e uniu-se pelo amor cristão. A despeito de preconceitos anteriores, todos estavam em harmonia uns com os outros.” (AA 48.3), *Atos dos Apóstolos*, 87.

Aqui estava um povo de quem tenderíamos assumir como seguros contra o poder da tentação e “Satanás sabia que, enquanto essa união continuasse a existir, ele seria impotente para deter o progresso da verdade do evangelho;...” (AA 48.3), *Atos dos Apóstolos*, 87, 88.

Naturalmente, ele estava determinado a quebrar esta unidade para ser capaz de deter o progresso da verdade do Evangelho. Mas sentia ele alguma esperança de sucesso? Sentia ele que não havia nada nestas pessoas cheias do Espírito onde pudesse apelar?

De maneira nenhuma! Ele compreendia o problema melhor do que nós ou elas e conseguiu tirar partido do que ainda restava nelas, mesmo sendo cristãos renascidos cheios do poder Pentecostal. O que é que não tinha sido removido pela experiência do renascimento ou mesmo pelo poderoso derramamento do Espírito Santo? Eram as antigas ideias e teorias e a antiga forma de pensar.

“A igreja primitiva era constituída de muitas classes de pessoas de diferentes nacionalidades. Ao tempo do derramamento do Espírito Santo, no dia do Pentecostes. ‘Estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de todas as nações que há debaixo do céu.’ Atos dos Apóstolos 2:5. Entre os que adotavam a fé dos hebreus, reunidos em Jerusalém, havia alguns comumente conhecidos como gregos; entre estes e os judeus da Palestina tinha havido desde muito tempo desconfiança e mesmo antagonismo.” (AA 48.2), *Atos dos Apóstolos*, 87, 88.

Assim, na antiga escola de Satanás antes de se tornarem filhos e filhas de Deus, havia um pensamento padrão habitual de hostilidade e desconfiança entre estas duas classes de pessoas. Esta forma habitual de pensar não foi inteiramente removida pela conversão e vinha à memória quando cada um recordava como o outro se tinha relacionado consigo no passado.

Satanás sabia isto e por isso “procurou tirar vantagem de anteriores hábitos de pensar, na esperança de que, *por esse meio*, pudesse introduzir na igreja elementos de desunião.” (AA 48.3.)

“Assim aconteceu que, aumentando o número dos discípulos, o inimigo conseguiu despertar suspeitas de alguns que antigamente tiveram o hábito de olhar com ciúme a seus irmãos na fé, e descobrir defeitos em seus guias espirituais; e, desta maneira, ‘houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus.’ Atos dos Apóstolos 6:1.” (AA 48.4). *Atos dos Apóstolos*, 87, 88.

Aqui está a cena. Eles eram cristãos renascidos. Tinha sido libertados da mente carnal e recebido a natureza divina em seu lugar. As memórias das experiências do passado ainda permaneciam relativamente à sua relação uns com os outros, de modo que a velha forma de pensar ainda estava lá. Satanás sabia isto. Considerava-o como uma área pela qual poderia trazer a discórdia e a desunião à Igreja Primitiva. Então passou a trabalhar nesse sentido e foi bem-sucedido. Divisão, descontentamento e desunião cresceram por causa da suspeita e desconfiança.

Evidentemente que não havia necessidade de terem feito isto, *mas fizeram*, o que nos devia ter alertado para o facto que se essas pessoas cheias com o poderoso derramamento do Espírito puderam ser tentadas e cair como aconteceu, então temos de reconhecer o mesmo perigo na nossa situação. Temos de compreender que os anteriores hábitos de pensar ainda estão connosco mesmo que não os vejamos, reconhecamos ou compreendamos no momento presente. O testemunho da

Palavra garante-nos que eles existem e estando lá, fornecem ao diabo um ponto de tentação. Não podemos de modo algum passar por alto a importância da compreensão disto. A Bíblia define-o em termos práticos e claros.

## Os Doze Discípulos

Em parte alguma é o problema das antigas ideias e teorias com seus hábitos e práticas erradas, melhor revelado do que na experiência dos doze discípulos que seguiam Jesus dia a dia em preparação para a grande obra que haviam de fazer depois da Sua ascensão.

Estes homens foram vítimas de uma teoria muito errada quanto à natureza do reino na vinda do Messias. Acreditavam que Ele vinha como um glorioso rei conquistador eliminar os romanos da face da Terra e estabelecer o trono de Davi a um lugar elevado mais uma vez. Eles tinham nascido num mundo onde este assunto era tema de conversa à mesa em casa e nas ruas, tópico de sermões na sinagoga e o assunto das lições da escola todos os dias. Tão profundamente inculcada estava esta doutrina que ao tornarem-se discípulos de Cristo, ela ainda estava fortemente enraizada. Além disso, apesar do qualificado e diligente esforço de Jesus para esclarecer este equívoco, permaneceu neles até à crucifixão.

Não deve ser esquecido que estamos a estudar o problema de pecado relativamente à forma *como ele se relaciona com o homem convertido* e não com o não convertido. Por conseguinte, os discípulos tinham de ser homens convertidos para que as suas experiências sejam uma ajuda válida para nós ao estudar o problema das ideias e teorias erradas restantes, como uma porta aberta para a tentação na experiência do convertido.

## Convertidos ou Não Convertidos?

Eram os apóstolos, durante o período do seu chamamento para o ministério e crucificação de Cristo, convertidos? Ao levantar esta questão, é bem conhecido que o estudante da Bíblia em geral acredita que não. São imediatamente referidas as palavras de Cristo dirigidas a Pedro. “Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, *quando te converteres*, confirma teus irmãos.” *Lucas 22:32*. Estas são as palavras pronunciadas depois de terem participado na ceia do Senhor, pelas quais é alegado que até então Pedro não era convertido. É acrescentado peso adicional pelo testemunho do seu comportamento que certamente não foi, na sua disputa para o lugar mais alto, o tipo de comportamento que se poderia esperar de homens convertidos.

Para a maioria, essa é uma evidência conclusiva. Eles estão certos de que Pedro não era convertido, não tinha nascido de novo e só teve esta experiência depois da crucifixão.

Mas há outras evidências muito importantes para além desta que levanta a questão de *que* conversão estava Jesus a falar quando disse a Pedro, “quando te converteres, confirma teus irmãos.”

A maioria das pessoas pensa que só existe uma experiência de conversão – a libertação da escravidão do pecado para se tornar um filho de Deus, também conhecida como experiência do novo nascimento.

É sem dúvida verdade que esta é uma conversão, mas *não é a única* para aqueles que estarão no final sobre o mar de vidro. Existem pelo menos três conversões diferentes necessárias nas vidas dos salvos. É feita referência a todas elas em tempos e lugares diferentes nas Escrituras. É deixado ao leitor compreender qual delas está referida em qualquer ponto determinado na Bíblia. Assim, quando Jesus falou a Pedro de sua necessidade de conversão, a primeira pergunta a fazer é “A *qual* das conversões estava Cristo a referir-Se?”

O princípio de interpretação encontrado aqui não é único. Ele repete-se uma e outra vez nas Escrituras. Muitas vezes há duas ou mais coisas chamadas pelo mesmo nome que são diferentes. Como estudantes da Bíblia, devemos chegar à compreensão desta diferença entre coisas chamadas

pelo mesmo nome mas que são diferentes. O fracasso em fazer isso pode muito bem ter para a pessoa o custo da sua vida eterna.

Por exemplo, existem pelo menos duas separadas e distintas vindas de Cristo, a primeira, como uma criança desconhecida nascida em Belém e depois novamente como um glorioso rei eterno nas nuvens do céu. Essas duas vindas estão preditas no Antigo Testamento, sem que os profetas façam distinção específica a qual estava a referir-se. Em cada caso, o leitor tem de determinar a partir do contexto qual está a ser tratada. Os judeus nos dias de Cristo ao verem apenas uma vinda, quando deviam ter visto duas, cometeram o trágico erro de esperar Cristo na Sua primeira vinda como viria na segunda. Por causa disso rejeitaram-n'O.

Do mesmo modo há duas leis: uma cerimonial e temporária, e outra moral e eterna. Novamente as Escrituras não fazem uma distinção específica a qual delas é o objecto de discussão. É sempre deixado ao estudante entender qual é qual. As Igrejas Protestantes vêem apenas uma lei onde deviam ver duas, com consequências desastrosas.

Também há mais do que uma conversão. A primeira é a conversão intelectual para a teoria da verdade que é sempre acompanhada por algumas alterações exteriores da vida e comportamento mas ainda não produzem as grandes mudanças da natureza que são a verdadeira conversão. O homem em *Romanos 7* tem esta conversão intelectual. Ele conhece a lei, ama-a e é dedicado à sua observância embora sem sucesso real. Mas afastou-se das antigas convicções para uma crença na palavra de Deus e esta é uma conversão muito real.

No entanto, não é suficiente para trazer a salvação. Deve seguir-se o literal despojamento da velha natureza e substituição com a nova. Este é a segunda e grande conversão. Isto é o que a maioria das pessoas pensam ser a conversão.

Se o renascimento fosse a última e total resposta para o problema de pecado, essa seria a última de qualquer obra de conversão na vida. Mas sabemos que esta não é a solução final para o problema de pecado. Após o novo nascimento continua a existir uma grande quantidade de trabalho a ser feito ainda. Assim, sempre que um homem tem uma teoria errada que está a causar graves dificuldades, como foi o caso de Pedro e os outros, e essa teoria lhe é mostrada como sendo errada tendo que ser por sua vez abandonada e substituída pela verdade, então não é isto uma grande conversão? Certamente!

Muitas *dessas* conversões são necessárias após a pessoa ter renascido. Pedro certamente necessitava de ser convertido no que respeitava a esta teoria do reino. Até ter essa conversão, ele não podia e não fortaleceria os seus irmãos, pois a sua ideia sobre a natureza do reino tornou isso impossível. Esta era a conversão a que Cristo se referia – não a do renascimento.

Inúmeras outras evidências na Bíblia mostram ser este o caso. Veremos nessas evidências que os discípulos eram renascidos e foram ordenados ministros do Evangelho.

## **Eram Baptizados**

A primeira evidência a ser considerada na procura da prova de que nasceram de novo é encontrada no facto de que eram crentes baptizados. Não foi Cristo mas João Baptista que realizou a cerimónia, pelo menos nos casos daqueles que se tornaram discípulos de João e depois seguiram Jesus.

É verdade que não temos uma declaração directa para o efeito que João baptizou João e André que por sua vez chamou Simão Pedro, Filipe e Natanael para o Mestre. Mas sabemos com certeza que para um homem se tornar discípulo de João Baptista, tinha primeiro que ter escutado a sua pregação, acreditar nela, arrepender-se dos seus pecados, ser convertidos pela verdade e em seguida baptizado. João certamente não teria aceitado alguém como seu discípulo a menos que fosse baptizado.

É verdade que hoje muitos têm um conceito errado acerca do que é realmente o baptismo. Com demasiada frequência, o pregador simplesmente convida o seu ouvinte para fazer uma declaração de

aceitação num determinado código de doutrina, depois disso ele baptiza a pessoa na organização. A partir de então é “Membro”.

Mas não era assim com João Baptista. Ele não tinha qualquer organização nem estava preocupado com uma lista de códigos duma crença. Ele estava preocupado com o símbolo do batismo, nomeadamente, a literal, erradicação real do velho homem do pecado e a sua substituição com a vida nova da natureza divina na pessoa. Era isto que ele tinha de ver na pessoa antes de a baptizar, e, possuído com o Espírito de Inspiração, seria capaz de discernir se os testemunhos eram ou não genuínos. A verdade disto é revelada na sua penetrante denúncia dos dignitários judeus que foram ter com ele com a sua pretensa piedade, mas interiormente estavam cheios dos males de corações não santificados.

Por conseguinte, quando João Baptista mergulhava uma pessoa na sepultura de água, fazia isso com o conhecimento certo de que a pessoa estava verdadeiramente a dar testemunho duma mudança real de vida. Tão seguramente então, como João e André pelo menos foram baptizado pelo profeta, sabemos que eram cristãos nascidos de novo. Outros podem baptizar professos formais e fazem-no, mas João Baptista não.

Embora não tenhamos um testemunho directo a confirmar que todos os apóstolos foram baptizados por João Baptista, temos declarações directas de Jesus e do Seu testemunho – o Espírito de Profecia de que eles eram baptizados.

Quando Jesus se aproximou para lavar os pés dos discípulos, chegou em frente de Pedro que O censurou, dizendo que Cristo nunca lavaria os seus pés, pelo que o Salvador lhe disse gentilmente que se Ele não lhe lavasse os pés ficariam separados para sempre e por isso Pedro não faria parte do reino. As palavras de Cristo fizeram muito mais do que recordar a Pedro que ele estava prestes a perder o seu lugar no reino. Também revelaram algo do mal da sua natureza ao ponto onde a profunda e penetrante convicção o levou a gritar “Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.”

Há duas lavagens no Novo Testamento – a lavagem do batismo que lava a cabeça, mãos e pés de um homem e a lavagem dos pés. Jesus estava a oferecer a Pedro a última, mas ele sentia que precisava da primeira. Ele estava a pedir o batismo pela simples razão que achou que precisava dele e que o batismo anterior tinha-se perdido e necessitava de ser repetido.

Se Pedro não tivesse sido baptizados anteriormente, então tinha chegado agora o momento para o fazer, por isso alguém podia esperar que Jesus dissesse, “disseste bem. Vamos procurar a água e lá serás batizado.” Palavras para este efeito teriam certamente sido apropriadas nestas circunstâncias, mas a resposta do Salvador foi muito diferente. Ele não só se recusou a realizar este serviço mas afirmou que, na medida em que Pedro já tinha sido verdadeiramente baptizado, não precisava repetir a experiência.

“Disse-lhe Jesus: ‘Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.’” *João* 13:10.

Não há engano no significado das palavras do Salvador para o Seu discípulo a esta distância. Cristo estava a dizer a Pedro que já tinha lavado a cabeça, as mãos e os pés (baptizado) e por isso não precisava desse serviço novamente, mas apenas do serviço de lavar os pés. Assim, em termos claros, Jesus lembrou a Pedro que tinha sido baptizado e a obra realizada sob esta ordenança não precisava de ser repetida. Por outras palavras, temos o testemunho pessoal de Cristo que Pedro já era um filho de Deus baptizado. Exactamente quando e onde isto foi realizado não sabemos, mas uma vez que o próprio Cristo não administrou esta ordenança, então muito certamente foi João Baptista. No entanto, independentemente de quando e onde, as palavras de Cristo reconhecem o facto de que Pedro passou por esta experiência.

Mais importante ainda, as palavras de Cristo também reconhecem que o batismo de Pedro não foi simplesmente um serviço formal, mas foi de facto um testemunho muito real para uma verdadeira experiência. Se não tivesse sido, então Jesus teria atendido o pedido de Pedro quanto ao batismo – a lavagem de todo o corpo, cabeça, mãos e pés.

Num claro apoio destes factos estão as palavras do Espírito de Profecia. No capítulo dedicado ao serviço do lava-pés com o título, “*Servo dos Servos*” encontramos as palavras que descrevem a

experiência destes homens nesse preciso momento. “Assim Pedro e seus irmãos *tinham sido lavados* na grande fonte aberta para o pecado e a impureza. Cristo os reconhecia como Seus. Mas a tentação os levava ao mal, e necessitavam ainda de Sua graça purificadora.” (DTN 458.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 646.

Tivessem estas palavras dito apenas que eles tinham sido batizados, podia bem ter deixado a questão de saber se o batismo era apenas um procedimento formal de imersão na água como são tantos hoje, mas ao dizer muito mais do que isto, que eles haviam sido lavados na grande fonte aberta para o pecado e a impureza, torna claro que o serviço de batismo deles era o testemunho de algo verdadeiro. Foi muito mais do que apenas uma experiência formal. Por conseguinte, eram homens convertidos e nada mais é necessário provar para além deste ponto.

No entanto as Escrituras exigem que haja pelo menos dois e preferivelmente três testemunhos para fundamentar qualquer facto da verdade. Portanto, temos de olhar mais adiante para confirmar isto.

## As Suas Ocupações

Nas suas ocupações, encontramos mais uma prova de que estes homens eram cristãos nascidos de novo. No momento da lavagem dos pés, eles eram todos ministros ordenados da religião. Além do mais, excepto Judas, tinham sido pessoalmente chamados por Cristo para o ministério e, incluindo Judas, o próprio Cristo havia ordenado todos para o sagrado ofício.

O facto de Judas não ter sido chamado pessoalmente por Cristo e mesmo assim ter sido ordenado, coloca-o nalguns aspectos, numa categoria diferente dos restantes. Nesta fase não iremos colocar argumentos quanto a ele, pois estamos interessados no comportamento de Pedro e dos outros no momento da detenção de Cristo, não com Judas.

Serem ministros do evangelho, chamados e ordenados pelo próprio Cristo, é a prova clara de que eram homens convertidos, porque o Mestre não chamaria e ordenaria um homem que não tivesse certas qualificações básicas, a mais essencial das quais era serem verdadeiramente nascidos de novo.

Esta verdade é claramente estabelecida no seguinte testemunho, “O Espírito Santo é o sopro da vida espiritual na alma. A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo. Reveste o que O recebe com os atributos de Cristo. Unicamente os que são assim ensinados por Deus, os que possuem a operação interior do Espírito, e em cuja vida se manifesta a vida de Cristo, devem-se colocar como homens representativos, para servir em favor da igreja.” (DTN 568.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 805.

Este parágrafo é digno de estudo cuidadoso porque estabelece princípios e factos que precisam de ser melhor entendidos. Em primeiro lugar é revelado exactamente o que é o derramamento do Espírito Santo. É o recebimento da vida de Cristo *na alma*. Nada devia ser mais claramente compreendido do que nunca podemos receber a vida de Cristo na alma a menos que, acima de tudo, seja erradicada a velha natureza má. Por conseguinte, receber a vida de Cristo na alma é a experiência de uma verdadeira conversão, ou a experiência real do renascimento. É disso que o batismo deve ser o símbolo e o testemunho.

Um preenchimento como este enche o recebedor com os atributos de Cristo. Somente aqueles que nasceram de novo e são educados na escola de Cristo, podem possivelmente ter os atributos de Cristo. Estas são virtudes e poderes que não podem ser recebidas de nenhum outro modo.

Depois de afirmar o que é o resultado do enchimento do Espírito de Deus, vem a frase de exclusão, “Unicamente os que...” Uma frase assim limita o que se segue dentro do enquadramento do que se passou antes, como diz, “*Unicamente os que* (e portanto mais ninguém) são *assim ensinados por Deus,*” *somente aqueles* “que possuem a operação interior do Espírito, e” *apenas aqueles* “em cuja vida se manifesta a vida de Cristo, devem-se colocar como homens representativos, para servir em favor da igreja.”

Os escolhidos como representantes dos homens para ministrar em nome da igreja, são os ministros da igreja. É preciso reconhecer que hoje, milhões de homens que não têm estas qualificações ocupam posições de ministros nas igrejas. De facto, quando se reconhece que em primeiro lugar uma pessoa deve ter a verdade da libertação do poder do pecado antes de ser livre, como disse Jesus, “e conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres”, então a grande escassez de conhecimento da verdadeira mensagem hoje, é em si mesmo um testemunho de que existe igualmente uma grave escassez de experiência do que é a qualificação para o ministério. Quão poucos hoje são verdadeiros ministros do Evangelho à luz da verdade definida neste testemunho.

Muitos ocupam a posição de ministro mas, na avaliação de Deus, não são homens representativos para ministrar em nome da igreja. Uma coisa é clara – *o Senhor nunca chamaria um homem para o ministério a menos que ele tenha aquelas qualificações*. Portanto, o facto de que Jesus chamou Pedro e os outros é a prova clara de que Ele compreendeu, soube e reconheceu que aqueles homens estavam realmente cheios do Espírito e por isso tinham a vida de Cristo em si. Se não tivessem essas qualificações como resultado da experiência de conversão do novo nascimento, então Cristo não os teria chamado nem ordenado. Uma vez mais, está perante nós a prova de que eles eram cristãos verdadeiramente renascidos quando o Senhor lhes lavou os pés.

Pode ser alegado que o seu comportamento no lava-pés dificilmente representava que possuíam no interior as características da vida de Cristo. No entanto, será visto que não tinha perdido o que tinham adquirido na experiência de conversão, mas tinham permitido que o mau carácter da carne se tornasse o testemunho predominante nas suas vidas de forma que o carácter da natureza divina foi escondido e adormeceu. O facto de eles estarem a mostrar um mau espírito não significa por um momento que não tivessem tido uma grande conversão e não eram filhos de Deus nesse momento. Contudo, se tivessem morrido nessa condição, estariam perdidos por causa dos pecados conhecidos não confessados e não abandonados nas suas vidas.

## Fortalecidos com o Poder do Espírito

Mais uma evidência a ser considerada é o facto de Jesus os ter enviado a “curar os enfermos, limpar os leprosos, ressuscitar os mortos, expulsar os demônios . . .” *Mateus 10:8*. A missão que o Salvador lhes recomendou eles cumpriram. O que eles fizeram foi o resultado do Espírito de Deus fluindo *através* deles no ministério em favor dos necessitados. Fizeram uma maravilhosa viagem missionária muito bem sucedida em todos os lugares por onde passaram e voltaram para Jesus com alegria no coração para Lhe contar as coisas maravilhosas que tinham sido capazes de fazer.

Ao considerar o ministério destes homens, não pode haver dúvida de que era o verdadeiro Espírito que se manifestou através deles neste trabalho. Se o verdadeiro Espírito, então conclui-se que Ele só podia operar *através* deles se primeiro habitasse *neles*, porque o Espírito de Deus só pode fluir e trabalhar através dos quais habita.

Existem três fases distintas na acção do Espírito, a ordem das quais não pode ser alterada ou invertida. Primeiro o Espírito age *na* pessoa como um Persuasor do pecado. Nesta, o Espírito opera a partir duma posição exterior ao indivíduo, buscando revelar-lhe a sua condição incompleta e impura e conduzi-lo ao ódio pelo pecado, arrependimento e confissão.

Apenas quando esta obra tiver sido realizada com êxito pode o Espírito vir então e, depois da erradicação da antiga pecaminosidade, habitar verdadeiramente no crente, transmitindo-lhe a vida de Cristo e assim derramando os atributos de Cristo nele.

Por sua vez, só quando, em primeiro lugar, o trabalho *no* crente tiver sido feito e o Espírito for capaz de o encher com a Sua presença, pode trabalhar e falar *através* desse homem, excepto em casos muito especiais como o falso profeta, Balaão. Do mesmo modo como sabemos que o Espírito de Deus está realmente a trabalhar *através* duma pessoa, podemos então saber que o Espírito habita *ali* em primeiro lugar, pelo que sabemos que a pessoa recebeu a verdadeira experiência de conversão e testemunhou com ela o verdadeiro baptismo.

Não há dúvida que o *verdadeiro* Espírito operou poderosamente através dos apóstolos quando Cristo os enviou na sua obra de ministério. Por conseguinte, assim como o *verdadeiro* Espírito trabalhou *através* deles, então com certeza o *verdadeiro* Espírito já habitava neles.

Por conseguinte há provas abundantes de que aqueles homens já eram convertidos, por isso temos de concluir que quando Jesus disse a Pedro, “e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos” não se referia à necessidade de nascer de novo, porque Pedro já tinha essa experiência. Ele estava a referir-se à sua necessidade de ser convertido das ideias a respeito do reino. Enquanto não estivesse convertido com certeza não poderia e não seria capaz de fortalecer os seus irmãos.

É extremamente necessário ver este ponto a fim de compreender como as velhas ideias e teorias, práticas e hábitos colocam a pressão da tentação sobre o cristão. Agora que a sua conversão está determinada e sabemos que eles eram de facto cristãos, podemos estudar para nosso próprio benefício e salvação, as experiências através das quais os discípulos passaram.



# Capítulo 17

## Conceito Errado, Preparação Errada

---

[Voltar ao início](#)

Não há dúvida de que a Bíblia contém os registos dos pecados dos homens que foram excelentes cristãos. Sobressai entre eles os pecados de Davi, Abraão, Elias, Moisés, Paulo, Pedro e outros. Na altura em que estes homens cometeram esses pecados, *eram* filhos de Deus. Eram cristãos *nascidos de novo*. Tinham um grande compreensivo conhecimento da Palavra de Deus e do plano da salvação. Mas cometeram o pecado.

Com estes factos, os homens e as mulheres são mais propensas a retirar um número de conclusões diferentes, cada uma das quais parece lógica em si mesma. Além do mais, elas provar-se-iam lógicas se a premissa básica em que os argumentos se baseiam fosse boa e verdadeira. A premissa básica é a crença de que a posse da mente carnal ou a natureza má é a única causa do pecado na vida. A opinião geral é que se tiverdes a mente carnal, a menos que seja mantida em completa submissão, com certeza pecareis e se não a possuídes, então não cometereis pecado, porque isso, acredita-se, seria impossível.

É concluído naturalmente que se o pecado aparece na vida, então é prova segura de que a velha natureza esteve sempre lá à espera de irromper e manifestar-se mais uma vez. Para aqueles que pensam desta forma, quando Moisés bateu na rocha irado, deu a prova mais clara de que ainda possuía o velho homem dentro dele. Argumentam que ela tinha estado ali à espera toda a sua vida e, apesar dele ter feito o trabalho muito meritório, de manter esse antigo mal debaixo de controlo todos aqueles anos com a ajuda de Deus, tinha chegado a hora em que este obteve a supremacia sobre ele e saiu para todos poderem ver.

O seguinte e lógico passo neste tipo de raciocínio é este. Moisés foi um grande cristão. Ele não só foi um profeta que andou e falou com Deus, mas foi nomeado pelo Senhor para preencher a mais importante posição no mundo. Se ele tivesse a velha mente carnal em si após todos esses anos a caminhar com Deus, então todos os filhos de Deus hoje também têm a mente carnal, mesmo depois de terem nascido de novo.

Mas, o que tem sido ignorado ou mal compreendido é o facto de que existe mais do que uma via pela qual Satanás pode aceder ao indivíduo e fazê-lo cair no pecado. Depois da antiga natureza má ser removida e substituída por uma natureza totalmente nova, *a possibilidade de pecar não foi removida do cristão*. Deus não faz hoje, mais do que sempre fez no eterno passado, tornar alguém incapaz de pecar. Se Ele o tivesse feito então Lúcifer, os santos anjos que caíram com ele e o perfeito Adão e Eva no Jardim do Éden, nunca poderiam ter cometido pecado. Há uma distinção que deve ser mantida em mente no estudo da Palavra de Deus e nas experiências diárias da vida.

É porque os cristãos podem cometer o pecado e porque desnecessariamente e infelizmente cometeram pecados muito graves que é necessário estudarmos como é que isso é possível. Temos de nos tornar conhecedores de como Satanás pode tentar-nos, a fim de podermos ser sábios nas suas abordagens e enfrentá-lo com êxito.

## Vidas no Passado

Os que vivem nestes últimos dias têm muita sorte em ter a riqueza das experiências daqueles que nos precederam. Há as vidas de Davi, Moisés, Elias, Pedro, Tiago e João. Os detalhes das suas lutas com o poder da tentação, das suas quedas e recuperações posteriores, proporcionaram-nos uma abundante informação do que é necessário para nos dar o escape das mesmas quedas e dificuldades.

Os discípulos, quando seguiram Jesus dia após dia até à cruz e depois dela, fornecem-nos uma maravilhosa revelação do problema do pecado quando ele se coloca ao cristão. À medida que essas vidas são estudadas e não com o propósito de os condenar, mas com a intenção de aprender o caminho da completa vitória, as astutas ciladas de Satanás serão tornadas claras e será possível obter uma mais consistente e convincente vitória sobre as suas tentações.

Para o estudo de suas vidas ser de valor em ligação com o problema do pecado como ele se relaciona com a *vida cristã*, teriam eles próprios de ser homens convertidos. É por esta razão que as evidências foram estabelecidas no capítulo anterior mostrando que eles estavam de facto nesta condição. Eram cristãos nascidos de novo, convertidos e baptizados, e mais do que isso, ministros do Evangelho ordenados.

Contudo, quando chegaram à ceia do Senhor, o seu comportamento não foi o que seria de esperar de cristãos renascidos, especialmente acreditando-se que na experiência do novo nascimento o crente recebe a natureza de Cristo. Eles possuíam um espírito de rivalidade e de intensa competição que gerou suspeita, orgulho e mesmo ódio, uns para com os outros. O seu espírito e o seu comportamento foram contrários aos de um cristão. Como é que isto pode ser? Qual foi a causa do seu problema? Por que meios foi Satanás capaz de conseguir levá-los a estas coisas?

Estas questões são vitais.

Quando aqueles homens se reuniram para se sentar ao redor da mesa da Páscoa, vieram com a expectativa de estabelecer o há muito esperado reino. É verdade que havia chegado o momento em que um grande evento na ligação com esse reino estava iminente, mas havia um equívoco muito grave nas suas mentes quanto à natureza desse reino e os acontecimentos que se sucederam em ligação com ela.

Eles, dificilmente podem ser responsabilizados por pensarem dessa maneira, pois desde que vieram ao mundo, tinham vivido num ambiente onde a constante e implacável pressão do pensamento e da educação, era inculcar uma ideia exclusivamente que o Messias viria como um Rei conquistador para os libertar do jugo romano.

Tão profunda e permanentemente enraizada estava esta ideia que o próprio Jesus quando tentou durante anos libertá-los destas ideias erradas, foi incapaz de penetrar na sua educação anterior.

Satanás, que treinou Israel neste pensamento todos os anos antes de Cristo vir, com o objectivo expresso de os levar à rejeição e luta contra o Messias, estava bem consciente da presença dessas ideias e teorias nos apóstolos. A consciência disso permitiu-lhe utilizá-lo para sua vantagem clara em introduzir discórdia e pecado nas suas fileiras.

A coisa curiosa é que ele foi poderosamente auxiliado nisto por certos aspectos louváveis das naturezas daqueles homens. Um desses foi que eles eram homens sinceros e zelosos. Tinham sacrificado tudo pela causa de Cristo, incluindo os seus negócios, os seus amigos, a posição na sinagoga e a sua vida doméstica. Não havia nada que eles retiveram. Realmente acreditavam que Cristo era o Messias e que Ele estava a construir o reino e foram em frente. Consequentemente, dedicaram toda a sua energia e poder à obra não só de ajudar na construção do reino, mas em prepararem-se para ele.

Tal espírito de devoção à preparação para o reino vindouro só pode ser elogiado. Na verdade, quanto mais arduamente e mais conscienciosamente trabalharam para isso, mais devem ser enaltecidos pelo seu esforço.

Da mesma forma hoje, esperamos ver o Senhor vindo num futuro muito próximo. Como cristãos, toda a nossa expectativa se concentra sobre este evento. Desejamos que ele venha, vendo nele o final desta longa noite escura do pecado e miséria e o início da eternidade da justiça sem pecado. Quanto mais cedo esse dia que chegar, mais satisfeito ficaremos.

Compreendemos que, para fazer parte desse reino, temos de chegar a um certo grau de preparação que apenas poderá ser alcançado através de um esforço sustentado e diligente. Por conseguinte, se somos verdadeiramente filhos de Deus, centraremos todas as nossas energias no trabalho de preparação para esse reino. Quanto mais diligentemente trabalharmos nesta para isto, mais satisfeito o Senhor ficará e mais cedo chegará esse dia. Por outro lado, onde o professo filho de Deus falhar na entrega de todas as suas energias a essa obra de preparação, mais o Senhor desaprova, no sentido em que Ele sabe que este caminho irá custar à pessoa a sua vida eterna.

“Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor.

“Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa.

“Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis.

“Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o seu senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?

“Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim.

“Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens.

“Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá;

“E começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios,

“Virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe,

“E separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes.”

*Mateus 24: 42-51.*

Assim o Senhor pede diligência e rigor no trabalho de preparação. Os discípulos não tinham falta disto.

## A Natureza da Preparação

Mas aqui está um ponto muito importante a considerar. *A natureza da preparação será directamente afectada pelo conceito do tipo de reino que está para vir.* Se o conceito for errado, então a natureza da preparação também será errada. Na verdade, se o conceito é errado, então quanto o mais intenso for o trabalho de preparação, mais difícil e problemática será a experiência cristã.

Por exemplo, hoje compreendemos que as qualificações para a admissão no reino Deus é a qualificação do *carácter*. Portanto, cada um que compreende isto trabalha para aperfeiçoar o *carácter* que irá passar o controlo do escrutínio do julgamento. Ele compreende a parte que só Deus pode desempenhar e o papel do agente humano, por isso trabalha de harmonia com estes princípios e na total dependência dos poderes celestes. Adopta esta forma de agir porque compreende correctamente o que é necessário.

Mas se a entrada para o reino fosse para aqueles que haviam acumulado na vida presente, uma certa quantidade de dinheiro, então não seria o nosso trabalho de preparação muito diferente do desenvolvimento do carácter? Teríamos então dedicar inteiramente as nossas energias à aquisição da riqueza necessária. Uma vez mais, se apenas os que possuíssem o ensino universitário pudessem entrar no reino, então dedicaríamos o nosso tempo a ganhar esse nível de educação. A natureza do reino e os requisitos de entrada vão decidir a natureza da preparação que vamos fazer para essa entrada.

É o caso desta situação se o nosso conceito de reino e o nosso entendimento da preparação para ele são compatíveis com a verdade. Mas se o nosso conceito difere da verdade, então a natureza da preparação será de harmonia, não com a natureza real do reino e o tipo de preparação necessária para ele, *mas com o nosso conceito acerca dele.*

Foi assim com os apóstolos. A verdade sobre o reino era uma coisa. O seu conceito a respeito dele era outro. Consequentemente a natureza da sua preparação estava de acordo com seu conceito – não com a verdade. Portanto, quanto mais diligentemente trabalharam na sua preparação, mais

profundamente desceram na dificuldade. Assim Satanás foi capaz de combinar algo muito meritório, nomeadamente o zelo e o entusiasmo da sua preparação, com uma ideia e teoria errada, para causar sérios problemas, não só na sua experiência mas também na igreja de Deus naquele tempo.

## O que Eles Sabiam

Havia apenas um tipo de reino conhecido e compreendido por aqueles homens. Eles nunca tinham visto ou conhecido qualquer outro senão este tipo de reino, razão pela qual, desde o pedido dos israelitas por um rei como as nações circunvizinhas, não tinha havido qualquer outro tipo de reino na terra senão o construído e mantido pela espada. Qualquer paz foi obtida e sustentada pela autoridade do poder militar. As pessoas mais importantes eram as mais hábeis com as armas de guerra ou as que possuíam vastas somas de dinheiro pelo qual a guerra podia ser financiada. Nesse sistema, a posição era o objetivo mais importante. O rei ocupava o lugar mais alto porque era o homem mais rico do reino, normalmente o guerreiro mais hábil e capaz de eliminar aqueles que conspiravam contra si, juntamente com aqueles que ele *suponha* conspirarem.

Esta tinha sido a situação nos dias dos reis de Israel; era a situação do Império Romano e certamente foi, à sua própria maneira, a situação na estrutura de poder das classes dominantes no sínédrio judeu.

Foi e continua a ser, onde quer que seja encontrado, um sistema que desenvolveu os piores aspectos da natureza humana. Ele gerava ambição profana, orgulho, avareza, ódio, inveja e levou ao assassinio, extorsão e outros males. Mas quando Cristo veio a esta terra, não havia outro sistema em qualquer governo e nos governos terrestres não se encontra qualquer outro sistema desde então. Portanto, os discípulos não conheciam outro sistema senão este e conseqüentemente, só poderiam pensar em termos do reino vindouro construído segundo estas linhas.

Por isso, logicamente deviam orientar o seu trabalho de preparação para aquele reino de acordo com as linhas do seu entendimento do que viria a ser esse reino. Nos reinos terrestres, a posição era a coisa mais importante. Quanto mais alto alguém pudesse subir, então maior seria o seu poder, prestígio, importância e influência. Nos reinos da terra essa era a coisa mais desejada e, se o reino de Cristo estava a ser construído de acordo com estas linhas, então, nesse reino, eram procuradas e desejadas as mesmas coisas.

## Cada um Desejava a Mais Alta Posição

Assim cada apóstolo estava decidido a assegurar para si a posição mais elevada no reino. Esta era a determinação de Pedro, mas enquanto procurava elevar-se a si mesmo a esse nível, estava plenamente consciente de que João, Tiago e os restantes também desejavam alcançar o mesmo objectivo. Este espírito *competitivo* não podia deixar de gerar neles, *apesar de serem cristãos nascidos de novo*, certos males. A redacção desta frase deveria ser observada por causa do que ela diz, não pelo que não diz. Ela afirma que enquanto o *competitivo* espírito lá estivesse, o resto era inevitável, mesmo para cristãos nascidos de novo.

Esta é a verdade. No entanto, não é a verdade dizer que por terem um conceito errado, tinham de ter um espírito errado dentro deles. Se tivessem aprendido, como nós também temos de aprender, a estudar as suas reacções a uma determinada situação, de modo a reconhecer as primeiras tendências do desenvolvimento de um espírito errado, então mesmo que possam não ter entendido as ideias e as teorias erradas e as teorias através das quais Satanás procurava desenvolver o espírito errado, ainda poderiam ter sido libertados do espírito mau e por isso estar livres do pecado. O facto de existirem ideias e conceitos errados não é a garantia de que o cristão tenha de pecar. Mas no momento em que se permite ao espírito de competição tornar-se regra de vida, então o resto é

inevitável. Na vida daqueles homens, estava presente o espírito de competição e por isso o resto veio, cada mal construído sobre o anterior.

O primeiro desses males seria o espírito do medo. Pedro, enquanto procurava chegar ao lugar mais alto do reino, tinha o medo real de ser ultrapassado na corrida por João, Tiago, ou um dos outros. O receio que o levou a olhar atentamente para os seus discípulos com rigoroso controlo, não fossem eles ganhar alguma vantagem sobre ele. Pedro suspeitava de cada movimento feito pelos outros com se tivesse uma segunda intenção ou motivo. Assim o medo conduziu à intensa suspeita, até mesmo do próprio Cristo, porque, qualquer suposto favor mostrado a qualquer um dos outros apóstolos, seria suspeito de indicação de que um seria escolhido antes dos outros para o cobiçado lugar no futuro.

Tudo isto desenvolveu neles males como a inveja, ciúme e orgulho que por sua vez gerou o ódio. Não há dúvida que estas coisas estavam efectivamente naqueles homens quando se juntaram para a Ceia do Senhor, apesar de serem cristãos nascidos de novo e ministros ordenados do Evangelho. Tudo isto é confirmado pelas seguintes palavras:

“Essas palavras querem dizer mais que a limpeza do corpo. Cristo está falando ainda da mais alta purificação, purificação, ilustrada pela menor. Aquele que viera do banho, estava limpo, mas os pés calçados de sandálias logo se encheram de pó, e necessitavam novamente de ser lavados. Assim Pedro e seus irmãos tinham sido lavados na grande fonte aberta para o pecado e a impureza. Cristo os reconhecia como Seus. Mas a tentação os levava ao mal, e necessitavam ainda de Sua graça purificadora. Quando Jesus se cingira com a toalha para lhes lavar o pó dos pés, desejava, por aquele mesmo ato, lavar-lhes do coração a discórdia, o ciúme e o orgulho. Isso era de muito mais importância que a lavagem de seus empoeirados pés.” (DTN 458.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 646.

Assim, é claro que quando aqueles homens chegaram ao cenáculo para comer a Páscoa com o Salvador, tinham dentro de si, um espírito que os impediu de entrar em comunhão com Ele. Esse espírito era de alheamento, ciúme e orgulho que por sua vez tinha causado discórdia e ódio. Era disto que eles precisavam de ser limpos e foi disto que Jesus os limpou a todos excepto Judas quando lhes lavou os pés.

Aqueles problemas foram gerados, não porque ainda fossem escravos da antiga mente carnal, mas porque Satanás foi capaz de perverter os poderes da sua natureza humana através das suas ideias e teorias erradas. Também aconteceu isso com os discípulos depois do Pentecostes, quando o problema surgiu entre os gregos e os hebreus. Assim será com todos os filhos de Deus que não compreendem e fecham os caminhos da tentação através do qual o inimigo ainda tem uma porta aberta para o cristão convertido.



# Capítulo 18

## Perversão

---

[Voltar ao início](#)

Os discípulos entraram no cenáculo cheios de orgulho, ciúme e mesmo ódio dentro de si. Ao mesmo tempo, eram cristãos nascidos de novo. O coração da mensagem que este autor defende é que a conversão envolve a erradicação, não em parte mas no todo, do mau espírito de orgulho, ódio e inveja, para ser substituído pelo doce espírito de humildade, amor e confiança. Aqueles que entendem a defesa desta posição e ao mesmo tempo estão conscientes de que estas coisas verdadeiramente apareceram em homens como os apóstolos, imediatamente perguntam como podia isso acontecer. Se o ódio, o orgulho e o ciúme foram removidos, então como é que aquilo que já não existe aparece novamente na vida?

Esta é uma boa pergunta e, como referido anteriormente, levou alguns a tomarem posições erradas, a principal delas é a ideia de que o seu aparecimento na vida depois duma pessoa ter nascido de novo, é uma prova clara de que não foram banidas na conversão, mas reprimidas ou controladas até ao momento de terem oportunidade para aparecerem outra vez.

Esta é uma conclusão natural. Além disso, seria bastante exacta se a antiga mente carnal que é o espírito e a descendência de Satanás na vida, fosse a única fonte de pecado. Mas não é. O que tem sido ignorado por aqueles que tomam esta posição é que existe um enorme potencial para o pecado na natureza *humana* do homem, seja essa natureza ainda não santificada como será até Jesus vir, ou santa como no caso dos nossos primeiros pais no jardim do Éden.

É necessário fazer uma distinção entre o pecado quando aparece com origem na vida do não convertido e o pecado original. Nos não convertidos, o pecado surge por haver uma condição pecaminosa no indivíduo. As obras do ódio manifestam-se porque já existe o *espírito* do ódio dentro do homem. Ele age com orgulho porque *é* orgulhoso.

### Uma Origem Propriamente Sua

Mas essa condição pecadora tinha de ter uma origem em si mesma. De onde veio ela? Esta é uma questão merecedora de cuidadosa e séria consideração. Os primeiros pensamentos tenderiam a concluir que qualquer que fosse a origem desta pecaminosidade tinha de ser alguma coisa totalmente alheio a Deus e independente d'Ele, porque é verdade que Ele não pode ser responsabilizado pelos males que existem no mundo hoje.

Isto é rigorosamente verdade, contudo, para tirar a conclusão de que o mal tem uma origem totalmente separada de alguma coisa criada por Deus, é de supor que haja outro criador – outro doador de vida. É concluir que um destes dois criadores, nomeadamente Deus, Criador de tudo o que é bom, justo, puro e belo, outro criador apareceu em cena para introduzir uma obra de si próprio que era apenas mal, injustiça, impureza e desagradável. Se isto tivesse sido assim, então seria bem ilustrado pela figura de um homem plantando um campo com boa semente, depois disso outro vinha pela calada da noite e semeava sementes de espinhos e abrolhos no mesmo pedaço de terra, como na parábola do trigo e do joio.

Cristo não estava a ensinar nesta parábola que havia dois criadores diferentes no primeiro caso. Ele estava a falar da situação no mundo onde o pecado e a justiça já existiam. Porque o pecado está presente, o inimigo pode semear suas sementes onde o Senhor semeia justiça. A iniquidade está

aqui tal como estão os espinhos e os abrolhos, mas houve um tempo em que não se encontrava qualquer destes males. Por conseguinte, eles tinham de ter um início e alguém que lhe desse origem, porque eles pura e simplesmente não podiam surgir do nada.

Uma coisa que todos os cristãos aceitam como a verdade é que Deus não criou o pecado *como tal* e o colocou na terra. A sua repetida avaliação de cada dia do trabalho da criação é que foi bom ou muito bom. Deus deu existência apenas ao que é belo, digno de valor, e justo. Nenhum mal veio das Suas mãos como um acto de criação directo, nem é Ele de qualquer maneira responsável pelo mal que é a maldição da vida neste planeta.

## Não Há Segundo Criador

Não houve um segundo criador; ou uma segunda fonte de vida. Deus através de Cristo é o único. “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” *João* 1:3. “Porque nele foram criadas todas as coisas que há no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam dominações, sejam principados, ou poderes: todas as coisas foram criadas por Ele e para ele.” *Colossenses* 1:16.

Por conseguinte, Lucifer não criou o mal. Pode ser dito que ele introduziu, mas ele não o *criou*. Em seguida vem a pergunta: se Deus não criou o mal como tal e não houve qualquer outro criador para lhe dar existência, como encontrar a sua origem?

A resposta é que a origem está na justiça, porque simplesmente não houve outro lugar. Em primeiro lugar esta ideia pode ser difícil de aceitar, por ser claro que o pecado é em todos os sentidos o oposto da justiça. Pode questionar-se como é que algo tão diferente poderia vir daquilo que é totalmente oposto.

Mas quando se entende que todo o pecado não é mais do que uma *perversão* das coisas boas, então tornar-se claro onde é que o pecado teve a sua origem. Isto é o que o pecado é. A *perversão* do que era bom. Deus criou o bem, mas Satanás *perverteu-o* em algo totalmente diferente e mortal.

Para ajudar a simplificar este problema, precisa apenas de ser lembrado que tudo pode ser utilizado para o bem ou para o mal. Pensai na maravilhosa invenção dos explosivos, o cinema, rádio, televisão, impressão e muitas outras maravilhas. Depois considerai quão mau tudo isto se têm tornado, simplesmente porque as perverteram para um uso directamente oposto ao que o Senhor as destinou. Deus deu todas essas invenções ao homem com o desejo de que eles as usassem para a sua bênção e elevação, mas Satanás assegurou que elas fossem usadas de forma pervertida para mal e destruição.

As ilustrações acima são boas, mas não vão suficientemente longe, porque em nenhum destes casos é a própria natureza da invenção que mudou. A prensa de impressão, por exemplo, pode imprimir todos os tipos de literatura má e imediatamente voltar a produzir a santa Palavra de Deus. Mas quando os justos poderes no cristão são transformados num *espírito* mau, não pode ser transformado outra vez em algo bom.

A ilustração perfeita disto é um cacho de uvas boas. Este é o dom de Deus para o homem como uma bênção e saúde. Mas as uvas podem ser e muitas vezes são, transformadas em vinho embriagador. Isto é um terrível destruidor. É uma perversão do original que era bom. Além disso, nenhum homem pode fazer o vinho a menos que tenha a uva boa para começar. Mas uma vez transformadas as uvas em vinho, é impossível ter de volta as puras, doces, uvas saudáveis. Elas estão perdidas para sempre. A única solução é lançar o vinho fora e obter um novo suprimento de uvas provenientes da colheita seguinte.

Todo o poder é dado por Deus ao homem para a sua bênção e aperfeiçoamento. Mas todos os poderes podem ser pervertidos em uso errado, como no caso das criações acima mencionadas, ou de forma errada, como no caso das uvas. Semelhantemente, o amor pode ser transformado em ódio, embora o ódio nunca possa ser revertido em amor. Por conseguinte, quanto mais forte e maior for o suprimento do amor de Deus na pessoa, maior é o potencial para transformação no ódio.

## No Convertido

Do mesmo modo como o homem convertido tem em si a justiça que recebe como o dom de Deus, então certamente têm o potencial para o mal poder aparecer, quando pervertido. Não há um momento nesta vida em que possamos dizer em confiante complacência que a batalha está terminada e todos os riscos desapareceram. Portanto, não pode haver uma doutrina de uma vez salvo, salvo para sempre. Isto simplesmente não existe.

Nem significa que embora a disposição para o mal ou espírito de ódio tenha sido removido da pessoa na conversão, nunca mais pode aparecer na vida. O potencial está sempre presente, não no sentido de um “gigante adormecido” esperando apenas a oportunidade de se manifestar e atacar. É um potencial contido no bem já ali existente. Esse bem pode ser *pervertido* numa direcção errada para se tornar num pecado do pior grau.

## O Ódio

Este ponto tem de ser ilustrado para o tornar ainda mais claro. Essas ilustrações devem começar na forma mais simples, por isso vamos começar com o ódio. Quando uma pessoa é realmente convertida o “amor toma o lugar do ódio.” (DTN 271.2), *O Desejado de Todas as Nações*, 391. Estas palavras são muito claras. Um deles é expulso para dar espaço para o outro. O ódio foi retirado, o amor tomou o seu lugar. Onde estava o primeiro está agora o segundo. Há tantos a concluir que se isto fosse verdade, então já não seria possível alguém odiar qualquer pessoa. Não estaria nele fazê-lo.

Mas agora temos de perguntar que tipo de ódio é removido e que amor toma o seu lugar? Esta questão é extremamente pertinente à luz da bem conhecida declaração de *Caminho a Cristo (Veredas de Cristo)*, 58 que fala sobre o que acontece com a pessoa que foi verdadeiramente nascida de novo. “*As coisas que outrora aborreciam, agora amam; e aquilo que outrora amavam, aborrecem agora.*” (CC 58.3).

Portanto, a vida cristã é uma vida de amor e ódio como era a vida de Cristo e como é a vida de Deus. Deus ama e *odeia*. Este é o claro testemunho das Escrituras. Falando de Cristo que diz, “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade.” *Hebreus* 1:9, uma citação de *Salmos* 45:7.

Que Deus, Cristo e os cristãos amam e odeiam, é um facto das conclusões a ser tiradas. Estas conclusões devem ser exactas. Por exemplo, poderia ser concluído que o acto de conversão não é a erradicação do ódio, mas simplesmente a sua reorientação. Esta é a teoria corrente de conversão nas mentes de muitos, mas não é verdade. As palavras das Escrituras não mostram um quadro onde Jesus redirecciona o ódio pecador, mas *do seu afastamento* de tal modo que a sua presença já não se encontra ali. Um testemunho claro a confirmar isto lê-se em *O Desejado de Todas as Nações*, 646. “O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas tudo isso lavou Cristo ao lavar-lhes os pés.” (DTN 458.4).

Se o ódio é removido da pessoa na conversão, então não está lá para ser redireccionado e há um motivo muito bom para isso. O ódio presente nos não convertidos, é uma perversão de algo bom e é por isso de natureza má. Este ódio nunca pode ser justiça e não pode odiar o pecado. É o vinho destruidor e não pode ser usado para qualquer bom propósito.

Quando este ódio está presente, é dirigido contra o pecador, não contra o pecado. O pecado no outro é apenas odiado quando causa sofrimento, inconveniência e prejuízo a outras pessoas não convertidas. Aqueles a quem o pecado promete vantagens, desculpam-no e até o incentivam.

Este ódio do pecador em vez de pecado, é intensificado em quem o possui na proporção directa à medida que os priva de conforto e segurança. Por conseguinte, é inteiramente *egoísta* e de um carácter que o Senhor nunca pode aceitar ou abençoar. Por esta razão, este tipo de ódio nunca pode ser usado por Deus, porque a sua natureza é inimizade contra Deus e nunca pode ser sujeito à Sua lei ou mandamentos.

O carácter do ódio de Deus e da pessoa realmente convertida é aquele que odeia o pecado *por causa daquilo que este é*, não simplesmente por ser inconveniente ou doloroso para nós pessoalmente. Este ódio é de origem divina, ao passo que o outro é de origem satânica no que respeita às nossas próprias vidas, embora o seu começo tenha sido, obviamente, uma lamentável perversão dos poderes investidos por Deus nas Suas criaturas das quais Lúcifer foi a principal.

Para odiar o pecado é preciso ser-se à imagem de Deus. É uma qualidade da vida a ser apreciada e desenvolvida, porque quanto mais se odeia o pecado como tal no seu espírito, natureza e essência, melhor será para nós. Este é um poder dado por Deus. É justiça.

Satanás está bem ciente desta característica no indivíduo que encontrou a sua paz com Deus e vê nela a matéria-prima a partir da qual podemos desenvolver o ódio que ele deseja ver no cristão. Ele tem prazer em transformar o bom em mau.

O que Deus pretende que façamos é odiar o pecado mas amar o pecador. A dificuldade em fazer isso reside no facto de que o pecado está tão totalmente identificado com o pecador que começamos erradamente a dirigir o ódio tanto para o pecado como para o pecador e no final, mais particularmente para o pecador. Esta é uma perversão do ódio pelo pecado que é a justiça que o Senhor colocou naqueles que são Seus filhos.

Para complicar ainda mais as coisas, nenhum dos filhos de Deus foi liberto da fraqueza da natureza humana, nem de muitas ideias e teorias erradas adquiridas na escola do príncipe das trevas. O mais forte entre os instintos da natureza humana está a lei da sobrevivência que é rápida a discernir o efeito do pecado sobre os seus próprios interesses. Quando é visto que aquilo que a outra pessoa está a fazer nos roubará aquilo que temos, seja dinheiro, reputação, honra, posição, tempo, saúde, ou amigos, então a tendência natural do espírito humano é levantar-se para resistir. Isto por sua vez leva-nos a olhar com suspeita os motivos e as intenções de quem está a pecar, ou se imagina estar a pecar contra nós.

Aqui mesmo, Satanás está à mão para desviar a nossa atenção do próprio pecado, para o pecador, e para o que ele nos está a fazer pessoalmente. O que Deus quer de nós é uma tal confiança na Sua protecção e provisão que qualquer ameaça vinda de outra pessoa, não nos preocupe nem aflija. Deus pretende que a nossa atenção se concentre no próprio pecado para olhar com compaixão e alarme a outra pessoa, o que o mal está a fazer a ela e nela. Isso gerará esse mesmo ódio pelo pecado e desejoso amor para com o pecador que Deus manifesta. Então como Deus, faremos qualquer sacrifício para salvar o pecador da sua iniquidade.

## O Potencial Está Lá

Deve ser visto claramente que no cristão nascido de novo, há um justificado ódio que o inimigo pode perverter em ódio injusto. Este ódio, uma vez pervertido, não é o mesmo como era antes. A sua natureza é alterada de bom para mau. O ódio de Deus pelo pecado é edificante, curador e abençoado. Os seus efeitos são saudáveis e bons. Mas o ódio contra o pecador, assim dirigido por causa de uma resposta pessoal da nossa parte, é veneno, destruidor para nós e para os que estão dentro do círculo da nossa influência e motiva actos de retaliação.

Uma vez pervertidos os poderes justos no interior da pessoa neste ódio venenoso e destruidor, não mais podem ser transformados de volta à justiça, como o vinho não pode voltar a ser boas uvas. A única maneira é a eliminação e substituição pelo precioso amor de Deus que odeia o pecado mas ama o pecador.

É necessário compreender que todo o dom de Deus leva consigo uma enorme responsabilidade. Aqueles que não reconhecem o perigo e não tomam medidas inteligentes para se protegerem contra ele, certamente estarão em dificuldade. Lembrem-se de que quanto mais justiça de Deus o cristão possuir, maior o poder a ser pervertido para uso errado, se voltar as costas à verdade. Satanás conhece bem as possibilidades e vigia para tirar o máximo partido delas. O povo de Deus deve informar-se tão bem da natureza deste problema e tomar as providências contra ele para não ser completamente privado desta oportunidade.



# Capítulo 19

## O Rei Hoje

---

[Voltar ao início](#)

**N**os assuntos acabados de tratar, foi visto que os discípulos, no momento em que chegaram à última ceia do Senhor, eram homens efectivamente convertidos e além disso, ministros ordenados do Evangelho, apesar do facto do seu comportamento não ser como seria de esperar de quem tivesse nascido de novo. Também foi visto que as velhas ideias, teorias, hábitos e práticas foram uma fonte de verdadeira dificuldade, por causa dos seus conceitos errados acerca do reino vindouro que os levou a fazer preparativos totalmente errados. Por último, o facto de terem os poderes da natureza humana e mesmo de natureza justa, significava que tinham dentro de si um potencial para o mal, porque todo o pecado é apenas a perversão do que é puro e bom.

Por conseguinte, quando os apóstolos entraram no Cenáculo, trouxeram com eles duas coisas sobre as quais e através das quais o diabo poderia operar, embora, por terem sido libertados da presença e do poder da antiga mente carnal, ele já não os dominasse como escravos. Essas duas coisas foram as ideias e teorias erradas de que ainda não estavam livres e a natureza humana na qual reside o espírito humano. A referência ao espírito humano inclui todos os sentimentos naturais da natureza humana e da vida – emoções de esperança, medo, decepção, frustração, desânimo, protecção própria, alegria e determinação. Estas não são em si mesmas más ou nocivas, mas podem ser estimuladas para agir numa direcção errada. Além disso, nas pessoas caídas e degeneradas que viveram depois de Adão e Eva terem traído os sagrados depósitos, aqueles aspectos do espírito humano são muito mais propensos ao mal do que ao bem, tal como o solo no qual produzimos agora o nosso alimento, mais prontamente produz espinhos e abrolhos do que couves e cenouras.

É o objecto de estudo de Satanás como perverter os poderes do espírito humano em espírito do mal. Ele quer produzir desse espírito humano os maus atributos do orgulho, ciúme, ódio e similares, assim como fez com os discípulos mesmo sendo convertidos. Ele pode fazer isso e infelizmente demasiadas vezes é bem-sucedido.

Compreender que ele pode perverter estes poderes, ainda pode ser um problema para muitos. Lembramos que na experiência do novo nascimento, a libertação da escravidão do pecado envolveu a remoção do ódio, orgulho, ciúme e males semelhantes que se tinham desenvolvido na vida humana. Se estas coisas tinham sido removidas naquela altura, então como é que poderiam aparecer novamente e, se apareceram, isto não significaria certamente que a mesma servidão estava de volta. Se isto é verdade, então como pode a condição do cristão ser diferente do descrente?

Esta linha de raciocínio é boa, pois ela chega a um verdadeiro problema. É uma questão que deve ser compreendida, mas infelizmente, muitos elaboraram conclusões erradas a partir destes factos. A maioria conclui que o aparecimento destas coisas na vida é devido ao facto de que em si não houve uma mudança real na experiência de conversão, para além de uma mudança de lealdade e atitude mental. Concluem que é impossível o ser humano obedecer aos mandamentos de Deus sendo sempre ternos, pacientes e bondosos, por isso, a única esperança de salvação é haver alguém que obedeça à lei *no seu lugar* pagando o seu tributo tal como Cristo pagou a pena deles. Esta justiça é apenas uma experiência representativa e não real.

Infelizmente, o raciocínio a partir dos factos do problema destas conclusões conduz a posições que negam o admirável poder e verdade do Evangelho. É verdade que cada um dos filhos de Deus pode obedecer à lei e é pedido a cada um que o faça.

## O Problema da Servidão

Mas, embora seja possível para qualquer um dos filhos de Deus viver uma vida perfeita sem pecado, geralmente falham em fazê-lo. Quando o pecado é cometido, confrontam-se com a questão de saber qual é o seu estado agora. A conclusão habitual é que voltaram para o mesmo estado em que estavam antes de nascer de novo. Este foi o pensamento de Pedro quando, no lava-pés, Jesus lhe revelou a pecaminosidade que manchava a sua vida naquele momento. Logo que os seus olhos foram abertos para se ver a si mesmo, pediu a Cristo para o lavar completamente; cabeça, mãos e pés. Este foi um apelo a um novo baptismo. Ele fê-lo porque sentia que havia regressado à mesma condição original em que havia estado antes de baptizado.

O Salvador no entanto, não concordou com a opinião de Pedro. Ele disse-lhe que não havia necessidade de um segundo baptismo, mas apenas de uma lavagem dos pés. Tendo os discípulos aceite isso, disse-lhes em seguida que estavam limpos em todos os sentidos. Dos dois, Cristo tinha o entendimento correcto. Ele deixou para sempre claro que o rebaptismo não é necessário de cada vez que uma pessoa cai em pecado por causa da manifestação de um espírito mau e das acções erradas associadas. Assim Cristo confirmou que o crente quando cai em pecado não volta para a mesma condição em que estava antes de ser convertido no primeiro caso. Não a obra simbolizada pelo batismo, mas a da lavagem dos pés, é a solução para o cristão que tenha caído em pecado.

A compreensão deste ponto essencial que irá salvar duma grande confusão e frustrará os esforços do acusador para desencorajar a alma e submetê-la aos seus enganar. Certamente é um ponto que não é geralmente entendido e tenho enfrentado dificuldades em ajudar pessoas a vê-lo. Contudo, depois da luz ser entendida, traz um grande alívio às almas tentadas e firma os seus pés no caminho da vitória como nunca antes.

De um modo geral, as pessoas tendem, como fez Pedro, a acreditar que se voltaram a ficar totalmente possuídas da mente carnal outra vez e estão como estavam antes do baptismo. Olham para a experiência de Adão no Éden. Ele pecou uma vez e por isso saiu imediatamente e totalmente do reino de Deus e entrou no de Satanás. Por conseguinte, a conclusão é, se um cristão peca, deve igualmente passar imediatamente do reino de Deus para o reino de Satanás. Mas isso não é assim porque existe uma importante diferença entre a posição de Adão no jardim do Éden e a posição dum cristão desde sempre.

Antes de analisar a explicação de qual é a diferença, apresentemos mais uma prova para confirmar que uma pessoa não reverte à sua condição de pré-baptismo quando descobre um espírito mau a formar uma perversão dos seus justos poderes. Considerai cuidadosamente o conteúdo do seguinte testemunho.

“Essas palavras [“se eu não te lavar, não tens parte comigo”] querem dizer mais que a limpeza do corpo. Cristo está falando ainda da mais alta purificação, ilustrada pela menor. Aquele que viera do banho, estava limpo, mas os pés calçados de sandálias logo se encheram de pó, e necessitavam novamente de ser lavados. Assim Pedro e seus irmãos tinham sido lavados na grande fonte aberta para o pecado e a impureza. *Cristo os reconhecia como Seus.*” (DTN 458.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 646.

Esta frase – *Cristo os reconhecia como Seus* – revela claramente que apesar daqueles homens terem cedido à tentação de tal maneira que Satanás conseguira uma vez mais despertar neles um espírito mau, Cristo reconheceu-os *como sendo ainda Seus filhos* e Seus discípulos. Se tivessem passado de novo para o domínio de Satanás quando pecaram, então Cristo teria de reconhecer que pertenciam ao diabo. Ele só podia falar a verdade e nada mais do que a verdade. Portanto, tudo o que Ele reconheceu como sendo assim, assim era. Tão certamente como Ele reconheceu esses homens pecadores como sendo Seus discípulos ou filhos, assim eles eram ainda.

Da mesma forma, era comum o Senhor continuar referindo-se a Israel como “*Meu povo*”, mesmo quando tinham deixado de Lhe obedecer perfeitamente e estavam a entrar no caminho do pecado. A Bíblia está repleta de evidências de que Deus não considerou que o Seu povo havia regressado à condição de servidão sob o controlo de Satanás no momento em que caiu no pecado, embora seja igualmente claro que Adão e Eva sim.

Evidência suficiente está contida no que acaba de ser citado para mostrar que um homem convertido não passa de novo para o domínio do pecado quando cai em tentação como aconteceu com Adão e Eva. Dessa maneira, aqueles discípulos, apesar de Satanás ter gerado neles um espírito errado, ainda eram filhos de Deus. Eles não estavam sob uma real servidão de Satanás.

## A Questão de Quem É o Rei

Essas evidências estabelecem o facto de que o cristão não volta ao estado de pecaminosidade e servidão em que encontrava antes de se tornar filho de Deus. Mas não é suficiente *saber* que é assim. É também necessário *compreender* como e por que razão é assim.

De maneira muito importante e significativa, a posição dum cristão é diferente da posição de Adão antes de cair. Se não fosse, então teríamos de ser filhos de Deus num momento e voltar à família de Satanás no seguinte. De cada vez que pecássemos e nos arrependêssemos de novo, teríamos de ser rebaptizados. A diferença entre a posição de Adão e a nossa é definida claramente na seguinte declaração.

“Se renunciastes ao próprio eu, entregando-vos a Cristo, sois um membro da família de Deus, e tudo quanto há na casa de vosso Pai vos pertence. Todos os tesouros de Deus vos estão franqueados — tanto o mundo que agora existe, como o por vir. O ministério dos anjos, o dom de Seu Espírito, os labores de Seus servos — tudo é para vós. O mundo, com tudo que nele há, pertence-vos até onde isto seja para vosso benefício. A própria inimizade do maligno se demonstrará uma bênção, na disciplina que vos proporciona para o Céu. Se ‘vós sois de Cristo’, ‘tudo é vosso’. 1 Coríntios 3:23, 21. (MDC 110.3).

“Sois, porém, como uma criança a quem não se confia ainda a direcção de sua herança. Deus não vos entrega vossa preciosa possessão, para que Satanás, por seus astutos ardis, não vos engane, como fez com o primeiro par no Éden. Cristo a mantém para vós, além do alcance do espoliador. Como a criança, receberéis dia a dia o necessário para a necessidade diária. Cada dia deveis orar: ‘O pão nosso de cada dia nos dá hoje.’” (MDC 110.4), *O Maior Discurso de Cristo*, 110, 111.

No Éden, antes de qualquer criança nascer, Adão era rei, Eva era rainha e juntos somavam toda a população humana da terra. Eles possuíam este domínio sob a protecção de Deus e de Cristo que eram Reis dos reis e Senhores dos senhores. Apesar desta vassalagem, foi necessária apenas uma derrota do rei e da rainha para Satanás obter para si a posse de todo o mundo que lhes pertencia. Por esta razão foi preciso apenas uma falha da sua parte para ficarem totalmente na família de Satanás.

Mas a situação hoje é diferente. Um poderoso Campeão entrou em cena e derrotou redondamente Satanás. Cristo reconquistou o domínio perdido e é agora o Rei. Mas sabiamente, Ele não dá o reino de volta para as nossas mãos como estava na posse de Adão “para que Satanás, por seus astutos ardis, não vos engane, como fez com o primeiro par no Éden. Cristo a mantém para vós, além do alcance do espoliador. Como a criança, receberéis dia a dia o necessário para a necessidade diária.” Portanto, para Satanás recuperar o controlo total das nossas vidas, *precisaria de derrotar Cristo*. Isto ele não é capaz de fazer. Cristo é invencível. A outra única possibilidade que ele tem é separar o cristão de Cristo a fim de o privar de sua defesa e assim ser recapturado. Mas isso não acontece facilmente. Demora muito tempo para se efectuar esta separação.

Para ilustrar o ponto acima, suponha que um jovem herdou de um tio um milhão de dólares em testamento. Esta é uma enorme quantia em dinheiro. Qualquer pessoa com esse montante que investisse à taxa de juro de dez por cento, nunca mais teria necessidade de trabalhar. Iria ganhar cem mil dólares por ano sem tocar no capital.

Este jovem está radiante com a sua bênção mas por falta de bom senso, vai ao banco e levanta todo o montante, coloca-o no carro e arranca. Em breve é abordado por um ladrão que lhe leva o dinheiro. Depois de *um* só assalto, quanto é que ele tem de sobra? Nada! Como Adão no Jardim, perdeu tudo num único encontro.

Mas, suponha que o tio que tinha uma avaliação correcta da falta de sabedoria do sobrinho determina no testamento que o montante máximo que o jovem podia levantar num único dia era

uma mera quantia de cem dólares. Embora não satisfeito com a restrição, o beneficiário não tem escolha. Então vai ao banco e retira a limitada quantidade estipulada. O ladrão intercepta-o e rouba-lhe tudo o que tem, mas quanto é que ele perdeu desta vez? Perdeu apenas uma pequena parte da quantia total. A perda seria muito pequena em comparação com o valor ainda no banco. No dia seguinte ele podia voltar e levantar outra provisão, sendo agora cuidadoso para não dar ao ladrão qualquer oportunidade para tirar o seu tesouro. Esta é a situação em que o cristão está hoje.

Ao mesmo tempo não se pode negar que quando o cristão cai, Satanás ganha uma vitória, mas é uma vitória sobre o cristão, não sobre Cristo. Isto significa que o coração do reino ainda está seguro e que não fomos feitos prisioneiros. Foi efectuada uma incursão limitada, nada mais. É essencial que o crente remedeie isto com a confissão do pecado e entregue o problema nas mãos do Salvador para expulsar o intruso e restabeleça a limpeza total na vida.

Portanto, os apóstolos apesar de chegarem à ceia do Senhor com os lamentáveis males dentro de si, não tinham deixado de ser filhos de Deus. Cristo ainda os reconhecia como Seus. O inimigo tinha penetrado as defesas e colocado as suas forças dentro do reino, mas não tinha deposto a capital. Essa ainda estava segura e, nela, Cristo era rei. Esta não era uma situação que Cristo aceitasse. Havia necessidade de expulsar o invasor. Era preciso um trabalho de limpeza e Cristo iniciou a tarefa imediatamente.

## O Princípio da Semente

A verdade que um cristão não regressa à mesma condição de servidão a Satanás como era o seu estado antes da conversão, é uma parte muito importante. Cada um deve saber onde está e como retornar ao Salvador quando é vencido por uma falta. Caso contrário, é dada grande vantagem ao inimigo no conflito. Apesar da importância da questão, existem alguns que acham isto muito difícil de compreender. Por esse motivo, embora as evidências apresentadas acima sejam bastante adequadas para estabelecer o assunto, há ainda mais a acrescentar. Foi constatado que os princípios contidos na sementeira permitiram a alguns entender como de outro modo não poderiam, esta verdade.

Um conceito geral é que quando uma pessoa é limpa através do arrependimento, confissão e perdão, o Espírito Santo vem e habita nela, mas quando ela peca e se torna impura por causa disso, o Espírito Santo afasta-se novamente. Isto não é exactamente verdade. É necessário um conhecimento mais preciso do trabalho do Espírito Santo.

As Escrituras dizem que Cristo habita *no* crente.

“Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é *Cristo em vós*, esperança da glória;” *Colossenses* 1:27.

“Para que Cristo habite *pela fé* nos vossos corações;. . .” *Efésios* 3:17.

“Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo *seja formado em vós*.” *Gálatas* 4:19.

Eu andava continuamente intrigado quanto à verdade de Cristo habitar *em* mim e em todos os outros cristãos até que entendi o princípio da semente. Na minha mente havia a imagem de Cristo como uma pessoa a descer do Céu e entrando realmente no corpo humano. Mas como poderia Ele estar no Céu e no crente ao mesmo tempo? Além disso, como poderia Ele estar simultaneamente em mim e em milhares de outros crentes também? Repartir-se-ia Ele em muitos fragmentos e colocaria um pedaço em cada pessoa ou era isto apenas uma forma de expressão?

Hoje já não existe algum problema. Jesus Cristo não habita *em* cada crente, não fisicamente, porque a *Pessoa* de Cristo está no Céu. Ele habita em cada um pela implantação da Sua semente.

No jardim do Éden, Deus estabeleceu a lei de que a transmissão de toda a vida seria através do princípio da semente. Até hoje esta não sofreu alteração. Todas as plantas, árvores e criaturas transmitem a sua vida pelo passagem da semente que reproduz a sua espécie. Para a multiplicação da raça humana, foi dado a Adão o poder de transmitir a semente humana e era a intenção de Deus que cada um dos descendentes de Adão vivesse eternamente. Por este meio, Adão devia estar *em*

cada um dos seus filhos. Ele poderia e estaria neles mesmo continuando a ser uma pessoa ou indivíduo por si próprio.

Mas por causa do pecado, Adão perdeu o poder de ser um portador de semente para a vida e se tornou em vez disso o transmissor da morte. Isto condenou a raça humana à extinção, a menos que outro portador de semente pudesse tomar o seu lugar. Em nenhuma circunstância Deus alteraria a lei que determina que a vida neste planeta é transmitida pela semente. Por conseguinte, tinha de ser encontrado outro que transmitisse a semente. Cristo é essa pessoa. A Sua vida torna-se nossa pela implantação de Sua divina e santa semente na vida de todos os que O aceitam. Desta forma Ele está *em* cada pessoa individualmente.

A obra do Espírito Santo é semear esta semente. Assim Cristo é o Portador da Semente enquanto o Espírito Santo faz a sua plantação. Esta verdade está confirmada nas seguintes palavras:

“O Espírito Santo vem ter com a alma como Consolador. Pela transformadora influência de Sua graça, a imagem de Deus se reproduz no discípulo; torna-se uma nova criatura.” (DTN 271.2), *O Desejado de Todas Nações*, 391.

É pela transformação do Espírito Santo que a imagem de Cristo é reproduzida no discípulo. A lei da reprodução, como já foi salientado, é pelo implante da semente. Cristo é a Semente.

Ele é a Semente da mulher. *Génesis* 3:15.

Ele é a descendência de Abraão. *Gálatas* 3:16.

Pelo implante da Sua semente dentro da vida do crente, a reprodução de Cristo é formada no interior. Não é a Pessoa de Cristo que está ali, mas a Sua descendência. É o trabalho do Espírito Santo implantá-la e Ele faz isso com perfeita eficácia.

Uma vez implantada a semente, germina e, se adequadamente alimentada e cuidada, cresce numa robusta, vida saudável. Se não for correctamente tratada, o seu crescimento será enfezado. Essa vida no crente é a vida eterna. É a isto a que Cristo se referiu em *João* 6:47-58.

“...Aquele que crê em mim tem a vida eterna....

“Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo.

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia....

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele....

“...Quem comer este pão viverá para sempre.”

A semente que Cristo coloca em nós é a Sua vida, é vida eterna. O que Cristo colocou, *nunca mais tira*. Este ponto é ilustrado pelo facto de que quando um pai terreno dá a sua semente aos seus descendentes, nunca mais a retira. O facto é que ele não pode. Ele pode lamentar ter dado vida a uma criança, pode mesmo ir tão longe como o homicídio, mas a semente uma vez dada nunca é recuperada. Assim é com Cristo. *A semente desde que seja dada nunca mais volta para Ele*. Ela não é emprestada, mas dada. Deus nunca tira a alguém um dom que tenha dado.

Por conseguinte, quando um cristão que assim se tornou pela implantação da semente cai em pecado, não perde a semente divina nessa queda e momento. Ele continua a ter a vida eterna nele. Isto não significa que nunca pode perder-se, nem significa que se morrer entretanto e sem arrependimento pelo pecado, seria salvo, porque não era assim. Se ele recusar a reconhecer e arrepender-se do pecado, certamente não passará o exame do júizo escrutinador. Pelo contrário, a lei transgredida reivindicará aquela vida que Cristo lhe deu e ele perecerá eternamente.

É por este motivo que o cristão não tem de ser rebaptizado de cada vez que comete o pecado. Foi porque Cristo compreendia isto que recusou o pedido de Pedro para ser baptizado outra vez.

A importância de conhecer isto é múltipla. No primeiro caso, nenhum progresso pode ser feito durante o período de reforma se o crente está continuamente à procura de solução para o problema da servidão a fim de realizar a reforma. Temos aprendido isto da forma mais difícil – pela experiência. A solução correcta tem de ser aplicada ao problema para ser alcançado um resultado satisfatório.

Em segundo lugar, se o crente não tiver um entendimento claro de qual é de facto o problema, então ficará desorientado e confuso. Isto deixa-o exposto aos assaltos do inimigo.

Em terceiro lugar, é um dos dispositivos especiais de Satanás para levar o crente à dúvida de que é filho de Deus. Quando ele é bem-sucedido nisto, desânimo, incredulidade e incerteza retardam o progresso do cristão.

Este entendimento dá uma positiva, confiante certeza ao cristão, que lhe permite saber exactamente como é que o problema deve ser tratado, privando assim Satanás de decididas vantagens na luta.



# Capítulo 20

## Todos Vós Estais Limpos

---

[Voltar ao início](#)

O estudo do comportamento dos discípulos no Cenáculo estabeleceu vários factos. Em primeiro lugar, é evidente que eles tinham chegado ali com uma experiência básica de conversão. Ao mesmo tempo, o seu comportamento não foi como se esperaria de cristãos nascidos de novo. Enquanto isto tenderia a convencer-nos de que eles não eram cristãos verdadeiros, a Palavra de Deus torna claro que era possível eles caírem em pecado e continuarem a ter a semente de Cristo. Evidentemente, Satanás está muito feliz pelos professos filhos de Deus agirem de uma forma não cristã, pois isto fornece um testemunho prejudicial ao carácter e poder de Deus. O diabo com satisfação aponta estes pontos como prova de que a lei não pode ser guardada.

A verdadeira pregação do Evangelho envolve a erradicação da mente carnal e a sua substituição pela mente divina. Os que se opõem ao Evangelho argumentam que se fosse assim, então a partir do momento em que essa transacção tivesse lugar, seria impossível a afortunada pessoa pecar, ou, pelo menos, não teria disposição para fazê-lo. Mas isso não tem em conta o facto de que é necessária mais do que uma obra da graça para liberar alguém do poder do pecado. Isto é não considerar que as ideias e teorias erradas tão bem aprendidas na escola de Satanás só podem ser removidas através de um longo processo de educação.

Com os discípulos, esta questão das velhas ideias e teorias pairou como um grande problema, mas não foi toda a dificuldade. A causa subjacente foi uma raiz de egoísmo que ainda permanecia dentro deles. Isto combinado com as ideias e teorias erradas, constituía um sério obstáculo aos esforços de Cristo para os levar à perfeita harmonia com a Sua vida e missão.

“O Salvador reuniu os discípulos em torno de Si, e disse-lhes: ‘Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos’. Marcos 9:35. Havia nestas palavras uma solenidade e impressividade que os discípulos estavam longe de compreender. O que Cristo discernia não podiam ver. Não compreendiam a natureza de Seu reino, e esta ignorância era a causa *aparente* de sua contenda. A *causa real, porém, jazia mais fundo*. Explicando a natureza de Seu reino, Cristo acalmaria temporariamente a questão; isto, no entanto, não teria tocado no motivo básico. Mesmo depois de haverem recebido o mais pleno conhecimento, ter-se-ia renovado a dificuldade a qualquer questão de precedência. Assim sobreviria ruína à igreja de Cristo depois de Sua partida. A luta pelo mais alto lugar era a operação do mesmo espírito que dera origem à grande controvérsia nos mundos de cima, e trouxera a Cristo do Céu para morrer. Diante d’Ele surgiu a visão de Lúcifer, o ‘filho da alva’, sobrepujando em glória a todos os anjos que rodeavam o trono, e ligado pelos mais íntimos laços ao Filho de Deus. Lúcifer dissera: ‘Serei semelhante ao Altíssimo’ (Isaías 14:12, 14); e o desejo de exaltação própria levava conflito às cortes celestiais, e banira uma multidão das hostes de Deus. Houvesse na verdade Lúcifer desejado ser semelhante ao Altíssimo, e nunca teria perdido o lugar que lhe fora designado no Céu; pois o espírito do Altíssimo manifesta-se em abnegado ministério. (DTN 306.3).

“Lúcifer desejava o poder de Deus, mas não o Seu carácter. Buscava para si mesmo o mais alto lugar, e toda criatura que é movida por seu espírito fará o mesmo. Assim serão inevitáveis a separação, a discórdia e a contenda. O domínio torna-se o prêmio do mais forte. O reino de Satanás é um reino de força; cada indivíduo considera todos os outros como obstáculo no caminho de seu próprio progresso, ou um degrau sobre o qual pode subir para chegar a uma posição mais elevada.” (DTN 307.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 435, 436.

Quando se estuda os problemas que se levantavam na experiência destes homens, deve ser dada consideração não só às ideias erradas no que diz respeito ao reino, mas à básica raiz de egoísmo que ainda estava presente neles. Havia, evidentemente, uma relação muito próxima entre os dois. Dentro deles inicialmente estava o espírito de egoísmo com o qual eles e todas as outras pessoas nascem. Quando Adão pecou no Éden, todos nós estávamos lá em seus lombos, embora ainda não tivéssemos nascido. Por conseguinte, quando ele se entregou a Satanás, deu-lhe o resto de nós ao mesmo tempo. Assim somos nascidos no reino de Satanás e não no reino de Deus. A única forma de podermos entrar no reino celestial é nascer de novo.

O espírito de egoísmo é a *perversão* das leis da auto-preservação e auto-desenvolvimento. Estas duas leis estão construídas em cada criatura. Deus colocou-as ali e em si mesmas são boas. Quando elas se pervertem, no entanto, são coisas mortíferas que levam a todo tipo de conflito, separação de Deus e destruição total. Não importa quão convertido alguém possa ser, estas leis continuam a operar na natureza humana da pessoa. De facto, a conversão de alguma maneira reforça a sua operação e aumenta o risco de serem pervertidas. O cristão tem um sentido muito maior do valor da vida do que um mundano e trabalhará muito mais para procurar salvá-la. Além disso, reconhece que é sua obrigação e desejo melhorar os talentos que o Senhor lhe deu.

Antes da perversão, a motivação para o auto-aperfeiçoamento era tal que desenvolveria mais capacidade para servir os outros. Depois destes poderes terem sido pervertidos, a motivação passou a ser a procura do lugar mais elevado para o próprio independentemente do custo para outros. Estes poderes são simplesmente utilizados para exaltação própria se necessários, ignorados se não forem necessários e destruídos se forem obstáculo. Nenhum ser humano passou de um estado não pervertido para pervertido excepto Adão e Eva. O resto de nós nasce já nesta condição.

Este espírito de egoísmo na pessoa não é a antiga mente carnal. É o poder interior do pecado que promove o egoísmo natural da humanidade. Quando ele é removido, a humanidade continua e com ela, o seu natural, egoísmo pecador. É o trabalho da reforma libertar a pessoa de quaisquer concessões a este factor, de modo que toda a vida se torne treinada nos maravilhosos princípios do serviço.

Com os discípulos, o trabalho tinha feito alguns progressos, mas havia muito mais para fazer. O egoísmo da natureza humana estava lá e foi a raiz causadora das suas dificuldades. Além disso, as suas ideias erradas em relação ao reino estavam a prejudicar muito esta obra vital. Apesar dos repetidos esforços da parte de Cristo, através do ensino e da demonstração, para os livrar destes problemas, não viram a dificuldade e por isso apegaram-se a eles. Para agravar o problema estava o facto de que a sua procura pelo lugar mais alto foi coberta por uma capa de aparente justiça. Cada um queria ver o avanço do reino e sinceramente acreditava que por ocupar o lugar mais alto, poderia fazer progredir melhor a obra de Deus.

No momento em que chegaram à ceia do Senhor com o conhecimento de que a hora crucial tinha chegado, as suas emoções e espíritos foram motivados por considerável intensidade. Como nunca antes, mantinham vigilância sobre os movimentos uns dos outros para garantir que nenhum ganhasse vantagem na corrida. Satanás, plenamente ciente dessas coisas, trabalhou para tirar o máximo partido delas. Trabalhou através das ideias e teorias erradas para despertar o egoísmo natural dos seus corações, a fim de criar um espírito mau de orgulho e de ódio que por sua vez, conduziu a acções erradas. É bom frisar aqui que mesmo que uma pessoa possuísse carne santa e vivesse no ambiente perfeito do paraíso, um espírito mau podia ainda ser gerado na natureza humana. Aconteceu com os nossos primeiros pais, o que comprova que poderia acontecer a qualquer um. No entanto, o facto de que poderia acontecer não significa que acontecesse. Não é obrigatório pecar.

De todos os elementos relacionados – as ideias e teorias erradas, o egoísmo natural do coração humano, o espírito mau e as acções erradas – qual é o mais facilmente visto? A resposta é, as acções erradas. Isso não significa que elas sejam imediata e abertamente reconhecidas pelo pecador por aquilo que são, especialmente numa situação como aquela em que os apóstolos estavam. A sua atenção estava tão concentrada sobre o que os outros apóstolos estavam a fazer que não tinham tempo ou interesse em avaliar as suas próprias acções. Quão frequentemente isto acontece! Os

cristãos envolvem-se em relações infelizes uns com os outros, sendo assim levados a pecar uns contra os outros, contra si próprios e contra o Senhor. As palavras que utilizam e as acções que praticam não são cristãs, mas, em vez de estudar para ver onde suas próprias acções são erradas, desculpam-nas e justificam-nas com base no que a outra pessoa fez.

Sábria é realmente a pessoa que, em cada encontro com outros onde os problemas estão presentes, cuidadosamente desvia os olhos das acções da outra pessoa e estuda as suas. Ela deve manter continuamente diante de si a constatação de que no grande dia do julgamento, não vão ser as acções das outras pessoas pelas quais vai ter de prestar contas, mas das suas próprias *reações* a essas acções. Será inútil discutir com o Juiz do Universo de que não tinha opção senão reagir de um certo modo perante aquilo que a outra pessoa lhe fizera. Deus simplesmente responderá que aquilo que está a ser examinado não é aquilo que o outro homem fez. É o *seu* comportamento que está sob escrutínio.

Apesar destas dificuldades, as más acções da pessoa são ainda de todos os problemas em causa o mais fácil de ver.

Obviamente, o próximo ponto mais facilmente visto é o espírito mau. Novamente, a compreensão dos princípios envolvidos ajudará. Tirei os olhos da outra pessoa, consultai as acções erradas da vida e lembrai que nenhuma acção errada alguma vez aparece a menos que haja um espírito mau por detrás dela. Isto é assim porque fazemos o que fazemos por causa daquilo que somos.

Muito mais difícil de ver são as ideias e teorias erradas que enchem as nossas vidas. Existe a tendência para defender a nossa maneira de pensar, porque é a maneira com a qual fomos educados e tem sido sempre, para a nossa mente o padrão de medida. As velhas ideias são muito difíceis de morrer. Isto é mais verdadeiro nuns casos do que noutros. Se uma pessoa tem uma formação fortemente tradicionalista e conservadora, é menos provável que seja aberta a mudanças aos seus conceitos e ideias.

Felizmente, o Senhor compreende todos estes problemas e tem fornecido soluções eficazes para cada caso. Muito reconfortante é a garantia dada por Cristo durante a ceia do Senhor, de que não temos de esperar para ficar livres de uma ideia ou teoria errada ou do natural egoísmo da natureza humana antes de podermos ser perdoados pelas acções erradas e purificados do mau espírito. Se tivéssemos, então teríamos de esperar durante anos e na maioria dos casos uma vida inteira, antes de sermos perdoados e purificados. Com a possibilidade da morte ocorrer em qualquer momento, isso tornaria a experiência cristã uma contínua preocupação se a morte chegaria antes daquela condição ter sido atingida.

## Vós estais limpos

Cristo confirmou a abençoada certeza de que não é preciso esperar pela correcção de todas as ideias e teorias erradas antes de ser perdoados e limpos. Quando os apóstolos entraram no cenáculo, certamente, no início, não perceberam quão maus eram as suas acções e espírito. Cada um estava tão possuído com a preocupação de realizar as suas próprias ambições e tão inclinados para se guardarem a si mesmo contra a apertada e tenaz perseguição dos objectivos dos outros que nem tinham tempo, nem disposição para estudar a natureza das suas próprias acções. Tão justos eram aos próprios olhos de cada um, o objectivo em que haviam fixado as suas esperanças que consideravam justificado qualquer método para o alcançar. Por outras palavras, a pretensa santidade da meta, no seu entender, santificou o meio adoptado, naturalmente, à excepção de quando a *outra pessoa* utilizou as mesmas tácticas.

Na assembleia no cenáculo, um problema muito rapidamente se apresentou. Devido ao excesso de população na cidade por causa das multidões da Páscoa, não havia servo para lavar os pés dos hóspedes. Obviamente, alguém dentre os apóstolos devia ter mostrado disponibilidade para realizar este serviço, mas nenhum deles daria um passo neste sentido.

“O jarro, a bacia e a toalha ali estavam, prontos para a lavagem dos pés; não havia nenhum servo presente, porém, e cabia aos discípulos fazer isso. Mas cada um deles, cedendo ao orgulho ferido, resolveu não desempenhar a parte de servo. Todos manifestaram total desinteresse, parecendo inconscientes de haver qualquer coisa para fazerem. Por seu silêncio, recusavam-se a humilhar-se.” (DTN 456.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 644.

Não é difícil compreender o que se passava na mente de cada discípulo naquele momento. Eles sabiam perfeitamente que o serviço tinha de ser realizado e não havia dúvida sobre o facto de que não era o dever de Cristo. Um deles devia fazê-lo. Mas no momento em que qualquer deles se voluntariasse para o fazer, estaria a anunciar com isso a renúncia à reivindicação do lugar mais alto. Os restantes dos doze poderiam então eliminá-lo da corrida para a cadeira principal no novo governo. Nenhum deles estava preparado para fazer esse tipo de comunicação, portanto, nenhum se movimentou.

Cristo não pronunciou uma palavra de repreensão, mas tranquilamente levantou-Se Ele próprio para executar a tarefa. Com espanto, os apóstolos observavam até Cristo chegar perante Pedro. Isto foi demais para ele. Retirando os seus pés, exclamou, “nunca me lavarás os pés.” *João* 13:8.

Essas palavras expressam muito mais do que aquilo que foi realmente dito. Pedro e os seus companheiros tinham acalentado uma visão do reino exactamente contrária à que Cristo viera revelar e construir. No reino imaginado pelos discípulos, o rei e o seu primeiro-ministro nunca teriam um papel do servo. Eles seriam servidos por outros, mantendo assim uma classe distinta entre os que governavam e aqueles que eram governados. Era muito mais atractivo para a natureza humana desejar uma tal elevação a partir do seu estado inferior.

Quando Cristo se inclinava diante deles, ia literalmente dando uma demonstração prática do reino que Ele tinha vindo estabelecer. Neste reino, a posse de poder era apenas um meio de servir. Não havia distinção entre governantes e governados. Todos estavam possuídos pelo espírito de serviço, por isso não era de estranhar que o rei servisse os seus súbditos.

Ao lavar os pés deles, Cristo não só foi mostrando a natureza do Seu governo; como os foi convidando para fazerem parte dele. Mas Pedro não queria parte alguma num sistema onde o rei lavasse os pés dos seus súbditos. Se era isso que o rei tinha de fazer, então o que seria necessário deles? Onde estavam agora os seus sonhos de grandeza, conforto e poder? Se ele aceitasse o reino de Cristo, como demonstrado perante ele, todas estas sedutoras aspirações tinham de partir. Isso era mais do que ele podia aceitar. Por conseguinte, ao dizer que Cristo nunca lhe lavaria os pés, estava a declarar que rejeitava totalmente o sistema de governo que Cristo tinha vindo trazer.

Sem dúvida, Pedro esperava que pela apresentação do seu protesto, fosse capaz de influenciar Cristo a entrar em sintonia com os seus desejos. Ele sabia que teria o apoio de todos os outros na sala e poderia contar com o apoio de muitas pessoas. Ele acreditou na íntegra e correctamente que se Cristo saísse da sala e anunciasse aos judeus que iria pegar em armas de força e expulsaria os romanos da terra, eles completamente reverteriam o seu juízo a respeito d'Ele e dariam o seu total apoio ao plano. Ele poderia portanto ver que Cristo estava completamente sozinho na Sua posição. Não havia ninguém que partilhasse o Seu conceito. Com o peso dos números tão totalmente contra Ele, como poderia Cristo fazer outra coisa senão render-Se?

Essa pergunta mal chegou à mente de Pedro foi respondida pelas palavras de Cristo. “Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo.” *João* 13:8. Havia uma finalidade combinada com o apelo amoroso nas palavras de Cristo que levaram convicção ao coração de Pedro. O pensamento de separação de Cristo não era aceitável a qualquer preço. Os seus olhos foram abertos para ver algo da verdadeira natureza do seu espírito e atitude. Os seus olhos já não incidiam sobre os outros. Ele viu-se a si mesmo como era e arrependeu-se. O desejo de limpeza total foi expresso nas palavras, “Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.” Versículo 9.

“Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos. “Porque bem sabia ele quem o havia de trair; por isso disse: Nem todos estais limpos.” Versículos 10, 11.

Quando Cristo decidiu lavar-lhes os pés, a Sua preocupação pelo serviço físico era muito menor. Ele estava consciente de um grave problema existente na sala. Ele sabia de todas as suas acções erradas e da presença do mau espírito que as causava.

“Quando Jesus Se cingira com a toalha para lhes lavar o pó dos pés, desejava, por aquele mesmo ato, lavar-lhes do coração a discórdia, o ciúme e o orgulho. Isso era de muito mais importância que a lavagem de seus empoeirados pés. Com o espírito que então os animava, nenhum deles estava preparado para a comunhão com Cristo. Enquanto não fossem levados a um estado de humildade e amor, não estavam preparados para participar na ceia pascoal, ou tomar parte na cerimônia comemorativa que Cristo estava para instituir. Seu coração devia ser limpo.” (DTN 458.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 646.

Assim o lavar dos pés visava alcançar uma obra purificadora que o baptismo não fizera. Não se deve esquecer que esta obra só poderia ser feita se o baptismo já tiver realizado o seu trabalho. Aquilo que Cristo decidiu fazer naquela noite, foi bem-sucedido no objectivo.

“O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas tudo isso lavou Cristo ao lavar-lhes os pés. Operou-se uma mudança de sentimentos. Olhando para eles, Jesus podia dizer: 'Vós estais limpos'. João 13:10. Agora havia união de coração, amor de um para com o outro. Tornaram-se humildes e dóceis. Com exceção de Judas, cada um estava disposto a conceder ao outro o mais alto lugar. Então, com coração submisso e grato, estavam aptos a receber as palavras de Cristo.” (DTN 458.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 646.

Por isso, foi alcançado para eles o perdão das acções erradas e a limpeza do espírito mau. Mas, Cristo não tinha mudado as ideias e as teorias erradas deles no menor grau. A prova é dada na continuação da sua presença durante as horas seguintes. Se tivessem sido libertos dessas ideias e teorias, então Pedro nunca teria levado a espada para o jardim do Getsêmani e nunca a teria utilizado para cortar a orelha do servo do sumo sacerdote.

Nem foram libertados da natural, caída, carne pecadora, à qual pertence a disposição para o egoísmo. Por agora, o espírito de egoísmo fora subjugado pelo mais doce e mais elevado espírito de amor e de serviço.

Mas, apesar do facto destas coisas permanecerem, Cristo foi capaz de declarar que, excepto para Judas, todos estavam limpos. Isto significa que se eles tivessem morrido no momento em que Cristo os limpou dos seus espíritos maus, apesar das ideias e teorias erradas ainda ficarem, certamente ressuscitariam na ressurreição. Eram responsáveis pelo que podiam ver, no sentido em que deviam confessá-lo e transferir a responsabilidade para Cristo. Por aquilo que não podiam ver, apesar de toda a provisão ter sido feita para que vissem, não eram responsabilizados. Estes eram os pecados desconhecidos, aquelas ideias e teorias erradas que devem por fim ser vistas e removidas.

## Encorajamento para Nós

A sua experiência não foi exclusiva. Ela é bastante comum a cada crente em maior ou menor grau, dependendo das experiências anteriores e temperamento geral.

“Como Pedro e seus irmãos, também nós fomos lavados no sangue de Cristo; todavia muitas vezes, pelo contato com o mal, a pureza do coração é maculada. Devemos chegar a Cristo em busca de Sua purificadora graça. Pedro recuou ante a idéia de pôr em contato com as mãos de Seu Senhor e Mestre os pés menos limpos; mas quantas vezes pomos nosso coração pecaminoso, poluído, em contato com o coração de Cristo. Quão ofensivo para Ele é nosso mau gênio, nossa vaidade e orgulho. Não obstante devemos levar-Lhe todas as nossas fraquezas e contaminação. Unicamente Ele nos pode lavar e deixar limpos. Não estamos preparados para a comunhão com Ele, a menos que sejamos limpos por Sua eficácia.” (DTN 459.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 646, 649.

Não há um de nós que já tenha sido libertado de todas as ideias e teorias erradas e todos nós temos a caída, pecadora, natureza humana. Satanás trabalha através destes conceitos errados, para estimular o egoísmo natural do coração humano e, infelizmente, ele é frequentemente bem-sucedido. Isso preocupa-nos muito, porque gostaríamos de manifestar sempre a doce beleza de

Cristo. Sabemos que já nascemos de novo, porque “Como Pedro e seus irmãos, também nós fomos lavados no sangue de Cristo; . . .” e por isso esperamos não andar mais nos caminhos do pecado. Mas estes problemas impõem-se e o registo da vida é manchado. Não somos capazes de detectar ainda exactamente quais são as ideias erradas, mas somos capazes de ir ao Senhor, confessar as acções erradas e entregar-Lhe o espírito mau através do processo de *confissão aceitável*.<sup>5</sup>

A paz de Cristo reina então nos nossos corações e temos a certeza de que temos a salvação. Esta garantia é real, pois naquele momento Jesus fala acerca de nós como falou dos apóstolos, “Vós estais limpos.”

Somos encorajados a acreditar que isto encerra o assunto, mas porque essas ideias erradas ainda persistem, Satanás continua a trabalhar através delas e é frequentemente bem-sucedido. Isto é desanimador, mas o perdão de Cristo e a purificação ainda estão ao nosso dispor e por isso devemos ir imediatamente a Ele.

Apesar do facto de Satanás poder trabalhar através das ideias e teorias erradas não tem de ser bem-sucedido. Se for mantida uma vigilância atenta do espírito humano, qualquer desenvolvimento num espírito *mau* pode ser detectado mesmo antes realmente começar a mover-se. Logo que isso aconteça, o crente pode entregar a questão nas mãos de Deus que o libertará totalmente de qualquer nova manifestação deste espírito. Eventualmente, o educador Espírito de Deus será capaz de nos levar ao lugar onde a ideia errada é vista por aquilo que é e substituída pela viva verdade como ela é em Jesus.

Mas, entretanto, se Satanás for capaz de vos conduzir ao pecado, lembrem-se de que não perdestes a semente divina, a vida eterna que reside no interior. Ainda sois filhos de Deus, precisais da Sua graça purificadora e embora a ideia e teoria errada não tenham sido arrancadas, estais limpos e iríeis para o Céu se porventura morrêsseis naquele momento. Que toda a alma ganhe coragem com estas grandes realidades e avancem para a rápida conclusão da obra em cada coração e vida.

---

<sup>5</sup> Vede a nossa publicação *Confissão Aceitável* para uma explicação mais completa deste procedimento.



# Capítulo 21

## Ainda Assim Pecaram

---

[Voltar ao início](#)

**P**recisamos agora estudar o curso dos acontecimentos ocorridos após a ceia do Senhor para compreender por que razão os apóstolos pecaram no jardim do Getsêmani e novamente mais tarde no pátio do templo. Este estudo revelar-se-á uma verdadeira ajuda para todos aqueles que estão conscientes da batalha a ser travada para controlar o espírito humano, enquanto Satanás está a trabalhar para tirar vantagem das ideias e teorias erradas com as quais somos inundados.

Como resultado do trabalho de purificação realizado por Cristo, saíram do cenáculo com um espírito muito diferente daquele com que haviam entrado. Eles entraram suspeitando uns dos outros, ambiciosos, orgulhosos e até mesmo com ódio. Eles saíram humildes e cheios de amor, e dóceis uns com os outros. Eles estavam no estado em que “. . . com coração submisso e grato, estavam aptos a receber as palavras de Cristo.” (DTN 458.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 646.

Foi para eles uma rica e bela experiência espiritual passarem por aquele serviço naquela primeira ceia do Senhor. A lavagem dos pés tinha terminado. O seu trabalho de limpeza tinha-os mudado tão grandemente que agora, num estado de espírito verdadeiramente espiritual, foram capazes de detectar e apreciar a maravilhosa presença do Espírito Santo entre eles. Enquanto caminhavam em direcção ao jardim, Jesus abriu às suas mentes algumas das mais belas instruções que ainda tinha para lhes transmitir. Foi naquela viagem que lhes falou do maravilhoso lar que ia preparar para eles. Vede *João* 14:1-3. Como, com inspirada visão, descreveu o que eles iriam herdar, a glória dos reinos terrestres tornaram-se insignificantes e na sua verdadeira luz começaram a ver alguma coisa da insuficiência de atitude e espírito que tinham manifestado na sua busca de glória terrena e riquezas.

No resto deste capítulo, Ele falou da vinda do Consolador, o Espírito Santo, que seria para eles um tal poder, bênção, guia, protector e instrutor. Belas e consoladoras foram estas palavras. Quão atentamente devem eles ter escutado cada palavra Sua; quão extremamente felizes as suas almas devem ter ficado à medida que iam bebendo destas gloriosas promessas e expectativas.

Depois Jesus falou-lhes da videira e dos ramos, pelos quais lhes revelou a íntima ligação que sustenta a vida que eles deviam ter Consigo – Ele a videira, eles os ramos.

Assim continuou a instrução, por todo o décimo quinto e décimo sexto capítulo. Em seguida, Jesus fez aquela oração que está registada no décimo sétimo capítulo de João. Essa oração foi uma oração de facto. O total conhecimento, da Sua parte, do tremendo fardo prestes a ser suportado nas próximas horas; da pressão que também estava para ser exercida sobre os Seus discípulos; da fragilidade e fraqueza do Seu próprio corpo de carne e sangue e os deles e a suas naturezas humanas; e ao mesmo tempo a total consciência do maravilhoso poder de Deus dador e preservador da vida, inspirou essa oração para subir às alturas de inspiração que os discípulos não podiam e não perderiam.

Nós não temos espaço para desenvolver as maravilhosas verdades pronunciadas por Jesus aos ouvintes discípulos nesta altura. O estudante faria bem em passar por si algum tempo em profundo e sincero estudo da instrução dada a estes homens nessas horas de encerramento do ministério de Cristo antes da cruz.

O resumo a ser feito é que aqueles homens, tendo experimentado o maravilhoso livramento deste mau espírito e acções, foram elevados a uma experiência de paz e de alegria que os levou a uma doce e próxima comunhão com Jesus. A intensidade da inspiração da hora foi ainda mais reforçada à medida que lhes eram dadas essas maravilhosas instruções do Salvador durante a caminhada até ao Jardim da traição.

Houve momentos em que ouvimos um grande e sermão inspirado. Quando o pregador, evidentemente, caminhando em íntimo contacto com a Fonte de todo o poder, abre as verdades que têm sido uma tão grande bênção para a sua própria alma, nós também temos sido elevados em espírito e atraídos com amor e admiração pelo Mestre. Aí subiu em nós um grande desejo de servir o Senhor com coração completo. Em momentos como estes, parece-nos que nunca mais teríamos qualquer desejo de pecar. O mundo e tudo o que nele existe parece tão insignificante e inútil que se o Senhor nos pedisse que morrêssemos por Ele naquele momento, facilmente e de bom grado o faríamos.

Assim deve ter sido com os discípulos. Quanto melhor compreendermos toda a força e glória de tudo o que o Senhor lhes mostrou naquela caminhada, melhor apreciaríamos a elevação espiritual à qual eles foram levados. Eles não foram cheios de um feliz sentimento passageiro, mas com uma experiência que foi muito profunda, bela, e sustentadora.

## Ainda Assim Pecaram

Mas, apesar de tudo – embora fossem cristãos renascidos e ministros do Evangelho ordenados; que tinham operado milagres de cura e expulsarem demónios; que tinham acabado de ser limpos dos procedimentos errados e do espírito mau; e de serem ouvintes fervorosos e atentos deste belo e instrutor discurso sobre as verdades eternas – saíram para o jardim e para os pátios do templo para pecar duma forma terrível e vergonhosa.

Porquê?

Qual é a razão?

Quais foram os meios pelos quais Satanás conseguiu vencê-los? Não houve um que não abandonasse Cristo e fugisse.

Existe uma razão que pode e deve ser entendida como salvaguarda para que não trilhemos o mesmo caminho de vergonhosa derrota.

## Uma Desculpa para o Pecado?

Em primeiro lugar, seria bom analisar o que as *aparências* desta situação sugerem. Elas fazem parecer que o pecado é mais forte do que a justiça; que os filhos dos homens não têm alternativa senão pecar. Esta é a mensagem *do que parece*, conforme esta situação se apresenta. Os críticos apontarão a medida em que aqueles homens haviam sido os destinatários da bênção e poder de Deus, para a quantidade que tinham ouvido dos ensinamentos de Cristo, e até que ponto eles próprios tinham efectuado milagres. No entanto, depois de tudo isso, caíram tão gravemente em pecado até negarem o Senhor com maldição e juramento como no caso de Pedro e por outras negações do resto.

Por isso os críticos diriam que se homens naquela posição não puderam manter uma perfeita vitória sobre o pecado, então que esperança temos nós agora, quando, como supõem, o Salvador está longe e as tentações e as pressões da vida são tão pesadas sobre nós?

O verdadeiro cristão, se for capaz de ver imaginar claramente as coisas como elas eram, deve admitir que os cépticos têm aqui um excelente caso *aparente*. Deve admitir pela simples razão que de facto *parece* não haver esperança para a família humana que não seja pecar enquanto estiver nesta carne e sobre esta terra.

Mas a fé chega acima e além do testemunho das aparências para afirmar a certeza e o poder da Palavra viva que declara que "Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." *1 Coríntios* 10:13.

A fé sabe que esta é a Palavra viva do Deus vivo para nós e que ela significa exactamente o que diz. O que diz ela? Declara que nenhuma tentação não humana pode chegar até nós. Satanás não

tem novas invenções para trazer contra nós pessoalmente que não tenha já utilizado contra a humanidade no passado e contra o Filho de Deus em particular. Contra Cristo ele esgotou todas as armas do seu arsenal e o Salvador, exactamente na mesma carne e sangue como a que temos, superou cada uma dessas tentações.

Por conseguinte, é impossível a Satanás apanhar o Senhor de surpresa com algo que nunca fora usado antes, porque ele já tentou e esgotou todas as possibilidades.

O Senhor sabe o quanto podemos suportar em qualquer nível do nosso desenvolvimento. Tal como um pai não expõe um filho a perigos demasiado grandes que ele não possa fazer face, assim Deus nos protege das tentações demasiado grande para enfrentarmos. Por conseguinte, para além dos problemas que insensatamente trazemos sobre nós, nunca enfrentaremos uma tentação para a qual Deus não tenha já fornecido uma forma de escape. Portanto, em cada provaçãõ devemos ler a promessa da provisãõ divina para a confrontar.

## O Súbito e Inesperado Ataque

Invariavelmente, quando essas verdades são expressas, alguns farãõ ouvir a voz da sua incredulidade da seguinte forma: “Sim, sabemos que o Senhor tem o poder de nos dar a vitória sobre o pecado, mas existe sempre o problema daquele súbito e inesperado assalto. Posso compreender que quando temos tempo para ver o diabo a aproximar-se então podemos preparar-nos para o conflito, voltar-nos para o Senhor em busca de livramento e assim ser guardados dos problemas. Mas quando o ataque vem subitamente, a questãõ é muito diferente.”

Este raciocínio é tão comum como humano e natural, desprovido de fé e errado. Ele não oferece o desejado pretexto para o que está mal. Longe disso. Sempre que as pessoas expressam estes sentimentos, esboço um sorriso e aponto-lhes as palavras claras de *Patriarcas e Profetas*, 421.

“Todos os que professam piedade estãõ sob a mais sagrada obrigaçãõ de guardar o espírito, e exercitar o domínio próprio sob a maior provocaçãõ. Os encargos colocados sobre Moisés eram muito grandes; poucos homens serãõ tão severamente provados como ele foi; contudo, isto não lhe permitiria desculpar o pecado. Deus fez *amplas* provisões para Seu povo; e, se depositarem confiança em Sua força, *jamais se tornarãõ o juguete das circunstâncias*. A tentaçãõ mais forte não pode desculpar o pecado. Por maior que seja a pressãõ exercida sobre a alma, a transgressãõ é o nosso próprio ato. Não está no poder da Terra nem do inferno compelir alguém a fazer o mal. Satanás ataca-nos em nossos pontos fracos, mas não é o caso de sermos vencidos. Por mais severo ou inesperado que seja o ataque, Deus nos proveu auxílio e em Sua força podemos vencer.” (PP 305.4).

Este testemunho não deixa espaço para encontrar qualquer desculpa para o pecado que seja a resposta a um súbito e inesperado assalto de Satanás. Lede as palavras da promessa novamente. “Por mais severo ou inesperado que seja o ataque, Deus nos proveu auxílio e em Sua força podemos vencer.”

Isto significa que não importa quãõ inesperadamente Satanás venha, não há qualquer desculpa para o pecado embora muitos de nós pareçam cair sob o que é suposto ser um inesperado assalto.

## Nãõ É Assim Tãõ Repentino

O ataque na verdade só é *supostamente* súbito e inesperado. Satanás nunca faz um ataque frontal directo até ter com sucesso feito uma grande preparaçãõ contra nós. Ele cuidadosamente corrõi as defesas da alma até fazer tamanha brecha que uma súbita incursãõ da tentaçãõ só possa ser bem-sucedida.

Frequentemente começa com uma crescente pressãõ de trabalho e responsabilidade que enfraquece a doce comunhãõ com Deus, pela qual é dado nãõ só o poder para resistir à tentaçãõ, mas fortalecida a capacidade de perceber o tentador. A fé fica mais fraca, enquanto as coisas

terrenas assumem uma importância ainda maior. Os pensamentos focam-se nas coisas que não encaminham a pessoa para mais perto de Deus mas para longe d'Ele. Tudo isto ocupa um período de tempo de dias, semanas e às vezes meses. Em seguida, quando o furtivo trabalho de preparação estiver realizado e as defesas caem em ruínas, Satanás faz a sua corajosa incursão e a queda é certa. É *suposto* que a pessoa foi tomada por uma súbita tentação, mas isso não é assim. Satanás leva-nos a pensar dessa maneira para poder ocultar o verdadeiro processo pelo qual a queda foi realizada, pois ele não deseja que estejamos cientes dos seus particulares métodos para destruir a alma.

Uma cuidadosa revisão dos dias anteriores à queda na tentação “súbita” deve ser feita por cada um de nós. Investigai passo a passo os pequenos afastamentos do caminho da próxima e doce comunhão com o Salvador e tornar-se-á visível a forma como foi preparado o êxito de Satanás. Quando cada um tiver visto claramente o que aconteceu como evolução para a derrota, a tarefa seguinte é aprender a ver não só em retrospectiva, pois é fácil ser-se sábio depois de ter acontecido, mas ver também *no momento* enquanto estiver a ocorrer. Se dia a dia os pequenos desvios puderem ser reconhecidos e passos concretos não são dados para corrigir a situação, então o próximo ataque pode com certeza ser antecipado. A sua chegada não será súbita nem inesperada.

É importante entender isto. Quando Pedro estava tremendo no pátio do templo e a mulher *de repente e inesperadamente* falou com ele, a pressão da sua pergunta colocou uma tentação que parecia ser tanto *súbita* como *inesperada*, mas realmente não foi uma nem outra.

*O que ela disse*, é verdade, foi súbito, mas a tentação contida na sua pergunta e a pressão colocada sobre ele não deveria ter sido nem súbita nem inesperada. À luz do que ele tinha feito e daquilo que não tinha conseguido fazer no tempo decorrido entre a gloriosa experiência da ceia do Senhor e a maravilhosa caminhada com Jesus até ao jardim do Getsêmani, devia ter sido capaz de ler alguns sinais de perigo que mostravam que estava a perder o que tinha ganho nessas horas preciosas. Sabendo isso deveria ter reconhecido os movimentos de Satanás contra ele; devia ter identificado a estratégia do inimigo; e assim visto o enfraquecimento das defesas em preparação para o final e totalmente bem-sucedido assalto.

Não estamos a julgar Pedro, mas a estudar o registo inspirado da sua vida registado para que, visto da causa para o efeito a propósito dos acontecimentos da sua vida, possamos ser salvos de cometer os mesmos erros. Nem sempre é fácil de ver o resultado final do que estamos a fazer nesse momento. O resultado geralmente leva algum tempo, mesmo anos.

Às vezes é mais do que isso. Por exemplo, no século XVI, os implacáveis dirigentes papais expulsaram de França o Evangelho e os reformadores que o ensinavam, trazendo os seus nefastos resultados cerca de duzentos anos mais tarde no reinado do terror na Revolução Francesa, como está escrito: “O evangelho da paz que a França rejeitara havia de ser efetivamente desarraigado, e terríveis seriam os resultados. No dia 21 de janeiro de 1793, a duzentos e cinquenta e oito anos do próprio dia em que a França se entregara inteiramente à perseguição dos reformadores, passou pelas ruas de Paris outra procissão. . . (GC 230.2). Quando a França rejeitou a dádiva do Céu, lançou as sementes da anarquia e ruína e a inevitável operação de causa e efeito resultou na Revolução e no Reinado do Terror.” (GC 230.3), *O Grande Conflito*, 230.

Pudessem os franceses do século XVI prever o resultado final das decisões tomadas, certamente não teriam feito o que fizeram. Mas eles não podiam, porque isso aconteceu dois séculos mais tarde. Mas temos esta história. Por conseguinte, não temos qualquer desculpa para não saber com certeza qual seria o resultado da mesma rejeição. É para isso que essas histórias estão escritas. Elas não estão escritas para julgarmos Pedro ou qualquer outra pessoa, mas lendo da causa para o efeito possamos evitar os mesmos erros.

## Áreas de Fraqueza

Tendo visto os apóstolos que saíram de uma experiência muito enobrecedora e fortalecedora cair em pecado grave para o qual a Bíblia não dá qualquer desculpa, precisamos agora compreender de que forma estavam em erro para permitir que isso acontecesse.

Isto poderá ser listado em duas rubricas.

Primeiro havia as ideias e teorias erradas das quais eles ainda não tinham sido libertados. Apesar disto não fornecer qualquer desculpa para o pecado, dá um factor que permite ao diabo tentar explorar. Tivessem eles verdadeiramente conscientes da existência desse problema, mesmo que não pudessem identificar certas ideias e teorias como sendo erradas, teriam seguido um comportamento muito mais humilde e vigiado contra as tentações que se avizinhavam.

Em segundo lugar, apoiavam-se muito na experiência do passado, resultando num infeliz nível de confiança e complacência na sua forma de pensar. Conscientes dos próximos acontecimentos que poderiam ter tido se verdadeiramente recebessem aquilo que Cristo tinha procurado transmitir-lhes, teriam a oportunidade de vigiar em oração como Ele os admoestava a fazer. No entanto, não o fizeram e por isso faltou-lhes a força de carácter e avidez de percepção para saber o que fazer na hora da provação e derrota.

Mais uma vez vamos encontrar, à medida que aprofundemos o relato das suas experiências, que não foi a presença do velho homem do pecado neles que causou a sua queda, mas a fraqueza da natureza humana combinada com a fraqueza de uma experiência espiritual que devia ter sido suficientemente poderosa para resistir à tentação.

É realmente trágica a história deles e ela está cheia de solenes avisos para aqueles que, vivendo neste último período da história do mundo, deverá em breve enfrentar uma hora de prova da qual este é apenas um tipo limitado.

O Mestre tinha uma imagem muito clara exactamente daquilo que as próximas horas tinham reservado para Ele e não foi por Sua causa que os discípulos não tinham o mesmo, porque Ele tinha tentado uma e outra vez revelar os próximos eventos às suas mentes. Mas a apresentação era indesejada, por isso rejeitaram a revelação como inaceitável para eles sob qualquer aspecto ou forma.

Assim, enquanto Jesus Se dirigiu ao jardim para orar, eles foram para dormir. A história é relatada para nós em *Mateus* 26:36-45. "Então chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar.

"E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito.

"Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo.

"E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.

"E, voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então nem uma hora pudeste velar comigo?

"Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.

"E, indo segunda vez, orou, dizendo: Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade.

"E, voltando, achou-os outra vez adormecidos; porque os seus olhos estavam pesados.

"E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras.

"Então chegou junto dos seus discípulos, e disse-lhes: Dormi agora, e repousai; eis que é chegada a hora, e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores."

## **Fracasso em Construir**

Estes homens tinham sido conduzidos a uma experiência muito rica e fortalecedora precisamente antes disto, mas, por maravilhosa que tenha sido, não iria servir para satisfazer as necessidades ainda por vir a menos que o adquirido fosse cuidadosa e fielmente entesourado, com a sólida construção sobre os fundamentos do que já existia.

Um certo jovem espiritualmente promissor participou recentemente numa série de reuniões realizadas ao longo de um fim de semana de férias durante o qual a mensagem veio com

maravilhoso poder e clareza. No decurso da audição destes estudos e em comunhão com os crentes, o seu coração foi movido muito sinceramente ao ponto de experimentar um grande desejo de ser um verdadeiro cristão.

Mas ele não deu seguimento ao bom trabalho iniciado, com o resultado que as semanas seguintes a esta experiência foram maculadas por um comportamento que o entristeceu, aos seus pais e a Deus. Um irmão que tinha o seu interesse espiritual no coração chamou-o aparte e falou com ele por uma hora ou mais durante a qual explicou o princípio de que não subimos ao céu – há uma parte que temos de desempenhar que o Senhor não pode e não irá fazer por nós.

O jovem reconheceu que ainda tinha de entrar numa verdadeira experiência de novo nascimento; uma experiência que pode ser obtida apenas com um tal nível de fé que permitirá uma pessoa apoiar-se no suprimento da graça divina para o libertar da condenação do pecado.

Saber que tem necessidade real é um passo muito importante na direcção certa. Estar presente nas reuniões onde se pregava a verdadeira e viva Palavra de Deus era o equivalente à presença dos discípulos de Cristo no cenáculo e a escuta da Sua instrução quando caminharam com Ele juntos para o fatídico encontro no jardim. Foram suscitados neste jovem, como também deverão ter sido nos discípulos, desejos concretos de viver acima do pecado e manifestar a vida e carácter de Cristo em todos os momentos.

Tais desejos bons são todos muito bonitos até certo ponto, mas eles só por si não significam que a experiência tenha sido obtida, ou que a bênção adquirida hoje será suficiente para satisfazer as provações de amanhã.

Para esse jovem beneficiar daquilo que tinha recebido ali, era essencial construir sobre aquilo que já havia recebido. Ele precisava voltar para a quietude do seu próprio quarto, pegar na palavra de Deus *por si próprio* e estudar através daquilo que lhe tinha sido dado até que a mensagem não fosse apenas a experiência e pregação do pregador, mas a sua própria experiência pessoal. Este ponto chegaria quando a fé, desenvolvida pelo contacto com a Palavra de Deus, alcançasse e confiasse nas promessas ao ponto onde elas fossem realidades *pessoais* para si.

Felizmente, como aconteceu com os discípulos, ele viu o erro que tinha cometido e decidiu agora construir sobre os fundamentos e a procurar encontrar uma verdadeira experiência viva nas coisas da eternidade.

## Vigiai e Orai

É pela fé que a vitória é adquirida e mantida e “. . . a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.” *Romanos 10:17*. Apenas pela Palavra de Deus pode uma fé rica e eficaz ser desenvolvida. A falta do alimento físico resultará na perda de força física, semelhantemente a não nutrição da Palavra de Deus seguramente e ainda mais rapidamente, resultará na perda de força espiritual.

Aos discípulos Jesus disse, “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação.” *Mateus 26:41*.

Jesus não se limitou a dizer, “Vigiai e orai”. Ele acrescentou palavras mostrando a razão por que deviam vigiar e orar. Isto era para que não entrassem em tentação.

Os que lêem estes estudos são o tipo de pessoas cujo principal desejo na vida é viver acima e fora do poder da tentação. Portanto, eles são precisamente aqueles para quem estas palavras serão de especial valor, porque nelas está o segredo do caminho para ser um verdadeiro vencedor, declarado nas palavras, “*Vigiai e orai.*”

Este conselho é de maior valor hoje porque “Estamos vivendo num tempo em que todos devemos *especialmente* atender à recomendação do Salvador: ‘Vigiem e orem para que não sejam tentados.’” (MJ 265.2), *Mensagens aos Jovens*, 265.

Que existe esta *especial* necessidade hoje é evidente no estado dos tempos em que vivemos. A ciência do pecado tem sido desenvolvida ao seu mais elevado nível com todo o poder do mal para aliciar e destruir colocado em movimento para desviar, mesmo aqueles que no passado tiveram uma estreita e salvadora caminhada com o Senhor. “Estamos vivendo em tempos perigosos, quando não há segurança em coisa alguma, salvo na firme e inamovível fé em Jesus Cristo. *Não há coração* que

não se possa extraviar-se de Deus pelos enganos de Satanás, *se não vigiar em oração.*” (LA 341.3), *O Lar Adventista*, 341.

Estas são palavras solenes de facto. Elas desmentem a mentira de qualquer doutrina que propõe que uma vez salvos, salvos para sempre. Elas afirmam que *Não há coração que esteja seguro contra afastar-se de Deus*, se essa pessoa não vigiar em oração cada passo do caminho. Deste modo se não houver vigilância em oração, é certo que a pessoa extraviar-se-á do Senhor e por isso conduzida ao pecado grave.

Por que razão é isto assim?

É porque “As trevas do maligno envolvem os que negligenciam a oração. As sutis tentações do inimigo os incitam ao pecado; e tudo isso por não fazerem uso do privilégio da oração, que Deus lhes conferiu. Por que deveriam os filhos e filhas de Deus ser tão relutantes em orar, quando a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Onipotência? Sem oração constante e diligente vigilância, estamos em perigo de tornar-nos descuidosos e desviar-nos do caminho verdadeiro. O adversário procura continuamente obstruir o caminho para o trono da graça, para que não obtenhamos, pela súplica fervorosa e fé, graça e poder para resistir à tentação.” (CC 94.2), *Veredas de Cristo*, 94, 95.

Estas são palavras claras às quais todos devem dar a maior atenção, porque falhar aqui significa a certeza de fracasso na batalha contra as forças do mal quando elas são lançadas contra nós.

## O Nosso Exemplo

Na história da experiência de Cristo e dos discípulos quando colectivamente e individualmente eles enfrentaram as terríveis provas à sua frente, temos o testemunho do completo sucesso de Um, Jesus Cristo o e triste fracasso do resto, os onze discípulos.

O que saiu vitorioso nesta batalha vigiou diligentemente em oração, ao passo que aqueles que não o fizeram viram-se a si próprios confrontados com vergonhosa derrota que viria a ser uma humilhante memória para o resto dos seus dias.

Toda a vida de Cristo é um testemunho da eficácia da oração e da comunhão com o Pai como um baluarte contra o poder da tentação. É de ser lembrado que foi “Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus.” (DTN 12.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 24.

Ele não teve qualquer vantagem sobre nós. Ele tinha as limitações com todos os pontos fracos da carne e sangue como aquela que nos limita e dificulta. “Como um de nós, cumpria-Lhe dar exemplo de obediência. Para isso tomou sobre Si a nossa natureza, e passou por nossas provas. ‘Convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos’. Hebreus 2:17. Se tivéssemos de sofrer qualquer coisa que Cristo não houvesse suportado, Satanás havia de apresentar o poder de Deus como nos sendo insuficiente. (DTN 12.3).

“Portanto, Jesus ‘como nós, em tudo foi tentado’. Hebreus 4:15. Sofreu toda provação a que estamos sujeitos. E não exerceu em Seu próprio proveito poder algum que nos não seja abundantemente facultado. Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus.” (DTN 12.4), *O Desejado de Todas as Nações*, 24.

Isto significa então que na Sua humanidade Ele era tão dependente das mesmas fontes de poder e protecção como qualquer outro da família humana que deseja combater a tentação do pecado e ser um vencedor. *Como* nós temos de vencer, assim Ele teve que vencer. Inversamente isto é igualmente verdade, pelo que podemos dizer, *como Ele venceu assim* temos *nós* de vencer. Ele é o Exemplo, aquele que correu antes para nos mostrar o caminho e para provar que a humanidade, mesmo no estado em que se encontra hoje em dia, pode de facto ser vitoriosa sobre toda a tentação e o pecado.

## A Sua Vida de Oração

Sem dúvida, Cristo venceu. Ele tinha o verdadeiro segredo do caminho, de modo que podemos com segurança copiar o Seu exemplo, sabendo que os mesmos procedimentos hoje produzirão os mesmos resultados.

No estudo dessa vida verificamos que uma grande quantidade de tempo foi despendido em muita oração fervorosa ao Senhor. “A vida do Salvador na Terra foi de comunhão com a natureza e com Deus. *Nessa* comunhão, Ele revelou-nos *o segredo* de uma vida de poder.” (CBV 51.1), *A Ciência do Bom Viver*, 51.

Enquanto os outros dormiam, Ele orava.

“E, levantando-se de manhã, muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.” *Marcos* 1:35.

“. . . E ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades.

“Ele, porém, retirava-se para os desertos, e ali orava.” *Lucas* 5:15, 16.

“E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus.” *Lucas* 6:12.

“Numa vida toda dedicada ao bem dos outros, o Salvador achou necessário afastar-Se dos lugares movimentados e da multidão que O acompanhava, dia a dia. Precisava retirar-Se de uma vida de incessante atividade e contato com as necessidades humanas, para buscar sossego e ininterrupta comunhão com o Pai. Como uma pessoa identificada conosco, participante de nossas necessidades e fraquezas, dependia inteiramente de Deus, e no lugar oculto de oração buscava força divina, a fim de poder sair fortalecido para o dever e provação. Num mundo de pecado, Jesus suportou lutas e torturas de alma. Em comunhão com Deus, podia aliviar as dores que O esmagavam. Ali encontrava conforto e alegria.” (DTN 253.1), *O Desejado de Todas as Nações*, 362, 363.

“Muitas vezes o incessante trabalho e a luta com a inimizade e os falsos ensinamentos dos rabis O deixavam tão fatigado que Sua mãe e irmãos, e mesmo os discípulos, receavam que Sua vida fosse sacrificada. Mas, ao voltar das horas de oração que encerravam o atarefado dia, notavam-Lhe o aspecto sereno do rosto, o vigor, a vida e o poder de que todo o Seu ser parecia possuído. Das horas passadas a sós com Deus Ele saía, manhã após manhã, para levar aos homens a luz do Céu.” (CBV 55.2), *A Ciência do Bom Viver*, 55, 56.

“Não foi somente na cruz que Cristo Se sacrificou pela humanidade. À medida que andava fazendo o bem (*Atos dos Apóstolos* 10:38), a experiência de cada dia era um transvasar de Sua vida. De uma maneira apenas poderia Ele manter uma vida tal. Jesus vivia na dependência de Deus e em comunhão com Ele. Ao lugar secreto do Altíssimo, à sombra do Todo-poderoso, os homens de quando em quando se refugiam; habitam ali por algum tempo, e o resultado se patenteia nas boas ações; então sua fé falta, interrompe-se a comunhão, e se desmerece a obra daquela vida. A vida de Jesus, porém, foi de constante confiança, mantida por uma comunhão contínua; e Seu serviço em prol do Céu e da Terra foi sem falhas ou defeitos. (Ed 80.3).

“Como homem, implorava ao trono de Deus, de maneira que Sua humanidade veio a saturar-se da corrente celeste que ligava a humanidade com a divindade. Recebendo vida de Deus, comunicava-a aos homens.” (Ed 80.4), *Educação*, 80, 81.

A comparação entre as tristes histórias dos homens e o que elas podiam ter sido se tivessem mantido uma vida de comunhão contínua e a história gloriosa de Cristo na verdade manteve tal comunhão, contém uma lição da maior consequência para todos aqueles que seriam vitoriosos sobre o problema do pecado.

“Cristo veio a este mundo para mostrar que, mediante o recebimento de poder do alto, o homem pode levar vida imaculada.” (CBV 25.1), *A Ciência do Bom Viver*, 25.

À luz destes factos, a testemunho que segue é uma clara e verdadeira revelação da razão pela qual tantos do professo povo de Deus caem tão facilmente em pecado e sofrimento quando essas coisas não deviam ter parte alguma das suas vidas. Eles nasceram de novo de modo que dispunham da nova vida vinda do alto. As suas naturezas foram mudadas e são os filhos de Deus. Por

consequente, a vitória é a sua herança, a sua posse e direito. Para eles, Satanás é um inimigo vencido e portanto não tem mais domínio sobre eles. Mas o pecado aparece na vida onde não devia aparecer.

Qual é a razão?

Aqui está!

“O motivo por que os jovens, e mesmo os de idade madura, são tão facilmente induzidos à tentação e ao pecado é não estudarem a Palavra de Deus, nem meditarem nela como devem. A falta de firme e decidida força de vontade que se manifesta na vida e no caráter é resultante de negligência das sagradas instruções da Palavra de Deus. Eles não dirigem, mediante diligente esforço, a mente àquilo que lhes inspiraria pensamentos puros, santos, desviando-a do que é impuro e falso. Há poucos que escolham a melhor parte, que, qual Maria, se assentem aos pés de Jesus, a fim de aprender do divino Mestre. Poucos entesouram Suas palavras no coração, e as praticam na vida. (CBV 458.2).

“Recebidas, as verdades bíblicas elevarão a mente e a alma. Se a Palavra de Deus fosse apreciada como deveria ser, tanto os jovens como os idosos possuiriam uma retidão interior, uma firmeza de princípios que os habilitariam a resistir à tentação.” (CBV 459.1), *A Ciência do Bom Viver*, 458, 459.

Compreendemos evidentemente que o estudo da Palavra de Deus é tão verdadeiramente uma parte da comunhão com Deus, como é ajoelhar em oração. Se realmente alcançada, a comunhão com Deus dá entrada à presença de Deus e assim fornece o poder sem o qual nenhuma vitória sobre a nossa caída natureza humana pode ser mantida. Se formos verdadeiramente nascidos de novo e por causa disso temos a Vida que é a vitória; se mantivermos uma constante comunhão com o Pai e o Filho; então teremos constante vitória sobre o pecado, apesar de ainda possuímos algumas ideias e teorias erradas.

Assim teria sido com os discípulos no Jardim se tivessem vigiado e orado com Jesus na noite antes da crucifixão. A falha em fazer isso foi uma grande causa por não serem capazes de manter a experiência viva que o Senhor queria que eles dessem valor e desenvolvessem.



# Capítulo 22

## Purificação e Comunhão

---

[Voltar ao início](#)

No jardim do Getsêmani enquanto Jesus orava, os discípulos dormiam. Ele tinha-os levado para vigiar e orar com Ele e teria sido muito maravilhoso o fortalecimento e conforto para Ele se o tivessem feito. Ele especificamente pediu-lhes para o fazer, mas quando regressou da Sua primeira sessão de oração, achou-os a dormir.

“Erguendo-Se num doloroso esforço, dirigiu-Se cambaleante ao lugar onde deixara os companheiros. Mas ‘achou-os adormecidos.’ Mateus 26:40. Houvesse-os encontrado em oração, e ter-Se-ia sentido aliviado. Estivessem buscando refúgio em Deus, para que as forças satânicas não prevalescessem sobre eles, e Jesus Se teria sentido confortado por sua firme fé. Mas não deram ouvidos à repetida advertência: ‘Vigiai e orai’. Mateus 26:41. A princípio ficaram perturbados ao ver o Mestre, de ordinário tão calmo e de tanta compostura, lutando com uma dor que estava além da compreensão. Tinhamorado enquanto ouviram os grandes clamores do Sofredor. Não pretendiam abandonar seu Senhor, mas pareciam paralisados por um torpor que teriam sacudido de si, caso houvessem continuado a rogar a Deus. Não compreendiam a necessidade de vigilância e fervorosa súplica, a fim de resistir à tentação.” (DTN 486.2), *O Desejado de Todas as Nações*, 688.

Ele apelou mais uma vez para os sensibilizar a vigiar em orar, mas quando voltou da segunda vez e os encontrou a dormir profundamente, não fez mais esforços para os despertar. Deixou-os entregues a si próprios e regressou à Sua angústia.

Quando regressou da terceira sessão de oração, pronunciou palavras que estão entre as mais tristes nos registos da história. “Dormi agora, e repousai; eis que é chegada a hora, e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores.” *Mateus 26:45*.

Cristo estava a dizer-lhes que bem podiam reunir toda a força física que pudessem, porque agora era demasiado tarde para juntar qualquer poder espiritual. Chegara a hora. A traição iria ter lugar imediatamente. Não havia tempo para profunda, diligente, oração escrutinadora da alma e entrar em comunhão com o Senhor que lhes daria a força para enfrentar a hora da tentação quase a explodir sobre eles.

Assim eles dormiram mais alguns minutos, em seguida Jesus acordou-os para que, com Ele, pudessem ir ao encontro de Judas, os sacerdotes e os soldados.

### A Repetição

O que aconteceu naquela altura será repetido. Outra vez a igreja de Deus deverá ser colocada face a face com uma hora de tentação tão terrível, da qual aquela é apenas uma pálida reflexão. A pena de morte será passada sobre Cristo na pessoa dos Seus santos sobre esta terra. Novamente haverá traidores que revelarão às autoridades os nomes e os locais onde os filhos de Deus se escondem.

Exactamente como a única preparação eficaz para aquela hora naquele momento, era a construção de uma poderosa vida de oração, de entrar na mais próxima comunhão com o Pai e o Filho através da oração e do estudo da Palavra de Deus, assim será novamente.

Mas haverá uma diferença. Os discípulos foram capazes de recuperar-se após esse erro e, aprendendo com ele, puderam evitar a sua repetição nos anos posteriores. O tempo de provação continuou para eles e tem continuado até ao momento presente, mas quando a Igreja nestes últimos

dias enfrentar as mesmas provas terríveis, o tempo ter-se-á esgotado. Assim, se a necessária preparação não for feita, não haverá tempo ou oportunidade para recuperar do erro. Então o Senhor dirá a todos aqueles que falharem, “Dormi agora, e repousai – para sempre.”

Temos a história do que aconteceu naquela altura como aviso do que irá acontecer se não conseguirmos construir uma vida de comunhão com os poderes celestes. Além disso, temos a informação na Palavra que nos informa sobre o fim das últimas horas de provação, pelo que sabemos agora que não teremos uma segunda oportunidade para aprender com os nossos próprio fracassos e negligência. Eles tiveram, *mas nós não*. Não há injustiça nisto, porque temos o testemunho da sua história para nos guiar. Além do mais, sabemos que a geração que passará com êxito a prova final para o reino celestial sem ver a morte, são aqueles que estão tão familiarizados com a história do passado que aprenderam pelo seu testemunho a não cometer os mesmos erros.

Por conseguinte, cada verdadeiro Filho de Deus hoje fará da história do passado o seu constante e cuidadoso estudo. Ele estará tão intimamente identificado com os acontecimentos do passado que será como se realmente vivesse naquele tempo e vivessem o que eles viveram. Não será um mero espectador dos acontecimentos mas, pela própria proximidade do seu estudo, tornar-se-á participante.

Por exemplo, à medida que estudamos mais de perto o percurso dos discípulos, reconhecemos que temos muitas das mesmas fraquezas e tendências e por isso teríamos tomado muitas das mesmas decisões. Então podemos ver pelo que lhes aconteceu, como resultado das suas decisões, o que nos acontecerá se fizermos o mesmo. Podemos então rever as decisões que de outro modo teríamos tomado e assim evitar chegar às mesmas consequências trágicas.

## Falta de Preparação

Então os discípulos acordaram do seu sono sem preparação para enfrentar a hora que foi preenchida com surpreendentes e chocantes surpresas.

Tendo visto agora como falhar na comunhão com Deus os deixou no estado de falta de preparação, regressamos ao papel desempenhado pelas ideias e teorias erradas que ainda lá ficaram apesar da experiência de purificação no cenáculo.

A experiência de limpeza tinha certamente feito muito por eles. Ela tinha removido certas atitudes e espírito que lhes tornara a comunhão com o Pai e o Filho impossível. Por outras palavras, a remoção daquelas coisas tinha-os colocado onde poderiam ter entrado numa comunhão mais aproximada com os poderes celestes e assim equiparem-se para a batalha à sua frente. Por conseguinte, a limpeza era um elemento vital no programa. Deve ser salientado aqui que, apesar de salientarmos a importância da comunhão com o Pai como um elemento essencial para a vitória, não deve ser perdido de vista que *antes* dessa comunhão poder ser alcançada, teve de haver a limpeza da antiga natureza má e do espírito associado na experiência do novo nascimento. Quando isto for realizado, como tinha sido com os discípulos, então, se Satanás fosse bem-sucedido em gerar um espírito mau dentro de nós como aconteceu com aqueles homens, tinha de haver uma limpeza *antes* de poder haver comunhão com o Pai, a Fonte de todo o poder e luz. Permitam que esta lição seja completamente aprendida.

Decorre desta história que as duas coisas essenciais para dar força para lutar pela vitória são em *primeiro* lugar a limpeza e a *seguir* a comunhão. A purificação, como já vimos, não tem necessariamente de chegar ao ponto das ideias e teorias erradas, mas a culpa das acções erradas e a presença do espírito errado no interior têm de ser tratados. Em seguida, embora existam ideias e teorias erradas, a comunhão com Deus pode ser alcançada o que trará a necessária preparação do poder na vida.

Os discípulos tiveram a *purificação*, mas não conseguiram entrar na *comunhão* tão totalmente como podiam. Houve alguma comunhão no sentido em que o Mestre comungou com eles e os ensinou enquanto caminhavam para o Jardim, mas eles nada fizeram da sua parte para o tornar propriamente seu, pessoalmente.

Para ilustrar ainda mais este ponto, permitam-me que me refira ao que tenho observado repetidamente. Há crentes que vêm para as reuniões campais realizadas todos os anos, onde as suas convicções são tocadas para dar assentimento favorável sem reservas à verdade e beleza da mensagem. Eles assistem a todas as reuniões e experimentam até uma limpeza do problema do pecado nas suas vidas. Depois vão para casa e entram de novo no círculo normal da vida quotidiana, no qual não fazem decididas mudanças de modo a introduzir um período de estreita comunhão com o Senhor para nesse tempo ganhar força e tornar a mensagem muito pessoal. Não é suficiente ouvir a palavra, ou mesmo andar com o Salvador como fizeram ali. A mensagem tem de se tornar algo pessoal para que se torne uma força eficaz na vida.

Deixai que a lição da experiência dos discípulos colocada ao nosso dispor seja bem aprendida. Eles eram cristãos renascidos e ministros do Evangelho. Eles tiveram mesmo o poder de operar poderosos milagres. Eles sofreram a tentação e foram conduzidos ao pecado. Eles foram purificados do pecado e foram os destinatários das maravilhosas instruções saídas directamente da boca do próprio Mestre.

Todos esses foram passos essenciais no caminho para a vitória completa, mas não eram suficientes sem o último factor vital – a comunhão pessoal com o Pai e o Filho.

Quão vital é que possamos ver e compreender isso e nunca permitir esquecê-lo. Podemos olhar para trás e ver onde, no passado, o Senhor fez grandes coisas por nós. Sabemos o que é a verdade e onde a Igreja de Deus deve ser encontrada hoje. Damos pleno e incondicional parecer favorável à mensagem da vida em justiça. Podemos mesmo dar testemunho de ter sido libertos do pecado e de muitos maus hábitos. Assistimos às reuniões, sábado após sábado e reunião campal após reunião campal e estar entusiasmados com as verdades apresentadas. Tudo isso é bom, *mas não é suficiente*. Para além disto está o último e finalizador factor necessário para nos dar a percepção espiritual e o poder para enfrentar o ataque do inimigo. Perguntemos a nós próprios se estamos realmente a construir uma experiência de vida de comunhão com o Céu como a que Jesus tinha quando esteve nesta terra. Se assim for, então podemos ter a certeza da vitória, mas se não, temos a *garantia* da derrota. Será como se nunca tivéssemos ouvido a mensagem, nunca acreditado nela, nunca ter sido limpos e nunca assistir a uma reunião campal nas nossas vidas, no que respeita ao resultado final em causa. Quando o tempo de prova terminar e nós formos achados entre os que negam o Senhor como Pedro no pátio do Templo, então não teremos mais do que a memória daquilo que anteriormente ganhámos e a compreensão daquilo que poderia ter sido. Solene é de facto a obra da reforma após o renascimento e aqueles que falham em preencher as condições sofrerão a perda eterna.

Com os discípulos, como já foi dito antes, havia uma diferença – para eles o tempo de provação não tinha terminado. Ao prosseguir o estudo, vemos que aquilo que eles tinham ganho na experiência de limpeza, não perderam, porque a contenda entre eles por causa da posição mais alta terminou com a purificação no cenáculo e não vemos mais essas manifestações posteriormente. Os erros e problemas que emergiram no jardim e no pátio do Templo *tiveram um carácter e natureza diferente outra vez*. Analisaremos estes mais cuidadosamente enquanto prosseguimos. Todavia, está claro. Se a sua provação terminasse naquele momento, certamente perderiam tudo o que tinham adquirido em experiências de purificação anteriores.

## Razões

Por que razão, não entraram eles na experiência de comunhão quando isto era tão essencial? Esta é uma pergunta muito importante, porque a resposta vai dizer-nos por que motivo nós, por outro lado, recebemos tanto do Senhor e ainda assim não conseguimos entrar nessa tão necessária profunda experiência de comunhão.

Há várias respostas a esta pergunta.

Em primeiro lugar, temos as palavras de Cristo, “Na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.” *Mateus 26:41*.

Que pessoa candidata à plena experiência numa vida cristã não conhece a verdade destas palavras? Temos apenas de refletir sobre o padrão das nossas vidas no passado, mesmo durante os recentes últimos dias, para ver como os desejos da carne têm sido preferidos, em detrimento do chamamento do Espírito para caminhar e falar com o Senhor. É preciso um verdadeiro esforço para sossegar em paz e estudar e assim entrar em comunhão com o Mestre. O indolente, preguiçoso, desorganizado, descuidado e outras coisas, enquanto permanecer assim, nunca se elevará a qualquer altura de excelência nesta área. Não é possível a menos que sacudidas da sua mortífera inércia e comece a trabalhar seriamente no sentido de construir este tipo de experiência. Quantas pessoas hoje podem realmente testemunhar de um verdadeiro caminhar com o Senhor? Quantas vezes o calor da cama nas primeiras horas da manhã é muito mais fácil de apreciar do que a exigente disciplina de levantar para ir ao encontro do Senhor para a hora tranquila de comunhão juntos.

Para aqueles discípulos, a hora era tardia. Eles tinham atrás de si uma extenuante semana de actividade, tornada ainda mais assim por causa dos seus diligentes esforços de ser o primeiro no reino. Era já próximo da meia-noite e a carne reclamava descanso. Por um pouco de tempo resistiram a esta exigência e oraram com o Mestre como Ele tinha pedido e instruído, mas a reivindicação da carne era forte. Eles sucumbiram e dormiram tão profundamente como se estivessem em torpor.

Essa foi uma das razões por que eles não entraram na comunhão que, com os outros factores já presentes, lhes teria dado a vitória no conflito com os poderes das trevas que se avizinhava.

Outro motivo residia na continuação da existência de ideias e teorias erradas. Eles ainda procuravam um reino terreno, cuja criação dependia não sobre qualificações espirituais mas em destreza física. Sendo assim, apesar dos conselhos e advertências que Cristo lhes deu, viram pouca necessidade de entrar numa estreita e examinadora procura de comunhão com Deus com o propósito de obter força e eficiência para o conflito que se aproximava.

Tivessem eles entendido de forma rigorosa e abrangente, como deveriam ter feito, precisamente aquilo que as próximas horas lhes reservava e qual devia ser a verdadeira natureza do reino, teriam passado muito tempo na mais sincera oração e estudo da Palavra de Deus. Aquelas ideias e teorias erradas foram de facto um factor pelo qual Satanás trabalhou a fim de obter vantagem para si.

Mas não precisava ter sido assim. Se tivessem confiado na palavra de Cristo como deviam ter feito, teriam obedecido a essa Palavra mesmo que não pudessem compreender as implicações daquilo que o Salvador tinha para lhes dizer. Assim, também nós devemos aprender a obedecer quando não podemos compreender, do mesmo modo como obedecer quando somos capazes de compreender. As nossas vidas dependem disso agora e eternamente. Na verdade, o caminho da fé exige que em muitas ocasiões obedecemos primeiro e compreender depois. Esta é a mensagem nas palavras de Cristo quando disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.” *João 7:17*.

Nesta declaração temos uma cláusula condicional seguido por uma promessa a ser cumprida reunida a condição necessária. A promessa é que saberemos se a doutrina ou ensinamento é de Deus ou o contrário. A condição é que primeiro temos de fazer o que o Senhor ordenou que fizéssemos. Se o fizermos pela fé, chegará o tempo em que o Senhor revelará a razão para a ordem. Muitas vezes, seremos chamados a obedecer sem compreender a razão. No entanto, a fé garante-nos que a fiel obediência será seguida por claras revelações do propósito divino.

Isto não quer dizer que o Senhor espere em todas as coisas um cego, serviço irracional. Esta é a última coisa que Ele quer. Ele revelar-nos-á com muitas evidências e orientações quanto possível sob as circunstâncias, mas na própria natureza das coisas às vezes é necessário obedecer primeiro e ter a explicação depois. Temos então de ter confiança em Deus por causa do que conhecemos e por aquilo que desconhecemos.

## Portentosas Vindas

Para aqueles que vivem nesta última era da história da terra, sabe-se tanto que não temos qualquer desculpa para não obedecer às ordens do Senhor.

Somos repetidamente informados da necessidade urgente de entrar numa rica e profunda relação de comunhão com o Senhor a fim de sermos capazes de enfrentar as temíveis pressões daquilo que nos sobrevirá. Mas o Senhor não disse só que isso é necessário. Ele revelou nas mensagens profética a natureza exacta do conflito final e declarou precisamente que tipo de homens e mulheres devemos ser para sobreviver.

Os homens que entraram em conflito no tempo da crucifixão fizeram-no com ideias e teorias muito erradas sobre a natureza do reino vindouro, mas aqueles de nós que entrarem neste último e finalizador conflito devem fazê-lo com os conceitos exactos da natureza dos acontecimentos. Tal conceito pode ser adquirido apenas pelo mais diligente estudo da Palavra de Deus.

Nessa Palavra é revelada a vinda da imagem da besta, a promulgação de leis que se tornarão progressivamente opressivas e punitivas com o passar do tempo. Haverá cruel perseguição por aqueles que odeiam e detestam a verdade de Deus e pessoas que carregam essa verdade. Não vai haver segurança do ponto de vista humano para os crentes caminharem pelas ruas. Em seguida, quando a invocação da lei contra os que guardam os mandamentos com a ameaça de multas e prisão falhar em intimidar os justos, entrará em vigor o decreto que proíbe comprar e vender. No desencadeamento final da tempestade da fúria vem o decreto de morte.

À medida que este acontecimento futuro for estudado, será visto que a pressão desse decreto não será a mera ameaça de morte. Será a pressão da morte nos mesmos termos que Cristo enfrentou no jardim do Getsêmani e mais tarde na cruz. *Parecerá* que o sacrifício será em vão que não haverá ressurreição, nem vida eterna e nenhum reino virá.

Não há palavras humanas que possam descrever completamente a terrível experiência que as pessoas do advento passarão então. A pressão está para além da medida jamais experimentada por qualquer ser humano excepto o próprio Salvador e exige do povo de Deus hoje a mais profunda e diligente preparação para esse evento. Se alguém falhar em fazer isso, então com certeza falhará quando o dia chegar. A experiência dos apóstolos a este respeito é óbvia demais para não ser compreendida e ignorada.

Quão diligentemente e insistentemente devemos estudar a ordem dos acontecimentos dos últimos dias de modo a podermos obter uma imagem nítida e precisa do que em breve virá sobre nós como povo. Não permitamos que entremos no conflito final sem preparação como aqueles homens em virtude das suas ideias erradas acerca da natureza do reino vindouro.



## Capítulo 23

# Perplexidade e Confusão

---

[Voltar ao início](#)

**D**espertados do seu sono, os onze partiram para uma experiência de desastrosa derrota. Séria e sinceramente, Pedro, como porta-voz dos restantes, havia protestado que O seguiriam até à morte, mas quando o problema chegou todos eles O abandonaram e fugiram para protegerem as suas vidas. Pior ainda, Pedro negou o seu Mestre com maldição. Os acontecimentos dessa noite mostraram alguma coisa dos piores pecados cometidos pelos seguidores de Jesus. Quando hoje são vistos em retrospectiva, muitas pessoas se perguntam como é que Pedro foi capaz de o fazer e tendem a valorizar uma certeza de presunção e justiça de que se tivessem estado lá, não teriam certamente feito como ele fez.

Felizmente, apesar do Senhor não poder e não desculpar o pecado, olha para o pecador com compreensão, compaixão, amor e simpatia. Ele sabia exactamente quais eram as forças que trabalharam sobre Pedro para o levar a tal dificuldade. Aqueles que refletem o carácter de Deus também poderão ver o incidente com compreensão e compaixão. É muito fácil condenar com ligeireza com um conhecimento parcial do que aconteceu. A real profundidade de carácter e a clara percepção espiritual dissipará as obscuras névoas, revelando a verdadeira história e livrará de qualquer presumida justiça própria. Então a linguagem da alma será “também passarei por ali, mas pela graça de Deus.”

É a realidade da história que Pedro pecou. Foi o Pedro que tinha sido limpo, apesar de recusar no início, do espírito do mal e da culpa de ações erradas; foi o Pedro que tinha estado em comunhão com Cristo na altamente inspiradora hora da ceia do Senhor; o Pedro que tinha caminhado com Cristo do cenáculo para o Getsêmani e tinha sido um atento ouvinte de tudo o que Cristo tinha para lhes comunicar; o Pedro que tinha afirmado que iria para a prisão e morreria com o Mestre, ficando ao lado d'Ele ainda que todos os homens O abandonassem e sentindo cada palavra que disse; foi *esse* Pedro que se esgueirou para o pátio do Templo e com terríveis juramentos negou ter tido alguma parte na família de Cristo.

Se um homem que havia experimentado tudo isso e muito mais e que tinha feito uma dedicação como aquela podia cair, então que aviso está aqui contido acerca do sempre presente risco de cair nos laços de Satanás, não importa quão rica a nossa experiência possa ter sido. Não existe coisa semelhante como um salvo, salvo para sempre.

Deve ser repetido de modo a nunca ser esquecido que Pedro caiu *não* devido à presença nele da antiga mente carnal. Essa tinha sido erradicada muito antes. Nem foi por causa de qualquer espírito maligno nele, porque disso também tinha sido limpo na experiência anterior à ceia do Senhor e o espírito maligno da discórdia e ódio contra os seus discípulos não havia regressado. Não há a mínima prova da presença de tais coisas quando foram despertados do sono e chamados a irem com Cristo ao encontro daqueles que tinham vindo para prendê-l'O.

Então qual foi a causa do problema dos discípulos? Como já foi visto, eles não tinham feito o reforço da comunhão com o Pai que lhes teria dado o poder de resistir ao teste que se aproximava.

## A Coragem e a Fé

À medida que Pedro e os seus irmãos avançavam para enfrentar o inimigo, estavam convencidos de que a hora do destino tinha chegado que tinha atingido o ponto sem retorno que agora a batalha ia ser travada, batalha onde Cristo não teria outra escolha senão fazer valer o Seu direito à realeza. Eles acreditavam nisto devido às suas ideias erradas no que dizia respeito à missão de Cristo. Acreditando nisto, fizeram a mais completa preparação para aquilo que pensavam estar prestes a acontecer e para nada mais.

Quando viram os soldados liderados pelo traidor Judas, sentiram um arrebatamento de confiança de que tudo o que haviam esperado, para o qual todos eles foram educados, estava agora prestes a ser realizado.

Neste ponto, que esplêndidos atributos vemos nós Pedro manifestar? No primeiro caso, ele estava motivado por uma fé muito forte e maravilhosa. Ele nem por um momento mediu a possibilidade de vitória pelos números de ambos os lados. Ao seu lado estavam o Salvador e os outros dez discípulos. Na sua posse havia duas espadas, não havia lanças, nem armaduras, nenhum treino e nenhuma experiência no uso de armas e estratégias de guerra. Do outro lado estava o poder combinado de forças judaicas, apoiado pelo mais altamente treinado, melhor equipado, experiente e bem-sucedido exército do mundo – o romano.

Mas Pedro não sentiu o menor receio. Não o vemos a esconder-se nas sombras, pronto a fugir para proteger a vida. Em vez disso, vemo-lo ali mesmo na linha da frente onde os mais destemidos e mais vigorosos soldados são encontrados. Por que razão é isto assim? Foi ele um homem impulsivo e temerário que não era capaz de avaliar as forças de ambos os lados?

Não, não foi! Apesar de ser impetuoso, não era tanto ao ponto de deitar fora a sua vida numa causa sem futuro.

Ele estava lá na frente, manifestando essa coragem e iniciativa, devido à sua enorme *fé* no poder de Cristo. Tinha visto Ele expulsar os cambistas e os vendedores do pátio do Templo, sem ajuda e desarmado. Ele tinha-O visto ordenar à multidão para ir para casa depois dar alimento aos cinco mil, quando esta O teria levado pela força, para fazer d'Ele um rei. Tinha-O visto curar os enfermos, expulsar demónios e dar vida aos mortos. Pedro não tinha medo de ser ferido ou mesmo morto, porque o Mestre curá-lo-ia ou ressuscitaria conforme a necessidade. Com esse conhecimento e convicções como estas, por que razão devia ele ter medo e não ter uma grande fé no Mestre? Demos todo o louvor a Pedro por ele neste momento, manifestar tão plenamente esta qualidade.

Nisto, ele também estava a dar prova da sua declaração de que seguiria o Mestre enfrentando mesmo a prisão e a morte, pois não estava ele a arriscar a sua própria vida ao fazer aquilo que fez? Não pode haver dúvida de que foi com *coragem, fé e dedicação* que Pedro saiu ao encontro dos perseguidores do Salvador. Isto era possuir atributos altamente valiosos e nós temos de dar a Pedro crédito total por possuí-los. *Ainda assim pecou.*

## Perplexo Desapontamento

Quando Pedro saltou para empunhar a sua arma investindo contra o adversário mais próximo que era um servo do sumo sacerdote, esperava que Cristo aprovasse inteiramente a sua acção, o defendesse, concedesse poder e direcção à sua espada e, em geral, provasse ser o mais hábil general do mundo. *Era isto que ele esperava.* Toda a preparação e pensamentos da sua vida, para além do que o Salvador tinha *tentado* ensinar-lhe, levou-o a pensar e a esperar exactamente aquilo.

Em vez disso, o Salvador falou com autoridade suave, “Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.” *Mateus 26:52.*

Era inacreditável. Pedro duvidou que tivesse ouvido correctamente. A sua mente procurou desesperadamente obter uma explicação. Nada disto fazia o menor sentido para ele.

Chocado e desorientado, Pedro recuou e observou atordoado quando o principal dos sacerdotes e os soldados prenderam Aquele em quem todas as suas esperanças tinham sido depositadas. Ele viu Cristo calmamente deixar que O prendessem mesmo após a demonstração de poder onde a luz do anjo da guarda fez recuar os assaltantes.

Era como se o mundo inteiro tivesse ruído. Certamente o *seu* mundo estava a ruir em pedaços, uma vez que tudo aquilo pelo que jamais haviam esperado, tudo aquilo para o que tinham sido educados, todas as suas esperanças, foi subitamente varrido e nada tomar o seu lugar. Não se tratou de um caso de ser capaz de ver que estava enganado nas suas expectativas e que algo mais belo, maravilhoso e desejável estava para tomar o lugar. Embora fosse realmente o caso, ele não conseguia ver como tal. Ele não podia ver que estava errado nas suas expectativas, nem que o plano de Deus era muito mais maravilhoso do que a mera criação de um temporário e passageiro reino terreno. Apesar de não poder ver isto, o desenrolar dos acontecimentos não estavam em harmonia com as suas expectativas e planeamento que nada fazia sentido.

Ele fugiu tal como todos nós se nos deixarmos colocar na mesma situação.

Embora não possamos escapar das limitações das ideias e teorias erradas, não precisamos de negligenciar a profunda, estreita comunhão com o Senhor que nos permitirá passar por tais situações vitoriosamente. Em seguida, quando a perplexidade nos rodear como fez com Pedro, não fugiremos e negaremos a causa de Deus. Pelo contrário, haverá uma calma, confiante, espera no Mestre até a luz revelar onde reside o problema. Mas, sem essa fé, desenvolvida com uma íntima comunicação com Deus, fugiremos e negaremos o Senhor tão gravemente quanto Pedro.

Ele fugiu e nós também o faremos, não porque ele era, ou nós somos, maus na natureza. Este não era o problema de Pedro, porque ele era um cristão nascido de novo e um sincero seguidor do Salvador. Como tem sido repetidamente salientado, cristãos nascidos de novo podem pecar porque existem outras causas para o pecado para além do domínio do velho homem.

Pedro pecou porque estava perplexo, confuso e inseguro e porque não teve o cuidado de construir uma forte e viva fé. Isto não lhe permitiu aguardar com calma e confiança até a luz mais clara lhe ser dada. Num momento ou outro virão sobre cada cristão, angústias que desafiam a explicação. Parecerá como se as promessas de Deus não se realizarão. Perplexidade e confusão rodearão a alma, pois nenhum de nós estará isento de tais experiências. A Palavra de Deus positivamente nos assegura isto. Quando a promessa do evangelho foi feita a Adão e Eva no jardim, foi-lhes claramente dito que a serpente feriria o calcanhar da semente da mulher.

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” *Gênesis* 3:15.

Com a mesma certeza que a serpente feriria o calcanhar da semente da mulher, cuja semente é Cristo e cada cristão, podemos então saber que não vamos passar pela jornada cristã sem períodos de prova e perplexidade.

“Os que finalmente serão vitoriosos terão em sua vida religiosa ocasiões de *terrível dificuldade e provação*; não devem, porém, rejeitar a sua confiança, pois isso é parte de sua disciplina na escola de Cristo, e é essencial a fim de ser eliminada toda escória. O servo de Deus deve suportar com ânimo os ataques do inimigo, suas ofensivas provocações, e vencer os obstáculos que Satanás lhe colocará no caminho.” (MJ 63.1), *Mensagens aos Jovens*, 63.

“Estamos no limiar do tempo de angústia, e acham-se diante de nós perplexidades com que dificilmente sonhamos.” (T9 43.2), *Testemunhos para a Igreja*, 9:43.

Há muitos mais testemunhos para sublinhar ainda mais este facto. Estudai-os até compreender definitivamente de forma firme que não há nada de anormal sobre atravessar um período de grandes provações e perplexidades pressionando a alma. Ser capaz de o enfrentar, sabendo que não há nada de anormal, é uma grande ajuda para lidar com estes problemas. Sabemos então agora que em breve eles passarão e que quando passarem, estaremos melhor preparados para as experiências. Deus permite que eles venham a fim de podermos ser cuidadosamente educados nos princípios do Céu. Zorobabel, o guia de Israel divinamente nomeado durante a restauração do cativo de Babilónia, teve a atitude correcta durante o seu tempo de teste.

“A Zorobabel, seu líder — aquele que, através de todos os anos desde o seu retorno de Babilônia, havia sido tão severamente provado — foi dada a mais preciosa mensagem. O dia se aproximava, o Senhor declarou, quando todos os inimigos do Seu povo escolhido seriam abatidos. ‘Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, te tomarei, ó Zorobabel [...] Meu servo, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar; porque te escolhi’. Ageu 2:23. Agora o governador de Israel podia ver o significado da providência que o tinha levado através de desencorajamento e perplexidade; ele podia discernir em tudo isto o propósito de Deus. (PR 294.2).

“Essa palavra pessoal a Zorobabel foi registrada para encorajamento dos filhos de Deus em todos os séculos. Deus tem um propósito em enviar a Seus filhos. Ele jamais os dirige de outra forma que não aquela mesma que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão preenchendo. Tudo que Ele traz sobre eles em provação e infortúnio vem para que sejam fortes a fim de agirem e sofrerem por Ele.” (PR 294.3), *Profetas e Reis*, 577, 578.

Sublinhe-se que desencorajamento e perplexidade não garantem que o pecado venha a seguir. É quando eles estão presentes e falhe o desenvolvimento de uma forte experiência de fé que podemos ter a certeza que o pecado vem a seguir. Lembre-se sempre que “Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé.” (PP 485.5), *Patriarcas e Profetas*, 657.

Portanto, não é a presença do desencorajamento e da perplexidade mas a *ausência de fé* nessas horas de teste que faz com que o cristão caia no pecado. Assim foi com Pedro. É uma parte vital da experiência da reforma garantir que a fé se mantém forte e activa de modo que haja uma defesa adequada contra o pecado não importa a dimensão da pressão da prova, ou desencorajamento e perplexidade.

À luz disto, deve fazer-se um cuidadoso, inteligente e compreensivo estudo da situação de Pedro, do caminho que ele escolheu seguir e das tristes consequências. Quando Cristo consentiu em ser feito prisioneiro, Pedro foi confrontado com uma situação para a qual não estava preparado por se ter recusado a acreditar que alguma vez pudesse acontecer. Por conseguinte, não podia compreender nem identificar-se com Cristo nesse momento. Tinha literalmente deixado de ser um seguidor do Salvador. Mas, ao mesmo tempo, também não podia identificar-se com os perseguidores do seu amado Mestre. Portanto, encontrava-se em terreno neutro, não sendo leal ou apoiante de nenhum deles. Desejava penetrar o mistério de tudo para ver luz onde havia trevas e clareza no lugar da confusão.

Assim ele escolheu adotar a posição de um observador não comprometido até ao momento de saber a quem poderia exactamente prestar a sua vassalagem.

Isso parece fazer sentido e, em determinadas circunstâncias, faz. Mas naquela situação, foi um grave erro que convidava os problemas e trouxe-os. Durante os últimos três anos e meio de associação com Cristo, Pedro havia recebido provas abundantes de que Jesus era realmente o Filho de Deus, estava dotado do poder dado pelo Céu e era guiado em tudo o que fazia pelo Seu Pai celestial. Mais do que uma vez tinha ficado perplexo pelas acções de Cristo, mas as coisas sempre se tinham tornado claras quando a luz avançava. Assim, nada de diferente havia na situação no Jardim daquilo que tinha havido antes. Ele deveria ter examinado cuidadosamente estas poderosas evidências e garantir a si próprio que Cristo estava a cumprir aquilo que tinha vindo fazer, embora não o pudesse compreender. É muito melhor *acreditar* sem compreender do que *duvidar* sem entender.

“Quando lhes sobrevierem tentações, como certamente há de acontecer, quando lhes rodear o cuidado e a perplexidade, quando, aflitos e desanimados, estiverem prestes a ceder ao desespero, *olhem, oh!, olhem o lugar em que, com o olhar da fé, contemplaram pela última vez a luz:* e as trevas que os envolvem se dissiparão ao fulgurante brilho de Sua glória.” (MJ 107.4), *Mensagens aos Jovens*, 107, 108.

Não havia desculpa para Pedro fazer o papel de uma pessoa neutra e não comprometida. Além disso, colocou-o numa posição de grande perigo, tanto que quando o diabo atacou ele não tinha esperança de resistir. Ele deveria ter examinado cuidadosamente as grandes evidências que lhe foram dadas durante a sua passada associação com Cristo. Isto ter-lhe-ia confirmado que Jesus era

realmente o Messias que era guiado por Deus e portanto, embora não pudesse compreender o que estava a acontecer, poderia descansar na certeza de que isso estava certo.

A história da Bíblia ensina veementemente esta lição. O povo de Deus experimenta a Sua liderança e o recebimento dos Seus ensinamentos ao longo de um período de tempo. As evidências apresentadas são mais do que suficientes para mostrar onde está a verdade e que Deus sabe exactamente o que está a fazer. Em seguida vem um súbito e inesperado teste. Perplexidade e confusão os rodeiam e muitas vezes eles são atormentados por grandes perigos.

Em todas as ocasiões quando, neste ponto, uma cuidadosa revisão das evidências do trabalho realizado por Deus entre eles, os crentes eram capazes de repousar pela fé. Eles sabiam que Deus não os abandonara, e, apesar de toda a situação ser intrigante e confusa, sabiam que Deus tinha tudo sob controlo. Em cada caso, foram experimentadas as mais notáveis libertações.

Por outro lado, quando houve uma falha em analisar cuidadosamente o passado, a dúvida e a perplexidade lançaram a pessoa ou grupo em grande confusão, levando-os a recorrer às suas próprias obras para resolver o dilema, e isso resultou em consequências desastrosas. Um exemplo notável disto é o desastre em Cades-Barnéia. Israel tinha sido testemunha da maravilhosa condução e instrução de Deus em todas as suas viagens desde o Egipto até esse momento. Depois veio a crise provocada pelo desencorajador relatório dos espiões. “*O povo não se deteve a refletir; não raciocinou que Aquele que os trouxera até ali certamente lhes daria a terra; não se lembravam de quão maravilhosamente Deus os libertara de seus opressores, abrindo caminho através do mar, e destruindo as hostes perseguidoras de Faraó. Puseram a Deus fora da questão, e agiram como se devessem confiar apenas no poder das armas.*” (PP 280.1), *Patriarcas e Profetas*, 388.

Cada crente em Deus devia estudar muito cuidadosamente estas lições, porque elas fornecem um guia seguro e fiável para a manutenção da fé em tempo de desencorajamento e confusão. É seguro dizer que, de facto, só aqueles que na verdade aprendem e praticam completamente este procedimento serão capazes de suportar as provações futuras.

Pedro não praticou esses procedimentos, com o resultado que caiu. Felizmente, porém, lembrava-se suficientemente da maravilhosa vida e ensinamentos de Cristo para evitar que abandonasse totalmente a sua fé. Na realidade, conhecia isso bem no fundo do coração, ele realmente pertencia ao Salvador e não ao mundo.

O seu plano cuidadosamente formado caiu em ruína quando se esgueirou discretamente para o pátio do Templo. Ele misturou-se com um pequeno grupo que se aquecia em redor do fogo, esperando que atenção deles estivesse tão concentrada no julgamento de Cristo que passaria sem ser notado. Mas uma mulher reparou nele, suspeitou dele e, por curiosidade, perguntou se não era um dos discípulos de Cristo. O resultado estava agora decidido. Pedro não teve a hipótese de reconhecer Cristo. Ele falhara em tomar as necessárias precauções e por isso colocou-se a si próprio numa posição em que, nas circunstâncias, não poderia resistir.

Isso não significa que ele era obrigado a pecar. Isto é dizer que uma vez chegado a um certo ponto, escapar era praticamente impossível. Com isto, devemos aprender que a vitória é adquirida ou perdida nos primeiros passos. Uma vez colocados os pés numa certa direcção, uma vez feitas concessões ao tentador, o pecado com certeza vem a seguir. Acontece sempre.

“Fora por dormir quando Jesus lhe recomendara vigiar e orar, que Pedro preparara o caminho para seu grande pecado.” (DTN 502.2), *O Desejado de Todas as Nações*, 713.

Pedro havia negado o seu Senhor num momento quando acima de todos os outros, Cristo necessitava de lealdade e apoio. A falta era inteiramente de Pedro. Foi uma manifestação de egoísmo no lugar de amor e gratidão. Um terrível peso de condenação caiu sobre ele logo que o galo cantou, um peso que o teria esmagado até à morte, não fosse o maravilhoso olhar de amor e compaixão que o Salvador lhe dirigiu naquele momento.

“Quando os degradantes juramentos acabavam de sair dos lábios de Pedro e o penetrante canto do galo lhe ressoava ainda no ouvido, o Salvador voltou-Se dos severos juízes, olhando em cheio ao pobre discípulo. Ao mesmo tempo os olhos de Pedro eram atraídos para o Mestre. Naquele suave semblante leu ele profunda piedade e tristeza; nenhuma irritação, porém, se via ali. (DTN 501.3).

“A vista daquele rosto pálido e sofredor, daqueles trêmulos lábios, daquele olhar compassivo e cheio de perdão, penetrou-lhe a alma como uma seta. Despertou-se a consciência. Ativou-se a memória. Pedro recordou sua promessa de poucas horas antes, de que havia de ir com seu Senhor à prisão e à morte. Lembrou-se de seu desgosto quando, no cenáculo, Ele lhe dissera que havia de negar seu Senhor três vezes naquela noite. Pedro acabava mesmo de declarar que não conhecia a Jesus, mas compreendia agora com amarga dor quão bem o Senhor o conhecia e quão exatamente lhe lera o coração, cuja falsidade nem ele próprio conhecia.” (DTN 501.4). *O Desejado de Todas as Nações*, 712, 713.

Preciosas de facto para todos os lutadores, tentados cristãos, é esta revelação do carácter de Deus em Jesus e através d’Ele. Cristo compreendeu com perfeição as razões de Pedro para pecar. A Sua atitude para com ele foi de simpatia. Ele só estava interessado em salvar o Seu amado seguidor, não em o condenar ou destruir.

Nisto existem duas lições valiosas para nós. Uma delas é que deveríamos acalentar uma atitude para com os pecadores como a de Cristo. A outra é saber que quando pecamos, o Senhor está desejoso que vamos ao Seu encontro de imediato para receber o Seu misericordioso perdão e restauração. Ele então envia-nos para continuar a batalha, mais sábios para o confronto final.

A história da queda de Pedro tem lições de grande consequência e enorme valor para o crente em Jesus. Ela mostra claramente que um cristão nascido de novo pode cair, mesmo que tenha sido limpo de todo o mau espírito e perdoado de todas as acções erradas. Salienta o facto de que uma vez realizadas certas medidas preparatórias, o pecado certamente virá a seguir. Ela apela a que se monte uma atenta vigilância para que o inimigo não venha a obter estas vantagens e assim nos envolva no pecado.

Não há necessidade de pecar. Todos os crentes devem verdadeiramente não só reconhecer que é por sua própria culpa, mas também chegar ao entendimento da razão por que aconteceu. Só então podem ser tomadas medidas satisfatórias para garantir que o problema não se repita.



# Capítulo 24

## Moisés e Elias

---

[Voltar ao início](#)

**D**as vidas de José, Davi e apóstolos de Cristo, é possível ver o que na vida de um filho de Deus pode levar ao pecado. As experiências de Moisés e Elias fornecem mais luz sobre este perturbador problema. Estes dois homens estão agora no Céu. Moisés morreu e ressuscitou, ao passo que Elias experimentou a transladação directa da terra para o paraíso. Ambos tinham recebido maravilhosas revelações de Deus, tinham andado muito próximo d'Ele e tinham sido os instrumentos para o trabalho dos poderosos milagres, mas ambos pecaram gravemente. Os motivos foram os mesmos em ambos os casos.

Será dada consideração a Moisés primeiro. O grande pecado da sua vida foi bater na rocha com ira quando apenas deveria ter falado. Por causa disso foi-lhe negado o privilégio de guiar os israelitas em Canaã, embora ele desejasse essa experiência.

O seu caso é citado por aqueles que negam que o velho homem é erradicado no novo nascimento, para provar que o velho homem esteve lá o tempo todo, aguardando apenas a oportunidade de surgir novamente. Aparentemente, este parece ser um argumento plausível, mas ignora a verdade que o velho homem não é a única causa do pecado. No caso de Moisés, foi o profundo desânimo que lhe causou a perda da fé no poder de Deus para guiar os israelitas em Canaã. No seu profundo desapontamento, largou a mão de Deus e expressou a frustração que estava a sentir.

Nos seus primeiros anos, ele havia tomado uma enorme decisão. Perante si estava a oportunidade de ser o mais poderoso monarca sobre a face da terra. O Egipto e, de facto, o mundo era seu. Mas escolheu renunciar a tudo isso para entregar a sua vida à causa de Deus.

“Pela fé Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó,

“Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus, do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado;

“Tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egipto; porque tinha em vista a recompensa.

“Pela fé deixou o Egipto, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível.”  
*Hebreus 11:24-27.*

Ele compartilhou as elevadas esperanças do povo quando saíram do Egipto que iriam rapidamente ocupar a terra prometida. Apesar dos vários focos de rebelião ao longo do caminho, a fé de Moisés no cumprimento das promessas de Deus manteve-se sempre viva. Depois chegaram a Cades-barnéia onde o povo manifestou a ímpia incredulidade que o impediu de entrar. Deus nem sequer tentou fazê-los entrar naquele estado de incredulidade, porque sabia que seria apenas um massacre para eles. Não faltava fé para avançar, mas o seu lugar era com as pessoas que precisavam dele mais do que sabiam. Mas quando, com pesado e decepcionado coração, voltou para trás a fim de caminhar quarenta anos, fê-lo na certeza de que ao fim dos quarenta anos voltariam e entrariam. Durante quarenta anos, ele foi capaz de suportar todas as revoltas, queixas e adversidades no conhecimento de que haveria um fim de tudo isso e deixariam o deserto atrás para sempre. O propósito de Deus seria realizado, Israel tornar-se-ia testemunha de Deus a todas as nações e a justiça seria estabelecida em toda a terra.

Mas no final das suas viagens, surgiu uma situação que privou Moisés dessa esperança. À medida que se aproximavam das fronteiras da terra prometida, a água que os havia seguido com grande certeza secou.

“Antes que Deus lhes permitisse entrar em Canaã, deviam mostrar que criam em Sua promessa. A água cessou antes que chegassem a Edom. Ali estava uma oportunidade para andarem, por algum tempo, pela fé em vez de pela vista.” (PP 301.4), *Patriarcas e Profetas*, 414.

Se o tivessem feito o coração de Moisés teria sido confortado e elevado. Forte confiança tê-lo-ia sustentado a quando viu que havia nos filhos um espírito diferente do que havia nos pais. O testemunho da vista e circunstâncias ter-lhe-ia dito que tudo estava bem e que a terra era tão boa como a deles. Mas em vez disso, os filhos manifestaram o *mesmo espírito de murmuração, incredulidade e rebelião que seus pais haviam mostrado*.

“Mas a primeira prova suscitou o *mesmo espírito turbulento e ingrato, manifestado por seus pais*. Mal se ouviu no acampamento o clamor por água, e se esqueceram da mão que durante tantos anos lhes suprira as necessidades; e, em vez de volverem a Deus em busca de auxílio, murmuraram contra Ele, exclamando em seu desespero: 'Oxalá tivéssemos expirado quando expiraram nossos irmãos perante o Senhor!' (Números 20:3); isto é, desejavam ter sido do número dos que foram destruídos na rebelião de Coré.” (PP 301.4).

“Seus clamores eram dirigidos contra Moisés e Arão: 'Por que trouxestes a congregação do Senhor a este deserto, para que morramos ali, nós e os nossos animais? E por que nos fizestes subir do Egito, para nos trazer a este lugar mau? lugar não de semente, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem de água para beber.'” (PP 302.1), *Patriarcas e Profetas*, 414, 417.

Quarenta anos antes, Moisés tinha correctamente visto que a razão para não entrarem na terra prometida fora a ímpia incredulidade dos pais. Não tinha sido uma decisão arbitrária de Deus a impedir a sua entrada, mas origem do problema foi o seu próprio caminho desobediente. Por causa das promessas de Deus, Moisés não acreditava que o mesmo espírito estivesse presente quando a geração seguinte chegou novamente a Cades-Barnéia. Ele sabia que se estivesse, então não teriam melhor esperança de entrar do que os pais. Só um povo de fé viva poderia entrar na terra prometida, naquela altura ou agora.

Mas, para sua indescritível desilusão e alarme, descobriu que o mesmo espírito emergiu sob a pressão. Correctamente pensou que este povo não estava preparado para receber a promessa de Deus como não tinha estado a geração anterior. Ele não via uma única testemunha que lhe assegurasse que as palavras de Deus seriam realizadas. É verdade que ele tinha a promessa, mas também a tivera da primeira vez que chegaram a Cades-Barnéia. Ele também sabia que o cumprimento das promessas de Deus não eram incondicionais. Deus pode e deseja fazer a Sua parte com grande certeza, mas apenas se as pessoas fizerem a delas. Caso contrário não havia esperança. Por isso agora a promessa não era qualquer incentivo para ele, porque viu que o povo não estava, em sentido algum a preencher as condições.

Moisés era agora um homem idoso. Estava cansado pelas longas viagens e angustiado pela persistente murmuração e incredulidade do povo. Ele havia sido tentado ao limite e esta agora era demasiado grande. Via que todo o sacrifício que tinha feito fora aparentemente para nada. Ele naturalmente concluiu que não havia esperança de Deus alguma vez cumprir as Suas promessas e planos através deste povo. Assim perdeu a fé nas obras de Deus e, quando o fez, pecou.

“Moisés manifestou falta de confiança em Deus. 'Faremos sair água?' perguntou, como se o Senhor não fizesse o que prometera. 'Não Me crestes a Mim', declarou o Senhor aos dois irmãos, 'para Me santificar diante dos filhos de Israel'. Números 20:10-13. Na ocasião em que a água faltou, sua própria fé no cumprimento da promessa de Deus fora abalada pela murmuração e rebelião do povo. A primeira geração foi condenada a perecer no deserto, por causa de sua incredulidade; contudo o mesmo espírito apareceu em seus filhos. Deixariam estes também de receber a promessa? Cansados e desalentados, Moisés e Arão não fizeram esforço algum para opor-se à corrente do sentimento popular. Houvessem eles manifestado fé inabalável em Deus, e poderiam ter posto a questão perante o povo sob um prisma que os teria habilitado a suportar esta prova. Mediante o exercício pronto e decisivo da autoridade a eles investida como magistrados, poderiam ter abafado a

murmuração. Tinham o dever de fazer todo esforço possível para melhorar o estado de coisas, antes de pedirem a Deus que fizesse por eles o trabalho. Se a murmuração em Cades tivesse sido sustada de pronto, que cortejo de males se poderia ter evitado!” (PP 302.5), *Patriarcas e Profetas*, 417, 418.

O povo de Israel tinha colocado enorme pressão sobre Moisés. Tivesse Isso sido feito apenas uma vez, então não teria sido difícil de enfrentar, mas quando persistentemente carregado sobre ele durante mais de quarenta anos e por fim nos últimos quilômetros da viagem aplicado de maneira a banir toda a esperança visível de alcançar a meta há muito desejada, provou ser mais do que Moisés pôde suportar. Ele desistiu de crer que Deus algum dia seria capaz de levar esse povo à terra prometida. No momento em que a fé falha, o pecado começa. Não há nada mais certo do que isso.

Uma cuidadosa análise da situação em que Moisés foi colocado irá mostrar que havia todos os motivos visíveis para ele descreer no sucesso do movimento. O simples facto foi que enquanto Deus havia feito a promessa que Ele os faria entrar, o seu cumprimento dependia do povo cumprir a sua parte do contrato. A primeira visita a Cades demonstrou isto. Tinham saído do Egito com a promessa específica de que seriam levados a Canaã, mas essa promessa nunca havia sido cumprida devido à falta de fé por parte do povo. “Sabereis quais são as consequências da Minha hostilidade.” *Números* 14:34 (Difusora Bíblica-Missionários Capuchinhos, 1973), disse o Senhor.

Quando chegaram às fronteiras da terra prometida pela segunda vez, prevaleceram as mesmas condições de entrada. Eles tinham a promessa de Deus, mas tinham que preencher as condições da fé se quisessem vê-la materializar-se. Em vez disso, mostraram a mesma falta de fé e espírito de murmuração que manteve fora os seus pais. Podeis avaliar como Moisés se deve ter sentido nesse momento? Podeis visualizar vos teríeis sentido se estivésseis na mesma situação?

No entanto, apesar de compreensível como foi a falha de Moisés, Deus não o desculpou por um momento. O Senhor esperava que ele ficasse firme com uma fé sempre viva no meio de tudo isso e tivesse fornecido todos os meios possíveis ao seu alcance. Isto pode parecer um elevado e rigoroso padrão a ser mantido, mas é o que Deus tem providenciado para nós mantermos. Por conseguinte, Ele espera que nós consigamos, especialmente quando o sucesso da causa depende da nossa capacidade de o fazer.

Em nenhum, sentido da palavra o pecado de Moisés, prova que o velho homem ainda estava oculto nele. O seu problema teve origem numa causa totalmente diferente. O seu pecado foi a expressão da extrema frustração e desespero resultantes de uma quebra da fé ocasionada pela pressão incessante do povo. Como no caso de Davi, assim foi no de Moisés, o povo tem uma terrível responsabilidade a assumir em virtude da parte que desempenhou no drama.

## Elias

A fuga precipitada e cobarde deste profeta da ameaça de Jezabel é o ponto negro do seu registo. Como Moisés, ele tinha resistido muito antes da fatídica noite. Ele tinha visto as mais maravilhosas revelações do carácter e do poder de Deus, ainda assim, como Moisés, caiu num pecado fatal para a causa de Deus.

Sem traço de medo, Elias levantou-se nas horas mais sombrias do ímpio reinado de Acabe, caminhou à presença do surpreendido monarca, denunciou o seu iníquo caminho e profetizou que não haveria chuva até ele e Israel, se arrependessem dos seus crimes e voltarem para Deus.

Com paciência, suportou a espera solitária, primeiro junto ao ribeiro onde foi alimentado pelos corvos e depois em Sarepta. Após três anos e meio, Deus ordenou-lhe que confrontasse Acabe e o desafiasse para um confronto entre Deus e os sacerdotes de Baal. O auspicioso acontecimento teve lugar no monte Carmelo onde Elias esteve absolutamente sozinho tão longe quanto possível do apoio humano. À medida que o dia passava, os baalitas tornaram-se mais e mais frenéticos nos seus esforços determinados a lançar fogo ao sacrifício, mas sem sucesso. Por último, o homem de Deus tranquilamente fez a sua oração ao verdadeiro Deus e a espectacular consumação do sacrifício teve lugar. O povo respondeu como homens despertados por fim de um transe, os sacerdotes de Baal

foram mortos e Elias orou pela chuva. Em resposta a essa magnífica oração da fé, as chuvas vieram e o alívio da terra trouxe alegria e gratidão às multidões de Israel.

Depois de tão convincente exibição do poder de Deus e tal derrota total do inimigo, Elias estava confiante de que agora aconteceria um maravilhoso reavivamento e reforma em Israel. O poder de Jezabel, sabia ele, seria quebrado e ela seria forçada a abandonar o trono e executada. Com estes felizes pensamentos em mente, deitou-se para dormir fora da porta de Jezreel.

“E Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito, e como totalmente matara todos os profetas à espada.

“Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias, a dizer-lhe: Assim me façam os deuses, e outro tanto, se de certo amanhã a estas horas não puser a tua vida como a de um deles.” *1 Reis* 19:1, 2.

Quando lhe trouxeram esta notícia, Elias levantou-se e fugiu para proteger a sua vida. Por ter feito nisso interrompeu a poderosa reforma que o Senhor planeava para Israel e que teria tido lugar se ele não tivesse abandonado o lugar do seu dever. Por que é que isso aconteceu? Por que razão, ele que tinha mostrado essa maravilhosa fé e coragem como a que lhe permitiu apresentar-se destemidamente diante do rei, dos sacerdotes e do povo, fugiu agora para salvar a sua própria vida?

Foi porque o testemunho da vista e das circunstâncias não coincidiam com o testemunho da fé. A sua forte convicção levou-o a acreditar que o povo já não tolerava mais a sua iníqua rainha, mas a evidência era de que o seu poder não diminuía de forma alguma. Caso contrário, como poderia ela, com tal confiança e autoridade, enviar uma mensagem a ameaçar o profeta? Obviamente, Acabe ainda estava sob o poder dela e, se assim fosse, então não haveria reforma em Israel. Todo o esforço fora para nada. A justiça estava condenada e o poder do mal prevaleceria. Isto é o que parecia aos olhos do pobre Elias naquela noite.

Com a perda da fé veio o rompimento da sua ligação com Deus. Em vez de olhar para Deus a fim de procurar orientação como havia feito fielmente e com firmeza no passado, recorreu aos seus próprios conselhos e fugiu.

“Poderá parecer que depois de haver mostrado tão grande coragem, após haver triunfado tão completamente sobre o rei, sacerdotes e povo, Elias não devesse jamais haver dado caminho ao desânimo, nem ter sido levado à intimidação. Mas aquele que havia sido abençoado com tantas evidências do amorável cuidado de Deus, não estava acima das fragilidades humanas, e nesta hora escura sua fé e coragem abandonaram-no. Desorientado, despertou. A chuva caía dos céus, e havia trevas por todos os lados. Esquecendo que três anos antes Deus havia dirigido seus passos a um lugar de refúgio contra o ódio de Jezabel e as buscas de Acabe, o profeta agora escapava por sua vida. Alcançando Berseba, ‘deixou ali o seu moço. E ele se foi ao deserto, caminho de um dia’. *1 Reis* 19:4, (PR 78.3).

“Elias não devia ter desertado de seu posto de dever. Devia ter enfrentado a ameaça de Jezabel, apelando para a proteção dAquele que o havia comissionado para que vindicasse a honra de Jeová. Ele devia ter dito ao mensageiro que o Deus em quem confiava o protegeria contra o ódio da rainha. Apenas poucas horas haviam decorrido desde que ele testemunhara a maravilhosa manifestação do poder divino, e isto devia ter-lhe dado a segurança de que ele não seria agora abandonado. Tivesse ele ficado onde estava, tivesse feito de Deus seu refúgio e fortaleza, permanecendo firme pela verdade, e teria sido abrigado do perigo. O Senhor lhe teria dado outra assinalada vitória, enviando Seus juízos sobre Jezabel; e a impressão feita sobre o rei e o povo teria dado lugar a uma grande reforma. (PR 78.4).

“Elias havia esperado muito do milagre produzido no Carmelo. Supusera que depois daquela exibição do poder de Deus, Jezabel não mais teria influência sobre a mente de Acabe, e que haveria uma imediata reforma em todo o Israel. O dia todo no alto do Carmelo ele estivera em atividade, sem alimento. Contudo, quando guiava o carro de Acabe à entrada de Jezreel, sua coragem foi forte, a despeito da debilidade física sob a qual havia trabalhado. (PR 79.1).

“Mas uma reação como a que freqüentemente segue elevada fé e gloriosos sucessos estava exercendo pressão sobre Elias. Ele temeu que a reforma iniciada no Carmelo não fosse duradoura; e a depressão se apoderou dele. Havia sido exaltado ao topo do Pisga; agora estava no vale. Enquanto sob a inspiração do Onipotente, ele tinha resistido à mais severa prova de fé; mas neste tempo de

desencorajamento, com a ameaça de Jezabel soando-lhe aos ouvidos, e Satanás ainda aparentemente prevalecendo mediante a trama desta ímpia mulher, ele perdeu sua firmeza em Deus. Havia sido exaltado acima da medida, e a reação foi tremenda. Esquecendo-se de Deus, Elias fugia mais e mais, até que se encontrou num árido deserto, sozinho. Indescriivelmente cansado, assentou-se para repousar debaixo de um zimbro. Assentando-se aí, pediu a morte para si mesmo. ‘Já basta, ó Senhor’, disse ele, ‘toma agora a minha vida, pois não sou melhor que meus pais’. 1 Reis 19:4. Fugitivo, longe da habitação dos homens, o espírito causticado pelo amargo desapontamento, ele desejou nunca mais olhar a face de um homem. Afinal, extremamente exausto, adormeceu.” (PR 79.2), *Profetas e Reis*, 159-162.

A experiência de Elias não foi única. Cada um do povo de Deus passa pela mesma experiência e sofrerá o mesmo teste. É então que quanto melhor conhecermos as experiências através das quais estes grandes homens passaram, mais firmemente a nossa atitude será pelo que está certo e seremos os instrumentos através dos quais Deus vai terminar a Sua obra.

“Na experiência de todos surgem ocasiões de profundo desapontamento e extremo desencorajamento — dias em que só predomina a tristeza, e é difícil crer que Deus é ainda o bondoso benfeitor de Seus filhos na Terra; dias em que o dissabor mortifica a alma, de maneira que a morte pareça preferível à vida. É então que muitos perdem sua confiança em Deus, e são levados à escravidão da dúvida, ao cativeiro da incredulidade. Pudéssemos em tais ocasiões discernir com intuição espiritual o significado das providências de Deus, veríamos anjos procurando salvar-nos de nós mesmos, esforçando-se por firmar nossos pés num fundamento mais firme que os montes eternos; e nova fé, nova vida jorrariam para dentro do ser. (PR 79.3).

“O fiel Jó, no dia de sua aflição e trevas, declarou:.

‘Pereça o dia em que nasci’.

‘Oh! se a minha mágoa retamente se pesasse.

E a minha miséria juntamente se pusesse numa balança!’

‘Quem dera que se cumprisse

o meu desejo e que Deus me desse o que espero!

E que Deus quisesse quebrantar-me,

e soltasse a Sua mão, e acabasse comigo!

Isto ainda seria a minha consolação.’

‘Por isso não reprimirei a minha boca;

‘falarei na angústia do meu espírito,

‘queixar-me-ei na amargura da minha alma.’

‘Pelo que a minha alma escolheria [...] antes a morte do que estes meus ossos.

A minha vida abomino, pois não viverei para sempre;

retira-Te de mim, Pois vaidade são os meus dias.’ Jó 3:3; 6:2, 8-10; 7:11, 15, 16.

“Mas embora cansado da vida, a Jó não foi permitido morrer. Foram-lhe indicadas as possibilidades do futuro, e deu-se-lhe a mensagem de esperança: (PR 80.2).

‘Estarás firme e não temerás.

Porque te esquecerás dos trabalhos,

e te lembrarás deles como das águas que já passaram.

E a tua vida mais clara se levantará do que o meio-dia;

ainda que haja trevas, será como a manhã.

E terás confiança, porque haverá esperança. [...]

E deitar-te-ás, E ninguém te espantará;

muitos acariciarão o teu rosto.

Mas os olhos dos ímpios desfalecerão,

e perecerá o seu refúgio;  
e a sua esperança será o expirar da alma.’ Jó 11:15-20.

“Das profundezas do desencorajamento e desânimo Jó se levanta para as alturas da implícita confiança na misericórdia e o poder salvador de Deus. Triunfantemente declarou: (PR 80.4).

‘Ainda que Ele me mate, nEle esperarei; [...] Também isto será a minha salvação.’ Jó 13:15, 16.

‘Por que eu sei que o meu Redentor vive,  
e que por fim Se levantará sobre a Terra.  
E depois de consumida a minha pele,  
ainda em minha carne verei a Deus.  
Vê-Lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos,  
e não outros, O verão.’ Jó 19:25-27.

“Depois disto o Senhor respondeu a Jó dum redemoinho’ (Jó 38:1), e revelou a Seu servo a força do Seu poder. Quando Jó teve um vislumbre de seu Criador, abominou-se a si mesmo, e se arrependeu no pó e na cinza. Então o Senhor pôde abençoá-lo abundantemente, e fazer os seus últimos dias os melhores de sua vida. (PR 80.7).

“Esperança e coragem são essenciais ao perfeito serviço para Deus. Esses são frutos da fé. O desânimo é pecaminoso e irrazoável. Deus está em condições e disposto a outorgar a Seus servos ‘mais abundantemente’ a força de que necessitam para a tentação e prova. Os planos dos inimigos de Sua obra podem parecer bem assentados e firmemente estabelecidos; mas Deus pode subverter os mais fortes deles. E isto Ele faz em seu devido tempo e maneira, quando vê que a fé de Seus servos foi suficientemente testada. (PR 80.8).

“Para o desalentado há um seguro remédio — fé, oração e trabalho. Fé e atividade proverão segurança e satisfação que não de aumentar dia após dia. Estais tentados a dar guarida a sentimentos de ansiedade ou obstinado desânimo? Nos dias mais negros, quando as aparências parecem mais agressivas, não temais. Tende fé em Deus. Ele conhece vossas necessidades; possui todo o poder. Seu infinito amor e compaixão são incansáveis. Não temais que Ele deixe de cumprir Sua promessa. Ele é eterna verdade. Jamais mudará o concerto que fez com os que O amam. E concederá a Seus fiéis servos a medida de eficiência que suas necessidades requerem. O apóstolo Paulo testificou: ‘E disse-me: A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. [...] Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Deus. Porque quando estou fraco, então sou forte’. 2 Coríntios 12:9, 10.” (PR 80.9), *Profetas e Reis*, 162-165.

De facto preciosas são as promessas e os conselhos aqui citados para aqueles que estão a esforçar-se para alcançar o sucesso na obra vital da reforma. Estudai-os e obedecei-lhes até que se tornem uma segunda natureza. Em seguida a vitória será assegurada.

Igualmente reconfortante é o facto de que quando caímos, o Senhor ama-nos tanto e está tão próximo de nós quanto é necessário.

“Abandonou Deus a Elias em sua hora de provas? Oh, não! Ele não amava menos Seu servo quando este se sentiu abandonado de Deus e dos homens, do que quando, em resposta a sua oração, flamejou fogo do céu e iluminou o topo do monte. E agora, havendo Elias adormecido, um suave toque e delicada voz o despertou. Ele se ergue aterrado, como quem vai fugir, temendo que o inimigo o tivesse descoberto. Mas a face compassiva que se inclinava sobre ele não era a de um inimigo, mas de um amigo. Deus tinha enviado um anjo do Céu com alimento para Seu servo. ‘Levanta-te e come’, disse o anjo. ‘E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas e uma botija de água’. 1 Reis 19:5, 6. (PR 81.1).

“Depois de haver-se servido do alimento para ele preparado, Elias deitou-se de novo e adormeceu. Pela segunda vez veio o anjo. Tocando o exausto homem, disse com terna piedade:

‘Levanta-te e come, porque mui comprido te será o caminho. Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus’ (1 Reis 19:7, 8), onde encontrou refúgio numa caverna.” (PR 81.2). *Patriarcas e Profetas*, 166.

As lições a obter a partir da vida destes esplêndidos cristãos são muito claras. Nenhum deles pecou porque ainda tinham a antiga mente carnal. Este não foi o problema. Em vez disso, foi porque perderam a fé no sucesso da causa de Deus em virtude do poderoso testemunho da vista e das circunstâncias declararem o contrário. Eles permitiram ser convencidos por esse testemunho. Assim largaram o braço da fé e o seguro e garantido resultado foi que pecaram.

Nunca deve ser esquecido que “Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé.” *Patriarcas e Profetas*, 657.



# Capítulo 25

## Saul

---

[Voltar ao início](#)

**A**s vidas de Davi, Moisés, Elias e os apóstolos, assim como as de muitos outros grandes cristãos, foram ensombradas pela perda de fé e falhas graves, mas todos eles foram recuperados pela perdoadora e restauradora graça de Deus e estarão no Céu tanto quanto sabemos. Moisés e Elias já lá estão.

Mas nem todos os que iniciaram o caminho cristão como cristãos verdadeiramente renascidos serão salvos no final. Um desses é Saul o primeiro rei de Israel. Existem amplas provas de que ele teve a experiência da mudança da natureza realizada pelo novo nascimento. Como qualquer outro cristão, ele enfrentou testes durante o período da reforma, mas ao contrário daquelas vidas já estudadas, ele recusou-se a enfrentar a realidade da sua verdadeira condição e necessidade. As consequências foram que a boa obra tão bem iniciada foi frustrada, e ele perdeu o seu reino, a sua vida, e a vida eterna.

Foi colocada especial evidência no facto de que cada um dos grandes homens já estudados tinham sido verdadeiramente nascidos de novo. É igualmente importante perceber que o rei Saul, no momento da sua unção, certamente recebeu aquela vida do alto que efectua a transformação da natureza conhecida como a experiência do novo nascimento ou renascimento.

Ao descrever a história da conversão de Saul, é em primeiro lugar afirmado que “Não tinha aprendido em sua mocidade a dominar suas paixões temerárias e impetuosas; nunca sentira o poder renovador da graça divina.” (PP 448.2), *Patriarcas e Profetas*, 608.

Mas depois da comunicação de que ele seria o primeiro rei de Israel, uma admirável transformação teve lugar na sua vida. “Tendo-se unido Saul com os profetas em seu culto, uma grande mudança operou-se nele pelo Espírito Santo. A luz da pureza e santidade divinas resplandeceu nas trevas do coração natural. Ele viu a si mesmo como estava diante de Deus. Viu a beleza da santidade. Foi agora chamado para começar a luta contra o pecado e Satanás, e fez-se-lhe compreender que neste conflito sua força deveria vir inteiramente de Deus. O plano da salvação que antes parecera obscuro e incerto, desvendou-se-lhe ao entendimento. O Senhor dotou-o de coragem e sabedoria para o seu elevado cargo. Revelou-lhe a fonte de força e graça, iluminando-lhe o entendimento quanto às exigências divinas e ao seu próprio dever.” (PP 450.2), *Patriarcas e Profetas*, 610, 611.

Este parágrafo certamente declara que Saul tinha o essencial para a conversão. A luz da divina pureza e santidade brilhou no seu coração. Ele viu-se a si mesmo como Deus o via. O plano da salvação tornou-se claro para ele e como resultado “uma grande mudança operou-se nele pelo Espírito Santo.”

Em seguida, quando o Espírito de Deus veio sobre ele para dar a Israel a primeira grande vitória do seu reinado, o povo estava tão entusiasmado que queriam dar todo o crédito a Saul e também matar todos aqueles que tinham sido relutantes em aceitá-lo como rei da nação.

Mas Saul prontamente recusou-se a ter parte nisto sob qualquer forma. Ele deu todo o crédito ao Senhor e recusou permitir que fossem punidos qualquer daqueles que não tinham reconhecido a sua autoridade.

“Aqui deu Saul prova da mudança que se tinha operado em seu caráter. Em vez de tomar para si a honra, deu glória a Deus. Em vez de mostrar desejo de vingança, manifestou um espírito de compaixão e perdão. Isto é prova inequívoca de que a graça de Deus habita no coração.” (PP 452.2). *Patriarcas e Profetas*, 613.

Esta acção da parte do rei testemunhou da nobreza de carácter que ele possuía e revelou que tinha na sua nova natureza, características como as de seu Pai que está no Céu. Sob a inspiração do Senhor, Samuel viu que este era um momento oportuno para levar Israel ao arrependimento do seu pecado ao eleger um rei. Com o espírito que Saul então manifestou, havia toda a perspectiva dele continuar a tomar a decisão certa.

Assim, “Samuel propôs então que uma assembleia nacional fosse convocada em Gilgal, a fim de que o reino pudesse ali ser publicamente confirmado a Saul. Isto foi feito; ‘e ofereceram ali ofertas pacíficas perante o Senhor; e Saul se alegrou muito ali com todos os homens de Israel’. 1 Samuel 11:13, 15.” (PP 452.3). *Patriarcas e Profetas*, 613.

O povo tinha vindo para avaliar Saul como rei, de modo que estavam dispostos a aceitá-lo como seu governante. Por isso, chegara o tempo para a sua completa confirmação. Ao mesmo tempo, que o Senhor quis levá-los ao total arrependimento das suas acções erradas, ao exigir um rei. Aqui está então uma situação em que por um lado Deus manifestou a Sua total disposição de permitir que eles tivessem o que queriam, enquanto ao mesmo tempo com amor procurou salvá-los do caminho que tinham escolhido. Foi um ponto crítico na história de Israel e de Saul. O seu futuro seria determinado pela decisão tomada nesse dia.

A escolha do local para esta assembleia também tinha grande significado, pois era um local de grande interesse histórico para os judeus.

“Gilgal tinha sido o local do primeiro acampamento de Israel na Terra Prometida. Foi ali que Josué, por determinação divina, construiu uma coluna de doze pedras para comemorar a miraculosa passagem do Jordão. Ali fora renovada a circuncisão. Ali celebraram a primeira Páscoa, depois do pecado de Cades, e da peregrinação no deserto. Ali cessou o maná. Ali o Capitão do exército do Senhor Se revelou como comandante-em-chefe das tropas de Israel. Daquele ponto marcharam para a subversão de Jericó e conquista de Ai. Ali Acã recebeu a pena de seu pecado, e ali foi feito com os gibeonitas aquele tratado que puniu a negligência de Israel de aconselhar-se com Deus. Nessa planície, ligada com tantas lembranças comoventes, estavam em pé Samuel e Saul; e, quando cessaram as aclamações de boas-vindas ao rei, o idoso profeta proferiu suas palavras de despedida como governador da nação.” (PP 452.4), *Patriarcas e Profetas*, 613, 614.

Foi em amor para com eles que o Senhor planeou que esta assembleia fosse tão envolvente. Ele sabia melhor do que eles, as consequências de prosseguir um caminho onde Ele deixava de ser o seu guia e conselheiro. Por esta razão, desejava salvá-los de tão terrível destino. A escolha era deles e para ajudar a fazê-lo da forma correcta, colocou-os onde a história foi testemunha tanto da eficácia da Sua liderança como das consequências desastrosas de se afastarem d'Ele e escolherem os seus próprios caminhos.

Quando eles obedeceram implicitamente às Suas orientações, asseguraram um completo triunfo sobre Jericó. Depois quando atacaram Ai, seguindo os seus próprios conselhos tiveram um resultado totalmente oposto. Isto foi corrigido ao procurarem orientação de Deus e atacaram a cidade de acordo com a Sua estratégia. Novamente tinham voltado para os seus próprios caminhos ao tomar decisões relativamente aos gibeonitas, pondo assim sobre si um castigo permanente.

A mensagem do passado era muito clara. As suas lições tinham sido repetidas demasiadas vezes para não serem compreendidas ou ignoradas. Apenas precisavam reflectir cuidadosamente sobre o que tinha acontecido no passado para ver o que deviam fazer no presente. Falhar em fazer isso era trazer sobre si permanente perda e dor. Fora a forma de Deus governá-los através de um profeta como o idoso Samuel, mas eles tinham escolhido o seu próprio caminho apesar do solene protesto do Senhor como resultado de uma tal escolha. Para juntar ao testemunho fornecido por aquilo que os rodeava, Samuel convidou o povo a reconhecer que não havia falha na forma como Deus governava.

“‘Eis que ouvi a vossa voz’, disse ele, ‘em tudo quanto me dissestes, e pus sobre vós um rei. Agora, pois, eis que o rei vai diante de vós, e já envelheci e encaneci, [...] e eu tenho andado diante de vós desde a minha mocidade até ao dia de hoje. Eis-me aqui, testificai contra mim, perante o Senhor, e perante o Seu ungido, a quem tomei o boi, a quem tomei o jumento, e a quem defraudei, a

quem tenho oprimido, e de cuja mão tenho tomado presente e com ele encobri os meus olhos, e vo-lo restituirei.’ 1 Samuel 12:1-4.” (PP 453.1), *Patriarcas e Profetas*, 614.

Assim Samuel, sob a orientação de Deus, chamou o povo a testemunhar da perfeição do governo de Deus em contraste com a opressão que estava para ser a deles nos anos que se seguiriam sob a mão de um rei despótico, como aqueles circunvizinhos. O povo não tinha escolha senão reconhecer que aquilo que Samuel disse era verdade.

“A *uma voz* o povo respondeu: ‘Em nada nos defraudaste, nem nos oprimiste, nem tomaste coisa alguma da mão de ninguém’. 1 Samuel 12:1-4.” (PP 453.1) *Patriarcas e Profetas*, 614.

Não houve qualquer disposição por parte de Samuel para justificar o seu próprio comportamento no passado. Ele não estava à procura de um reconhecimento de boa conduta de modo a nunca serem lançadas acusações contra si quando o novo poder fosse assumido. O seu coração era de amor como o de seu Pai que está no Céu. Não era por sua causa que disse estas palavras mas pelo povo. Se ao menos *eles* pudessem ser levados a ver o erro dos seus caminhos e as bênçãos e segurança ganha nos caminhos de Deus, então tudo estaria bem. Deus seria colocado outra vez no Seu legítimo lugar de onde conduziria Israel ao ilimitado e garantido sucesso.

“Antes que pudesse haver qualquer esperança de prosperidade para Israel, deveriam eles ser levados ao arrependimento diante de Deus. Em conseqüência do pecado, tinham perdido a fé em Deus e o discernimento acerca de Seu poder e sabedoria para governar a nação — perderam a confiança em Sua habilidade para reivindicar Sua causa. Antes de poderem encontrar a verdadeira paz, deveriam ser levados a ver e confessar o próprio pecado de que haviam sido culpados. Tinha declarado ser este o objetivo no pedido de um rei: ‘O nosso rei nos julgará, e sairá diante de nós, e fará as nossas guerras.’” (PP 453.3), *Patriarcas e Profetas*, 614.

Foi um momento extremamente importante na história de Israel. Eles fizeram uma escolha errada ao pedir um rei. Agora deviam confirmar ou rejeitá-la. A oportunidade para reconhecer e revogar a decisão nunca mais seria tão favorável como então. Se eles não pudessem fazer a coisa certa em tais condições favoráveis, nunca o iriam fazer no futuro. Foi uma tragédia eles não estarem preparados para ver todas as implicações da sua escolha errada.

Na apresentação desses maravilhosos acontecimentos do passado, Samuel, sob a inspiração do Espírito, fez um sermão maravilhoso em que narra o trato de Deus com eles na sua história anterior.

“Samuel contou novamente a história de Israel, desde o dia em que Deus os tirou do Egito. Jeová, o Rei dos reis, tinha ido diante deles, e pelejara suas guerras. Muitas vezes seus pecados os haviam entregue em poder de seus inimigos, mas apenas se desviavam de seus maus caminhos e a misericórdia de Deus suscitava um libertador. O Senhor enviou Gideão e Baraque, ‘e a Jefté, e a Samuel; e livrou-vos da mão de vossos inimigos, em redor, e habitastes seguros’. Contudo, quando ameaçados de perigo, declararam: ‘Reinará sobre nós um rei’, sendo, disse o profeta, ‘o Senhor vosso Deus o vosso Rei.’” (PP 453.3), *Patriarcas e Profetas*, 614, 615.

Para confirmar a verdade das palavras proferidas, Deus acrescentou um surpreendente e até assustador sinal físico visível. No meio da colheita de trigo quando a chuva era inesperada, veio uma violenta tempestade e irrompeu copiosamente sobre eles.

“‘Agora, pois’, continuou Samuel, ‘ponde-vos também agora aqui, vede esta grande coisa que o Senhor vai fazer diante dos vossos olhos. Não é hoje a sega dos trigos? clamarei, pois, ao Senhor, e dará trovões e chuva; e sabereis e vereis que é grande a vossa maldade que tendes feito perante o Senhor, pedindo para vós um rei. Então invocou Samuel ao Senhor, e o Senhor deu trovões e chuva naquele dia.’ No tempo da colheita do trigo, em Maio e Junho, não caía chuva no Oriente. O céu estava sem nuvens, e o ar sereno e agradável. Uma tempestade tão violenta naquela ocasião encheu de temor todos os corações. Com humilhação o povo confessou agora o seu pecado, o próprio pecado de que haviam sido culpados: ‘Roga pelos teus servos ao Senhor teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados temos acrescentado este mal, de pedirmos para nós um rei’. 1 Samuel 12:11-19.” (PP 453.4). *Patriarcas e Profetas*, 615.

Tão poderosamente convincente foram todas as evidências apresentadas nesse dia, que o povo foi levado a reconhecer e confessar o seu pecado. Ele fez isto muito especificamente dizendo:

“Roga pelos teus servos ao Senhor teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados temos acrescentado este mal, de pedirmos para nós um rei.”

Assim uma grande obra foi realizada, *mas ainda não tinha ido suficientemente longe*. É uma regra que a confissão só se torna eficaz se o apropriado abandono do pecado acompanhar essa confissão. Tendo reconhecido o mal que fizeram ao pedir um rei, o povo devia em seguida ter dado o passo de renunciar a este pedido e colocar Deus de volta no lugar que ninguém excepto Ele devia ocupar. Mas não fizeram isto. Escolheram manter o rei que tinham pedido.

Nem uma única palavra se ouviu de Saul nesta altura pela qual sejamos levados a crer que ele tenha nobremente dado um passo em frente e pedisse ao povo para o demitir de rei e dar a governação de volta para Deus. Aqui o rei falhou muito lamentavelmente. Não podemos ler o seu coração e a Inspiração não revela aquilo que lá estava nesse momento. O que sabemos realmente é que tanto o rei como o povo, embora reconhecessem e confessassem o pecado, *escolheram por se agarrar a ele*. Isto torna a situação muito pior. É uma coisa perigosa e má escolher um rumo errado sem perceber as implicações do mesmo, mas é muito pior agarrar-se ao pecado quando a sua injustiça chega a ser verdadeiramente compreendida.

Um guia infalível para a sabedoria ou erro de uma decisão é encontrado no seu resultado. Muitas vezes, o resultado total não é visto na vida daqueles que fazem a escolha, mas geralmente é revelado o suficiente para mostrar o carácter da decisão.

Foi alegado acima que este foi um acontecimento importante na história de Israel e de Saul. Além disso, uma decisão muito errada foi tomada neste momento oportuno. Por conseguinte, devíamos esperar ver uma diferença acentuada no comportamento do rei antes e depois deste acontecimento.

Assim se provou ser. É difícil, se não impossível, ver o rei fazer qualquer coisa boa a partir deste ponto de tempo, considerando que o registo do seu comportamento anterior era excelente. Ele tinha sido humilde, corajoso e abnegado, mas depois tornou-se despótico, corrupto e cruel.

Imediatamente após a assembleia em Gilgal, ele dividiu o exército em vez de o comandar no seu entusiástico estado na guerra activa contra os inimigos de Israel. Então Jônatas desferiu um golpe eficaz vencendo a fortaleza dos filisteus de Geba. Isto levou os filisteus a reunir um poderoso exército em retaliação. Saul foi expressamente orientado por Deus através de Samuel, a esperar por ele em Gilgal onde foram oferecidos sacrifícios antes de irem para a batalha. Mas Saul ficou impaciente com a espera e presumiu tomar o cargo de sacerdote. Por causa disto, Samuel separou-se do perverso rei. Mas se não fosse a fé de Jônatas e do seu escudeiro, uma desastrosa situação te-se-ia desenvolvido nesta altura. Assim Saul ia de mal a pior até morrer numa morte de suicídio.

Ele tinha começado tão bem como um filho de Deus, nascido do Seu Espírito e transformado no coração e na vida. Depois veio a obra de reforma e nas fases iniciais fez excelentes progressos. Seguiu-se uma crise que apelava a uma decisão positiva para que fosse feita justiça. Ele falhou em tomá-la e a partir daquele momento, começou a declinar na experiência espiritual e poder.

A lição é clara. Ninguém falhe em compreender a sua sagrada importância. Durante o período de reforma na vida de todos os cristãos, virão crises quando uma positiva decisão tem de ser feita para continuar ou descontinuar práticas e tomar posições que anteriormente não eram tidas como sendo erradas. Em tempos como esses, Satanás vai exercer pressões subtis para encobrir o assunto e induzir o indivíduo a tomar decisões erradas. Muito cuidado deve ser tomado para ver que os princípios envolvidos no problema são cuidadosamente e profundamente entendidos. Muito tempo deve ser passado em oração suplicando orientação e libertação de obras humanas ascendendo em fé e sinceridade ao Senhor. A humildade, a sinceridade e a fé, são tesouros de grande valor em tempos como estes. Quando a decisão é finalmente tomada, então observai o resultado muito cuidadosamente. Este será uma valiosa confirmação se caminho escolhido é certo ou errado.

A vida de cada um dos homens estudados no presente volume confirmam a verdade que ser renascido não garante à pessoa um lugar no Céu. Nascer de novo é apenas a primeira obra maravilhosa de salvação. Ela deve ser seguida por uma profunda, aprofundada e bem sucedida obra de reforma. Nesta fase haverá longas e duras batalhas a travar para superar ideias e teorias erradas. Muitos erros serão cometidos e infelizmente, embora desnecessariamente, pecados serão cometidos.

Contudo, desde que uma pessoa seja cuidadosa a lidar com essas situações valendo-se das provisões que Deus forneceu, a vitória final será assegurada. Mas se forem tomadas decisões erradas em face da grande e clara luz, então a alma está em terrível perigo. Que ninguém seja como Israel e Saul, mas sim, como aqueles que, tendo cometido erros, fizeram um seguro trabalho de arrependimento e já estão ou estarão no reino do alto.

# Estudo Adicional

---

[Voltar ao início](#)

*Testemunhos Selectos 1:170 (Testimonies 5:470-472)*

## “Capítulo 26 — Josué e o anjo

“Pudesse ser erguido o véu que separa o mundo visível do invisível, e pudesse o povo de Deus contemplar o grande conflito que se trava entre Cristo e os santos anjos, e Satanás e suas hostes malignas, acerca da redenção do homem; pudesse compreender a maravilhosa obra de Deus em prol da salvação de almas da escravidão do pecado, e a constante operação de Seu poder para sua proteção da maldade do maligno, e estariam melhor preparados para resistir aos tramas de Satanás. Sentiriam no espírito uma impressão solene em vista da vasta extensão e importância do plano da redenção e da grandeza da obra que se lhes depara, como colaboradores de Cristo. Sentir-se-iam humilhados, todavia animados, sabendo que todo o Céu se acha interessado em sua salvação. (TS2 170.1)

“Uma ilustração muito viva e impressionante da obra de Satanás e da de Cristo, e do poder de nosso Mediador para vencer o acusador de Seu povo, é dada na profecia de Zacarias. Em santa visão contempla o profeta a Josué, o sumo sacerdote, “vestido de vestidos sujos”, diante do Anjo do Senhor, suplicando a misericórdia de Deus em favor de seu povo, que se acha em profunda aflição. Satanás acha-se a Sua mão direita, para Lhe resistir. Por isso que Israel fora escolhido para preservar na Terra o conhecimento de Deus, tinham sido eles desde quando vieram a existir como nação, o objeto especial da inimizade de Satanás, e ele determinara promover sua destruição. Não lhes podia ele fazer mal algum enquanto fossem obedientes a Deus; por isso envidara todo o seu poder e astúcia para os induzir ao pecado. Enganados por suas tentações, haviam transgredido a lei de Deus, separando-se assim da Fonte de sua força, tendo sido deixados a tornar-se presa de seus inimigos gentios. Foram levados em cativeiro para a Babilônia, e ali permaneceram por muitos anos. Entretanto, não foram abandonados pelo Senhor. Foram-lhes enviados Seus profetas, com repreensões e advertências. O povo foi desperto para reconhecer sua culpa, humilharam-se perante Deus e a Ele volveram com arrependimento verdadeiro. Então o Senhor lhes enviou mensagens de animação, declarando que os livraria do cativeiro e os restauraria ao Seu favor. Isso era o que Satanás estava resolvido a impedir. Já um remanescente de Israel voltara para sua terra, e procurava Satanás levar as nações pagãs, que eram agentes seus, a destruí-los por completo. (TS2 170.2)

“Quando Josué roga humildemente o cumprimento das promessas de Deus, ergue-se Satanás ousadamente, para lhe resistir. Aponta para as transgressões de Israel como razão de não dever o povo ser restaurado ao favor de Deus. Reclama-os como presa sua, e requer que sejam entregues em suas mãos, para serem destruídos. (TS2 171.1)

“O sumo sacerdote não se pode defender, nem ao seu povo, das acusações de Satanás. Não alega que Israel esteja livre de falta. Em suas vestes sujas, simbolizando os pecados do povo, com os quais ele arca como representante seu, está ele perante o anjo, confessando a falta deles, mas ao mesmo tempo alegando seu arrependimento e humilhação, confiando na misericórdia de um Redentor que perdoa o pecado e, com fé, reclamando as promessas de Deus. (TS2 171.2)”